

BAILE
DAS
LETRAS
ENTRE
LÍNGUA
E A
LITERA
TURA

Cristiane de Mesquita Alves
Thayanne Akemi Miyazaki Feitosa (orgs.)



IV EGEL



Nos dias 14, 15 e 16 de novembro de 2019, no campus XI da Universidade do Estado do Pará, no município de São Miguel do Guamá reuniram-se alunos e profissionais do Curso de Letras das principais instituições de Ensino Superior do Estado (Universidade Federal do Pará, Universidade da Amazônia, Universidade Federal Rural da Amazônia, Instituto Federal do Pará, Faculdade Integrada Brasil – Amazônia (FIBRA)) para compartilhar suas experiências acadêmicas em torno das pesquisas que contemplam o ensino, pesquisa e extensão nas áreas de Letras (Língua Portuguesa, Línguas Estrangeiras Modernas (Inglês e Espanhol), Libras, Literatura e produções textuais). E como resultado destas investigações, apresentamos nesta publicação uma síntese das discussões desenvolvidas pelas comunicações orais e pôsteres apresentados no evento que se encontra já – em sua 4ª edição. Ao longo desses dias, houve duas conferências direcionadas às reflexões do ensino da Língua e da Literatura na conjuntura política atual, além de várias mesas-redondas e minicursos que trouxeram uma abordagem crítica do plurilinguístico no ensino do curso de Letras, formação continuada do professor de Letras na educação básica e no ensino superior, bem como, as reflexões críticas do pensamento literário como forma de combater o retrocesso e as políticas de desvalorização de direitos, de anti-intelectualismo que caracterizam o obscurantismo na educação em que vivemos hoje.



Baile das Letras *entre* a Língua e a Literatura

IV Encontro Guamaense dos Estudantes de Letras

Coordenação geral

Raulyson Guilherme Resplande Barbosa

Secretaria Geral

Thayanne Akemi Miyazaki Feitosa

Vitória Santos Vieira

Thalís Beatriz Ferreira Corrêa

Emanuelle Borges Campos

Comissão de Finanças

Vanessa de Abreu Alves

Bruna do Socorro Pereira Martins

Ana Cristina da Silva

Comissão credenciamento

Plycia Dandara Galvão de Souza

Maria Jaqueline Santos da Silva

Bárbara Elizabeth Nunes da Silva

Isabelle Gomes Barbosa

Aline dos Santos Oliveira

Ellen Cristina Oliveira dos Reis

Paula Luana Saraiva da Silva

Jhersika Travassos da Silva

Haliandra Ferreira de Oliveira

Aleandra Oliveira Bastos

Maria Keli da Silva Leite

Cirlane de Oliveira Barbosa

Comissão de Divulgação

Geovana De Oliveira Coutinho

Caroline Antonia Costa Conceição

Francisca Kalliane Simão Linhares

Maria Gerlane da Silva Penha

Marcelo Aratijo de Oliveira

Comissão de Inclusão e acessibilidade

Antonia Márcia

Darlene de Moraes

Hanna Medeiros

Laíssa Benício

Comissão Acadêmica

Samyla Oliveira de Sousa Silva

Daiane dos Santos Cordeiro de Holanda

Diva de Moura Paula

Nayra Cristina Taveira Silva

Arliane Maria Ferreira Ribeiro

Comissão Cultural

Andresa da Silva de Moura

Ananda Costa de Sousa

Bruna Joane Barroso Pinto

Sandra Macedo de Jesus

Ayane Souza do Nascimento.

Nelson Pantoja Siqueira Filho

Gabriele de Lima Gonzaga

Jefferson da Silva Braga

Gustavo José de Sousa Pinho

Débora Deyse Lima da Silva

Paulo Antônio de Gusmão Viana

Eyshila Karina dos Santos Sousa

Maria Jeciele de Moura Miranda

Maria Juliana Rodrigues Silva

Fábio Pinto da Rocha

Adriana da Silva Sodré

Tânia Julia de Brito Pinheiro

Comissão de Infraestrutura

Daniela Santos

Lilian Florêncio

Rafaela Balbino

Junior Monteiro

Jenifer Hillary

Dayene

Gleici Borges

Thais Sampaio

Laíssa Benício.

Conselho Científico do IV EGEL

Profa. Dra Cristiane de Mesquita Alves (UEPA)

Profa Me Jordana Tavares Silveira Lisboa (UEPA)

Prof. Dr José Guilherme de Oliveira Castro (UNAMA)

Profa Me Joyce Cristina Farias de Amorim (SEDUC/
UNAMA)

Prof. Dr Samuel Pereira Campos (UEPA)

Profa Dra Thamy Saraiva Alves (UNAMA)

Prof. Me Wellingson Valente dos Reis (IFPA)

Organizadores da publicação

Cristiane de Mesquita Alves

Thayanne Akemi Miyazaki Feitosa

Baile das Letras
entre
a Língua e a Literatura

Livro do IV EGEL

Organizadoras:

Cristiane de Mesquita Alves
Thyanne Akemi Miyazaki Feitosa



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Lucas Margoni

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

ALVES, Cristiane de Mesquita; FEITOSA, Thayanne Akemi Miyazaki (Orgs.)

Baile das letras entre a língua e a literatura (Livro do IV Egel) [recurso eletrônico] / Cristiane de Mesquita Alves; Thayanne Akemi Miyazaki Feitosa (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

233 p.

ISBN - 978-85-5696-795-4

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Discurso Político; 2. Literatura; 3. Linguística; I. Letras; II. Linguagens.

CDD: 806

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura e sociedade

806

Autores

Aleandra Oliveira Bastos

Ana Júlia da Silva

Ana Karolina Damas da Costa

Cristiane de Mesquita Alves

Daiane dos Santos Cordeiro de Holanda

Daniela Santos Souza

Davi Pereira de Souza

Delma Coelho Teixeira

Erika Suelem da Silva Pereira

Fabíola Baraúna

Francisca Magnólia de Oliveira Rego

Gabriele de Lima Gonzaga

Haliandra Ferreira de Oliveira

Jenifer Hillary da Silva Lima

Jhackellyne Ferriê da Costa Carvalho

Joyce Cristina Farias de Amorim

Juliete Machado Mendes

Klícia Eluany de Oliveira Silva

Laura Rayane da Rocha Leite

Marcos Jaime Araújo

Maria Jaqueline Santos da Silva

Maria Keli da Silva Leite

Maria Rafaela Balbino Gomes

Rayla Michelle Nunes Batista

Sâmyla Oliveira de Sousa Silva

Thais Sampaio de Oliveira

Thyanne Akemi Miyazaki Feitosa

Sumário

Prefácio	11
Cristiane de Mesquita Alves	
Capítulo 01	15
A moda agora é "dar o charque": efeitos da ambiguidade em letras de músicas paraenses	
Gabriele de Lima Gonzaga	
Juliete Machado Mendes	
Davi Pereira de Souza	
Capítulo 02	35
A variação linguística no ciberespaço: as variantes “dê” e “dei” em contexto de felicitação no Facebook	
Delma Coelho Teixeira	
Marcos Jaime Araújo	
Capítulo 03	62
Atos enunciativos em interações via <i>Whatsapp</i>: os <i>emojis</i> e os reflexos de atividades sociocomunicativas influenciadas por uma linguagem constituída e constitutiva de ideologias	
Erika Suelem da Silva Pereira	
Francisca Magnólia de Oliveira Rego	
Capítulo 04	95
A mulher de trinta anos e os anos depois	
Ana Júlia da Silva	
Cristiane de Mesquita Alves	
Jenifer Hillary da Silva Lima	
Laura Rayane da Rocha Leite	
Capítulo 05	116
Análise comparativa das modificações da figura do vampiro romântico na obra de Polidori, Stocker e Meyer	
Daniela Santos Souza	
Maria Rafaela Balbino Gomes	
Cristiane de Mesquita Alves	

Capítulo 06	134
Borges e sua intrínseca relação com a biblioteca: uma análise do conto <i>A Biblioteca de Babel</i>	
Jhackellyne Ferrié da Costa Carvalho	
Rayla Michelle Nunes Batista	
Thais Sampaio de Oliveira	
Cristiane de Mesquita Alves	
Capítulo 07	144
Do silêncio à propagação das vozes femininas na literatura	
Ana Karolina Damas da Costa	
Capítulo 08	168
O feminino no conto <i>Acauã</i>: uma (re) leitura da obra de inglês de Sousa à luz dos estudos sobre gênero	
Joyce Cristina Farias de Amorim	
Capítulo 09	188
Experiência de vida sobre <i>A redução da maioridade penal</i>, narrada por discentes do 3º ano do ensino médio na formação do repertório produtivo destinado ao Enem	
Klícia Eluany de Oliveira Silva	
Maria Keli da Silva Leite	
Cristiane de Mesquita Alves	
Capítulo 10	201
Oficina de redação Enem no curso comunitário Eneida de Moraes em São Miguel do Guamá: relato de uma prática docente de professoras em formação	
Maria Jaqueline Santos da Silva	
Thyanne Akemi Miyazaki Feitosa	
Capítulo 11	209
O uso das ferramentas tecnológicas nos meios de comunicação dos jovens guamaenses	
Aleandra Oliveira Bastos	
Haliandra Ferreira de Oliveira	
Cristiane de Mesquita Alves	
Capítulo 12	222
Uma análise das práticas de ensino: aprendizagem atreladas ao uso de softwares livres na disciplina de fonética e fonologia: um relato de experiência	
Daiane dos Santos Cordeiro de Holanda	
Sâmyla Oliveira de Sousa Silva	
Fabíola Baraúna	

Prefácio

*Cristiane de Mesquita Alves*¹

Tu sabes,
conheces melhor do que eu
a velha história.
Na primeira noite eles se aproximam
e roubam uma flor
do nosso jardim.
E não dizemos nada.
Na segunda noite, já não se escondem:
pisam as flores,
matam nosso cão,
e não dizemos nada.
Até que um dia,
o mais frágil deles
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a luz e,
conhecendo nosso medo,
arranca-nos a voz da garganta.
E já não podemos dizer nada.
(Eduardo Alves da Costa: In: No caminho com Maiakovski).

Em tempos retrógrados, da política da (des) educação e da (des) cultura, do descaso com a ciência e com as universidades públicas por parte da maioria dos governos oficiais, temos o dever cívico-moral e humano de defender mais e mais a educação de nosso país e do nosso lugar de fala: a universidade pública. Por este motivo, o Egel (Encontro Guamaense dos Estudantes de Letras) propôs no ano de 2019, em sua IV edição, o tema *Bailando com as letras: o curso de Letras na conjuntura*

¹ Universidade do Estado do Pará

política brasileira, no intuito de trazer ao espaço acadêmico, esta discussão.

Pensar este evento com esta temática, embora ampla para perscrutar todo o Curso de Letras, não se tem, como não deslocar e buscar nosso lugar de fala, de pesquisa que é a Literatura para pedir emprestada uma das falas mais importantes de *Literatura e Sociedade* de Antonio Candido – quando o crítico literário brasileiro pontua que o autor e a obra literária necessitam ter seu papel de atuação configurado para abranger o social de forma crítica, reflexiva e construtiva. Neste sentido, ampliaria o discurso de Candido e estenderia ao papel do professor/sua prática docente também análogo a esta posição do papel engajado do escritor/do artista na sociedade em que atua.

Nesta perspectiva, a educação ganha a centralidade nos discursos políticos e sociais, pois, segundo Gohn (2011) competirá a ela ser um instrumento de democratização, num mercado de escolhas e oportunidades. À escola assim como a universidade é então, atribuído o espaço para o exercício da democracia, de conquista de direitos, da mesma forma que a fábrica no passado foi o espaço de luta e conquista dos direitos sociais dos trabalhadores. Por este motivo, é fundamental o gerenciamento e a otimização destes dois espaços, sobretudo, da universidade uma vez que é neste território que a educação ganha importância em seu elevado grau de demanda por conhecimentos e informações, respeitando os espaços de cultura, dos individuais aos coletivos, que muitas vezes, são visíveis nos textos de Letras, principalmente, nos que fazem referência à Literatura propostos no decorrer de algumas pesquisas deste livro.

Isto posto, olhar este evento como um todo, é olhá-lo como um resultado de uma longa discussão acadêmica de viés freiriana que compreende que “Toda educação é um ato político e todo ato político é educativo”. Frente a isto, no decorrer de três dias, o IV EGEL – *Encontro Guamaense dos Estudantes de Letras* do Campus XI da Universidade do Estado do Pará, realizado no município de São Miguel do Guamá – ratificou a premissa de que a educação como um ato político deve ser

impregnada nos discursos e nos espaços da universidade como mais do que nunca – diante dos sombrios tempos e dos ataques governamentais antieducação que estamos vivenciando.

Desta forma, as falas, as comunicações e as abordagens do evento contemplaram os temas sociopolíticos, voltados, sobretudo, aos estudos do campo de Letras e suas múltiplas vertentes, tentando buscar métodos de compreensão de como o nosso curso, a formação e a atuação do profissional dessa área estão inseridos na conjuntura política brasileira hoje, e como podem atuar nesse cenário de anticultura e antieducacional que as universidades estão presenciando.

À vista disso, apresentamos nessa publicação alguns textos oriundos das discussões desenvolvidas pelas comunicações orais e pôsteres apresentados nesse evento. Os textos que seguem são produtos dessas reflexões, eles abordam colocações de seus autores diante do tema central do encontro, assim como aqueles que giram em torno, não à toa a escolha de baile das letras, para ecoar metaforicamente a ideia de dança, ao movimento, ao entrelaçamento de ativismo que o professor deve exercer em suas ações e formações ideológicas. Diante disso, há neste livro capítulos que retratam estudos de Linguística, especificamente sobre as variações linguísticas e o uso dos recursos tecnológicos no processo de comunicação; investigações sobre Literatura de libertação como a romântica, pesquisas de Literatura feminista e de engajamento social; resultados de produções textuais, da mesma maneira que questionários que expressam o ponto de vista dos estudantes do Ensino Médio sobre o que pensam de temas sociais presentes no cotidiano deles; capítulos que participam do baile das letras proposto pelo evento.

O encontro foi organizado primordialmente pelos estudantes de Letras, com auxílios de professores e coordenação do Campus de São Miguel do Guamá. O que você irá ler neste livro são os resultados de pesquisas de acadêmicos de diversas instituições de ensino superior, os quais contribuíram de modo significativo para o constructo desta edição.

Escrever como participante e docente deste evento é uma forma que eu tenho de me manifestar contra toda forma arbitrária que a educação no Brasil se encontra ou caminha hoje por estes descasos governamentais, além de representar um modo particular na minha prática docente de cunho freiriana, porque acredito que a educação é ato de libertação; escrever e ler palavras chaves de nossa profissão e formação de/em Letras é uma maneira que temos de continuar aprendendo, ensinando, denunciando problemas sociais e exercendo a educação como o mais poderoso recurso que temos de vencer a opressão e de sermos livres.

Capítulo 01

A moda agora é "dar o charque": efeitos da ambiguidade em letras de músicas paraenses

Gabriele de Lima Gonzaga ¹

Juliete Machado Mendes ²

Davi Pereira de Souza ³

Introdução

A proposta deste estudo surgiu a partir do contato que tivemos com a disciplina intitulada “Semântica Aplicada ao Português”, ministrada na Universidade do Estado do Pará (UEPA), no curso de Letras, pelo Prof. Msc. Davi Souza. Ao longo da disciplina, realizamos um trabalho juntamente com outros colegas que tratava justamente dos fenômenos semânticos presentes em letras de músicas pertencentes ao estilo musical conhecido por forró safado ou forró de duplo sentido. Os resultados observados e as discussões em sala motivaram-nos a desenvolver uma pesquisa semelhante, mas com um *corpus* formado por canções paraenses, haja vista o fato de o Estado do Pará, assim como outros estados brasileiros, também possuir uma cultura diversificada e com características peculiares em relação aos seus estilos musicais. Assim, o presente

¹ Graduanda em Letras Licenciatura Plena em Língua Portuguesa. Universidade do Estado do Pará (UEPA). Campus São Miguel do Guamá – Campus XI.

² Graduanda em Letras Licenciatura Plena em Língua Portuguesa. Universidade do Estado do Pará (UEPA). Campus São Miguel do Guamá – Campus XI.

³ Professor Me da Universidade do Estado do Pará. Doutorando em Letras (PPGL- UFPA).

artigo tem como objetivo principal identificar a ambiguidade em letras de músicas paraenses, especificamente em canções de tecnobrega.

Para alcançarmos o objetivo delineado, dividimos a pesquisa em três etapas. No primeiro momento, fizemos o levantamento bibliográfico e consultamos textos que abordam o gênero discursivo canção, o fenômeno da ambiguidade e o estilo musical paraense tecnobrega. Posteriormente, procedemos à constituição do *corpus*, selecionando duas canções da banda Katrina: “*Vou dar meu coelhinho*” e “*Charque do rubi*”. Por fim, realizamos a análise das letras de música, levando em conta o referencial teórico adotado no que se refere à ambiguidade e ao gênero canção na perspectiva bakhtiniana.

Com relação a organização deste trabalho, ele foi estruturado do seguinte modo: na primeira seção, apresentamos a definição de semântica, evidenciando os principais fenômenos semânticos abordados neste trabalho, como por exemplo: ambiguidade, metáfora e polissemia. Nela, também, definimos e caracterizamos brevemente o gênero discursivo canção, levando em consideração a perspectiva bakhtiniana e o estudo de Caretta (2008), bem como o estilo musical tecnobrega. Na segunda seção versamos sobre a metodologia da pesquisa, com a descrição das etapas. Na terceira seção, apresentamos e discutimos os resultados alcançados. Por fim, seguem a conclusão e as referências citadas ao longo do artigo.

1 Fundamentação Teórica

Nesta seção, apresentamos e discutimos os conceitos básicos que embasam a análise realizada. Abordamos, então, definições de semântica e dos fenômenos semânticos relacionados à ambiguidade, foco deste trabalho. Também caracterizamos brevemente o gênero discursivo canção e o estilo musical tecnobrega.

1.1 Semântica(s) e fenômenos associados à ambiguidade

A fim de analisarmos alguns fenômenos semânticos neste trabalho, faz-se pertinente definirmos primeiramente o conceito de semântica. Assim, de acordo com Polguère (2018), o termo semântica designa, por um lado, um dos níveis de funcionamento da língua (componente estrutural), constituindo o conjunto de sentidos exprimíveis e o conjunto de regras de expressão e de combinação desses sentidos. Por outro lado, refere-se à disciplina científica ou estudo semântico cujo objeto de investigação é o significado e as regras de suas estruturação na língua. A respeito desta acepção, Lyons (1987) define que a semântica é o estudo do significado, ao passo que Pietroforte e Lopes (2014) consideram que se trata do estudo do sentido nas línguas naturais. Entretanto, o significado é concebido por diferentes definições, a depender da abordagem semântica, dando origens a várias semânticas, das quais trataremos apenas de duas vertentes, sem profundidade, pois extrapolaria o objetivo do artigo.

Do ponto de vista da semântica formal, Müller e Viotti (2010, p. 139) postulam que essa abordagem:

entende o significado como uma relação entre a linguagem por um lado, e, por outro, aquilo sobre o qual a linguagem fala. Esse ‘mundo’ sobre o qual falamos quando usamos a linguagem pode ser tomado como o mundo real, parte dele ou mesmo, mundos ficcionais ou hipotéticos.

Nesse sentido, na semântica formal, herdeiras dos estudos da tradição lógica e filosófica sobre a linguagem verão as relações entre as expressões linguísticas e o mundo, sendo que essa correspondência se dará através do referente externo à língua. Assim, teremos uma linguagem como reflexo das “coisas”. Esse referente estará vinculado ao sentido, o qual, nessa abordagem, corresponde ao “caminho que nos permite chegar a uma referência no mundo” (PIRES DE OLIVEIRA, 2012, p. 27). Ao criticar essa abordagem, Pietroforte e Lopes (2014, p. 113-114)

argumentam que “Para essa visão, as línguas naturais seriam como que nomenclaturas apensas às coisas de um mundo preliminarmente discretizado, recortado.”

Já a semântica lexical, oriunda do estruturalismo linguístico, ocupa-se do estudo do significado estabelecido na relação da linguagem com ela mesma, isto é, do significado e do significante que fundamentam o signo linguístico, tal como concebido no *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure. Assim, numa perspectiva distinta da semântica formal, “o sentido do signo deixa de depender de um referente fora da língua, (...) e passa a ser determinado por uma relação entre duas grandezas: uma imagem acústica, de ordem fonológica, e um conceito, de ordem semântica” PIETROFORTE; LOPES, 2014, p. 111). Segundo Wachowicz (2013), a semântica lexical passou a estudar atualmente o significado no âmbito da relação entre léxico e sintaxe.

Essa pluralidade de semânticas, a qual, ilustramos parcialmente ao contrastar a Semântica Formal à semântica lexical, decorre evidentemente das várias formas de se descrever o significado (PIRES DE OLIVEIRA, 2012). Para Ferrarezi Junior e Basso (2013), as diferentes semânticas são teorias em construção que enfatizam diversos aspectos do objeto de estudo (o significado linguístico), divergindo com relação às interfaces estabelecidas com outras áreas, resultando em diferentes aplicações, sendo “cada uma delas com seus comprometimentos epistemológicos, sua metalinguagem e sua agenda de pesquisa” (FERRAREZI JUNIOR; BASSO, 2013, p. 14).

Em se tratando especificamente dos fenômenos semânticos, ressaltamos que não temos a pretensão de abordá-los em sua totalidade, discutiremos, neste trabalho, somente fenômenos que contribuem para o efeito de duplo sentido, principalmente em letras de música, como a sinonímia, homonímia, polissemia, e metáfora visto que se constituem na própria ambiguidade.

Müller e Viotti (2010, p. 152) postulam que “uma sentença vai ser ambígua quando ela puder ter mais de uma estrutura sintática.” Por

exemplo, na sentença: “*a mãe levou os filhos e os cachorros pequenos ao parque*”, o duplo sentido é produzido pela característica atribuída pelo adjetivo “pequenos” aos dois núcleos dos sintagmas nominais que estão na função de objeto direto, os substantivos “filhos” e “cachorros”. Deste modo, poderia resultar em duas construções, a saber:

- a) “a mãe levou [os filhos e os cachorros pequenos] ao parque”;
- b) “a mãe levou os filhos e [os cachorros pequenos] ao parque”.

O fenômeno semântico da ambiguidade pode surgir a partir de outros aspectos linguísticos que permitem possibilidades de interpretações, gerando tipos diferentes de ambiguidade. Nesse sentido, há a ambiguidade lexical, decorrente da atuação de fenômenos como polissemia e homonímia. No caso da homonímia, “os sentidos da palavra ambígua não são relacionados” (CANÇADO 2008, p. 63). É o que ocorre com a palavra *verão*, que pode ser a estação do ano ou o verbo *ver* no futuro. Isso caracteriza uma palavra homógrafa perfeita, “com sentidos totalmente diferentes para a mesma grafia e o mesmo som” (p. 63).

Para a semântica formal, de acordo com Müller e Viotti (2010, p. 129), a homonímia “resulta da coincidência entre significantes de palavras com significados distintos.” Assim, temos as palavras *cozer* e *coser*, nas quais verificamos uma identificação fonética, instaurada pelos significantes, mas que detêm significados diferentes, como o ato de cozinhar e o ato de costurar, respectivamente.

Essa configuração da homonímia se diferencia da polissemia, pois, “quando se utiliza o termo polissemia, o critério de definição muda do significante para o significado. (...) Na polissemia, a um único significante correspondem vários significados.” (PIETROFORTE E LOPES 2010, p. 131). Isso transparece na palavra *cabeça*, que é representada por um significante, no entanto, a depender do contexto, pode adquirir inúmeros significados.

- a) *O cabeça do grupo é o mais inteligente.* Nesta sentença, *cabeça* se refere ao líder do grupo;

b) *Minha cabeça está doendo!* Neste exemplo, *cabeça* alude a um membro do corpo humano.

Diferentemente da homonímia, o fenômeno da polissemia, segundo Cançado (2008, p. 63), “ocorre quando os possíveis sentidos da palavra ambígua têm alguma relação entre si.” Tomemos o exemplo do vocábulo *cabeça* nas sentenças *a* e *b* acima, nas quais o sentido de *centro de algo* é retomado nas proposições. O sentido de palavras polissêmicas será determinado pela interpretação que o usuário da língua inferir a partir de seus conhecimentos lexicais e semânticos.

De acordo com Ilari (1997, p. 54 grifos do autor), há ambiguidade semântica quando “diante de duas ou mais interpretações possíveis para um mesmo enunciado (...) atribuímos as diferentes alternativas de interpretação que se abrem diante de nós às *próprias expressões*, não a seu uso.” A exemplo, vejamos a sentença abaixo:

“Paulo conversou com Fernando sobre o seu carro.”

Nesta sentença, a ambiguidade é gerada pelo pronome possessivo *seu*, haja vista que pode ter dois antecedentes: Paulo e Fernando. Desta feita, temos duas construções para essa sentença: uma em que o carro pertencera a Paulo, tratando de uma referência anafórica, e a outra, na qual Fernando é o proprietário do carro, sendo ligado também por um processo anafórico.

Outro tipo de ambiguidade é de natureza sintática. Conforme Cançado (2008, p. 68), “nesse tipo de ambiguidade, não é necessário interpretar cada palavra individualmente como ambígua, mas se atribui às distintas estruturas sintáticas que originam as distintas interpretações.” Nesse contexto, teremos grupos de palavras, os sintagmas, para analisarmos a sentença. Como exemplo, temos:

“Doarei roupas e sapatos usados.”

Nessa sentença, temos uma interpretação que se dá com o sintagma *usados*, se esse estiver relacionado ao sintagma *roupas e sapatos*; para uma outra interpretação, consideramos o sintagma *roupas* e o sintagma

sapatos usados. Dispondo a sentença em colchetes, construímos o seguinte:

a) Doarei [roupas e sapatos] [usados]

b) Doarei [roupas] e [sapatos usados]

Esse exemplo ilustra um caso de ambiguidade sintática, visto que “aceita duas análises sintáticas diferentes, tanto em termos de gramática tradicional, como em termos linguísticos” (ILARI 1997, p. 61).

Outro fenômeno que pode provocar o surgimento da ambiguidade diz respeito à sinonímia. De acordo com a semântica lexical, o fenômeno da sinonímia se consolida quando “dois termos (...) apresentam a possibilidade de se substituir um ao outro em determinado contexto.” (PIETROFORTE; LOPES 2010, p. 126). É o que ocorre com as palavras *feliz* e *alegre*, nas construções: *ficou feliz ao vê-la cantando*; *ficou alegre ao vê-la cantando*. Os termos “feliz” e “alegre” estabelecem uma relação de sinonímia, visto que, no dado contexto, podem ser substituídos. Esse exemplo corrobora a afirmação de Silva (2006, p. 41) segundo a qual “a sinonímia ocorre quando uma palavra é substituída em uma determinada frase, sem alterar o contexto”.

O fenômeno da metáfora também atua na construção do sentido ambíguo. Consoante Silva (2006, p. 36), ela acontece quando “a significação natural de uma palavra é substituída por outra, em virtude de relação de semelhança subentendida, ou ainda, dizer que é o emprego de palavra fora do seu contexto, por efeito de analogia ou comparação”. Consideremos o exemplo abaixo:

“Minha boca é um túmulo.”

Nessa sentença, a metáfora é realizada pelos termos *boca* e *túmulo*, os quais simbolizam uma comparação implícita, sem conectivos que os compare. O emprego dessas palavras, se considerarmos suas significações próprias, nesse exemplo, resultaria em um absurdo. Por isso, o sentido é construído a partir da interpretação que se exprime pela ideia entre o túmulo, monumento fechado, e a boca fechada, em consonância

com o tûmulo, para representar a preservação de algum fato ou acontecimento em segredo.

1.2 Gênero discursivo canção

A comunicação linguística ocorre necessariamente mediada por textos que, por sua vez, integram gêneros discursivos elaborados no âmbito das inúmeras esferas de atividade humana. Para Bakhtin (2003, p. 262), os gêneros do discurso são “tipos relativamente estáveis de enunciados” que respondem a necessidades comunicativas das próprias esferas sociais de onde emanam e nas quais a linguagem e a sociedade encontram-se intimamente relacionadas. Desse modo, os gêneros discursivos refletem as condições e as finalidades de cada esfera da atividade humana, compondo-se de partes indissociáveis no todo do enunciado: o *conteúdo temático*, relativo a tudo o que pode ser dizível no gênero, os assuntos mais comumente tratados; a construção composicional, isto é, o arranjo estrutural que dá forma ao gênero; e o estilo, marcado por características linguístico-enunciativas do gênero, que dizem respeito às escolhas lexicais, recursos gramaticais e fraseológicos da língua.

Ao definir os gêneros do discurso como tipos de enunciados relativamente estáveis, o autor destaca o caráter maleável dos gêneros ao mesmo tempo em que ressalta a existência de estrutura mínima necessária que permita algum grau de classificação e principalmente de comunicação verbal segundo padrões convencionais de uso. Por esse motivo, ao considerar que as esferas se relacionam com o uso da linguagem, Bakhtin (2003, p. 261) afirma: “Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos de atividade humana, o que é claro, não contradiz a unidade nacional”.

Nessa citação do autor, fica evidente que os gêneros são variados como o são as esferas de produção cultural. Eles se concretizam por meio de enunciados orais e escritos, mas Bakhtin (2003) diferencia-os em primários e secundários, sem restringir a diversidade existente. Os pri-

mários, maioritariamente de natureza oral, caracterizam-se por serem elaborados em contextos mais espontâneos de produção discursiva, isto é, na esfera do cotidiano. São, portanto, estruturalmente mais simples, como as conversas entre amigos, telefonemas etc. A esse propósito, deve-se salientar que, apesar de serem escritos, o bilhete e a carta pessoal devem ser enquadrados na classe dos gêneros primários, uma vez que apresentam estrutura mais simples e são utilizados no cotidiano. Já os gêneros secundários, predominantemente escritos, surgem de condições culturais mais complexas e desenvolvidas, apresentando, assim, maior complexidade discursiva, tais como artigo científico, artigo de opinião, seminário acadêmico, tratados filosóficos, romances, entre outros. Contudo, mediante o processo de formação, os gêneros secundários tendem a absorver os primários, modificando-os. Ao se integrarem dentro dos gêneros secundários, os primários passam a sofrer um processo de mudança, adquirindo assim características particulares.

Segundo Caretta (2008), um enunciado nunca será indiferente em relação aos demais, pois o mesmo nunca se achará suficiente. Os enunciados de uma determinada esfera poderão repercutir entre si e assim dialogar ou mesmo estabelecer certo contato com outras esferas. O autor explica ainda que cada esfera da comunicação social irá construir seus próprios gêneros, levando em consideração seus objetivos. Deste modo, os gêneros podem definir o texto-enunciado incumbido por representar as condições de dada esfera discursiva.

Ao abordar as letras de músicas paraenses, chegamos à conclusão de que, para compreender melhor o estilo de música a ser abordado neste trabalho, isto é, o tecnobrega, faz-se importante salientarmos a definição do gênero canção, para então adentrarmos no estilo musical aqui evidenciado. Assim, para Napolitano (2002, p. 11): “canção’ é um produto do século XX (...) sua gênese, no final do século XIX e início do século XX, está intimamente ligada à urbanização e ao surgimento das classes populares e médias urbanas.”

Nesse contexto, a canção, voltada ao popular, consolida-se em um cenário de transformação socioeconômica e cultural, em que a música popular urbana acompanha o crescimento das cidades, assim como o aparecimento das classes sociais, média e baixa, com o respaldo dessas mudanças e novos estilos de vida.

Adotando a perspectiva bakhtiniana de gênero, Caretta (2008) apresenta a canção como sendo um gênero pertencente à esfera artística pelo fato de essa esfera ser o principal lugar onde esse gênero tende a atuar. Ao se manifestar na esfera artística, o gênero canção passa a se apresentar sob a ótica da canção popular. Caretta (2008), porém, explica que, ao levar em consideração a canção com base em características fundamentais, é relevante afirmar que essa não se manifestará somente nessa esfera ao relacionar letra e melodia. A canção tende a atuar também no campo publicitário, sendo intitulado como “jingle”. Dentro dessa esfera, a canção tende a adquirir suas próprias características, porém conservando sua forma composicional.

Diante disso, ao estudar um gênero do discurso, é preciso levar em consideração a natureza específica do enunciado oriundo de uma determinada esfera comunicativa. Machado (2005, p.158) *apud* Caretta (2008, p.18), destaca que o gênero do discurso é “um dispositivo que organiza, divulga, armazena, transmite e cria enunciados em uma determinada esfera da comunicação”.

1.2.1 O tecnobrega

Segundo Lemos (2008), o tecnobrega é um estilo musical que surgiu aproximadamente no ano de 2000 para 2002, nas periferias de Belém, capital do estado do Pará. Ele teve suas raízes oriundas no brega tradicional, marco da década de 70 e 80, fase da constituição do movimento do gênero no Pará.

De acordo com Lemos (2008), o tecnobrega é muito mais que um simples estilo musical, pois a partir dele surgiram novos meios de produ-

ção e distribuição, ou seja, esse estilo musical passou a contribuir com o desenvolvimento do comércio, gerando renda e conseqüentemente emprego para as pessoas que se ocupavam em comercializar o tecnobrega a partir da venda de mídias, como CDs e DVDs, produzidos de forma caseira, ou seja, fora de um estúdio. Além de gerar emprego e renda, a venda dessas mídias contribuiu também com a propagação da cultura paraense.

A elaboração de estúdios caseiros só se tornou possível a partir do uso de equipamentos como o computador, capaz de produzir material de mídia de baixo custo e acessível a todos. Outro meio de divulgação desse estilo musical se deu através das casas de festas, do uso de grandes estruturas sonoras conhecidas como aparelhagens.

De acordo com Lemos (2008, p. 22), as aparelhagens são “gigantescas estruturas sonoras que protagonizam as festas do Tecnobrega.” Sendo assim, para evidenciar o mercado do tecnobrega, o autor destaca:

o mercado do tecnobrega funciona de acordo com o seguinte ciclo: 1) os artistas gravam em estúdios – próprios ou de terceiros; 2) as melhores produções são levadas a reprodutores de larga escala e camelôs; 3) ambulantes vendem os CDs a preços compatíveis com a realidade local e os divulgam; 4) DJs tocam nas festas; 5) artistas são contratados para shows; 6) nos shows, CDs e DVDs são gravados e vendidos; 7) bandas, músicas e aparelhagens fazem sucesso e realimentam o ciclo. (LEMOS, 2008, p. 22).

Deste modo, a partir das palavras do autor, podemos chegar à seguinte conclusão em relação ao mercado do tecnobrega: a propagação desse estilo musical deu origem a um ciclo que vai desde a gravação das músicas, a venda de CDs, DVDs até a propagação desse estilo musical por meio de artistas e festas de aparelhagem.

Em relação aos principais agentes do tecnobrega, Lemos (2008, p. 23) cita:

Os principais agentes do circuito tecnobrega são as aparelhagens, os DJs, artistas, cantores e bandas, os estúdios e DJs de estúdios, os reprodutores não autorizados e distribuidores informais, os vendedores de rua, os festeiros, as

casas de festas, shows e balneários, além de veículos de comunicação como programas de rádios e de TV.

Mediante o posicionamento do autor, constata-se que o tecnobrega foi se desenvolvendo ao longo dos anos, formando toda uma estrutura organizacional em torno desse gênero musical paraense. Uma estrutura que conta com o trabalho de DJs, (pessoa responsável por controlar o som, selecionar as músicas que serão reproduzidas nas festas) bandas e principalmente grandes estruturas de som, ou seja, as aparelhagens.

2 Metodologia

Este estudo trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, o que, para Marconi e Lakatos (2007, p. 185), tem por finalidade “colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debate que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas.” Sendo assim, a escolha por esse tipo de pesquisa se deve ao fato deste trabalho está pautado em estudos científicos já realizados por pesquisadores que se dedicaram a pesquisar a semântica e seus respectivos fenômenos, com destaque para a questão da ambiguidade, tendo como fonte primeira livros e artigos científicos.

Deste modo, o primeiro momento deste estudo foi dedicado ao levantamento bibliográfico. Nessa etapa, consultamos diferentes autores que definem e discutem a(s) semântica(s) e os fenômenos associados à ambiguidade, como Lyons (1987), Ilari (1997), Cançado (2008), Pietroforte e Lopes (2010), Müller e Viotti (2010), Pires de Oliveira (2012), Ferrarezi Junior e Basso (2013), Silva (2013), Polguère (2018). Também identificamos, nesse levantamento, trabalhos a respeito do gênero discursivo canção na perspectiva bakhtiniana e sobre o estilo musical tecnobrega.

Na segunda etapa da pesquisa, realizamos a composição do *corpus*, por meio de busca na *internet*, especificamente no *Youtube* e *sites* de

notícias para averiguarmos a origem de algumas bandas que ganharam prestígio ao longo dos anos justamente por abordar em suas composições a dualidade de sentido, a ambiguidade. Assim sendo, selecionamos duas canções da banda Katrina: “*Vou dar meu coelhinho*” e “*Charque do rubi*”⁴, as quais ganharam maior repercussão no estado do Pará ao serem lançadas, sendo esta última música a mais conhecida pela população paraense.

Por fim, realizamos a análise das letras de música, levando em conta o referencial teórico adotado no que se refere à ambiguidade e os fenômenos semânticos relacionados que provocam dualidade de sentido nas músicas paraenses. A análise e discussão dos resultados serão apresentadas a seguir.

3 Análise e discussão dos resultados

Nesta seção, apresentamos na íntegra as letras das músicas escolhidas e em seguida as respectivas análises. A primeira letra a ser analisada diz respeito à música *Vou dar meu coelhinho*. Em seguida, apresentamos a análise e discussão dos resultados da letra da música *Charque do rubi*, ambas da banda Katrina.

Vou dá o meu coelhinho (Banda Katrina)

Vou da o meu coelhinho

Vou da o meu coelhinho

Deixa de frescura e vem pegar meu coelhinho (2x)

Todo mundo quer saber o que agora

Eu vou dar.

Mas preste atenção que agora eu vou falar

O caso é complicado você tem que entender

O meu coelhinho que agora vai comer.

Ele é muito carente e gosta de dar aberto

⁴ As letras das referidas canções foram copiadas dos sites: <https://m.letras.mus.br/banda-katrina/charque-do-rubi/> e <https://www.vagalume.com.br/banda-katrina/vou-da-o-meu-coelhinho.html>.

Ah maior parte do tempo sempre estar coberto
O meu coelhinho tá doido pra pegar
A cenoura do Dj que agora vai tocar

Vou da o meu coelhinho pro Dj Fabi
Que tá perto de mim e não demora vai tocar
Pego a cenoura do Dj Eliton
E dou pro coelhinho que come sem reclamar
O Dj Anderson agora chegou com a sua cenoura
querendo me dar.

Mas eu vou sair de mansinho
pego meu coelhinho porque não
vou aguentar.

A música *Vou dar meu coelhinho*, interpretada pela banda Katrina, é composta de 21 (vinte e um) versos e 4 (quatro) estrofes, sendo frequentes as palavras significativas *coelhinho*, *dar*, *pegar* e *cenoura*. Apresenta dupla interpretação, ou seja, duas possibilidades de sentido, devido ao fenômeno da ambiguidade que, por sua vez, decorre de processos fonético-fonológicos e semânticos. Numa primeira interpretação mais literal, pode-se imaginar que a canção trata de uma situação em que alguém (provavelmente uma mulher) diz querer dar seu coelhinho de estimação que está faminto por cenoura. Embora não haja marcas linguísticas no texto que comprovem o gênero do eu-lírico, pode-se associá-lo à figura feminina, visto que é uma mulher a vocalista da banda Katrina que interpreta a música em tela.

Na segunda interpretação temos uma visão mais subjetiva, em que é possível perceber alguns fenômenos semânticos que possibilitam a ambiguidade, dentre eles destacam-se: a metáfora presente no trecho *Vou dá o meu coelhinho*, pois se compreende que a figura do coelhinho está relacionada à mulher como objeto sexual. Essa associação entre o animal e a figura feminina já havia sido explorada, por exemplo, pela revista

Playboy desde 1953, segundo reportagem da BBC News (2017)⁵, na qual Art Paul, um dos criadores da logo da empresa, justifica a escolha do coelho pelo fato deste animal possuir uma vida sexual muito ativa, “é um animal vigoroso, tímido, vivaz, saltitante, sexy”.

Já no trecho *Todo mundo quer saber o que agora eu vou dar*, o verbo *dar*, sendo transitivo direto e indireto, remete à entrega de algo e, portanto, ao consentimento na prática sexual, uma vez que, em outros versos, o complemento desse verbo é exatamente *meu coelhinho*, isto é, o órgão sexual feminino. O mesmo se aplica ao verbo *comer*, usado nos versos *O meu coelhinho que agora vai comer* e “*E dou pro coelhinho que come sem reclamar*”, nos quais não se trata de ingestão alimentar, como se poderia supor, mas faz referência à transa, ao sexo.

Outro ponto que podemos destacar na letra dessa música é o uso metafórico da palavra *cenoura* para representar o órgão sexual masculino. Fato que pode ser identificado nos versos *A cenoura do Dj que agora vai tocar*, *Pego a cenoura do Dj Eliton*, *O Dj Anderson agora chegou com a sua cenoura querendo me dar*. Como se vê, não se trata de legumes, mas do pênis. Convém notar que o sexo contínuo com diferentes homens deixa a mulher cansada e provavelmente machuca seu ânus, razão pela qual busca sair discretamente, o que também sugere uma possível atitude de medo ao se negar à continuação do sexo, como se vê em: *Mas eu vou sair de mancinho / pego meu coelhinho porque não vou aguentar*.

Por fim, observemos o caso da palavra *coelhinho*, que se repete 8 (oito) vezes ao longo da música. Neste caso, ocorrem dois processos que se complementam para gerar o caráter ambíguo da palavra. Num primeiro momento, explora-se um recurso de natureza fonético-fonológica que é a harmonização vocálica ou alteamento da vogal média pretônica, fenômeno muito característico do falar belenense, como em *m[i]nino*, *t[î]soura*, *c[u]madre* etc. Ao explorar esse aspecto sonoro, cria-se uma identidade fonética entre a primeira sílaba da referida palavra e a palavra *cu*, variante popular de ânus.

⁵ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-41450365>. Acesso em: 23 dez. 2019.

Charque do Rubi (Banda Katrina)

Esta música, popular, sobretudo no Estado do Pará, também enquadra-se no estilo musical do tecnobrega, sobremaneira difundido nesta região. Foi reproduzida pela banda Katrina, banda paraense.

Charque, agora é charque (rubi)
Charque, agora é charque (rubi)
É a nave do som

A moda agora é dar o charque
O charque, o charque (2x)

O meu charque tá muito gostosinho
Tá bem escaldadinho
Esperando alguém pra dar
Tomara que ele não demore
Ele pode ficar frio e o dj não vai gostar
Agora só me resta a dúvida
Eu não sei primeiro
Pra quem eu vou dar
Vou ficar aqui do lado
Dando pro dj Givaldo
Quando a festa começar

A festa começou e eu vou entrar correndo
Pra dar pro júnior moreno
Mas ele tá muito agoniado
O jeito é dar pro júnior considerado
Dani, dani cabrita passou e nem olhou
Pro que estava acontecendo
Agora pare que o primeiro já chegou
Dj gilmar que agora está comendo

A moda agora é dar o charque
O charque, o charque (2x)

Nessa música visualizamos o relato de uma possível entrega de algo, o *charque*, que será dado durante uma festa de acordo com a chegada dos *djs* que comandam a aparelhagem do som *Rubi*. Nesse sentido, o tema principal desta música se consolida em “dar o charque”, a qual remonta a uma afirmação ambígua que se constrói ao longo de toda a composição. O efeito de duplo sentido é enfatizado, sobretudo, pelo refrão, a moda agora é *dar o charque, o charque, o charque*, sendo que, ao longo da letra, a ideia desse refrão é trabalhada. Nesse ínterim, alguns fenômenos semânticos contribuem para a ambiguidade construída na canção, a saber: polissemia, sinonímia e metáfora.

O fenômeno da polissemia ocorre com o emprego da palavra *charque*, que se repete no início da composição musical: *charque, agora é charque (rubi)*. Numa das acepções, o termo refere-se à “carne bovina cortada em mantas, salgada e seca ao sol ou por processos afins; carne-seca, jabá.” (HOUAISS, 2001, p. 693). Em contrapartida, a mesma palavra popularizou-se no estado do Pará para designar o órgão genital feminino, o que o tornou comumente utilizado com esse sentido, talvez por associação entre o índice de salinidade do charque e o Ph da vagina, que costuma ser ácido. Deste modo, no uso popular, essa duplicidade de sentido torna-se mais compreensível para quem conhece a gíria paraense.

Nesse sentido, a partir deste contexto sociocultural da região do Pará, podemos ratificar que a expressão *charque*, usado sobremaneira de forma coloquial, na oralidade, ganha utilização como sinônimo do órgão sexual feminino. Daí decorre que, como palavras sinônimas, *dar o charque* remete-nos às interpretações: doar esse gênero alimentício a alguém ou permitir por livre e própria vontade a entrega da genitália a quem possa interessar, a depender do contexto, como no verso *esperando alguém pra dar*.

Semelhantemente à canção anterior, o verbo dar também aparece nesta última música apresentando ambiguidade, como em *dar o charque, esperando alguém pra dar, pra quem eu vou dar*. Assim como antes, o

verbo *dar*, nos trechos em destaque, é atualizado, pelo contexto, com o sentido de desejar praticar sexo.

Outro fenômeno determinante à ambiguidade, na letra da música, centra-se na figura da metáfora. Ora, se o charque adquire um sentido, que não é o de gênero alimentício, para a representar o sentido do órgão genital feminino, cristaliza-se uma metáfora para exprimir, durante o corpo da música, a liberdade, ou ainda, a conotação do ato sexual. Isso se confirma com o próprio refrão *agora a moda é dar o charque*, quando se coloca a *moda*, como algo comum quanto à prática, livre das convenções sociais. Essa liberdade causa incertezas: a quem o charque será dado, ou quem será o primeiro a executar a relação sexual, como em *Eu não sei primeiro pra quem eu vou dar*.

Assim, observamos nas duas canções analisadas acima, a presença marcante da ambiguidade associada a outros fenômenos semânticos que concorrem para produzir a duplicidade de sentido nas letras de música, caracterizando talvez o estilo musical ao qual pertencem, isto é, o tecnobrega. Como produção cultural paraense, ambos os textos retratam aspectos regionais, explorando, inclusive, características fonético-fonológicas na produção de sentido. Percebemos, também, no contexto mais amplo em que se situam essas manifestações musicais, a visão extremamente sexualizada da mulher, que está sempre à procura de saciar suas necessidades sexuais, relacionando-se com vários homens.

Considerações Finais

Neste trabalho, abordamos o gênero musical tecnobrega, popular no estado do Pará, a fim de tratarmos da ambiguidade em letras de músicas deste gênero. Com isso, acreditamos que podemos dar um pouco de visibilidade para parte dessa cultura da Região Amazônica e evidenciamos uma pesquisa linguística através desse estilo cultural. Por esse aspecto, julgamos que o estudo seja relevante, haja vista que, ao abordar produções culturais desse gênero, possivelmente menosprezado em

comparação à valorização cultural das grandes metrópoles de outras regiões do país, contribuimos com a divulgação da complexa e heterogênea cultura da Região Norte do Brasil, repleta de significados e de interpretações.

Nesse contexto, diante do que foi exposto neste trabalho, é possível percebermos as relações semânticas que possibilitam o efeito de duplo sentido nas letras de música. Desse modo, torna-se relevante pensarmos nesses fenômenos a partir do sentido que eles estabelecem, a depender da intencionalidade que se pretende expor.

Portanto, a semântica se constitui de fundamental importância para tratar do sentido de textos da interação oral e escrita, visto que compreende várias possibilidades de interpretação a partir de fenômenos semânticos, contribuindo principalmente para o efeito de duplo sentido. Assim, o trabalho a partir dessa área linguística torna-se primordial ao tratarmos de língua e linguagem, dado que na língua há várias possibilidades nas construções dos dizeres e inúmeras formas de interpretação, importando a competência do usuário da língua na produção e entendimento dos textos.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Emsantina Galvão G. pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- CARETTA, Álvaro Antônio. **As formas da canção nas diversas esferas discursivas**. São Paulo: Estudos Linguísticos. 2008.
- FERRAREZI JUNIOR, C.; BASSO, R. **Semântica, semânticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2013.
- LEMOS, Ronaldo; CASTRO, Oona. **Tecnobrega: o Pará reinventando o negócio da música**. - Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

ILARI, Rodolfo. A noção semântica de ambiguidade. **Veredas**: revista de estudos linguísticos, Juiz de Fora, vol. 1, n. 1, 1997, p. 51-71.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 6 ed. 5 reimp. São Paulo: Atlas 2007.

MÜLLER, Ana Lúcia de Paula; VIOTTI, Evani de Carvalho. Semântica Formal. In: **Introdução à linguística II**: princípios de análise. Fiorin, J. L. (org). 5 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

NAPOLITANO, Marcos. **História & música**: história cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PIETROFORTE, Antônio Vicente Seraphim; LOPES, Ivã Carlos. Sêmantica Lexical. In: **Introdução à linguística II**: princípios de análise. Fiorin, J. L. (org). 5 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Semântica. In: MUSSALIM, Fernandes.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

POLGUÈRE, Alain. **Lexicologia e semântica lexical**: noções fundamentais. São Paulo: Contexto, 2018.

SANTOS, Morgana Ribeiro dos. O duplo sentido no forró: estudos semântico-estilísticos. **Caderno do CNLF**. vol. XVI, nº 04, t.3. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2012.

SILVA, Lúcio Buzon da. **Ambiguidades da língua portuguesa**: recorte classificatório para a elaboração de um modelo ontológico.2006. Dissertação (Mestrado)- Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2006.

Capítulo 02

A variação linguística no ciberespaço: as variantes “dê” e “dei” em contexto de felicitação no Facebook

*Delma Coelho Teixeira*¹

*Marcos Jaime Araújo*²

Introdução

Na perspectiva dos puristas, a língua é um produto homogêneo, invariável, comparada às peças de um quebra-cabeça, as quais se encaixam perfeitamente. No entanto, "a língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução" (BAGNO, 2007, p. 36). Nesse sentido, o processo de variação é inerente a todo código linguístico, visto que os falantes estão submetidos a fatores internos e externos à língua, ocasionando as variações linguísticas.

Nessa ótica, investigações acerca dos usos linguísticos em variação, encontrados nas redes sociais, se fazem necessárias, pois o ciberespaço proporciona ao cientista da linguagem *corpus* para o desenvolvimento de pesquisas nesse viés. Desse modo, embasado nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, este trabalho reconhece que a variação é um fenômeno intrínseco à língua e que os usos diferenciados (variantes) são formas alternativas de que dispõem os falantes de determinada comuni-

¹ Graduada no Curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará; e-mail: delmateixeira1994@hotmail.com

² Mestre em Linguística e Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará; e-mail: mjaime.uepa@gmail.com

dade linguística; logo, direciona-se em oposição ao preconceito linguístico que advém, principalmente, de questões políticas e/ou econômicas.

Assim sendo, objetiva-se descrever e analisar o uso efetivo do verbo *dar*, no modo subjuntivo, em contexto de felicitação no Facebook – seja de feliz aniversário, de boa viagem, ou de restabelecimento de saúde. Em vista disso, foi observado, no decorrer da pesquisa, que os usuários, “meus amigos” e/ou “amigos dos meus amigos” – denominação dada aos participantes que têm perfis nessa rede social e que compartilham conteúdos/informações – ao realizarem um dos três eventos acima colocados (eventos de felicitação), utilizavam o verbo *dar* com duas variantes distintas: *dê* e *dei*; a primeira configura o uso em conformidade com a Gramática Normativa; a segunda, todavia, segue princípios que diferem desse modelo de prescrição.

No âmbito das redes sociais, no caso em estudo, o Facebook, verifica-se múltiplas formas de uso, perceptíveis na fusão entre a oralidade e a escrita; assim, no universo do ciberespaço há uma hibridização linguística nos registros, nos usos. Ademais, o ambiente virtual requer rapidez, agilidade, ficando em segundo plano a preocupação com as prescrições gramaticais. Dessa maneira, reduções de palavras, uso expressivo de sinais de pontuação, alongamentos vocálicos, configuram-se em traços característicos da escrita virtual. Isto posto, o que se observa é uma reconfiguração do código escrito em decorrência do meio e do suporte no qual a língua é utilizada.

Em vista do que fora explicitado, a presente pesquisa se organiza da seguinte maneira: primeiramente foi construída a fundamentação teórica baseada nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, evidenciando o fenômeno de variação linguística inerente ao sistema. Em seguida, foi empreendida a discussão acerca da Gramática Normativa – o verbo *dar*, no modo subjuntivo. Posteriormente, foram abordadas as redes sociais, focalizando o Facebook. Adiante, foi apresentada a descrição metodológica e, em sequência, a análise do *corpus* e as considerações finais.

1 Fundamentação Teórica

Nesta seção, tem-se como objetivo compor os pressupostos teóricos como forma de adquirir conhecimentos específicos sobre a temática apresentada nesta pesquisa. Para isso, foram pesquisados autores como Bagno (2007, 2015), Bentes e Mussalim (2005), Bortoni-Ricardo (2004), Faraco (2008), Mollica e Braga (2012), Travaglia (2001), Tarallo (1986), os quais explicitam o caráter social da língua, bem como o fenômeno de variação linguística inerente ao sistema. Ademais, a pesquisa, também, fundamentar-se-á nos preceitos da Gramática Normativa, a qual será ponto de referência para o uso do verbo “dar”, no modo subjuntivo, referendada em Bechara (2009)³.

1.1 Sociolinguística

A Sociolinguística tem como tarefa revelar, na medida do possível, a covariação entre os fenômenos linguísticos e sociais e, eventualmente, estabelecer uma relação de causa e efeito. Dubois et al. (2007, p. 561).

A Linguística, ciência que tem como objeto de estudo a língua, falada ou escrita, engloba diversas subáreas de investigação da linguagem humana, como Histórica, Comparada, Gerativa, entre outras linhas de análise. Dentre esse leque de abordagens, tem-se a Sociolinguística, campo de pesquisa que, de acordo com Mollica e Braga (2012), visa abordar a correlação entre língua e sociedade.

Nesse sentido, partindo-se do pressuposto de que a língua é, eminentemente, social, e os falantes estão inseridos em determinada comunidade linguística, essa subárea do conhecimento humano demonstra que a língua em uso é resultado das manifestações linguísticas dos falantes, que, por sua vez, por serem diversificados, apresentarão usos, também, diversificados. Ou seja, a pluralidade da sociedade reflete dire-

³ Lançou-se mão desse gramático em virtude do caráter Normativo que apresenta, o qual servirá de contraponto aos pressupostos da Sociolinguística Variacionista.

tamente na língua, perfazendo as inúmeras variedades de uso dentro de um mesmo código linguístico.

Isto posto, Bagno (2015, p. 27) pondera que “não existe nenhuma língua no mundo que seja “una”, uniforme e homogênea. O monolíngüismo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, *heterogênea*.” Todavia, a heterogeneidade linguística não denota que se está diante do “caos linguístico”, defendido por alguns gramáticos normativo-prescritivos, pois a essência das línguas é ser variável, dinâmica, híbrida e mutante.

Nesse viés, a Sociolinguística possibilita sistematizar os fenômenos em variação, de modo a explicitar que na língua esse suposto “caos” não encontra sustentação, visto que a variação abrange todos os níveis da estrutura do código linguístico – Morfologia, Fonologia, Fonética, Sintaxe, Semântica etc. –, bem como do uso social – variação diatópica, diastrática, diafásica etc. Nesse sentido, o dinamismo é inerente ao sistema; as formas alternativas de uso da língua, isto é, as variantes apresentam-se na língua portuguesa, como em qualquer outra língua em uso. Portanto, a variação ocorre, contudo, não interfere no sistema, pois ela é sistemática e ordenada.

Além da variação, as línguas naturais comportam, também, o princípio da mudança linguística. Tarallo (1986, p. 63) explicita que “nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação. Mudança é variação!”. Nessa perspectiva, o autor supracitado evidencia que, na língua, duas ou mais variantes podem concorrer dentro de uma comunidade linguística, todavia, sem que uma se estabeleça como único uso. Desse modo, há o processo de coocorrência, assim, não significa que o fenômeno de variação ocasiona a mudança linguística, contudo, quando a mudança se efetiva é notório que a variação se faz presente.

Nessa ótica, sabe-se que a Sociolinguística apresenta, entre outras vertentes, o que Bentes e Mussalim (2005, p. 50) denominaram de Socio-

linguística Variacionista, ou seja, a correlação das variações existentes na expressão verbal às diferenças de ordem social, de modo que esse variaçionismo é sistematizado. Assim sendo, na seção seguinte essa temática será melhor discutida.

1.1.1 Sociolinguística Variacionista

Os grupos sociais – em sua intrincada rede de relacionamentos – compartilham, inevitavelmente, diversos aspectos da vida em sociedade e um deles é a língua. Essa instituição social, assim como os atores sociais que a utilizam, é diversificada, fato que se configura nas diversas realizações linguísticas.

Desse modo, segundo Bagno (2007, p. 43), fatores de ordem extralinguística – como origem geográfica, *status* socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho e redes sociais – possibilitam identificar os fenômenos de variação linguística. Assim, há diferenças diatópicas (“menino”, “guri”, “garoto”, “piá”; “bicha”, “fila”; “comboio”, “trem”), isto é, de ordem geográfica; assim como diastráticas (“andamos”, “andamo; “placa”, “praca”), de classes sociais; além das diamésicas (“*mininu*”, “menino”; “pirigu”, “perigo”), diferenças entre a modalidade oral e escrita; e também diafásicas (“eu vi ele”, “eu o vi”), registros em diferentes situações comunicativas e diacrônicas (“vossa mercê” > “vosmicê” > “você”), relacionada à época, à história. Tais usos evidenciam seleções, características, presentes na língua que permitem visualizar o processo de variação intrínseca ao código linguístico.

Assim, toda e qualquer realidade linguística apresenta o fenômeno da variação – particularidade que todas as línguas naturais possuem. Dessa maneira, como característica inerente ao sistema, a variação linguística revela que a língua é dinâmica e está em intenso processo de construção e reconstrução, de modo que essa atividade intelectual é efetivada pelos próprios falantes inseridos em determinada comunidade linguística.

Nesse sentido, sendo a variação um fenômeno intrínseco à língua, ela revela, ainda, de acordo com Tarallo (1986), que os usos diferenciados, ou seja, as variantes, são formas alternativas – que apresentam o mesmo valor situacional e representacional – de se expressar um evento de fala. Dessa forma, a língua portuguesa, por ser uma língua natural, apresenta a heterogeneidade linguística como característica por excelência. Nesse aspecto, o mito da homogeneidade linguística, criticado por Bagno (2015), apresenta-se, de fato, incoerente com a realidade linguística não só do português brasileiro, mas, provavelmente, de todas as manifestações linguísticas existentes.

Quem defende esse mito, fundado na concepção de uma língua homogênea, não reconhece que a essência das línguas é apresentar diversas variedades. Dessa concepção, surge no imaginário do senso comum a ideia de que somente uma norma – a norma padrão – é a “certa”, por consequência, emerge no seio da sociedade o chamado *preconceito linguístico*.

É oportuno ressaltar, nesse momento, que *norma padrão* é, conforme Faraco (2008), um “ideal” de língua surgido na Europa em meio ao processo de centralização política dos Estados Nacionais. Naquele período, a sociedade vivenciava o sistema político-social denominado de feudalismo, o qual era descentralizado e, em matéria de língua, contava com intensa dialeção. Desse modo, em virtude da mudança de perspectiva, aquela sociedade adentra na Era Moderna e o desejo de unificação política, recai, também, sobre os aspectos linguísticos.

Por conseguinte, a partir da criação dos Estados Centrais foram elaborados os instrumentos normativos (gramáticas e dicionários) que se constituíram no que ficou conhecido como a *norma-padrão*. Entretanto, de acordo com o autor em questão, essa norma não constitui uma variedade da língua, ela é uma construção abstrata que não representa os reais usos da língua; representa, sim, um projeto de uniformização linguística.

Dessa forma, em razão da não compreensão da concepção de norma, baseando-se em Faraco (2008, p. 35), como “determinado conjunto de fenômenos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são correntes, costumeiros, habituais numa dada comunidade de fala”, o preconceito linguístico tende a se efetivar, pois o senso comum, na maioria das vezes, estabelece juízos de valor tendo como base a sua norma, o que, conseqüentemente, acarreta a noção de “erro”. Portanto, norma, na perspectiva do referido autor, relaciona-se com normalidade, aquilo que é recorrente, normal, dentro de uma comunidade linguística.

Entretanto, em uma sociedade estratificada, como a brasileira, a noção de “normalidade” linguística não se faz presente, uma vez que, em conformidade com Bagno (2007, p.76), o valor social, positivo e/ou negativo, atribuído à determinada variedade linguística está relacionado com o prestígio e/ou estigma social do falante. Nesse viés, quando um falante é socialmente prestigiado, a sua variedade linguística, conseqüente, também a é. Por outro lado, inserido em um contexto desfavorável, sem acesso ao ensino formal (práticas de letramentos), faz uso de uma variedade diferente da que é considerada de prestígio social, recaindo sobre ele o preconceito linguístico.

Nesse sentido, Bortoni-Ricardo (2004, p. 33-34) corrobora com o referido autor ao afirmar que

Em toda comunidade de fala onde convivem falantes de diversas variedades regionais, como é o caso das grandes metrópoles brasileiras, os falantes que são detentores de maior poder – e por isso gozam de mais prestígio – transferem esse prestígio para a variedade linguística que falam. Assim, as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas. Mas essas variedades, que ganham prestígio porque são faladas por grupos de maior poder, nada têm de intrinsecamente superiores às demais. O prestígio que adquirem é mero resultado de fatores políticos e econômicos.

Pode-se afirmar, assim, que o preconceito social precede o linguístico, entretanto, juntos são responsáveis pela exclusão da maioria dos falantes das variedades estigmatizadas. No entanto, a prerrogativa de uma língua pronta e acabada, homogênea, estável, não se aplica aos reais usos linguísticos, pois a língua é variável, dinâmica e apresenta o princípio da heterogeneidade estruturada, ou seja, é constituída por regras categóricas e variáveis. Bentes e Mussalim (2005, p. 68) explicitam esse princípio:

Ao assumir, de fato e de direito, o princípio da heterogeneidade inerente à linguagem, a Linguística moderna, especialmente a Sociolinguística, eliminou preconceitos ao afirmar, axiomáticamente, que todas as línguas e variedades de uma língua são igualmente complexas e eficientes para o exercício de todas as funções a que se destinam; e que nenhuma língua ou variedade dialetal impõe limitações cognitivas na percepção e na produção de enunciados.

Dito isso, compreende-se que não existe língua mais difícil que outra, assim como não existe variedade linguística mais bonita que outra; juízos de valor dessa natureza revelam uma atitude simplista diante dos fatos da língua, atitudes essas imersas em preconceito linguístico. Na verdade, o que existe são as variedades linguísticas que qualquer língua pode apresentar, entretanto, como fora dito, comportam o mesmo valor de verdade.

1.2 Gramática Normativa: O Subjuntivo do verbo “Dar”

Segundo os pressupostos da Sociolinguística, todas as línguas naturais possuem gramática, ou seja, apresentam organização estrutural. Entretanto, na concepção dos teóricos prescritivos, a gramática, precisamente, a Normativa, corresponde a um conjunto de regras que contém as normas de funcionamento da língua. No que concerne a essa questão, no subtópico seguinte, será evidenciada a perspectiva de Bechara (2009), tendo como enfoque o verbo “dar”, no modo subjuntivo.

1.2.1 Perspectiva de Evanildo Bechara

De acordo com esse teórico, “entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical” (BECHARA, 2009, p. 209). Assim sendo, Bechara, tomando por base Roman Jakobson, pondera que essa organização se verifica mediante a combinação de morfemas (unidades mínimas de significação) de tempo, modo, pessoa e número. Na pesquisa em questão será enfocada a categoria modo.

Para o referido gramático (p. 213), modo é uma das categorias verbais; “assinala a posição do falante com respeito à relação entre a ação verbal e seu agente ou fim, isto é, o que o falante pensa dessa relação”. Nessa ótica, explicita-se que o falante pode julgar essa relação como verossímil (semelhante à realidade), configurando, dessa forma, o modo indicativo; pode, também, considerar como incerta, perfazendo o modo subjuntivo; como condicionada, modo condicional; como desejada, modo optativo; como exigida, modo imperativo.

Dentre os modos, acima expressos, para esse trabalho, o subjuntivo é o que compreende o *corpus* registrado. Dessa maneira, afirma-se, de acordo com Bechara (2009), que este é utilizado para transmitir um acontecimento irreal, hipotético, de possível realização, no entanto, incerto. Assim, mediante esse modo, expressam-se ações imprecisas, ainda não efetivadas e que dependem de outros agravantes para se tornarem reais. O contexto de incerteza, supracitado, pode ser comprovado nas frases que seguem: “*Que Deus, em sua infinita bondade, lhe dê tudo de bom que você merece*”; “*parabéns que Deus lhe abençoe e te dê muitos e muitos anos de vida*”.

Além desse aspecto, Bechara (2009) considera que “um verbo é regular quando se apresenta de acordo com o modelo de sua conjugação: cantar, vender, partir. No verbo regular também o radical não varia.” (p. 225). Isto é, na perspectiva do autor, regular é aquele que não sofre mo-

dificações. No que diz respeito ao irregular, ponderou: “é o verbo que, em algumas formas, apresenta modificação no radical ou na flexão, afastando-se do modelo da conjugação a que pertence” (p. 225). E, sobre os anômalos explicitou “é o verbo irregular que apresenta, na sua conjugação, radicais primários diferentes [...]”.

De acordo com essa classificação, o verbo em estudo – “dar” –, na perspectiva do autor em pauta, enquadra-se no rol dos verbos irregulares, classificado como um verbo de 1ª conjugação (vogal temática em “a”). Apresenta-se, a seguir, o Quadro 1, com as formas irregulares do verbo em questão.

Quadro 1: as formas irregulares do verbo *dar*.

1ª CONJUGAÇÃO (Dar)

Pres. ind.: dou, das, dá, damos, dais, dão.

Pret. perf. ind.: dei, deste, deu, demos, destes, deram.

M.-que- Perf. ind.: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.

Pres. subj.: dê, dês, dê, demos, deis, deem.

Pret. imperf. subj.: desse, desses, desse, déssimos, désseis, dessem.

Fut. sub.: der, deres, der, dermos, derdes, derem.

Fonte: Bechara (2009, p. 267) – adaptado.

Portanto, Bechara (2009) concebe a classe gramatical verbo como uma unidade constituída por diversas categorias (tempo, modo, pessoa e número) e, no caso específico do verbo “dar”, classifica-o como um verbo irregular, de 1ª conjugação, que apresenta irregularidades nos modos “presente do indicativo”, “pretérito perfeito do indicativo”, “mais-que-perfeito do indicativo”, “presente do subjuntivo”, “pretérito imperfeito do subjuntivo” e no “futuro do subjuntivo”, particularidade comprovada no quadro 1, acima.

1.3 Redes Sociais E Língua: Noções Fundamentais

As sociedades, ao longo dos tempos, transformam-se, no entanto, o que não muda é a necessidade dos indivíduos de interagirem mediante a linguagem. Diferente dos outros animais, os seres humanos possuem a

faculdade da linguagem (constituída de fonemas e morfemas), o que os possibilita estabelecer trocas conversacionais e, assim, transitar pelos espaços sociais.

Nessa ótica, com o fenômeno da globalização, as distâncias se encurtam e as mídias sociais passam a ser ferramentas que impulsionam esse caráter globalizante. Dessa maneira, na contemporaneidade, as redes sociais “Facebook, Twitter, Instagram e serviços digitais afins combinam uma multiplicidade de microinterações [...]” (BUZATO, 2016, p. 39) que se configuram nas novas formas de percepção da linguagem humana.

É conveniente, nesse ensejo, colocar em evidência a definição de redes sociais. Sendo assim

Definimos sites de redes sociais como serviços baseados na web que permitem que os indivíduos construam um perfil público ou semi-público dentro de um sistema delimitado, articulem uma lista de outros usuários com os quais compartilham uma conexão e visualizar e percorrer sua lista de conexões e aquelas feitas por outras pessoas dentro do sistema. A natureza e a nomenclatura dessas conexões podem variar de site para site. (BOYD e ELLISON, 2007, p. 211).

Isso posto, na atual configuração da sociedade brasileira, percebe-se uma maior inserção dos indivíduos – logicamente que o acesso não contempla a todos – neste universo do ciberespaço. Braga (2013, p. 120) explicita que

cada vez mais, principalmente entre as camadas mais jovens da população, as redes sociais têm sido exploradas para trocas de arquivos, links e interação entre os internautas. Ambientes como [...] o Facebook tem milhões de usuários em escala mundial e nacional e tem se revelado canal eficiente para mobilizações coletivas de diferentes tipos de iniciativas.

Em decorrência desse fato verifica-se, nas diversas mídias sociais, a exemplo do Facebook, Twitter, Instagram – são as que agregam um maior número de usuários – que a linguagem empreendida nesses meios

possibilita ao cientista desse campo de estudo abordar os fenômenos da língua. No entanto, como a pesquisa focaliza apenas uma dessas redes sociais, vai-se direcionar o olhar, a partir de agora, somente, para o Facebook.

1.3.1 O Facebook em Foco

De acordo com Barton e Lee (2015, p. 58-59), nos primeiros anos de sua criação, o Facebook ficou restrito aos estudantes de uma universidade dos Estados Unidos e, posteriormente, foi disponibilizado para o público em geral:

O Facebook foi lançado em 2004 nos Estados Unidos. Começou originalmente como um *site* para facilitar a comunicação entre os estudantes universitários de Harvard e depois se espalhou rapidamente pelo mundo todo. Em abril de 2002, tinha mais de 900 milhões de usuários ativos de diferentes partes do mundo (Huchman, 2012). [...] Como muitos outros *sites* de redes sociais, o Facebook se estrutura em torno de perfis de usuários (agora chamados de linhas do tempo). [...] seus principais espaços de escrita [...] são as *atualizações de status* (ou simplesmente os atuais “posts”), originalmente concebidas como um espaço para [...] composição de mensagens curtas da web, projetadas para o autorrelato do que se está fazendo, pensando ou sentindo a qualquer momento.

Em vista do que fora expresso, percebe-se que, na atualidade, essa rede social passou a ser parte integrante do cotidiano da grande maioria dos brasileiros. Como uma ferramenta que possibilita trocas, compartilhamentos de conteúdo, o Facebook tornou-se, ainda, o meio pelo qual o cientista da linguagem tem a oportunidade de realizar a análise dos relatos dos usuários – suas publicações –, ou seja, tem a abertura para empreender as suas investigações linguísticas. Dessa maneira, conforme pondera Buzato (2016, p. 37) a concepção de redes sociais “é a mais conhecida no âmbito dos estudos da linguagem, pois é adotada há décadas por sociolinguistas variacionistas (Bortoni-Ricardo, 1985; Milroy, 1987, entre outros).”

Diante disso, verifica-se que a rede social em questão agrega múltiplas formas de uso, perceptíveis na fusão entre as modalidades oral e escrita da língua. Assim, no universo do ciberespaço há uma hibridização linguística – visto que a língua é heterogênea – nos registros, nos usos dos quais os internautas lançam mão para articular suas trocas conversacionais. Nessa perspectiva, Souza e Deps (2007, p. 166-167) ponderam que

Nas redes sociais da internet, no momento de interação ocorre um entrecruzamento da escrita e da oralidade na linguagem. O que ocorre nesses ambientes é uma conversação em forma de escrita com marcas da oralidade. [...] Como o fluxo de comunicação é intenso e o ambiente é de informalidade no ciberespaço, a forma mais adequada é utilizar uma linguagem mais próxima da oralidade. Ao interagir em ambientes virtuais, há uma identidade já estabelecida nesse contexto, definida como um ambiente que requer reduções, abreviações, marcas prosódicas, informalidades, dentre outros.

Desse modo, como um espaço permeado por marcas linguísticas específicas, o Facebook propicia a seus usuários esse caráter híbrido da linguagem. Entretanto, o produto das interações está mais próximo da língua falada do que, efetivamente, da escrita prevista pela Gramática Normativa. Contudo, cada variedade de uso da língua tem seu espaço bem definido; assim, a noção de “certo” ou “errado” não se aplica, pois o contexto e o meio determinam os usos linguísticos.

Cabe destacar, também, que a modalidade escrita da língua não é um construto acabado em razão de ser suscetível à mudança. Dessa maneira, de acordo com Nascimento, Sousa e Moura (2015, p. 272).

[...] a escrita também é um sistema linguístico dinâmico capaz de acompanhar as mudanças ocorridas com os meios nos quais está inserida, como os meios tecnológicos, além de elucidar que, seja em ambientes formais ou em redes sociais, ela é maleável e passível de mudança e de variação.

Assim sendo, os relatos evidenciados no Facebook vislumbram esse caráter variável da língua, uma vez que ao expor seus pensamentos e/ou

sentimentos, nessa rede social, o internauta visa atingir um determinado objetivo – seja de convencimento acerca de algo, seja de saudação a um “amigo”, etc.– e, inevitavelmente, faz uso de marcas linguísticas atravessadas pela propriedade heterogênea da língua, que no universo do ciberespaço se configura em uma escrita com características específicas, a exemplo, de reduções de palavras, uso expressivo de sinais de pontuação, alongamentos vocálicos, entre outras.

Isso se aproxima do que Travaglia (2001, p.111) afirmou em relação à língua, de que o falante, ao se comunicar, leva em conta a gramática de uso, o que evidencia traços peculiares do ambiente virtual. Dessa forma, a escrita encontrada nas mídias sociais – no Facebook –, configura-se, muitas vezes, em situação diferenciada da prescrita pela Gramática Normativa.

Todavia, há de ressaltar, também, que em face de a escrita virtual requerer uma maior agilidade em breve período, fica em segundo plano a preocupação com as prescrições gramaticais. Assim, o que se observa, nesse contexto, é uma reconfiguração do código escrito em decorrência do meio e do suporte no qual a língua é utilizada. Dito desse modo, Nascimento, Sousa e Moura (2015, p. 267) esclarecem que

[...] essa nova escrita utilizada em redes sociais como no Facebook, apresenta-se como adequada ao meio no qual se apresenta, uma vez que é preferida por seus usuários, devido ao contexto situacional em que a língua se processa na modalidade escrita. No contexto das redes sociais, tem-se a exigência de uma maior agilidade e praticidade em curto espaço de tempo, dada a rapidez que é requerida pelos próprios usuários nesse ambiente.

A escrita produzida no ciberespaço, apresenta, dessa maneira, uma forma que lhe é peculiar – de criação baseada no uso e de rapidez, característica, revelada, prioritariamente, nas reduções de palavras. Assim, se verifica que esses usos são especificidades do domínio virtual, os quais os internautas lançam mão para efetivar suas atividades interacionais; atividades essas que, como fora explícito, requerem agilidade, uma vez que o meio demanda essa peculiaridade. Vale frisar, assim, que a linguagem

utilizada nas redes sociais, no caso em estudo, no Facebook, dispõe, essencialmente, das características acima elencadas, no entanto, não se configuram como “erros”, “desvios”, dado que o ciberespaço é permeado por esses usos.

2 Descrição Metodológica

A investigação desta pesquisa é de natureza quanti-qualitativa que, de acordo com Creswell (2007), ocorre quando a análise se manifesta tanto dentro da técnica quantitativa – análise descritiva e numérica inferencial – quanto da técnica qualitativa – descrição e texto temático ou análise de imagem – e, muitas vezes, entre as duas técnicas.

Desse modo, tem-se como objetivo geral estudar as ocorrências das variantes do verbo *dar* – *dê* e *dei* –, ou seja, de como se apresentam na configuração dos relatos do Facebook, em contexto de felicitação. E, como objetivos específicos, busca-se registrar a incidência de cada variante, levando em consideração as variáveis de gênero, faixa etária e escolaridade; analisar o *corpus*, no sentido de relacionar os dados às variáveis sociolinguísticas; descrever os fatores que influenciam as ocorrências do *corpus*.

Em vista desses objetivos, fez-se uma publicação no Facebook a partir da qual não apenas se procedeu a coleta das variáveis *gênero*, *escolaridade* e *faixa etária*, mas também se esclareceu que se tratava de uma pesquisa sociolinguística.

Ressalta-se que como a recolha dos dados compreendia as publicações (relatos) dos “meus amigos” e dos “amigos dos meus amigos”, não se conhecia todos os sujeitos da pesquisa. Além do mais, alguns perfis eram privados (não se tinha acesso às informações pessoais); outros, no entanto, apesar de públicos, não constavam os dados dos quais seriam imprescindíveis para a análise. Assim, para obter essas variáveis foi utilizado o “Messenger” – aplicativo de mensagem do Facebook. A seguir exibe-se o “post”:



Delma Coelho está com **Izaltino Teixeira** ...
e **outras 4 pessoas**.

19 de junho às 14:38 · 🌐

Boa tarde, pessoal!

Muitos de vcs eu conheço (nem que seja de vista rs), outros, no entanto, não tive este privilégio. A questão é a seguinte: estou precisando da colaboração de vcs.

Sou estudante de Letras (Língua portuguesa) e me encontro no processo de produção do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). O corpus de análise de minha pesquisa é, justamente, o facebook. E, em virtude de se tratar de uma trabalho Sociolinguístico - correlação entre a língua e os aspectos sociais -, é de suma importância que fatores como faixa etária e escolaridade, por exemplo, sejam levantados.

Por isso, peço, encarecidamente, a ajuda de todos.

Não pretendo, em momento algum, ser intransigente, ou mesmo, invadir a privacidade de vcs. No entanto, peço liberdade e compreensão de todos para estar coletando esses dados.

Lembrem-se, estarão ajudando uma jovem marajoara a alcançar mais uma etapa de sua trajetória no universo do conhecimento.

No mais, gente, era isso.

[#SóQueroMeFormar](#)



Dayvison Ferreira e outras 96 pessoas

109 comentários 4 compartilhamentos

A partir das manifestações a favor, nas quais se obteve a autorização para a coleta das informações, trabalhou-se com as variáveis *gênero* (masculino e feminino), *faixa etária* (até 25 anos e a partir de 25 anos) e *escolaridade* (ensino médio e ensino superior). Assim, levando em consideração essas variáveis, foi coletado o *corpus* de análise no período de junho a setembro de 2018, ressaltando que os dados coletados não têm uma data específica, podendo ser antigos ou não.

3 Análise e descrição do *Corpus*

Reuniu-se um total de 56 publicações, distribuídas em igual quantidade entre as variáveis Faixa Etária (até 25 anos e a partir de 25 anos), Gênero (masculino - “M” e feminino - “F”) e Escolaridade (Ensino Médio - “EM” e Ensino Superior - “ES”). A partir desses dados foram criadas

três tabelas: na Tabela 1, tem-se os usos da variante *dê*; na Tabela 2, os da variante *dei* e na Tabela 3, constam, de modo geral, as ocorrências do verbo *dar* – as variantes *dê* e *dei*. A seguir, evidenciam-se as tabelas com as ocorrências das duas variantes e, logo após, realiza-se a análise e descrição do *corpus* da pesquisa.

Tabela 1: Uso efetivo da variante *dê* em contexto de felicitação do Facebook.

Variável	Faixa Etária		até 25 anos				a partir de 25 anos			
	Gênero		M		F		M		F	
	Escolaridade		EM	ES	EM	ES	EM	ES	EM	ES
Ocorrência			2	4	5	4	3	5	6	4
Dados coletados			6		9		8		10	

De acordo com os dados obtidos na Tabela 1 acima, em um total de cinco informações, em relação aos usuários do gênero masculino, observou-se que os sujeitos da 2ª faixa etária do EM utilizaram a variante *dê* com mais frequência que os da 1ª, representando 60% do total registrado, enquanto estes a usaram em cerca de 40%, desvelando que a idade é fator condicionante⁴ ao uso da variante *dê*, para a 2ª faixa etária, dado representado no gráfico 1, a seguir:

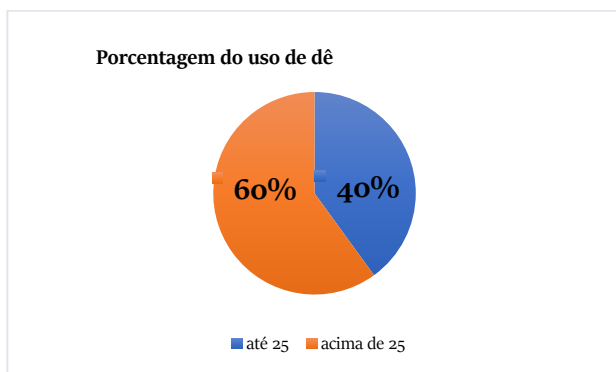


Gráfico 1. Percentual de uso da variante *dê*, no Ensino Médio (EM), para o gênero masculino, nas duas faixas etárias.

Fonte: Teixeira (2018)

⁴ Diz-se o elemento que se estabelece como condição para a ocorrência de um fato. No caso, a variável faixa etária é condição para o destaque dado à ocorrência da variante *dê*.

Em relação ao Ensino Superior, de um universo de nove dados, verificou-se, também, que os sujeitos da 2ª faixa etária empregaram a variante *dê* com maior constância, correspondendo a, aproximadamente, 56% do total inscrito; ao passo que os falantes de 1ª faixa etária a utilizaram em cerca de 44%, sinalizando que a idade é fator determinante⁵ no uso da variante em questão, para a 2ª faixa etária, dado demonstrado no gráfico 2, a seguir:

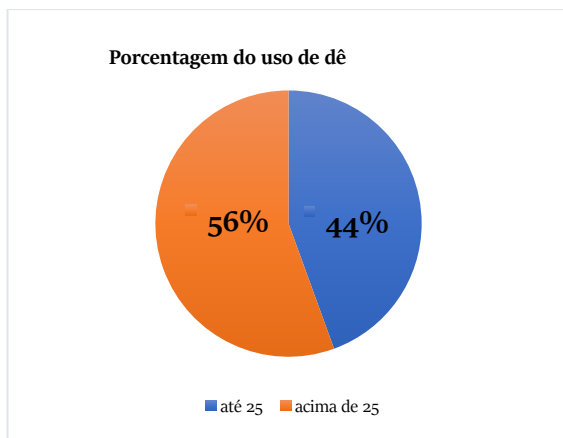


Gráfico 2. Percentual de uso da variante *dê*, no Ensino Superior (ES), para o gênero masculino, nas duas faixas etárias.

Fonte: Teixeira (2018)

Ainda conforme a Tabela 1, na somatória dos 11 dados, em relação ao gênero feminino, notou-se que, na 2ª faixa etária do EM, elas utilizaram a variante *dê* com mais frequência que as da 1ª, representando 55% do total registrado, enquanto estas a usaram em cerca de 45%, indicando que a idade é fator condicionante ao uso da variante *dê*, para a 2ª faixa etária, evidenciado no gráfico 3, abaixo:

⁵ Diz-se o elemento que se estabelece como decisivo para a ocorrência de um fato. Os termos “fatores determinantes” e “fatores condicionantes” foram utilizados no sentido de mostrar que a variável faixa etária influencia na ocorrência das variantes *dê* e *dei*.

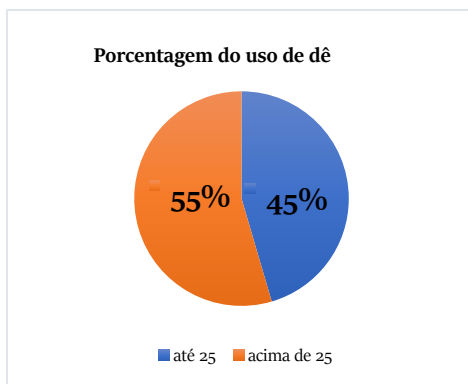


Gráfico 3. Percentual de uso da variante *dê*, no Ensino Médio (EM), para o gênero feminino, nas duas faixas etárias.

Fonte: Teixeira (2018)

No tocante ao Ensino Superior, observou-se que tanto as informantes da 1^a, quanto da 2^a faixa etária lançaram mão da variante *dê*, equivalendo, proporcionalmente, a 50% cada uma. Assim, se esclarece que não houve fatores determinantes ao uso dessa variante; representa-se o gráfico 4, abaixo:

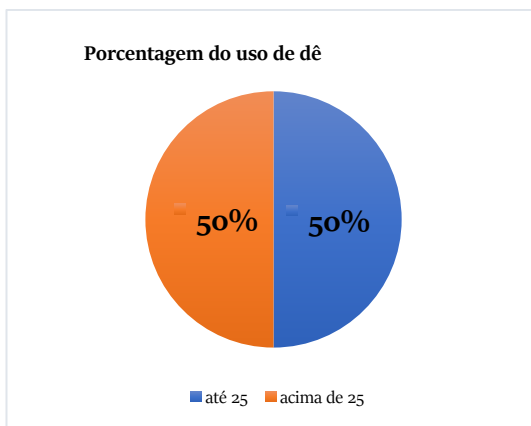


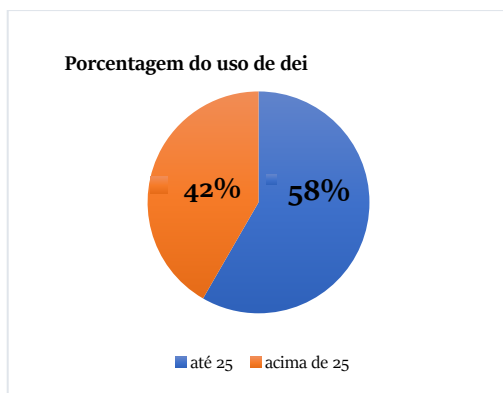
Gráfico 4. Percentual de uso da variante *dê*, no Ensino Superior (ES), para o gênero feminino, nas duas faixas etárias.

Fonte: Teixeira (2018)

Tabela 2: Uso efetivo da variante *dei* em contexto de felicitação do Facebook.

Variáveis	Faixa Etária		até 25 anos				a partir de 25 anos			
	Gênero	M	M		F		M		F	
			EM	ES	EM	ES	EM	ES	EM	ES
Ocorrência		7	0	4	0	5	2	2	3	
Dados coletados		7		4		7		5		

De acordo com os dados obtidos na Tabela 2 acima, em um total de 12 informações, em relação aos usuários do gênero masculino, observou-se que os sujeitos da 1ª faixa etária do EM usaram a variante *dei* com mais frequência que os da 2ª, representando 58% do total registrado, enquanto estes a usaram em cerca de 42%, desvelando que a idade é fator condicionante ao uso da variante *dei*, para a 1ª faixa etária, representado no gráfico 5, abaixo:

**Gráfico 5.** Percentual de uso da variante *dei*, no Ensino Médio (EM), para o gênero masculino, nas duas faixas etárias.**Fonte:** Teixeira (2018)

Em relação ao Ensino Superior, verificou-se que os sujeitos da 1ª faixa etária não usaram a variante *dei*, e os da 2ª a empregaram em dois eventos, correspondendo a 100%. Isso evidencia que a idade é, também, fator condicionante ao uso da variante *dei*, para a 2ª faixa etária, representado no gráfico 6, abaixo:

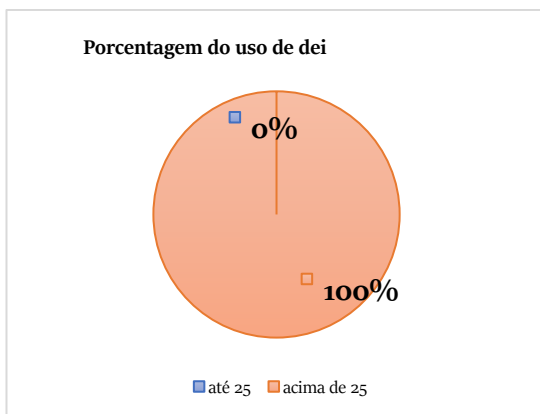


Gráfico 6. Percentual de uso da variante *dei*, no Ensino Superior (ES), para o gênero masculino, nas duas faixas etárias.

Fonte: Teixeira (2018)

Conforme a Tabela 2, em um total de 6 dados, em relação às usuárias do gênero feminino, percebeu-se que na 1ª faixa etária do EM elas usaram a variante *dei* com mais frequência que as da 2ª, representando 67% do total registrado, enquanto estas a usaram em cerca de 33%, desvelando que a idade é fator condicionante ao uso da variante *dei*, para a 1ª faixa etária, representado no gráfico 7, a seguir:

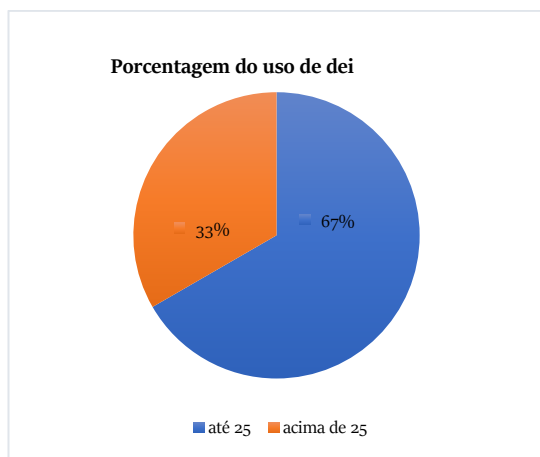


Gráfico 7. Percentual de uso da variante *dei*, no Ensino Médio (EM), para o gênero feminino, nas duas faixas etárias.

Fonte: Teixeira (2018)

Quanto ao Ensino Superior, constatou-se que as informantes da 1ª faixa etária não lançaram mão da variante *dei*, e as da 2ª a empregaram em três ocorrências, equivalendo a 100%. Isso evidencia que a idade é, do mesmo modo que no gênero masculino, fator condicionante ao uso da variante *dei*, para a 2ª faixa etária, representado no gráfico 8, abaixo:

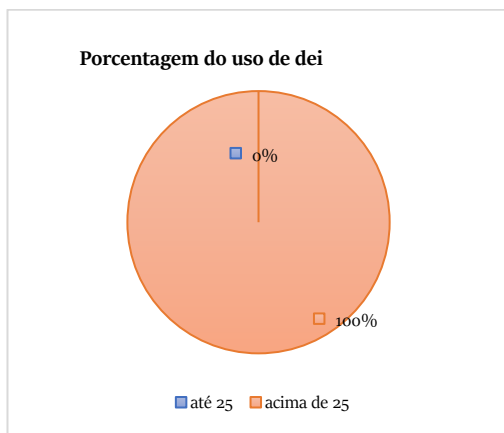


Gráfico 8. Percentual de uso da variante *dei*, no Ensino Superior, para o gênero feminino, nas duas faixas etárias.

Fonte: Teixeira (2018)

Tabela 3: Ocorrência geral do verbo *dar*, em suas variantes *dê* e *dei* em contexto de felicitação do Facebook.

Variável	Ocorrência
<i>Dê</i>	33
<i>Dei</i>	23
Total	56

Observou-se, de acordo com os dados acima, que a variante *dê* predomina em relação ao uso, em contexto de felicitação em ambiente virtual do Facebook, quando comparada à *dei*. A seguir exibe-se, no gráfico 9, os usos das duas variantes:

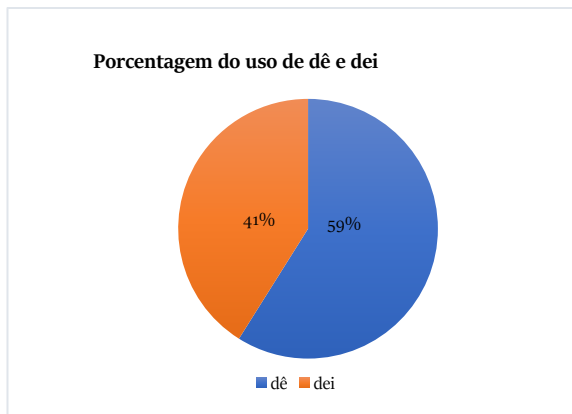


Gráfico 9. Percentual geral do uso das duas variantes.

Fonte: Teixeira (2018)

Com o intuito de evidenciar a ocorrência dessas duas variantes – *dê* e *dei* – procedeu-se à exemplificação e análise de algumas publicações que compreendem o *corpus* da pesquisa.



Como fora discutido no decorrer do texto, o verbo *dar*, no modo subjuntivo, de acordo com Bechara (2009), denota fatos de possível realização, ou seja, incertos – o *corpus* acima retrata esse aspecto. Trate-se de um uso em conformidade com a Gramática Normativa e representa uma falante de Ensino Médio (EM), pertencente a 2ª faixa etária (a partir de 25 anos). Conforme os dados inscritos no gráfico 3, essa faixa etária detém 55% dos usos da variante *dê*. Quanto ao Ensino Superior houve

uma equiparação – 50% dos usos da variante em questão em cada faixa etária (gráfico 4).



Iasmin Teixeira está com **Thaina Rabello**. ...

2 h · 🌐

Parabéns Tay tudo de Bom, que essa data se repita por longos anos, que Deus lhe dei muita Saúde, Paz, Amor, Alegria que vc posso alcançar todo os seus objetivos.

Esse *corpus* apresenta o mesmo sentido do anterior (possível concretização de um acontecimento), no entanto, a falante lançou mão da variante *dei*, a qual não perfaz o modelo de prescrição gramatical. Contudo, o verbo *dar* é irregular, assim, de acordo com Travaglia (2001) o falante, ao se comunicar, leva em consideração a gramática de uso. Desse modo, esse exemplo corresponde a uma falante de Ensino Médio (EM), de 1ª faixa etária (até 25 anos), que se configura, de acordo com o gráfico 7, em 67% dos usos da variante em questão. O contrário, no entanto, se verifica no Ensino Superior (ES), gráfico 8, onde o uso de *dei*, na 2ª faixa etária (a partir de 25 anos), equivale a 100% dos dados registrados.



Jesus Souza ▶ **Josa Silva**

13 h · 👤

Parabéns primo que Deus lhe dê muitos anos de vida com muita saúde paz e felicidades 🍰🍰🎉🎉🎊🎊



O fator característico do modo subjuntivo (incerteza) expressa-se no exemplo acima ilustrado. Como foi dito, anteriormente, a variante *dê* figura-se em congruência com as prescrições da Gramática Normativa. Desse modo, esse falante de Ensino Médio (EM), 2ª faixa etária (a partir de 25 anos), representa a maior porcentagem desse uso – 60%, conforme o gráfico 01. Da mesma forma, os falantes de Ensino Superior (ES), de 2ª faixa etária, também, equivalem a maior parcela, cerca de 56% dos dados registrados, de acordo com o gráfico 2.




Nilson Oliv Vp

1 h · Facebook for Android · 



Parabéns pra mim...  

Apesar d eu não tá nada bem espero q as coisas melhore pra mim, quero q Deus me proteja me dei saúde tudo d bom 

Por outro lado, a exemplo do *corpus* acima evidenciado, há falantes que utilizam a variante *dei*. Esse uso, como fora comentado, está relacionado à gramática de uso e, conforme os pressupostos da Sociolinguística Variacionista a língua é heterogênea, fato que se verifica nas formas alternativas (as variantes *dê* e *dei*) que apresentam o mesmo valor representacional de se expressar um evento de fala. Dessa maneira, de acordo com os dados do gráfico 5, falantes de Ensino Médio (EM), de 1ª faixa etária (até 25 anos), representam 58% dos usos da variante em pauta. No entanto, o inverso se observa no Ensino Superior (ES), pois falantes de 2ª faixa (a partir de 25 anos) lançam mão da variante *dei*, correspondendo a 100% dos usos registrados (gráfico 6).

Considerações Finais

Em face da discussão empreendida ao longo desta pesquisa, compreende-se que a língua, como um sistema de signos, é dinâmica e está submetida a constantes transformações. Por conta disso, não podemos considerá-la como um “objeto” inerte, homogêneo e invariável, pois a heterogeneidade linguística é a característica por excelência de toda língua natural. Desse modo, a Língua Portuguesa, como qualquer língua em uso, apresenta o fenômeno da Variação Linguística, entretanto, esse fato não se configura em um “caos linguístico”, uma vez que a Sociolinguística Variacionista possibilita sistematizar os usos em variação.

Portanto, essa pesquisa buscou, tendo como pano de fundo as redes sociais (Facebook) – o universo do ciberespaço –, mostrar a correlação da língua com os aspectos sociais; assim se verificou que a 2ª faixa etária (a partir de 25 anos) foi determinante para a ocorrência da variante *dê*

entre falantes de Ensino Médio (EM), em ambos os gêneros – masculino e feminino; ao passo que na 1ª faixa etária (até 25 anos) a variante *dei* se destacou; no entanto, quanto ao Ensino Superior (ES) observou-se que os falantes, tanto do gênero masculino quanto do feminino, não lançaram mão dessa variante, ficando os falantes de 2ª faixa etária com 100% dos usos registrados.

Referências

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. 1ª edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Preconceito linguístico**. 56ª edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. Trad: Milton Camargo Mota. 1ª edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENTES, Anna Christina; MUSSALIM, Fernanda (orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BOYD, D.; ELLISON, N. Social network sites: Definition, history, and scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13(1), article 11, 2007. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x>>. Acesso em: 10/09/2018.

BUZATO, Marcelo El Khouri. Três concepções para o estudo de redes sociais. In: ARAUJO, Júlio; LEFFA, Wilson (orgs.). **Redes sociais e ensino de língua**: o que temos de aprender? 1ª edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

BRAGA, Denise Bértoli. **Ambientes digitais**: reflexões teóricas e práticas. 1ª edição. São Paulo: Cortez, 2013.

BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4ª edição. São Paulo: Contexto, 2012.

CRESWELL, John. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Trad: Luciana de Oliveira da Rocha. 2ª edição. Porto Alegre: Artemed, 2007.

DUBOIS, Jean. **Dicionário de linguística**. 15ª edição. São Paulo: Cultrix, 2007.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. 1ª edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NASCIMENTO, Juscelino Francisco do; SOUSA, Dayane Cortez e MOURA, Francimônica das Chagas. A escrita nas redes sociais: uma análise da concepção de escrita utilizada por usuários do facebook. Palimpsesto, Rio de Janeiro, nº 21, jul.- dez. 2015. p.261-273. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num21/dossie/Palimpsesto21dossie02.pdf>>. Acesso em: 30/09/2018. ISSN: 1809-3507

SOUZA, Luciene Pinheiro de; DEPS, Vera Lucia. A linguagem utilizada nas redes sociais e sua interferência na escrita tradicional: um estudo com adolescentes brasileiros.

II Congresso Internacional TIC e Educação. 2007. p. 163-180. Disponível em: <<http://ticeduca.ie.ul.pt/atas/pdf/80.pdf>>. Acesso em: 07/09/2018.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 2ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1986.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 6ª edição. São Paulo: Cortez, 2001.

Capítulo 03

Atos enunciativos em interações via *Whatsapp*: os *emojis* e os reflexos de atividades sociocomunicativas influenciadas por uma linguagem constituída e constitutiva de ideologias

*Erika Suelem da Silva Pereira*¹

*Francisca Magnólia de Oliveira Rego*²

Introdução

O surgimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) proporcionou significativas mudanças no processo de interação social na sociedade contemporânea, denominada *Sociedade da Informação*, permitindo, por exemplo, o uso de mecanismos conversacionais no ambiente digital, anteriormente realizável apenas em conversas face a face, como a expressividade de sentimentos e emoções, a qual, nas interações materializadas via aplicativo de mensagem *Whatsapp* se configura mediante os chamados *emojis* – recursos empregados frequentemente no mundo inteiro, concernentes a uma linguagem não-verbal.

Nesse domínio, partindo do pressuposto de que o processo de construção de sentido da linguagem – entendida em seu caráter verbal e não-verbal – configura-se mediante trocas reversíveis entre interlocutores situados num determinado tempo e espaço, a presente pesquisa empreende uma análise de interações via *whatsapp*, com ênfase no uso dos

¹ Graduada no Curso de Licenciatura Plena em Letras-Língua Portuguesa / email: erikapereira222@hotmail.com

² Professora Me da Universidade do Estado do Pará/ Orientadora deste trabalho.

emojis, objetivando identificar se a emergência de sentidos subjacentes nestes se configura conforme os postulados da Linguística da Enunciação.

Considera-se pertinente esta abordagem, devido fomentar, no âmbito da academia, reflexões em torno dos enunciados advindos desses mecanismos que são empregados frequentemente em interações virtuais. Ademais, por se tratar de um trabalho conclusivo de um Curso de Licenciatura, tem relevância pela temática ser pertinente ao fazer pedagógico do docente de língua portuguesa, o qual deve levar o aluno a refletir a exterioridade da linguagem nas diversas práticas de letramento, tornando-lhe crítico e ativo nas múltiplas instâncias sociais de práticas linguísticas.

Para tanto, o procedimento metodológico desta pesquisa é de cunho qualitativo – o qual, segundo Creswell (2007), se configura de modo fundamentalmente interpretativo, ou seja, o pesquisador descreve os dados coletados, analisa-os para identificar algo e, por fim, interpreta-os holisticamente, de modo a ver os fenômenos sociais de maneira ampla –, tendo em vista que teve início com uma pesquisa bibliográfica pertinente à temática e, em seguida, a seleção de diálogos mediados via *whatsapp*, nos quais há o emprego dos *emojis* para, em momento posterior, descrever seus usos e analisá-los, alcançando uma visão geral sobre a construção de sentidos destes.

Diante disso, este trabalho é constituído por cinco tópicos a seguir descritos: Língua e Sociedade (Discurso e ideologia); O mundo virtual e a interação (*Cibercultura*: os gêneros digitais como uma nova forma de informação e interação / O letramento digital: um olhar sobre a prática social da escrita); O *whatsapp* e suas práticas enunciativas (Descrição do aplicativo: suporte do gênero digital *chat* / *Emojis*: elementos pictóricos presentes na interação via *whatsapp messenger*); A linguística da enunciação: um diálogo teórico-metodológico e A enunciação e as relações de sentido: uma análise das especificidades em interações via *Whatsapp*

Messenger (Recursos de natureza não-verbal: os *emojis* e a linguagem historicamente situada).

Para o embasamento teórico dessas abordagens dialogou-se com um número significativo de autores, no entanto, vale frisar, para a análise dos dados abarcou-se as perspectivas de Flores e Teixeira (2012) – a partir dos quais abordou-se as visões bakhtiniana e benvenistiana dentro da Teoria da Enunciação – Marcuschi (2010), Santos (2005), Silva e Rocha (2017), Koch (2004), Rojo (2009), Fiorin (2004), Barros (2001) e Bakhtin (2012).

Os resultados evidenciaram que a construção de sentidos provenientes de determinados *emojis*, em dadas situações, nas interações via *whatsapp*, configura-se conforme os pressupostos da Linguística da Enunciação, segundo os quais as marcas da enunciação no enunciado remetem às instâncias em que esses enunciados são produzidos, daí irrompendo o sujeito da enunciação.

1 Língua e sociedade

1.1 Discurso e ideologia

Discurso e ideologia são elementos indissociáveis, haja vista que, sendo essa concebida por Barros (2001) como uma *visão de mundo*, todo e qualquer discurso sempre se configura como “uma prática social determinada por uma formação ideológica e, ao mesmo tempo, lugar de elaboração e de difusão da ideologia” (BARROS, 2001, p. 150). Logo, a partir dessa perspectiva, os discursos sempre carregam a visão de mundo dos sujeitos.

É válido frisar que o conceito de ideologia como *visão de mundo* diz respeito, segundo a autora, a um sistema de valores concernentes ao conjunto de normas e regras de uma sociedade, bem como se relaciona às classes sociais, pois cada visão está ligada a determinado grupo social,

dentro do qual os integrantes agem similarmente, compartilhando os mesmos valores e ideias.

Ademais, conforme a perspectiva bakhtiniana, “tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia*” (BAKHTIN, 2012, p. 29). Portanto, signo constitui um corpo que adquire sentido para além de sua singularidade. Este sentido, para o teórico, tem sua origem na realidade social, uma vez que o signo daí surge.

Dessa maneira, todas as consequências advindas do signo são frutos da sociedade, assim, o caráter ideológico constitutivo deste não pode ser oriundo da consciência, uma vez que esta “[...] só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social” (BAKHTIN, 2012, p. 32), portanto, é a consciência que carece da ideologia para se constituir enquanto tal e não o contrário. A ideologia, sendo inerente ao signo, tem sua existência no interacionismo de indivíduos sociais, pois

[...] o ideológico enquanto tal não pode ser explicado em termos de raízes supra ou infra-humanas. Seu verdadeiro lugar é o material social particular de signos criados pelo homem. Sua especificidade reside, precisamente, no fato de que ele se situa entre indivíduos organizados, sendo o meio de sua comunicação (BAKHTIN, 2012, p. 33).

Nesse viés, é evidente que Bakhtin (2012) exclui a ligação de dependência da ideologia perante a consciência, atrelando-a a práticas sociais de interação, logo, é mediante estas que o signo ideológico adquire existência. Aqui, vale ressaltar, o teórico defende o fato de ser na linguagem a visualização mais nítida deste processo comunicacional. Semelhantemente, Fiorin (2004, p. 32) assegura que

Uma formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social [...]. Como não existem ideias fora dos quadros da linguagem, entendida no seu sentido amplo de instrumento de comunicação

verbal ou não-verbal, essa visão de mundo não existe desvinculada da linguagem.

Assim, linguagem e ideologia são intrínsecas uma à outra. Todo e qualquer discurso é portador de ideologias e, devido a isso, “o enunciador é o suporte da ideologia [...] que constitui a matéria-prima com que elabora seu discurso. Seu dizer é a reprodução inconsciente de seu grupo social” (FIORIN, 2004, p. 41-42). Portanto, todo discurso proferido por um sujeito está carregado de ideologia, a qual lhe foi repassada pelo espaço social onde está inserido.

2 O mundo virtual e a interação

2.1 Cibercultura: os gêneros digitais como uma nova forma de informação e interação

A linguagem, de um modo geral, está presente nas diversas práticas sociais. O ser humano precisa estar em interação com o mundo que o rodeia, praticamente, o tempo todo para satisfazer muitas de suas necessidades cotidianas. Nesse contexto, o advento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's), dentre tantos outros, tem papel importante para intermediar a interação entre os indivíduos quando estão impossibilitados de se comunicar presencialmente.

Em concomitância, surgiram novas formas de utilizar a linguagem na sociedade contemporânea, cujo intermédio se configura pelas novas tecnologias digitais, originando a interação virtual. O surgimento desses novos usos linguísticos se deu devido ao fato de que “a linguagem se renova, quando se renovam os meios” (SANTOS, 2005, p. 151) e, no caso em questão, há o surgimento de um novo meio, as TIC's, as quais geraram uma renovação nos meios interacionais.

Nessa perspectiva, surgem novos gêneros, os quais, conforme Marcuschi (2010), têm suas origens nas complexas relações existentes entre um meio, um uso e uma linguagem. O teórico aborda o gênero como as

especificidades de determinado texto que surgem de modo responsivo à determinada prática recorrente em sociedade. Essas peculiaridades se referem ao todo inter-relacionado na produção textual, como a intenção comunicativa e o estilo formal e temático, os quais determinam certo padrão comunicativo do gênero, cujas regras são partilhadas por seus usuários.

Assim, à medida que surgem novos meios situacionais comunicativos, surgem novas organizações e administrações, as quais garantem a adequação ao novo enquadre comunicativo. Por essa razão, segundo o autor, o advento das tecnologias digitais, em conjunto com a *internet*, proporcionou o surgimento dos gêneros digitais, os quais ofereceram novos meios de comunicação à sociedade contemporânea, trazendo consigo outras formas de comportamentos linguísticos em ambientes digitais. Isso significa dizer que esse ambiente apresenta traços que impulsionam determinados usos interacionais diferentes dos já existentes.

Ademais, os gêneros são constituídos pela linguagem, da qual não podemos prescindir seu caráter eminentemente social e, como tal, representa signos ideológicos, representa um espaço de lutas, disputas e relações de poder. Nesse sentido, ela deve ser entendida não como um meio de transmissão e recepção de informações, dados, sentimentos, etc., veiculados de um emissor para um receptor, mas, como uma representação simbólica de visões de mundo, valores, significados, ideologias; representa a pluralidade de olhares dos mais diversos agentes sociais, os quais, por meio de suas práticas sociais, compreendem e percebem o mundo no qual estão inseridos.

Portanto, pode-se afirmar que a linguagem reflete e refrata a própria sociedade, comunica a posição que o falante ocupa. Com efeito, os gêneros constituem-se como “formas sociais de organização e expressões típicas da vida cultural” (MARCUSCHI, 2010, p. 19), nos quais a linguagem representa, dentre outros aspectos, as divisões de classes, no interior das quais emergem gêneros com suas especificidades.

Vale frisar que, conforme Marcuschi (2010), nas últimas décadas, com a emergência das mídias virtuais surgiu uma perspectiva situada de gênero, preocupada com a relação deste com sua realidade exterior, isto é, com a cultura, comunidade social, história e propósitos comunicativos.

Diante do exposto, é notório que, a partir da chegada das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), a interação entre os indivíduos passou a ter um novo meio – o ambiente virtual, no qual o indivíduo se encontra longe de pressões sociais presentes na interação face a face – trazendo mudanças comportamentais e linguísticas às interações sociais e, como reflexo, originaram os gêneros digitais, como o *email*, o *chat* e o *blog*.

2.2 O letramento digital: um olhar sobre a prática social da escrita

Anteriormente à discussão acerca do letramento digital propriamente dito, convém pontuar a respeito da conceituação do termo letramento (s), o qual consiste no “[...] conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social” (SOARES 1998, p. 72 apud ROJO, 2009, p. 96), desse modo, letramento deve ser entendido como a totalidade de atividades voltadas para leitura e escrita em sociedade.

Nessa vertente, Rojo (2009) evidencia que a aprendizagem ofertada pela instituição escolar, muitas vezes, abrange apenas um letramento, denominada, por ela, de alfabetismo, o qual privilegia competências e atividades *individuais* de escrita e leitura que, com efeito, não abarcam todas as práticas *sociais* do indivíduo, isto é, ações deste enquanto escritor e leitor em várias instâncias da vida em sociedade. Assim, a escola, na visão da autora, foca apenas em competências voltadas para o contexto escolar – único entre tantos outros espaços sociais frequentados pelos alunos. O que ocorre são valorizações pela escola a determinadas práticas de letramento em detrimento de outras. Assim, dentro dessa discussão, Hamilton (2004 apud ROJO, 2009) destaca a existência de letramentos

dominantes e “vernaculares”. Estes são oriundos da vida cotidiana, sendo assim, são comumente desvalorizados pela cultura oficial, enquanto aqueles são controlados por uma instituição, logo, necessitam de agentes, como professores, pesquisadores, autores de livros, etc.

A partir dessas ideias, a teórica destaca a importância de dar-se atenção a todas as práticas heterogêneas de letramentos expostas à sociedade, um deles – que inclusive se encaixa entre os letramentos “vernaculares” contemporâneos – concerne ao letramento oriundo da globalização. Com o advento desta, houve muitas modificações na sociedade; deu-se o surgimento e o amplo acesso a tecnologias digitais de comunicação e informação, as quais geraram significativas mudanças no processo de interação entre os indivíduos, exigindo, assim, novas práticas de letramentos.

raga (2013, p. 39) aponta que “na atualidade é um fato que, pelo menos no contexto dos centros urbanos, a sociedade, os meios de comunicação e a natureza linguística dos enunciados mudaram”. Para a autora, essas mudanças sociais propiciaram o surgimento da *Sociedade da Informação*, a qual impulsionou uma ampla difusão das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), como a rede de computadores e telefonia móvel, por exemplo.

Concomitantemente, novas formas de práticas comunicativas adequadas ao mundo digital passaram a existir e os mecanismos disponíveis para a veiculação de informações exigem do usuário digital, novos letramentos, dentro os quais, o digital, que concerne, segundo Coscarelli e Ribeiro (2005, p. 9) “[...] à ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever)”, sendo assim, a internet consiste em um novo meio de leitura e escrita, bem como, vale frisar, de pesquisa e proliferação de textos.

Outrossim, segundo Santos (2005), a alteração nos recursos linguísticos escritos utilizados nas tecnologias modernas é o reflexo da tentativa dos usuários de aproximar a escrita virtual da oralidade espontânea na

Interação *On-Line* (IOL), visto que ao utilizar a linguagem oral, em uma conversação face a face, o falante se apropria de certos recursos (como diferentes tons de voz, gestualidade, olhar) que são impossíveis de serem usados em uma comunicação mediada pelo computador; sendo assim, houve a necessidade de se criar outras ferramentas para a representação desses mecanismos conversacionais na virtualidade, objetivando o sucesso da interação. De tal forma, a textualidade da IOL é denominada por Santos (2005) como uma escrita “falada”, haja vista ser a imitação da fala espontânea, logo, os mecanismos da oralidade cotidiana são imitados na escrita *on-line*, apresentando informalidade na linguagem.

Similarmente, Halliday (1996 apud MARCUSCHI, 2010) destaca que com o surgimento das tecnologias digitais, os indivíduos, por empregarem traços da fala na escrita, realizam certa proximidade entre ambas, desse modo, há uma mistura de traços das duas modalidades em um único suporte. Portanto, tem-se uma “*nova relação com os processos de escrita*”. É o que se chamou de *novo letramento*.” (MARCUSCHI, 2010, p.77).

Nesse seguimento, vale pontuar que Martín-Barbero (2014, p. 45) discorre sobre a crítica diante dos meios audiovisuais, segundo a qual “[...] nos livros encontram-se o último resquício [...] do pensamento vivo, crítico, independente, diante da avalanche de futilidade, espetacularização [...] que constituiria a própria essência dos meios audiovisuais”, advinda de intelectuais, dentre os quais, há alguns que relaciona esses meios até mesmo com o fim do pensamento.

Para o autor, não cabe à escola simplesmente adotar este posicionamento, mas sim compreender as tecnologias de informação e comunicação como *tecnologias intelectuais*, isto é, estratégias de conhecimento para, por meio disso, levar os alunos a perceber a multiplicidade de discursos materializados no meio audiovisual, a partir da compreensão do sentido implícito nos diversos signos nele veiculados e, dessa forma, permitir que o educando participe de modo crítico e criativo na comunicação cidadã.

3 O *whatsapp* e suas práticas enunciativas

3.1 Descrição do aplicativo: suporte do gênero digital *chat*

De acordo com informações contidas na loja *on-line*³ em que está disponível o *download* do programa *WhatsApp Messenger*, este configura um aplicativo simples, pessoal e instantâneo que oferece serviços gratuitamente para trocas de mensagens, disponibilizado para *Android* e outras plataformas de telefonia móvel; apresenta conexão com a internet para o envio e recebimento de mensagens, chamadas, fotos, vídeos, documentos e chamadas de voz.

Araújo, Paula e Souza (2015) atestam que para a utilização deste aplicativo se faz necessário que o usuário apresente uma lista de contatos telefônicos que se apoderam do mesmo, bem como salientam a possibilidade do cadastramento do perfil, no qual, encontram-se ferramentas, como informações da conta, definições da forma de conversa, formas de notificação e lista de contatos. Neste perfil está disponível ao usuário o uso de foto e nome.

Outro recurso evidenciado por Araújo, Paula e Souza (2015) diz respeito à disponibilidade de uma gama de *emoticons*⁴ para serem acrescentados aos diálogos, proporcionando maior ludicidade à interação; é oferecido também o mecanismo de criação de grupos para interação, não tendo restrições quanto ao conteúdo abordado, desse modo, pode vir a ser de diferentes esferas comunicativas.

De maneira análoga, Barbosa (2016) evidencia que o *Whatsapp* permite o envio e recebimento de diversas semioses, por meio das quais o usuário pode interagir acerca de diferentes temáticas em conversas privadas ou grupais (de até duzentos e cinquenta e seis interagentes). Esses traços, para a autora, garantem dinamicidade ao ato comunicativo.

³ <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.whatsapp>

⁴ Os *emoticons*, citados pelos autores, são abordados na presente pesquisa como *emojis*.

Ademais, vale frisar, além dessas características quanto à estrutura e utilização do referido aplicativo, este comporta diversos outros traços que aqui não serão explanados, por não ser o objetivo deste trabalho.

Isto posto, considera-se, semelhantemente Leite e Silva (2015), o *Whatsapp* Messenger como um suporte do gênero digital *chat*, posto que este, conforme Marcuschi (2010), embora escrito, apresenta caráter síncrono (interação ao mesmo tempo) e realiza certa simulação da conversação espontânea face a face, possibilitando que, geralmente, os usuários tenham uma resposta rápida do receptor. Nessa perspectiva, “a linguagem dos bate-papos é de fato bastante livre e envolve, ao contrário de todos os demais gêneros textuais escritos e impressos, muitos elementos paralinguísticos” (MARCUSCHI, 2010, p. 54); traços similares aos da conversação mediada via *whatsapp*, que serão destacados no tópico de análise.

3.2 *Emojis*: elementos pictóricos presentes na interação via *whatsapp messenger*

A representação da linguagem não-verbal⁵, em interações virtuais, não surgiram em concomitância ao advento das interações *online*. Fernandes, Gomes e Oliveira (2016) asseguram que, inicialmente, não havia recursos na internet para a expressão dos elementos paralinguísticos da comunicação humana, sendo possível somente o envio da mensagem escrita, a qual era responsável por todo o conteúdo e interpretação das interações. Diante disso, houve a necessidade de criar mecanismos para a expressividade de informações que vão além do linguístico e que são de extrema importância para a completude da interpretação das mensagens. Assim, surgiram os *emoticons* e, posteriormente, os *emojis*.

Os chamados *emoticons*, formados a partir da junção dos elementos *emotion* (emoção) e *icon* (ícone), correspondem, segundo Fontes (2007

⁵ Compreendida, a partir de Bagno (2014), como todo tipo de linguagem expressa mediante signos não linguísticos, isto é, que não se configuram por meio do verbo, mas sim de recursos extralinguísticos, como a linguagem corporal, teatral, da dança, da pintura, etc.

apud FERNANDES, GOMES E OLIVEIRA, 2016), a elementos formados por caracteres gráficos presentes no teclado do telefone celular e computadores; tiveram origem no âmbito acadêmico pelo professor Scott Fahlman da Universidade de Carnegie Mellon, em 1982, para solucionar casos de incompreensão quanto à seriedade das mensagens eletrônicas repassadas na instituição, criando assim, os dois primeiros *emoticons*; um para o uso em mensagens sérias “:-(” e outro para recados referentes a brincadeiras “:-)”.

Com o passar do tempo e a evolução da internet, a proliferação desses elementos ultrapassou o ambiente acadêmico, passaram a ser utilizados também em outros ambientes, como em *e-mails* e bate-papos virtuais. Conseqüentemente, a quantidade aumentou significativamente, sofrendo diversas modificações, como a transformação em imagens gráficas, originando mais tarde, no Japão, os denominados *emojis*.

Compostos, etimologicamente, pela junção dos termos *e* (imagem) e *moji* (letra), os *emojis* são de origem japonesa e foram produzidos por Shigetaka Kurita, em 1995, para a utilização em uma empresa de telefonia móvel com o fim de chamar a atenção do público jovem. Esses elementos consistem em pequenas imagens concernentes a “um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que trans-mite a ideia de uma palavra ou frase completa” (BARBOSA, GOMES E SILVA, 2017, p. 1176). Em virtude do multiculturalismo⁶, os *emojis* passaram a serem utilizados mundialmente, segundo Fernandes, Gomes e Oliveira (2016), se tornando um recurso universal nas interações *on line*.

O aplicativo de mensagem instantânea *Whatsapp Messenger* consiste em um dos espaços que fornece aos interagentes tabelas de *emojis* para serem utilizados nas conversas, tendo em vista que, nos dizeres de Silva e Rocha (2017), a comunicação no aplicativo em pauta comporta como uns dos traços marcantes a utilização da linguagem informal, logo, permite a expressão de recursos não-verbais atrelados (ou não) à escrita.

⁶ Emprega-se esse termo, com base nos autores citados, como um fenômeno que consiste na proliferação de determinados elementos em diversos lugares do mundo.

O conjunto de *emojis* do *Whatsapp* é diversificado e constantemente perpassa por atualizações que trazem novos elementos ou novas aparências aos já existentes. Embora seja frequente a descrição desses recursos virtuais como mecanismos referentes à expressão de emoções e sentimentos, atualmente, os mesmos consistem na representação de uma diversidade de coisas e objetos para serem incrementados nas mensagens, tornando a interação mais dinâmica.

Assim, o quadro de *emojis* do aplicativo comporta diversas representações, como variadas expressões faciais humanas; gestos de mãos e braços; profissões (representadas pelo gênero feminino e masculino), ações humanas; utensílios e acessórios de homens e mulheres; famílias; casais; animais; plantas; flores; fases da lua; elementos celestiais; frutas; comidas; bebidas; objetos domésticos, escolares, de escritório, de diversão, musicais; representação de esportes diversos; ferramentas; troféus; símbolos; meios de transportes, de comunicação, dentre outros.

Vale frisar que após uma das atualizações ocorridas nos *emojis* do *whatsapp*, o conjunto de representações de famílias que antes concernia apenas a “casal heterossexual + filho (a) (s)”, aumentou, tendo a inserção de novas configurações, como “casal homossexual + filho (a) (s)” e “pais e mães solteiras + filho (a) (s)”, bem como casais de namorados homossexuais. Outrossim, houve inovações nas cores de determinados *emojis*; os que eram somente amarelos, passaram ter seis cores disponíveis, representando as diferentes raças humanas, a partir das quais o aplicativo fornece a opção para o usuário selecionar entre as cores a de sua preferência para utilizar na interação.

4 A Linguística da enunciação: um diálogo teórico-metodológico

A Linguística da Enunciação, conforme Flores e Teixeira (2012), consiste em um campo de saber constituído por diversas teorias que sustentam pontos de vistas divergentes entre si. Contudo, podem ser unidas neste campo (linguística da enunciação) devido apresentarem

uma ideia em comum que lhes garante um caráter unitário. Essa unidade teórica diz respeito, de modo geral, ao fato de todas defenderem que um estudo linguístico não deve restringir-se à abstração da língua (teoria saussuriana); mas sim, deve levar em consideração a concretização dessa língua por interlocutores.

Convém ressaltar, com base nesses teóricos, que a abordagem desse sujeito nas teorias da enunciação não o é propriamente dito, mas sim suas marcas presentes na enunciação, as quais são necessárias ao processo de construção de sentido do enunciado, uma vez que a preocupação dessa linguística debruça-se no *sentido* da língua proferida por um determinado sujeito e não em uma teoria *do* sujeito.

Nesse seguimento, “as marcas da enunciação no enunciado têm a especificidade de remeter às instâncias em que tais enunciados são produzidos, fazendo irromper o sujeito da enunciação” (FLORES E TEIXEIRA, 2012, p. 12). Assim, uma análise linguística sob o viés enunciativo da linguagem abrange, além das regras do sistema da língua, as representações do sujeito, bem como tempo e espaço da enunciação. Dessa forma, a língua é analisada a partir da particularidade de seu contexto.

Ademais, nesse âmbito da enunciação é importante atentar-se a determinadas terminologias para encaixá-las adequadamente à teoria enunciativa, como por exemplo, *frase* e *enunciado*. Koch (2004) assevera que a frase – equivalente à sentença – corresponde à unidade da língua enquanto um sistema de signos que se estrutura sob uma perspectiva gramatical, sendo sempre repetível. O enunciado, por sua vez, segundo a autora, corresponde à materialização da frase por um sujeito em interação com outro indivíduo que garante sentidos distintos (ao enunciado) cada vez que enuncia.

Esse sujeito da enunciação, convém destacar, caracteriza-se como sócio-historicamente situado, visto que “é determinado tanto por seu lugar subjetivo possível naquele determinado momento de sua enunciação quanto por sua exterioridade, pela história que o atravessa, o que faz

com que ele só tenha acesso a parte do que diz” (ORLANDI, 2005 apud PATTI, 2012, p. 18), ou seja, posiciona seu dizer sempre a partir do espaço e tempo no qual está inserido e se submete à língua e à história, pois é a partir destas que se constitui e produz sentidos, conforme pondera a autora.

Nesse domínio,

A Teoria da enunciação tem por postulado básico que não basta ao linguista preocupado com questões de sentido descrever os enunciados efetivamente produzidos pelos falantes de uma língua: é preciso levar em conta, simultaneamente, a *enunciação* – ou seja, o evento único e jamais repetido de produção do enunciado. Isso porque as condições de produção (tempo, lugar, papéis representados pelos interlocutores, imagens recíprocas, relações sociais, objetivos visados na interlocução) são constitutivas do sentido do enunciado [...] (KOCH, 2004, p. 12, grifo da autora).

Assim, se o sentido do enunciado reside no contexto em que este é produzido, uma teoria da linguagem profícua deve dar devida atenção a essas condições de produção⁷. Para abordar mais precisamente essa questão da linguística da enunciação, infere-se ser pertinente discorrer sobre aspectos de dadas concepções teóricas enunciativas, mais específicas, que comprovam as afirmações supracitadas. Dentro desse campo, destacam-se teorias de Émile Benveniste e Mikhail Bakhtin.

Émile Benveniste – principal representante da enunciação – segue os princípios saussurianos a respeito da compreensão em torno da conceituação de sistema linguístico, contudo, segundo Flores e Teixeira (2012, p. 30) “[...] apresenta meios de tratar da enunciação ou, como ele mesmo diria, do *homem na língua*. Esta é a inovação de seu pensamento: supor sujeito e estrutura articulados”. Portanto, propõe um estudo linguístico no qual o sujeito deve ser levado em consideração.

Flores e Teixeira (2012) afirmam que Benveniste aborda a respeito dos níveis de significação da língua que, para ele, dividem-se em dois: o

⁷ Essas condições de produção, segundo Kronka (2003), determinam a produção, recepção e interpretação de textos.

semiótico e o *semântico*. O semiótico é concernente à significação oriunda majoritariamente do sistema linguístico, voltada às suas leis de organização. Por outro lado, o nível semântico origina-se da ação do locutor sobre a língua utilizada. Nessa perspectiva,

É necessário enfatizar a diferença percebida nos dois níveis quanto ao tratamento dado à referência. No semiótico, ela está ausente; no semântico, é definidora do sentido porque este se caracteriza pela relação estabelecida entre as ideias expressas sintagmaticamente na frase e a situação de discurso. [...] Benveniste, ao propor um nível de significado que engloba referência aos interlocutores, apresenta um modelo de análise da enunciação em que os interlocutores referem e correferem na atribuição de sentido às palavras (FLORES E TEIXEIRA, 2012, p. 32).

Assim, ao tratar da referência e correferência dos interlocutores envolvidos na construção de sentido dos enunciados, o linguista demonstra que, no processo comunicativo, o locutor profere o enunciado de acordo com suas intenções e o leitor o compreende a partir das representações contidas nele e de suas vivências individuais. De tal modo, a interpretação de um enunciado advém da relação entre os interlocutores e destes com a sociedade.

A partir disso, pode-se abordar o conceito de intersubjetividade presente na obra do linguista. Este termo, dentro da concepção em questão, conforme Flores e Teixeira (2012), refere-se ao fato de, na interação linguística, ter-se a inversibilidade quanto à utilização do par de pronomes pessoais “eu/tu”, ou seja, devido à troca entre estes, cada sujeito constitui-se no discurso. Em outras palavras, o sujeito constitui-se como tal devido estar constituído pelo outro. Nesse sentido, para a concepção benvenistiana,

O fundamento intersubjetivo em que “Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será minha alocação um *tu*” é constitutivo da pessoa em função da inversibilidade. Assim, “a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu

discurso” e ao outro como “tu” (FLORES E TEIXEIRA, 2012, p. 33, grifos dos autores).

Corroborando essa sustentação, ao tratar da teoria de Benveniste, Koch (2004, p. 13, grifo da autora) pondera que “em função do *eu* caracterizam-se o *aquí*, o *agora* e todas as coordenadas espaço-temporais. *Eu* e *tu*, porém, são reversíveis [...] o interlocutor pode passar a designar *eu* [...] e assim sucessivamente”, logo, o sujeito se concebe subjetivamente devido à intersubjetividade, isto é, à troca com o outro.

Ademais, para Benveniste (1989, p. 82 apud FLORES E TEIXEIRA, 2012, p. 35) “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” na qual o sujeito se apropria da língua e a partir disso a semantiza, pois quando enuncia, o sujeito transforma o sistema linguístico em discurso, assim, nessa transição atribui sentido a ele.

Este ato individual de utilização garante, para o linguista, a irrepetibilidade do enunciar, devido ser composto por elementos (subjetivos) fundamentais jamais repetíveis no uso da língua: tempo/espaço/pessoa. Esses elementos dizem respeito à referência do locutor ao enunciar, a qual faz parte da enunciação. Nesse viés, segundo Flores e Teixeira (2012, p. 37) a teoria de Benveniste sustenta que “[...] não podemos prever ou fixar a referência da frase [...] esta é sempre única a cada instância de discurso”, portanto, cada vez que se apropriam da língua, os sujeitos geram sentidos sempre novos.

Assim, o sentido do enunciado é dependente do sujeito que o enuncia. A centralidade da referência está no sujeito e na enunciação e esse fato “[...] faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno” (BENVENISTE, 1989, p. 84 apud FLORES E TEIXEIRA, 2012, p. 40), desse modo, o locutor é, em primeira instância, o parâmetro da enunciação, o qual, após a concretização da língua, provoca outra enunciação, esta agora, advinda do interlocutor. Com base nisso, a

teoria benvenistiana, segundo Flores e Teixeira (2012), caracteriza a língua como dêitica⁸.

Mikhail Bakhtin também faz parte dos teóricos da linguística da enunciação, cuja teoria apresenta um modelo de análise linguística “[...] na qual forma e uso articulam-se no processo de constituição de sentidos no discurso” (FLORES E TEIXEIRA, 2012, p. 45) e semelhante a Benveniste trata de questões como a intersubjetividade e a enunciação como referência individual na interação social, sempre com sentidos novos.

Nesse sentido, na concepção bakhtiniana, o sentido da língua surge somente quando esta é proferida por um locutor pertencente a uma determinada comunidade linguística e se situa em determinado momento histórico. Portanto, essa teoria sustenta que “[...] toda a enunciação está impregnada de conteúdo ideológico [...]” (FLORES E TEIXEIRA, 2012, p. 49), por esta razão, o sentido da língua nunca está separado do sujeito. Logo, convém ressaltar, a linguagem é constituída e constitutiva de ideologias.

E esse sujeito, para enunciar, segundo Flores e Teixeira (2012), precisa estar em diálogo com o outro, o qual não se restringe à presença física, pode também estar representado virtualmente no enunciado. Assim, a enunciação tem como intermédio a interação verbal entre seres sociais. Nessa interação, um mero sinal passa a ser signo, justamente porque é nessa passagem que a língua se transforma em discurso e adquire sentido no contexto interacional.

Diante disso, de acordo com Flores e Teixeira (2012, p. 51) “a matéria linguística adquire significação em um processo ativo e responsivo, isto é, intersubjetivo”, logo, o sentido do enunciado, na teoria de Bakhtin, não se encerra no falar do locutor, a compreensão de um discurso pelo receptor nunca é passiva; ao compreender ele age a partir de sua particularidade, a qual pode ser similar ou não a do locutor. Ademais, a presença do outro é essencial na enunciação, pois todo discurso é proferido com

⁸ Dêixis, na obra do teórico em questão, diz respeito a elementos que adquirem sentido apenas a partir da enunciação de “eu”. Vale frisar que “eu” não consiste somente a um sujeito dentro da enunciação, mas sim aos interlocutores, por causa do processo de inversibilidade.

base no *outro*, assim, uma análise linguística deve sempre considerar a relação dialógica da linguagem.

Outrossim, a perspectiva de Bakhtin, segundo Flores e Teixeira (2012), aborda a diferenciação entre uma oração e uma enunciação. A primeira consiste em um constituinte estritamente da língua, logo, não comporta uma existência real, tem um aspecto apenas gramatical e, dessa forma, seu valor semântico é a significação. A enunciação, por outro lado, é pertencente à comunicação verbal e sua existência se dá em um dado momento histórico, sendo permeada por conteúdo ideológico e tendo como referência o sujeito.

Em suma, convém destacar, as teorias da enunciação abordadas nesta seção não estão em sua totalidade; destacou-se aspectos das obras de alguns linguistas para evidenciar que esta área surgiu em prol da defesa de uma abordagem linguística na qual a língua deve ser vista não somente como um sistema de signos organizados, mas também enquanto atividade interacionista de sujeitos situados em uma comunidade linguística, num dado momento histórico, com determinados objetivos comunicacionais, haja vista que o sentido da linguagem emana desse meio.

5 A enunciação e as relações de sentido: uma análise das especificidades em interações via *whatsapp messenger*

5.1 Recursos de natureza não-verbal: os *emojis* e a linguagem historicamente situada

No aplicativo *Whatsapp Messenger*, o usuário tem à sua disposição múltiplas semioses como recursos para o envio de mensagens, como o texto escrito, imagens e vídeos. A presente pesquisa consiste, em primeira instância, numa análise do uso de uma dessas semioses, os chamados *emojis* – linguagem pictórica⁹. Esses elementos são utilizados nas intera-

⁹ Comunicação mediada por imagens.

ções *online* com vistas a dinamizar as mensagens, fortificá-las, ou mesmo representá-las por completo. Para tanto, serão analisadas capturas de conversas realizadas no *whatsapp*, com base na teoria dos gêneros textuais e, principalmente, da linguística da enunciação.

O *whatsapp* é um aplicativo que consiste num mecanismo comunicacional recente na sociedade contemporânea, seu lançamento é datado do ano de 2009. A partir de então, seu uso expandiu-se de modo significativo no mundo afora, razão por que sua utilização tornou-se uma ação frequente, o que demandou inovações no gênero digital *chat* – cujo suporte é o referido aplicativo. A imagem abaixo (fig. 1) demonstra um exemplo dessa prática social, na qual os *emojis* são utilizados como recursos interacionais.



Figura 1. Interação sobre o lanche da tarde, ocorrida no aplicativo *Whatsapp Messenger*


A partir dessas capturas, atesta-se, com suporte na visão de Marcuschi (2010), que a caracterização de um gênero textual se dá por intermédio das relações existentes entre um meio, um uso e uma linguagem, tendo em vista que, no caso em questão, a interação é realizada pelo meio virtual, o qual oferece usos sociais, culturais e comunicativos diferentes dos existentes, como a possibilidade de compartilhar um acontecimento do cotidiano por meio da escrita, estando distante do interlocutor e, mesmo assim, tendo um retorno rápido; tudo isso por intermédio de uma linguagem informal, caracterizada pelo uso de dife-

rentes semioses, como, neste caso em específico, a escrita e a imagem (*emojis*).

Ademais, com base no mesmo autor, cabe mencionar que um gênero se caracteriza pelas especificidades de determinado texto que surge de modo responsivo à determinada prática recorrente em sociedade. Essas peculiaridades se referem ao estilo – o qual, neste exemplo em evidência, compreende o emprego da linguagem informal permitida na interação mediante o uso de abreviações, *emojis* e repetições sequenciais de letras –, bem como à temática da conversa em análise diz respeito a um conteúdo do cotidiano (lanche). Portanto, com base neste diálogo, infere-se que o *chat* via *whatsapp* tem como certo padrão comunicativo o uso de uma linguagem informal, a partir da qual os temas do cotidiano podem ser compartilhados.

Nesse sentido, compreende-se que a interação mediada pelo *whatsapp* se organiza mediante o gênero digital *chat*, uma vez que, de acordo com Marcuschi (2010), este gênero comporta caráter síncrono (interação ao mesmo tempo) – verificado por meio do horário das mensagens – e realiza certa simulação da conversação espontânea face a face, possibilitando que os usuários tenham uma resposta rápida do receptor mediante o uso de uma linguagem livre composta por elementos paralinguísticos.

Logo, é evidente, neste exemplo, a quantidade significativa de *emojis*; ora atrelados à escrita, ora não, tornando o diálogo mais dinâmico e próximo da oralidade espontânea, caracterizando-se, assim, como uma escrita “falada”, conforme destacado por Santos (2005), posto que se identifica nas possíveis expressividades dos sujeitos, por meio dos *emojis* – elementos que configuram um novo comportamento linguístico ofertado pelas mídias digitais, cuja utilização, como pondera Marcuschi (2010), se dá, pelos sujeitos, com vistas a adequarem-se ao novo enquadre comunicativo, neste caso, impulsionado pelo ambiente virtual.

Nesse contexto, destaca-se a vasta funcionalidade dos *emojis* na interação em pauta, os quais foram aplicados em substituição às palavras como, por exemplo, o vocábulo banana () , os verbos olhar/verificar (

😬) e andar (👉); bem como na expressividade de sentimentos, como espanto (😱) e tristeza (😞); expressões faciais (😬) e movimentos corporais (👉). Essa substituição, supõe-se, promoveu rapidez à comunicação mediada pelo *whatsapp* – cujo traço significativo, conforme Silva e Rocha (2017) é o uso da linguagem informal, permitindo, assim, o emprego da linguagem não-verbal – ao invés de escrever “banana”, “estou triste”, “estou espantada”, “cama”, “tchau”, etc, os sujeitos aplicaram os *emojis*, que proporcionam mais dinamicidade e naturalidade à conversa virtual, o que apenas a escrita não faria.

Cabe frisar também que a capacidade de se desvelar o sentido proveniente dessas enunciações dadas mediante os *emojis*, se faz possível devido ao contexto imediato do enunciado, ou seja, às condições de produção – tempo, espaço, papéis representados pelos interlocutores, reciprocidade e objetivos comunicacionais, como pautado por Koch (2004). Na interação em pauta, os sujeitos envolvidos se encontram em uma época na qual a interação mediada pelo *whatsapp* é muito recorrente, de tal maneira, com base em Rojo (2009), são indivíduos letrados digitalmente, tendo capacidade para usar e interpretar os mecanismos ofertados pelo espaço virtual, como o emprego adequado dos *emojis*.

Diante disso, compreende-se que, conforme o exemplo, na terceira fala da interação, um sujeito, assumindo a posição de EU, respondendo ao enunciado de TU (da primeira e segunda fala), demonstra-se espantado, por meio da linguagem não-verbal (*emoji*), devido ao contexto imediato, em que, possivelmente o TU havia enunciado, no momento anterior, que comeria a fruta e posteriormente verificou a impossibilidade desse ato.

Em prosseguimento, as reações de tristeza advindas como resposta, comprovam a concepção bakhtiniana relativa ao fato de a língua adquirir sentido mediante um processo ativo e responsivo, tendo em vista que o sujeito do enunciado anterior reagiu/agiu por meio da linguagem não-verbal transmitindo espanto quanto ao dito e o outro sujeito, de modo responsivo, compreendeu similarmente, verificando o fato narrado como

inacreditável, respondendo, assim, com um único *emoji* (de choro) e, posteriormente, com um texto escrito junto a outro *emoji* (possivelmente, também de tristeza). Logo, percebe-se que os dois sujeitos agiram e reagiram a partir de um mesmo sentido.

Nesse domínio, o processo de reversibilidade da enunciação é preponderante para a compreensão efetiva da interação, uma vez que, na teoria bakhtiniana, como postulado por Flores e Teixeira (2012, p. 51) “a matéria linguística adquire significação em um processo ativo e responsivo, isto é, intersubjetivo”, logo, o sentido do enunciado, não se encerra no falar do locutor.





A seguir, analisar-se-á o próximo exemplo (fig. 2)



Figura 2. Interação sobre a futura vinda de um bebê, ocorrida no aplicativo *Whatsapp Messenger*

Nesta conversa, é verificável que a temática centra-se na notícia dada por um dos sujeitos, a qual diz respeito ao advento de um bebê (“uma nova princesa”) que, pressupõe-se, ser sua filha. A mensagem é repassada pelo texto escrito, contudo, principia por um *emoji*, cuja expressividade revela o estado de alegria do sujeito perante o seu dito. E a sequência de mensagens advindas dos interagentes demonstram carinho/amor em abundância acerca da mensagem inicial.

Aqui, cabe destacar o fato de, para a concretização da linguagem, os sujeitos assumirem o papel de EU e posteriormente de TU por intermédio da reversibilidade, haja vista ser perceptível que o primeiro sujeito repassou a mensagem em função dos outros sujeitos (que estavam ocupando a posição de TU no momento), encaminhando-a a eles e, dessa forma, suscitando uma resposta, fazendo com que assumam a posição de EU no momento do enunciar. Essa realidade comprova a teoria de Benveniste, conforme a qual, segundo Flores e Teixeira (2012), na interação linguística, devido à troca entre o par de pronomes pessoais “eu/tu” cada sujeito constitui-se no discurso.

Nesse seguimento, a pessoa que afirma já saber da informação, antes mesmo desta ser repassada, envia caracteres que demonstram amor () e emoção () enquanto as outras ainda estão demonstrando que estão presentes (/), aguardando a mensagem. Posteriormente à notícia da vinda de um novo bebê à família, todos expressam emoção com a notícia, mediante a sequência de corações advinda após o dito.

A partir disso, averigua-se o dizer de Fiorin (2004) acerca de a ideologia não existir desvinculada da linguagem, tendo em vista que a linguagem não-verbal empregada nos enunciados revela a ideologia dos sujeitos, isto é, a visão de mundo destes quanto ao futuro nascimento de um bebê, visão esta que, no contexto comunicativo em questão, demonstra ser positiva, devido aos sujeitos indicarem ver como algo satisfatório a vinda daquele bebê.

Nesse sentido, os *emojis*, utilizados nos enunciados em foco, constituem, com base em Bakhtin (2012), signos ideológicos, uma vez que expressam algo para além de sua singularidade, pois não são apenas representações de um simples coração vermelho, de choro, de alegria, de paixão, mas sim a visão de mundo desses sujeitos que se demonstram receptivos, vendo como algo bom a vinda de um novo integrante à família. Logo, estão inseridos em um mesmo grupo social, o qual vê o nascimento de uma criança positivamente, haja vista, conforme Barros (2001), a ideologia estar ligada a determinado grupo social, dentro do

qual os integrantes agem similarmente, compartilhando os mesmos valores e ideias.

Portanto, nota-se que a marca desse (s) sujeito (s) é necessária para a verificação da enunciação em torno dos enunciados, isto é, do sentido desta, comprovando a concepção benvenistiana, segundo a qual o sentido do enunciado é dependente do sujeito que o enuncia, pois para compreender-se a ideologia subjacente aos *emojis* de coração, por exemplo, precisa-se ter em vista as condições de produção, como o objetivo interacional de repassar a notícia mencionada, as imagens recíprocas, as respostas advindas dos interlocutores, etc; a partir disso, atesta-se que discurso e ideologia são indissociáveis, como ponderado por Barros (2001). Esse aspecto será também destacado na próxima análise.



Figura 3. Interação sobre a cor de emoji, ocorrida no aplicativo

Figura 4. Interação sobre o narrar de um acontecimento, ocorrida no aplicativo Whatsapp Messenger

Nesta interação (fig. 3), é notável o emprego de um caractere a partir do recurso descrito no tópico dos *emojis*, a respeito da possibilidade ofertada pelo aplicativo *Whatsapp Messenger* de o usuário selecionar uma cor/raça para utilizar em determinados *emojis*, como as mãos empregadas na conversa. Destaca-se que, como resposta ao uso das mãos na cor negra, o sujeito (TU) para o qual o *emoji* fora direcionado – ocupando a posição de EU pela troca de papéis –, de certa forma, reprova e interro-

ga o porquê da referida cor, haja vista a pessoa ser branca, ao passo que o outro sujeito responde utilizar de todas as cores, isto é, de todas as raças.

Diante disso, pode-se pressupor, a pessoa que se mostra, aparentemente, contrária ao emprego do *emoji* na cor negra, demonstra em seu discurso, tanto escrito quanto imagético () acreditar que os sujeitos devem usar a cor correspondente à sua raça. Por esta razão, transpassa, por meio da linguagem, uma visão negativa quanto à raça negra, atitude que pode ser entendida como preconceito racial, devido à estranheza perante o enunciado; por sua vez, o sujeito que utilizou a mão preta e declarou usar todas as cores (embora seja branco), mediante a linguagem verbal e não-verbal (👊), demonstra-se não-preconceituoso quanto à diversidade racial existente na sociedade, não vendo problema em fazer uso de todas as cores, correspondentes às raças, disponíveis no aplicativo.

De maneira análoga, o sujeito da outra interação (fig. 4) – ocorrida no grupo “Família Pereira”, contato nomeado como “Tio Marcos” –, embora não faça comentários concernentes às cores dos *emojis*, acredita-se que, devido fazer uso deles em cores distintas (uma clara e outra escura), indica não ver problemas em utilizar as diferentes cores e, assim, não ser preconceituoso quanto às raças humanas. Dessa forma, verifica-se que a ideologia tem origem na realidade social, sendo o meio da interação entre os sujeitos, como postulado por Bakhtin (2012). Em vista disso, evidencia-se que os sujeitos envolvidos, nas duas interações em foco, revelam, mediante a linguagem, a forma como veem o mundo.

Portanto, essas capturas do *whatsapp* elucidam a concepção bakhtiniana segundo a qual “[...] toda a enunciação está impregnada de conteúdo ideológico [...]” (FLORES E TEIXEIRA, 2012, p. 49). Cabe destacar, são sujeitos inseridos em um mesmo momento histórico, mas com visões de mundo diferentes, pois a sociedade provoca isso. Ademais, o preconceito racial – que sabe-se ainda ser muito presente no mundo contemporâneo – ao ser inferido nas entrelinhas, deixa evidente que tempo e

o espaço são elementos referenciais do sujeito ao enunciar, como afirma a teoria benvenistiana.

Na enunciação seguinte (fig. 5), também se convalida a intrínseca relação entre discurso e ideologia.

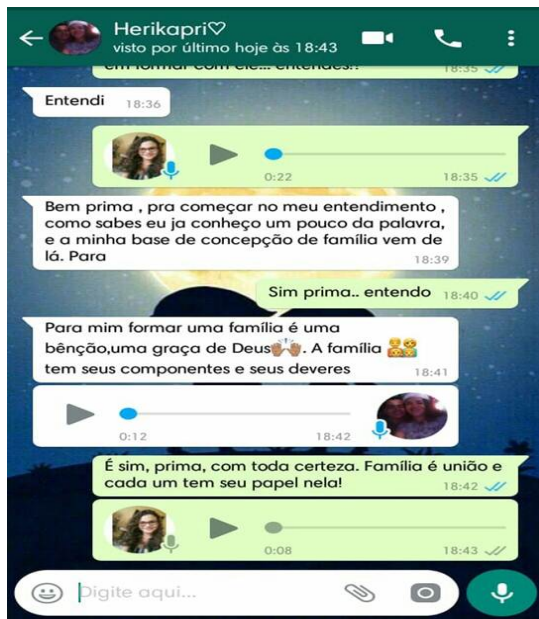


Figura 5. Interação sobre concepção de família, ocorrida no aplicativo WhatsApp Messenger

Nesta interação, mediante o áudio de 22 segundos, infere-se que fora posto em discussão, provavelmente, o conceito de família, momento em que o sujeito (o TU) respondera, primeiramente, baseado numa visão bíblica, isto é, a partir da palavra de Deus. Posteriormente, num outro enunciado, esse sujeito emprega um *emoji* representando uma família, formada por um casal heterossexual + filhos.

Com suporte nisso, ratifica-se que não há separação entre linguagem e ideologia, a qual, enquanto visão de mundo, configura, como abordado por Barros (2001), um sistema de valores concernentes ao conjunto de normas e regras de uma sociedade. Isto posto, mediante a linguagem, tanto verbal quanto não-verbal, o sujeito, ao responder a mensagem de áudio, demonstra conceber uma família apenas sob a

perspectiva tradicional, formada por casais héteros e filhos, deixando evidente os seus valores.

Na interação abaixo (fig. 6), constata-se um posicionamento divergente ao anterior, quanto à constituição de uma família.



Figura 6. Interação sobre o futuro de um casal, ocorrida no aplicativo Whatsapp Messenger

Nestes enunciados, verifica-se o uso de *emojis* representantes de casais homossexuais, formados por dois homens. Convém destacar, primeiramente, o postulado benvenisteano acerca de o sentido do discurso advir dos fenômenos de referência e correferência, o que pode ser percebido no enunciado em que há o casal ao lado de uma casa. Nesse caso, um dos sujeitos, proferindo seu discurso a partir de sua intenção comunicativa, fizera referência, supõe-se, a sua vontade de formar uma família; o outro sujeito, por sua vez, a partir da linguagem não-verbal, correferiu a mesma vontade, compreendendo o sentido e enunciando seu desejo em aceitar o convite. Desse modo, respondera com a mesma sequência de *emojis*, acrescentando um cachorro.

Assim, verifica-se que, por intermédio da linguagem não-verbal empregada, os sujeitos envolvidos formam um casal homoafetivo e compreendem que podem formar uma família, o que inclui morar juntos admitindo a presença de um cachorro. Fica claro que a visão de família dos sujeitos envolvidos nesse diálogo não corresponde àquela de uma família tradicional.

Por esta razão, constata-se que o discurso propagado pela linguagem dos *emojis*, na interação em foco, revela o lugar desses sujeitos na sociedade, os quais acreditam na possibilidade de dois homens formarem uma família. Esse aspecto encontra eco no que afirma Fiorin (2004) referente a não existência da ideologia fora da linguagem – entendida no seu sentido amplo de comunicação verbal e não verbal.

Assim, com base na teoria bakhtiniana, assevera-se que esses *emojis*, ao serem empregados nas duas interações acima (fig. 5 e fig. 6), transformam-se de meros sinais a signos ideológicos, pois, no momento em que os sujeitos os utilizam, atribuem-lhes sentido, tornando-os discursos e, nessa transição, eles adquirem determinado sentido no contexto da interação, o qual, vale frisar, é exterior às suas singularidades.

Esses *emojis*, ao tornarem-se discursos, não representam apenas um casal homoafetivo ao lado de uma casa, mas também a manifestação dessas pessoas por meio da linguagem. Nesse âmbito, elas assumem papéis de sujeitos inseridos num dado tempo e espaço e revelam-se no modo como expressam sua visão de mundo, nesse caso específico, a maneira como concebem a formação de uma família. Esse aspecto corrobora o que afirmam Flores e Teixeira (2012), com base em Benveniste, sobre o fato de, na interação linguística, ter-se a inversibilidade quanto à utilização do par de pronomes pessoais “eu/tu”, ou seja, devido à troca entre estes, cada sujeito constitui-se no discurso. Em outras palavras, o sujeito constitui-se como tal devido estar constituído pelo outro.

Diante das análises empreendidas, compreende-se que, a depender do contexto, o sentido proveniente de determinados *emojis*, nas interações via *whatsapp*, surge a partir da troca reversível entre interlocutores,

pertencentes a uma determinada comunidade linguística, situados num determinado tempo e espaço. Sentido este correspondente à visão de mundo desses sujeitos, a qual está atrelada à linguagem não-verbal empregada por eles – fato que leva a depreender-se que esta é constituída e constitutiva de ideologias.

Considerações Finais

Em virtude do exposto, compreende-se que as interações mediadas pelo *whatsapp* organizam-se mediante o gênero digital *chat*, o qual abarca um meio, um uso e uma linguagem específicos. Dentre as especificidades da linguagem, destacou-se o emprego dos *emojis* – com sua ampla funcionalidade –, cuja construção dos sentidos subjacentes, verificou-se, se configura, em dadas situações, de acordo com os postulados da Teoria da Enunciação, conforme os quais a materialização da linguagem ocorre por meio da troca reversível entre interlocutores num processo ativo e responsivo, de referência e correferência, em que o sujeito revela seu lugar na sociedade, isto é, sua visão de mundo, cuja percepção advém das condições de produção de cada enunciado.

Isto posto, convém pontuar que essas interações consistem em uma prática de letramento, tendo em vista que, conforme Soares (1998 apud ROJO, 2009), este envolve o conjunto de atividades voltadas para leitura e escrita em sociedade; mais precisamente, as conversas analisadas referem-se às práticas de letramento digital, o qual diz respeito ao contato com a escrita e leitura no meio digital. Sendo assim, destaca-se a necessidade de a escola atentar-se para esses tipos de letramentos ocorridos fora do âmbito escolar.

A partir dessa pesquisa, verifica-se que os meios audiovisuais não são um espaço reduzido a futilidades e projeções irracionais ou mesmo o fim do pensamento, como pensam certos intelectuais, segundo afirma Martín-Barbero (2014); neles os sujeitos agem de modo reflexivo em

consonância com suas intenções comunicativas e a partir de um determinado contexto social.

Logo, similarmente ao teórico mencionado, defende-se a importância de o professor compreender as tecnologias de informação e comunicação como estratégias de conhecimento e, por meio disso, levar os alunos a perceber o exterior da linguagem, isto é, a multiplicidade de discursos materializados no meio audiovisual, a partir da compreensão do sentido implícito nos diversos signos nele veiculados, permitindo, dessa forma, que o aluno participe de modo crítico e criativo da comunicação cidadã.

Referências

- ARAÚJO, Daniel Costa de; PAULA, Diego Alves de; SOUZA, Juliana Lopes de Almeida. Mídia social whatsapp: uma análise sobre as interações sociais. **Revista Alteior**, São Paulo, v. 01, p. 140-145, jan./jun. 2015.
- BAGNO, Marcos. Da língua para a linguagem até a linguística. In: _____. **Língua, linguagem e linguística: pondo os pingos nos ii**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.
- BARBOSA, Eline Araújo dos Santos. **Linguagem e interação no whatsapp**. 2016. 94f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Fundação Universidade Federal de Rondônia / UNIR, Rondônia, 2016.
- BARBOSA, Vanderlis Legramante; GOMES, Nataniel dos Santos; SILVA, Dagmar Vieira Nogueira. Observações sobre o texto e o sentido na era dos *emojis*. **Revista Philologus**, Ano 23, N° 69. Rio de Janeiro: CIFEFiL, set./dez.2017.
- BRAGA, Denise Bértoli. Tecnologia da informação e comunicação e novos letramentos. In: _____. **Ambientes digitais: reflexões teóricas e práticas**. São Paulo: Cortez, 2013.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. 3. ed. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2001.

COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa (orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: autêntica, 2005.

FERNANDES, Patrícia Damasceno; GOMES, Nataniel dos Santos; OLIVEIRA, Leticia de. **Leituras e emojis em um mundo globalizado**. Revista Philologus, Ano 22, N° 66 Supl.: Anais da XI JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFIL, set./dez.2016.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 8. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Série Princípios, 2004.

FLORES, Valdir Nascimento do; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à linguística da enunciação**. 2. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. A teoria da enunciação. In: _____. **A interação humana**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

KRONKA, Graziela Zanin. **Análise do discurso e linguística textual: interação e interdiscursividade**. Anais do 5º Encontro do Celsul, Curitiba-PR, 2003.

LEITE, Natália Costa; SILVA, Marden Oliveira. **Whatsapp: caracterização do gênero chat em contexto de ensino de línguas estrangeiras**. Minas Gerais [S.I.], v. 8. n. 1, p. 85-97, 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre/article/viewFile/7365/7696>>. Acesso em: 22 dez. 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (org's). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. O livro e os meios: crítica da razão dualística. In: _____. **A comunicação na educação**. São Paulo, Contexto, 2014.

PATTI, Ane Ribeiro. **A noção de sujeito discursivo**. Fragmentum, n. 32. Laboratório Corpus: UFSM, Rio Grande do Sul, jan./marc. 2012.

SANTOS, Else Martins. Chat: e agora? Novas regras- nova escrita. In: COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa (orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: autêntica, 2005.

SILVA, Ivanderson Pereira da; ROCHA, Fernanda de Burgos. Implicações do uso do whatsapp na educação. **Revista EDaPECI**, v.17. n. 2, p. 161-174, São Cristóvão (SE).mai./ago. 2017.

ROJO, Roxane. Letramentos (s): práticas de letramento em diferentes contextos. In: _____. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

Capítulo 04

A mulher de trinta anos e os anos depois

*Ana Júlia da Silva*¹

*Cristiane de Mesquita Alves*²

*Jenifer Hillary da Silva Lima*³

*Laura Rayane da Rocha Leite*⁴

Introdução

A grandiosidade das obras do escritor francês Honoré de Balzac, coloca-o dentre os grandes da Literatura universal. Neste sentido, reunimos algumas informações sobre o autor e suas obras para compor esta discussão. Balzac, ao longo de seus 21 anos, enquanto autor, dedicou-se ao trabalho da escrita, em média 88 livros que integram a coletânea chamada *A comédia humana* esta, por sua vez, foi destacada, como quanto ao tamanho, das mais numerosas e importantes de seu período. Balzac foi um dos precursores do movimento literário realista. Em suas obras, buscava relatar com extrema precisão a realidade próxima ao de sua época, bem como exprimia e explorava, da mesma maneira que os demais escritores realistas, os aspectos verossímeis em suas produções. O

¹ Graduanda em Letras Licenciatura Plena em Língua Portuguesa. Universidade do Estado do Pará (UEPA). Campus São Miguel do Guamá – Campus XI.

² Professora e pesquisadora da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC da Universidade da Amazônia (UNAMA). Bolsista PROSUP/CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa Interfaces do Texto Amazônico (GITA).

³ Graduanda em Letras Licenciatura Plena em Língua Portuguesa. Universidade do Estado do Pará (UEPA). Campus São Miguel do Guamá – Campus XI.

⁴ Graduanda em Letras Licenciatura Plena em Língua Portuguesa. Universidade do Estado do Pará (UEPA). Campus São Miguel do Guamá – Campus XI.

que fica evidente na personagem Júlia, na ocasião em que é obrigada, por convenções sociais e matrimoniais, a permanecer em um casamento infeliz, como uma crítica a uma proposta de idealização romântica que comumente é relacionada ao casamento, tornando-se desta forma, uma das maiores obras que precederia o Realismo europeu. Seguindo essa linha de pensamento sobre o Realismo, é importante pontuar que a ideia de que sua construção literária tenha sido inspiração e paradigma estrutural para grandes escritores como Machado de Assis e Marcel Proust (FITZ, 2016).

Balzac dispunha de um interesse notável pela Filosofia e por livros científicos em geral, que certamente foi de grande valia para o desenvolvimento esmiuçado sede questões referentes à essência do relacionamento matrimonial de Júlia e Victor na história.

Além disso, uma construção literária tão marcante, não somente no período em que foi produzida, como também até hoje, não poderia passar em branco e de fato não foi assim. Das páginas aclamadas de um livro produzido no século XIX, é possível notar a presença viva e a pavimentação de um caminho percorrido para a esfera musical da produção de Balzac no que concerne à visão da mulher mais velha e que consegue ser interessante, ou seja, um recorte da narrativa ganha tons e melodias nas canções da MPB brasileira.

Assim, para melhor entendimento das ideias a serem trabalhadas neste artigo, este será organizado sistematicamente em duas seções. Na primeira, dedicaremos a tratar e apresentar as personagens femininas de destaque em *A Mulher de 30 anos*, Júlia e Helena. Trata-se de uma ocasião que se faz necessário levantar discussões acerca do desenvolvimento destas mulheres pela ótica – autor e sua caracterização, no interesse nessa edificação, como forma de compreensão dos aspectos e pormenores envolvidos no cenário sociocultural do período correspondente. Em seguida, em soma ao entendimento adquirido no primeiro tópico, e a partir dele, na segunda seção, desenvolver, como a sua própria denominação sugere *A mulher dos 30 anos e os anos mais*, uma proposta sobre

de que forma o legado deixado pela obra de Balzac pode ser contemplado nos últimos anos, e uma destas maneiras é na música. Sob esse viés, trataremos a título de exemplo, três canções que, como dito, estabelecem um diálogo com a visão balzaquiana da mulher de trinta anos, a fim de reforçar e comprovar os efeitos que perduraram da persistência positiva pontuada dessa, nas interpretações de Roberto Carlos, Jorge Goulart e Zé Ramalho.

1 A mulher de 30 anos

Em seu livro, *A mulher de trinta anos*, Balzac retrata o perfil do casamento na sociedade do século XIX a partir da infelicidade matrimonial da personagem Júlia. Desse modo, cabe lembrar que na sociedade burguesa do século correspondente ao que estamos trabalhando, o casamento era tido como uma forma de ascensão da mulher no meio social, uma vez que o casamento era o único processo que as guiavam a uma liberdade social e econômica, já que estas não possuíam autonomia intelectual e socioeconômica como os homens a tinham. Por esse motivo, era comum que existisse o famoso casamento arranjado pelos pais para as suas filhas. Nesse sentido, existe uma passividade da mulher desde sempre, começando com a sujeição ao casamento que os pais arranjavam a fim de possuir, ao menos, uma pequena parcela de liberdade social e respeito que as esposas tinham direito após o casório. Portanto, fica evidente a submissão da mulher desde o início de sua vida, já que, segundo Beauvoir, "(...) a mulher sempre foi dada em casamento a certos homens por outros homens." (BEAUVOIR, 2009, p. 166).

Em uma passagem do livro *A mulher de 30 anos* logo no início da história, deparamos com uma conversa bastante interessante entre o pai e sua filha Júlia. Nesta conversa, o pai se mostra extremamente preocupado com o futuro da filha. É em uma cerimônia de homenagem a Napoleão, que o pai nota a curiosa ansiedade da filha em ver o que até ali, parecia ser o Imperador. Entretanto, a jovem é flagrada sendo encan-

tadora e charmosa com um coronel oficial do exército napoleônico, o qual era o real motivo de sua tamanha inquietação para comparecer ao evento. Durante esse pequeno período de tempo, nessa então ocorrência, foram trocados olhares, aperto de mão, e o medo obstinado ao ver o rapaz por quem nutre extrema estima quase sofrer um acidente fatal. Determinado acontecimento envolvendo o medo, a angústia, a apreensão e o desespero de Júlia fez o pai perceber o sentimento que nascia no coração de sua filha. A partir desse acontecimento o pai demonstra em sua fala a preocupação que tinha sobre o destino de sua menina, o que fica claro no trecho a seguir:

-Parece-me, Júlia, que você tem segredos para mim. Você está amando, tornou vivamente o ancião, notando o rubor que subira ao rosto da filha. - Ah, eu esperava vê-la fiel a seu velho pai até a minha morte; esperava conservá-la junto de mim, feliz e radiante! Admirá-la como estava agora. Ignorando seu destino, teria podido acreditar num futuro tranquilo para você; mas agora é impossível ter esperança de felicidade na sua vida, porque você ama mais o coronel do que o primo. Já não posso ter dúvidas.

-E por que me havia de ser proibido amá-lo? - indagou ela com viva expressão de curiosidade.

- Ah!, minha Júlia, você não me compreenderia - replicou o pai suspirando. [...] (BALZAC, 1988, p. 17-18).

O natural seria que a filha permanecesse ao lado do pai, cuidando dele até que fosse dada a outro homem, no caso, a um esposo pela aprovação do próprio pai. Em seguida, o diálogo continua tendo uma grave tensão; o pai argumenta fortemente dizendo por que a filha não deveria casar com o Coronel, uma vez que como ele já o conhecia, sabia que o homem não seria uma boa pessoa para filha, podendo fazê-la infeliz, pois os traços de ambas as personalidades não eram compatíveis, sendo assim uma confirmação de que o casamento estaria fadado ao fracasso. Como fica indiscutivelmente provado no seguinte recorte da conversa dos dois:

-Mas, minha pobre Júlia, você ainda é muito jovem, muito fraca, muito delicada para suportar os desgostos e as responsabilidades do casamento.

D'Aiglemont foi estragado com mimos pelos pais, assim como você por sua mãe e por mim. Como esperar que vocês dois possam se entender, com vontades diferentes cujas tiranias serão inconciliáveis? Será ou vítima ou tirano. Qualquer dessas alternativas produz igual soma de males na vida de uma mulher. Contudo, você é meiga e modesta, curvar-se-á a princípio. Enfim, você tem - continuou com a voz alterada - uma delicadeza de sentimentos que ficará desconhecida, e então - Não acabou, as lágrimas embargaram-lhe a voz.

-Victor - retomou, após uma pausa - há de ferir as singelas qualidades de sua alma juvenil. Eu conheço os militares, minha querida filha; vivi nos exércitos. É raro que o coração dessa gente possa triunfar dos hábitos produzidos, ou pelas desgraças em meio às quais vivem, ou pelos azares de sua vida aventureira.

-Quer então, meu pai - replicou Júlia num tom meio sério, meio zombeteiro -, contrariar meus sentimentos, casar-me a seu gosto e não ao meu?

-Casar-lhe a meu gosto! - exclamou o pai [...]

Prometo-lhe, meu pai - disse Júlia com uma voz meiga e alterada -, que não tornarei a falar de Victor, sem que veja destruídas as prevenções que nutre contra ele. (BALZAC, 1988, p.19-20)

Entretanto, cabe salientar que Júlia casa com Victor D'Aiglemont contrariando a vontade e os conselhos do pai, o que desrespeita o padrão estrutural que molda os valores patriarcais da época, mostrando-se, de início, uma mulher independente, desconstruindo o modelo de mulher passiva aos comandos masculinos desde jovem. E não obstante ter se casado com o homem que se apaixonou, não escapou da infelicidade do casamento e de suas obrigações matrimoniais como esposa. Voltando ao contexto histórico vigente, as mulheres eram subordinadas aos homens. O papel social que pertencia a elas era a dedicação ao cônjuge, mantendo-se como uma mulher dotada de bons costumes e moral, além ainda, da obrigação presente na base estrutural da sociedade dominada pelo sexo mais forte, ou seja, dos homens, de que é ser uma boa mãe e cumprir o papel da maternidade como uma realização da mulher e a confirmação de sua feminilidade. Dessa forma, relacionando à historiografia à narração de Balzac, Júlia mostra-se totalmente infeliz, pois seu casamento não atendia às expectativas criadas por ela. Porém, apesar de

não deixar transparecer o descontentamento com o matrimônio para a sociedade, e fazer com que a imagem que o casamento passa às pessoas da burguesia francesa fosse a de estabilidade, Júlia não era subordinada ao marido tampouco obedecia ao comportamento tradicionalmente esperado de uma mulher casada, que era a obrigação por convenções sociais, econômicas e morais de permanecer em um casamento infeliz, pois este era o papel da mulher na sociedade: casar-se, ter filhos, e cumprir os deveres como esposa e mãe. Tal pensamento retrógrado compartilhado pela França pós-revolucionária é satirizado na grande obra de Simone de Beauvoir, *O segundo Sexo*, no qual afirma:

O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não sê-lo. É uma relação ao casamento que se define a celibatária, sinte-se ela frustrada, revoltada ou mesmo indiferente a esta instituição. (BEAUVOIR, 2009, p. 407).

No que se refere à perspectiva do casamento no âmbito social em que Júlia está inserida, a protagonista da história vê-se obrigada a viver em um casamento consternado, permanecendo, por um momento de sua vida a dois, fiel e resistente à frieza de seu marido Victor D'Aiglemont. Como já foi visto anteriormente, o casamento era uma atribuição ao sexo feminino, uma obrigação social imposta às mulheres. Diante desse fato, Júlia se encontra presa a um casamento inutilizado para os dois, em momento algum a própria se encontra em um momento feliz dentro desse relacionamento, nem mesmo o marido. O Victor, por sua vez, é a personagem que representa a sociedade patriarcal, sempre agindo de forma superior à Júlia, inclusive, não valorizando mais o casamento, sendo o primeiro a sujeitar-se a encontros com outra mulher, dessa forma, comportando-se como protótipo do homem do século XIX, que era um homem que, segundo Beauvoir (2009), age de forma superior ao menosprezar a mulher porque ele não precisa justificar a sua condição de ser homem. Assim como Bourdieu (2012) também já apresentou, Victor não precisava justificar suas ações sociais na sociedade, pois a sociedade

em que ele vivia era uma sociedade dominada pelos homens. Sob essa perspectiva, o fato dele estar insatisfeito no casamento viabiliza qualquer realização que este fizesse, pois possuía uma maior liberdade para procurar aventuras fora do casamento pelo simples fato de ser um homem. Maior liberdade, esta, que advém do mito e ignorância de que o sexo dominante nada deve justificção à mulher ou a qualquer outro, sendo ele o senhor de seus atos. Essa visão de dominação masculina é defendida por Bourdieu em seu livro intitulado, *A dominação masculina*, no qual diz que:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. (BOURDIEU, 2012, p. 18).

Ao passar dos anos, quando a Senhora D'Aiglemont se encontra em uma idade mais avançada, e desta forma, é vista por Balzac como uma mulher mais madura, experiente e capaz de ver as coisas mais complexas da vida com mais clareza e apta para tomar decisões mais intrigantes de sua existência, Júlia ao se achar no ápice do sofrimento e frustração com o casamento, com a vida que o destino lhe deu, envolve-se de forma amorosa com um diplomata que conhece e passam a se encontrar frequentemente. Tal envolvimento se dá pelo declínio da relação entre Júlia e o marido, em que a mulher, por sua vez, é levada a uma condição de adultério com o propósito de se firmar como uma mulher interessante aos olhos de um homem - condição esta que não é valorizada pelo marido que é frio e distante no casamento dos dois, e se valorizar sexualmente, constatando que mesmo aos 30 anos, casada e com filhos, ainda pode ser uma mulher feliz e desejada. O adultério, neste caso, é uma forma da mulher ser livre de uma obrigação social, é visto como uma diversão, um luxo, como afirma Beauvoir:

(...) a escolha de um amante é limitada pelas circunstâncias, mas há nessa relação uma dimensão de liberdade; casar-se é uma obrigação, ter um amante é um luxo. é porque ele a solicitou que a mulher cede; tem certeza, senão do

amor, ao menos do desejo dele; não é para obedecer às leis que ele se executa. (BEAUVOIR, 2009, p. 318).

É desta forma, portanto, que Simone de Beauvoir coloca a questão da relação extraconjugal dentro de um casamento em decadência, o que nos leva à comparação com a situação narrada na história em questão, em que pelas circunstâncias vividas por Júlia, esta se lança em novas paixões, ansiando por felicidade longe do desastre matrimonial que viveu em sua juventude. No entanto, ainda assim é condicionada a continuar no casamento, vivendo da forma que a sociedade impunha a ela, para que não seja queimada a sua honra perante os habitantes da sociedade francesa. Transparecer para a sociedade um casamento bem resolvido e sem problemas era, pois, a única forma de continuar sendo digna de respeito em uma sociedade extremamente patriarcal do século XIX.

Tomando a atenção para a personagem Helena desta vez, é fácil notar na narrativa de Balzac a relação delicada que é estabelecida pelo autor entre ela e a mãe, Júlia. Aparentemente, o natural em nossa realidade é que haja numa relação materna, um vínculo afetivo, uma afinidade que transpareça uma compatibilidade não limitada apenas a laços sanguíneos, como também a um nexos diário que envolva atenção e desvelo por parte da genitora para com seu rebento. Entretanto, Beauvoir coloca que a relação que a relação entre a mãe e um filho decorrerá a partir das relações que ela, por sua vez, desenvolve com o esposo, com o que ela viveu no passado e/ou no presente e a maneira pela qual assimila seu próprio eu. Em tal caso, implicaria no afastamento da criança, em uma rejeição para com ela. E esse já frágil laço, estaria fadado ao desamparo e enfeitamento, a um quase total apagamento do instinto materno, este, característico da realidade de um elo possivelmente saudável. Confira o trecho da autora:

(...) é preciso que a jovem mulher se encontre numa situação psicológica, moral e material que lhe permita suporta-lhe o fardo sem o quê as consequências serão desastrosas. É criminoso, em particular, aconselhar o filho como remédio a melancólicas ou neuróticas; faz-se com isso a infelicidade da

mulher e da criança. A mulher equilibrada, sadia e consciente de suas responsabilidades é a única capaz de se tornar uma boa mãe. (BEAUVOIR, 2009, p. 520).

Em outras palavras, a autora salienta a importância de a mulher estar satisfeita consigo mesma e com outras relações que constrói, para que aceite de bom grado a condição de maternidade e consiga cumprir com êxito esse papel. Não acarretando, dessa forma, possíveis problemas com o filho.

A fim de reforçar essa ideia, é facilmente perceptível na obra a situação em que Helena se encontra. Filha de uma união sem amor, um casamento fracassado, a personagem sofre pelo abandono da mãe, que como posto por Beauvoir, é motivado por um conflito interno de Júlia pelo fato de sua aparência física ser bastante semelhante a do pai Victor. E este é uma razão mais que suficiente para Júlia começar a se afastar da menina, não conviver com ela e ficar enclausurada no quarto entregue aos seus próprios devaneios e alheia à solidão da filha.

Por outro lado, após dar a luz a um descendente fruto de um relacionamento feliz e desejado, fica ainda mais alva a rejeição de Júlia para com a filha mais velha, e a preferência por aquela criança de menor idade. Conforme Balzac descreve na obra:

Contudo, olhando-os com atenção, notei nas golas das roupas uma diferença bastante banal, mas que mais tarde me revelou todo um romance no passado, todo um drama no futuro. E era bem pouca coisa. A gola da pequena tinha apenas um simples debruado a do mais pequenino era enfeitada de lindos bordados, que traíam um segredo do coração, uma predileção tácita que as crianças leem na alma das mães como se tivessem em si o espírito de Deus. (BALZAC, 1988, p. 154-155).

A partir deste trecho, é admissível depreender a inclinação de afeto maior direcionado ao menino pelo próprio cuidado com os detalhes correspondentes à vestimenta de ambos. Portanto, esta carência de afabilidade e devoção em relação à Helena, é sem sombra de dúvida e

como já de se esperar, perceptível nas ações e feições da menina. Bem como está no seguinte trecho:

[...] enquanto a mais velha, não obstante a energia que aparentava, a beleza das feições e o brilho da sua tez, lembrava um menino doentio. Seus olhos vivos, privados desse vapor úmido que dá tanto encanto aos olhares das crianças, dir-se-iam secos por um fogo inferior. (BALZAC, 1988, p. 155).

Desta maneira, quando Helena, ao decorrer da narrativa, encontra-se mais jovem, em uma determinada noite, para fugir de uma vida fadada ao sofrimento e obrigações impostas pela sociedade, decide ir embora com um assassino. No diálogo de seus pais com ela, sua mãe tenta explicar que pela sua atitude impulsiva, fará com que sua imagem seja manchada, tanto pela atitude tomada, quanto pelo fato de que ela partiria para um destino incerto, e o pior, nas mãos de um assassino. Conforme o trecho seguinte:

-Ah, minha filha!... - disse a marquesa em voz baixa, mas de maneira que seu marido ouvisse. - Está mentindo a todos os princípios de virtude, de honra, de modéstia, que procurei desenvolver em seu coração. Se até esta hora fatal não foi senão uma constante mentira, então não merece ser lastimada. E a perfeição moral deste desconhecido que a tenta? Será a espécie de poder necessário aos que cometem um crime?... Estimo-a demasiado para supor que... (BALZAC, 1988, p. 195).

Mesmo com todo o discurso feito pela sua mãe e também a tentativa de persuasão de seu pai, Helena não desistiu, e desta forma, rompe com ideais de moral, boa conduta impostas pela sociedade daquela época vigente. Encontrando em si a autoridade de decidir seu destino, neste sentido, tornando-se dona de suas ações. Ela ignora o ideal esperado, e a maneira pela qual deveria agir perante a sociedade naquela determinada situação, e torna-se atriz de sua própria história, como é dito por Touraine:

As realidades psicológicas que caracterizam a vida feminina permitem que as mulheres não se contentem em interiorizar aquela imagem delas que a sociedade elaborou. Ao mesmo tempo, essa produção mais direta com esse ser humano como pensamento e como consciência de si. (TOURAINÉ, 2010, p. 46).

Há ainda uma comparação interessante a ser explorada. Mãe e filha. Duas figuras que tiveram o destino desenhado de maneira que os próprios meios divergem. De um lado Júlia, que quando jovem depositou em um homem de bela aparência, com requisitos que a encantaram, toda a esperança e o anseio por um casamento que a completaria e a faria feliz de acordo com seus mais belos sonhos, a felicidade teria tudo para ser sua companheira fiel. No entanto, pouco tempo após sua união ser concretizada, e receber como sobrenome d'Aiglemont, a jovem encontrou-se frustrada e havia sido traída pela felicidade que a abandonou e deixou pelo caminho amargura e insatisfação em sua vida. Isto é, a idealização concebida pela personagem de um casamento que tinha tudo para ser feliz apesar das palavras de seu pai refutarem a ideia foi por água abaixo a fez afundar-se em angústias internas e desgosto. Helena, por seu turno, em sua escolha precipitada, recebeu por resposta a desaprovação da família. Elencando os atos da formação do futuro da filha de Victor e Júlia, tudo apontava para o seu fiasco. Havia acabado de conhecer o homem. O que nos leva à questão dois: não era qualquer homem, mas um que estava sendo procurado pela guarda local. Um assassino confesso. Ademais, tudo para ela era muito novo e a incerteza do que a esperaria ao tornar-se esposa de um criminoso, inspirava perigo.

Todavia, após sete anos, Victor em uma ocasião inusitada encontra Helena com a felicidade ao seu redor. Filhos amados, conforto e, principalmente, em um casamento feliz. O que nos leva a crer que em circunstâncias completamente opostas, filha e mãe experimentaram o sabor doce de um lado, e amargo de outro, da vida.

2 Mulher dos trinta e dos anos mais

Quando se fala na relação instituída entre a música e a Literatura, é possível conceber que são duas formas diferentes de retratar a arte produzida pelo ser humano, são interdependentes. Todavia, apresentam-se capazes de se encontrar por meio da releitura. E assim, contribuirão uma com a outra para a produção de um sentido mais amplo, intenso e completo; despertando no leitor a completude oriunda desta união, e fazer deste, mais ciente dos dois universos artísticos ao mesmo tempo.

Destacaremos, a seguir, o recorte de três composições que estabelecem um diálogo com a obra de Balzac *A Mulher de Trinta Anos*. Notando nelas, marcas da cultura literária deixada pelo escritor francês.

Mulher de 40 – Roberto Carlos

Sorriso bonito

Olhar de quem sabe um pouco da vida Conhece o amor

E quem sabe uma dor Guardada escondida

Por experiência Sabe a diferença De amor e paixão O que é verdadeiro Caso passageiro Ou pura ilusão

É jovem bastante Mas não como antes Mas é tão bonita Ela é uma mulher Que sabe o que quer E no amor acredita

Não quero saber da sua vida, sua história Nem do seu passado

Mulher de quarenta eu só quero ser O seu namorado

Não quero saber da sua vida, sua história Nem do seu passado

Mulher de quarenta eu só quero ser O seu namorado

Não importa a idade A felicidade

Chega um dia que vem Se ela vive feliz

Ou espera de novo encontrar outro alguém

Se ela se distrai Uma lágrima cai

Ao lembrar do passado Seu olhar distante

Vai por um instante A um tempo dourado

Retoca a maquiagem Cheia de coragem Essa mulher bonita Que já não é menina Mas a todos fascina

E a mim me conquista

Não quero saber da sua vida, sua história Nem do seu passado

Mulher de quarenta eu só quero ser O seu namorado

Não quero saber da sua vida, sua história Nem do seu passado

Mulher de quarenta eu só quero ser O seu namorado
Retoca a maquiagem Cheia de coragem Essa mulher bonita Que já não é me-
nina Mas a todos fascina
E a mim me conquista
Não quero saber da sua vida, sua história Nem do seu passado
Mulher de quarenta eu só quero ser O seu namorado
Não quero saber da sua vida, sua história /Nem do seu passado
Mulher de quarenta eu só quero ser O seu namorado

Não quero saber da sua vida, sua história /Nem do seu passado
Mulher de quarenta eu só quero ser O seu namorado (CARLOS, 1996).

Na estrofe destacada abaixo, há um tanto da personagem Júlia justaposta. Pode referir-se, na história, ao período que vem desde o momento em que se apaixona pelo coronel Victor até quando seu dissabor se manifesta, mas que permanece enclausurado em seu íntimo.

Sorriso bonito
Olhar de quem sabe um pouco da vida Conhece o amor
E quem sabe uma dor Guardada escondida (CARLOS, 1996).

No dito recorte da música a seguir, há uma idealização do que é ser uma mulher mais velha na contemporaneidade. Tal mulher é dotada de experiências que fazem dela uma pessoa com imposições sensatas e ponderadas em maior quantidade. Assim, esta poderia identificar as discretas diferenças entre os sentimentos mais nobres que um indivíduo possui como os já citados na música: amor e paixão. A partir de suas experiências pessoais, é fácil selecionar cada sentimento e dar a devida importância merecida por eles em sua vida.

Por experiência Sabe a diferença
De amor e paixão
O que é verdadeiro
Caso passageiro
Ou pura ilusão (CARLOS, 1996).

Na letra da música, como um todo, as demais estrofes que seguem no corpo temático da música, traduzem a essência e de uma personagem literária, neste caso Júlia.

Acompanhando essa ideia, estabelece-se um diálogo entre as descrições intrínsecas na composição, com as descrições referidas pelo autor francês que predispunham a imagem da mulher mais velha, ou seja, a amada idealizada na canção de Roberto Carlos é no século 21 o que Júlia foi no 19. Desta maneira, é impossível não chegar ao diagnóstico de que há, de fato, uma referência no contexto da música, quando estabelecida essa associação ao romance.

Balzaquiana - Jorge Goulart

Não quero broto

Não quero, não quero não

Não sou garoto

Pra viver mais de ilusão

Sete dias da semana

Eu preciso ver minha balzaquiana

O francês sabe escolher

Por isso ele não quer

Qualquer mulher

Papai Balzac já dizia

Paris inteiro repetia Balzac tirou na pinta

Mulher, só depois dos trinta (GOULART, 1980).

Nesta música, pode-se ver literalmente a influência da obra *A mulher de 30 anos*, ao passo que o nome da música propriamente dita, já estabelece uma relação direta com a obra: “balzaquiana”. Ademais, toda a música faz uma alusão, estabelecendo um diálogo com o título mais famoso de Balzac, enaltecendo a mulher mais velha e tratando a mais jovem como alguém que não é capaz de propiciar ao eu lírico da canção um amor duradouro, descrevendo a relação com uma mulher mais nova como algo efêmero e ilusório. O mesmo também é dito por Balzac por

meio de explícita comparação entre as duas idades distintas em sua obra, quando retrata a mulher de 30 anos no terceiro capítulo.

Neste sentido, Balzac trilha um percurso que emerge uma singular intenção de enaltecer a mulher de mais idade através de um personagem secundário, Carlos de Vandenesse, expondo de forma verossímil em sua escrita em que eleva a importância e soberaneidade da mulher madura em uma sociedade que, em 1842, casar-se era uma regalia que cabia apenas às mulheres mais jovens entre quinze e vinte e poucos anos de idade, e que, no momento histórico, estar solteira aos 30 era uma confirmação de que a mulher não casaria mais por não ser considerada jovem o bastante, atraente, ou mesmo digna desse “privilégio” social. No entanto, Balzac surpreende-nos ao mostrar o interesse de Carlos de Vandenesse por Júlia, na terceira parte do livro, coincidentemente nomeado de “Aos trinta anos”, em que o autor mostra pela comparação entre a mulher mais velha e a jovem, todas as qualidades existentes na mulher de 30 anos.

De fato, uma jovem tem demasiadas ilusões, demasiada inexperiência, e o sexo é bastante cúmplice do amor, para que um homem possa sentir-se li-sonjeado, enquanto uma mulher conhece toda a extensão dos sacrifícios que tem que fazer. Uma é arrastada pela curiosidade, por seduções estranhas às do amor; a outra obedece a um sentimento consciencioso. Uma cede, a outra escolhe. [...] Enfim, além de todas as vantagens da sua posição, a mulher de trinta anos pode tornar-se jovem, representar todos os papéis, ser pudica e embelezar-se até com a própria desgraça. Entre ambas, encontra-se a diferença incomensurável do previsto ao imprevisto, da força à fraqueza. A mulher de trinta anos satisfaz tudo, e a jovem, sob pena de deixar de sê-lo, nada deve satisfazer. Essas ideias desenvolvem-se no coração de um rapaz e dão origem à mais forte das paixões, porque reúne os sentimentos factícios criados pelos costumes aos sentimentos reais da natureza. (BALZAC, 1988, p. 130-132).

Desta forma, Balzac apropria-se da obra, de forma majestosa, para exaltar a mulher de forma ousada, elogiando-a como um ser capaz de seduzir de forma prática e fácil o homem e saber amar de forma mais

profunda e sincera. Contrapondo-se à ideia tradicional de que a mulher para casar é a mulher jovem, desconstruindo, dessarte, a ideia preconceituosa e ultrapassada do casamento feito para a mocidade. Assim, o autor da canção faz uma comparação com a mulher mais velha e a jovem, tratando a mulher mais madura como alguém digna de seu amor.

Apesar de a música apontar para uma mulher de quarenta anos, a letra faz referência à mulher Balzaquiana, quando o eu lírico de Robert Carlos edifica uma valorização desta mulher dos quarenta do século XXI, que é equivalente à qual é produzida por Balzac em meados do século XIX.

Com base no que foi colocado acima, analisaremos sob o método da Literatura comparada a relação presente entre a composição intitulada *Mulher de 40* e o romance *A Mulher de 30 Anos*.

Chão de Giz - Zé Ramalho

Eu desço dessa solidão

Espalho coisas sobre

Um chão de giz

Há meros devaneios tolos

A me torturar

Fotografias recortadas

Em jornais de folhas Amiúde!

Eu vou te jogar

Num pano de guardar confetes

Eu vou te jogar

Num pano de guardar confetes

Disparo balas de canhão

É inútil, pois existe

Um grão-vizir

Há tantas violetas velhas

Sem um colibri

Queria usar quem sabe

Uma camisa de força

Ou de vênus

Mas não vou gozar de nós

Apenas um cigarro

Nem vou lhe beijar
Gastando assim o meu batom

Agora pego
Um caminhão na lona
Vou a nocaute outra vez
Prá sempre fui acorrentado
No seu calcanhar
Meus vinte anos de "boy" That's over, baby!
Freud explica

Não vou me sujar
Fumando apenas um cigarro
Nem vou lhe beijar
Gastando assim o meu batom
Quanto ao pano dos confetes
Já passou meu carnaval
E isso explica porque o sexo
É assunto popular
No mais estou indo embora!
No mais estou indo embora!
No mais estou indo embora! No mais! (RAMALHO, 1978).

Na letra da canção *Chão de Giz* de Zé Ramalho, é possível perceber a valorização da mulher mais velha - o qual é o tema central de nosso trabalho, e por esse motivo, deveras recorrente - visto que o eu lírico presente na letra da canção se encontra perdidamente apaixonado por uma mulher mais velha que conheceu no carnaval, no entanto, não é possível dar continuidade na relação amorosa dado que a mulher amada era casada.

Zé Ramalho, por meio de metáforas, foi deixando-nos pistas de que a relação entre os dois era uma paixão impossível, pelo fato de que a amada era de mais idade e comprometida. No entanto, o fato presente na vida dos dois não o impedia de amá-la e idealizar uma paixão. A metáfora que marca a ideia de um amor frustrado entre alguém mais velha e, ele, mais novo é que segue na estrofe a seguir:

Disparo balas de canhão
É inútil, pois existe
Um grão-vizir
Há tantas violetas velhas
Sem um colibri. (RAMALHO, 1978).

Nesse pequeno fragmento recortado da música que nos leva a este estudo, percebe-se como o amante mesmo sabendo que existe alguém na vida da pessoa amada e que dificilmente poderia ser escolhido, ainda assim insiste em um relacionamento sério e contínuo, como também é visto na obra de Balzac. O que nos leva aos últimos dois versos dessa estrofe, nos quais o compositor relata: “há tantas violetas velhas, sem um colibri.” Aqui, evidencia-se metaforicamente a parte que mais nos importa: o amor, a paixão e o desejo para com a mulher mais velha. A nossa então balzaquiana. Nesta passagem da canção, está sendo lamentado o fato que há muitas mulheres velhas com um rapaz mais novo, o que, atualmente, não é comum em nossa sociedade assim como também não era no século XIX, quando todas as mulheres, a partir dos 30 anos, eram “jogadas para escanteio no jogo do amor”, desta forma, fazendo uma alusão à mulher Balzaquiana.

Considerações finais

Visto tudo isso, foi possível conceber que a obra de Balzac buscava enaltecer as características ditas maduras de uma mulher de 30 anos e traduzi-las como passíveis de tornar esta mulher, aparentemente mais velha, como capaz de despertar ainda o interesse masculino de maneira apaixonada. Além disso, sua Literatura immortalizou-se como adjetivo comumente usado para caracterizar uma mulher mais velha, chamando-a de Balzaquiana. Na arte, conservou-se na música popular brasileira como forma de exaltar a beleza e a maturidade contida na idade mais avançada da alma feminina.

Há, ainda hoje, uma analogia existente que persiste entre a obra de Balzac e as letras de músicas trabalhadas neste artigo. A análise comparativa aqui explanada e se faz presente até hoje com a evolução da mulher dentro da sociedade, sendo que na obra que se passa no século XIX, a mulher pertence a um espaço sem privilégios sociais algum, era pouco respeitada e não podia definir seu destino. Nas músicas, portanto, esse ideal machista que introduz a mulher sem perspectiva de escolhas, e sem ser independente é radicalmente quebrado pelas letras das canções presentes na pesquisa. Existindo, enfim, uma demasiada apreciação poética da própria mulher balzaquiana, o que vimos em *Mulher de 40*, de Roberto Carlos, na qual há uma idealização da beleza e experiência da mulher mais velha, e nas outras canções em que sempre a mulher mais velha se sobressai, sendo ela, a mais bela, decidida, madura e segura de si.

Desta forma, é visto que a obra transpassa gerações e eterniza-se, em dado que isso é notório em nossa sociedade. Ainda que os espaços que a mulher tenha conseguido alcançar na sociedade, trabalhos ditos como direcionados ao sexo masculinos agora tomados por elas, e podendo escolher com quem ou se vai casar, a mulher mais madura contrapondo-se à mais nova, ainda é posta de lado pela sociedade até a contemporaneidade. Contudo, tende a ser evidenciado em relação às duas artes comparadas nesta produção, a visível evolução que ocorre nos direitos sociais - e morais - pertencentes às mulheres na sociedade encontradas dentro das canções da atualidade. Mostrando, dessa forma, uma transformação clara na questão da mulher na sociedade atual com base nas músicas e se opondo ao tratamento submetido a elas na época em que o livro de Balzac foi lançado.

Por conseguinte, é possível afirmar que as músicas fazem uma referência à mulher balzaquiana, mulher que decide seu destino apesar de continuar presa a um casamento de aparências, como Júlia. Vai em busca da felicidade, ainda que isso possa lhe custar a preservação de sua imagem; e Helena, que desvalorizando muitos dos parâmetros sociais,

encontra sua felicidade na narrativa, contrapondo com o ideal condicionado às mulheres, em que cuja felicidade imposto pela época, estaria em um futuro estável casada com um rapaz de uma família nobre.

Notamos nas músicas expostas, a mulher sendo exaltada como atraente, experiente, ainda mais apaixonante, dona de seus ideais, e sua idade só faz algo a mais por sua beleza interior e exterior. O crescimento da mulher na sociedade, apesar de lento é cada vez mais notório, e ela vai ganhando o lugar merecido no âmbito social. O que também é observado evidentemente nas análises das músicas contemporâneas citadas, quando a visão acerca da mulher mais velha ao invés de ganhar caráter negativo, é na verdade, elevada e enaltecida. Visão esta, que não à toa, foi em boa parte, inspiração para a composição das canções: a desenvolvida, *a priori*, por Balzac; e que ao longo deste trabalho foi explorada.

Referências

BALZAC, Honoré de. **A Mulher de Trinta Anos**. Tradução: José Maria Machado. São Paulo: Editora Clube do Livro, 1988.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução: Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CARLOS, Roberto. **Mulher de 40**. 1996. Disponível em: <https://gco/kgs/QChKZ1>. Acesso em: 13 out. 2019.

FITZ, Earl. E. A recepção de Machado de Assis e transformação do romance moderno europeu. In: ROCHA, João Cezar de Castro (Org). **Machado de Assis: lido e relido**. 1ª ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2016.

GOULART, Jorge. **Balzaquiana**. 1980. Disponível em: <https://m.letras.mus.br/jorge-goulart/1748757/>. Acesso em: 13 out. 2019.

RAMALHO, Zé. **Chão de Giz**. 1978. Disponível em: <https://g.co/kgs/YD1bia>. Acesso em: 13 out. 2019.

TOURAINÉ, Alain. **O mundo das mulheres**. Tradução: Francisco Morás. 2.ed. revista. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

Capítulo 05

Análise comparativa das modificações da figura do vampiro romântico na obra de Polidori, Stocker e Meyer

*Daniela Santos Souza*¹

*Maria Rafaela Balbino Gomes*²

*Cristiane de Mesquita Alves*³

Introdução

O Romantismo foi um dos movimentos de maior difusão dentro das vertentes que compõem a área de Letras, sobretudo Literatura, surgindo dentro de um agitado contexto histórico. Tendo como plano de fundo a Revolução Francesa e a Revolução Industrial no âmbito mais universal, tal movimento recebe tanta adesão que alcança outros campos, como a filosofia, a política e as artes.

A *priori*, o Romantismo influenciado principalmente por esses grandes fenômenos da História, surge para questionar com os padrões impostos pelas regras clássicas no que se refere à produção literária; traz à tona toda uma concepção que se distanciava do racionalismo fundamentado pela rigidez do empirismo; busca a incessante valorização do

¹ Graduanda em Letras Licenciatura Plena em Língua Portuguesa. Universidade do Estado do Pará (UEPA). Campus São Miguel do Guamá - Campus XI.

² Graduanda em Letras Licenciatura Plena em Língua Portuguesa. Universidade do Estado do Pará (UEPA). Campus São Miguel do Guamá - Campus XI.

³ Professora e pesquisadora da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC da Universidade da Amazônia (UNAMA). Bolsista PROSUP/CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa Interfaces do Texto Amazônico (GITA).

nacionalismo, nesse caso, o europeu e ascensão da mais nova elite dominadora dos meios de produção, a burguesia.

No que concerne à criação literária o romantismo, faz abandono, na maioria das vezes, aos critérios básicos dos escritos clássicos, como soneto, porém, não quer dizer que este foi totalmente excluído, mas sim que houve uma redução abrupta da criação literária neste estilo, agora os escritores prezavam mais pela liberdade de escrita; o conteúdo ganhava enfoque ao sentimentalismo humano, ou seja, era identificado com rápida clareza a idealização amorosa, uso da subjetividade, utopias, ao mesmo tempo, que os escritores optavam também por escrever sobre o lado gótico, até então subestimados por outros movimentos. Denominados por muitos como sombrio e macabro é nessa fase do Romantismo que haverá explicitamente o gosto pela noite; pessimismo; morte; vida boêmia e outros fatos também de suma importância. É nesse momento que surge Lord Byron, grande representante desse ciclo, passa a influenciar ativamente, como exemplo referencial, outros escritores não só com seus escritos, mas com suas intervenções da vida pessoal. Além de deixar margem para o surgimento do Vampiro, personagem que no senso comum, perpassando gerações e culturas mais até hoje considerado “queridinho” na literatura (a figura do vampiro um dos enfoques principais do presente trabalho).

E, para elaboração da discussão sobre O vampiro na Literatura, grosso modo, ocorreu a leitura das seguintes obras: *O Vampiro* de John Polidori; *Drácula* de Bram Stoker e *Crepúsculo* de Stephanie Meyer. Tornando-se viável a divisão do desenvolvimento do trabalho em seções, a fim de facilitar a sua apresentação, obedecendo à devida ordem: na primeira seção há a ocorrência de um panorama da literatura de horror, do romantismo universal, finalizando com vampiro “no” Romantismo; na segunda e última parte encontra-se a explicação das características do vampiro “do” Romantismo com auxílio da apresentação de tabela como recurso didático para melhor compreensão do leitor. Como “xeque-mate”

do trabalho, é disposto as considerações finais e as referências detalhadas para criação deste capítulo.

1 O Vampiro “no” Romantismo

Inicialmente, antes de abordar a figura do vampiro na Literatura, é importante apresentar de forma sucinta a característica do horror dentro do campo literário, já que o vampirismo possui relação intrínseca com esse aspecto na Literatura.

Para tanto, “Literatura de Horror é a denominação mais usual dada a textos ficcionais que de algum modo, são relacionados aos sentimentos de medo físico ou psicológico” (FRANÇA, 2008 *apud* SILVA, 2012). Ou seja, o horror é um vocábulo relacionado diretamente as questões como limites e regras dentro do psicológico humano, muitas vezes, criado pelo próprio indivíduo ou influenciado por fatores externos, como por exemplo, a crença em deuses, sejam eles pagãos ou cristãos. Isso se tornou um bom retrato do horror, porque ao mesmo tempo que o indivíduo acredita fielmente em determinada força sagrada, ele conseqüentemente possuir temor por não ter provas suficientes do tamanho da catástrofe que a divindade pode causar ao sentir-se insatisfeito com seus seguidores. É nesse cenário que o horror estará evidente.

É certo que a Literatura de Horror, assim como qualquer outra possui diferentes ramificações com objetivo primordialmente de proporcionar o medo. Dentro destas subáreas, há ainda os traços do natural e do sobrenatural. É nesse meio termo que ocorre o surgimento do fantástico – este último sem muito aprofundamento neste trabalho. Nesse caso o horror, quando abordado, não pode ser associado apenas a vertente do sobrenatural, em virtude de tal vocábulo encontrar-se notório nos dilemas sociais da humanidade. Assim, o horror é utilizado como as atitudes secretas do indivíduo com maior frequência na psique humana. Em síntese, segundo (SILVA, 2012), o horror na literatura é sinônimo

para o medo, uma vez que só tememos o desconhecido na concepção da Literatura de Horror. Um exemplo disso se encontra na citação:

[...] gênero horror tinha como intuito, assustar e para isso os escritores deviam sempre está modificando seus escritos para causar no leitor o sentimento de novidade, o sentimento de algo nunca visto, e tudo o que é novo deve ser temido, proporcionando desse modo, o sentimento que o leitor procura. (SILVA, 2012, p. 241).

Ademais, o horror passa a ser constituído como gênero literário, isto é, a construção de escritos em que não só o enfoque principal, mas também os critérios textuais e contextuais apresentam o interesse em provocar constantemente o susto ou medo e passam a ser classificados como gênero do horror. Por isso, espera-se do escritor desse gênero sua frequente reinvenção e atualização para que o enredo prevaleça além das expectativas do leitor.

Outra questão a ser retratada por Silva (2012), que não pode ser excluída na Literatura de Horror é o fato de na Idade Média, esse termo ter atingido certa difusão no meio popular foi o período de grande poder da Igreja Católica. Essa influência do cristianismo estimulou a caça às bruxas e qualquer outro ser pagão, em razão destes serem referenciados a rituais satânicos. Por isso, na contemporaneidade, indivíduos sem um conhecimento prévio associam o vampiro e a literatura de horror às trevas, devido, sobretudo a tais rituais. Como exemplificado no trecho: “[...] Então foi nesse período que vieram as figuras do vampiro, do lobisomem, dos espíritos, da bruxa, do mago, dos seres imaginários que podiam acabar conosco [...]” (MELO, 2007 *apud* SILVA, 2012, p. 243). Como foi visto na passagem, as imagens de vampiros e outros seres sobrenaturais adquiriram reconhecimento no meio social em consonância com a obscuridade, quer dizer que, desde sua origem esses seres são taxados como maldição satânica, portanto, repelida pelos moralistas cristãs da época vigente, situação refletida até hoje.

Em um segundo momento, ao discorrer sobre o vampirismo é necessário fazer uma breve apresentação sobre as influências do

movimento romântico na área da Literatura. O Romantismo como fenômeno presente no mundo das Letras e outras áreas de conhecimento, supracitadas na parte inicial do trabalho, foi o principal responsável pela grande recepção e adesão do vampiro e o gênero horror na sociedade, visto que foi nesse momento que tal figura ganhou vida na Literatura, ou melhor, fase na qual ocorrem concretamente publicações de textos com o vampiro no enredo e no restante dos elementos literários seja nos narrativos seja nos poéticos. Sobre isso Korasi (2014, p. 82), afirma:

[...] Totalmente avesso ao classicismo, esse movimento buscou a substituição da razão pela sensibilidade, caminhando ao encontro do que os artistas e escritores acreditam buscar: liberdade. Valorizam o inconsciente, o mistério, a melancolia, a angústia, o pessimismo, a emoção e a idealização de uma nova realidade diferente, buscando o conhecimento não mais através de experiências empíricas, mas sim das experiências dos sentidos.

Nesse sentido, é possível perceber com o trecho de Korasi (2014) que o movimento romântico totalmente influenciado pelos ideais libertários dos feitos históricos, possuía grande interesse em abandonar ou desconstruir com os padrões estéticos de produção literária em ascensão durante o classicismo. Os escritores dessa época se interessam em escrever em seus trabalhos, temáticas voltadas mais aos sentimentos do próprio ser humano do que adotar todas as formalidades do empirismo, sempre em busca da autonomia na escrita. Os poetas românticos eram denominados de poetas malditos, devido ao interesse pela escuridão, isto é, havia por parte deles a exaltação pela morte, satanismo, sobrenatural entre outro fator que compunham esse lado da obscuridade, tratando-as com naturalidade, uma vez que a sociedade até aquele período rejeitava essas características, consideradas negativas.

Cabe ressaltar que retratar sobre o romantismo, não podemos anular as intervenções de Lord Byron, um dos principais responsáveis por ingressar na Literatura a afinidade pelo mistério, lúgubre, sem nos esquecermos do gosto pela noite. Lord Byron, enquanto pessoa teve uma vida bastante conturbada, em razão de ir contra e ser crítico assíduo dos

moralistas conservadores. De forma que, Byron teve participação ativa tanto na política, quanto em ações ativistas, além disso, ele ficou conhecido também por seus escritos e por levar a vida despreocupadamente, regada a festas, viagens e vida sexual agitada. Desse modo, eram suas atitudes, em consequência da forte personalidade que Byron chocava a sociedade.

Ao que se refere as contribuições byronianas na Literatura, foi por meio de suas viagens que ele escreveu algumas de suas obras, adquirindo com maestria, o gosto popular.

Galvão (2013, p. 6, grifos do autor), em seu trabalho cita:

Afora *Childe Harold's* e o extraordinário Dom Juan, poema herói- cômico do mais alto nível, Byron compôs *O Giaour* (em turco, o infiel ou não muçulmano), *O Corsário*, *Caim*, *O sítio de Coríntio*, *Manfredo*, *Beppo*, *A noiva de Abydos*, *Sardanápalo*, vários dos quais dramas em verso. Ao notar que em sua obra se destacam trechos dos mais refinados lirismo.

A partir dessas palavras de Galvão (2013), podemos destacar que parte dos escritos das obras de Byron foi inspirada, principalmente suas viagens, como a obra *Childe Harold's pilgrimage* (1812), considerada por muitos especialistas literários como uma autobiografia, já que relata trechos românticos e atuais da viagem, dotados de sentimentos pessoais e marcas de sua educação clássica, ademais há existência das características obscuras, já mencionadas.

Há de se considerar que foi em uma de suas jornadas que grandes figuras da Literatura tornaram-se renomados, como uma das primeiras versões do vampiro, escrito por John Polidori

- médico e amigo de Byron - nomeada de *O Vampiro* (*The Vampiry*). Obra que não atingiu sucesso extraordinário, mas ainda assim, é considerado clássico, porque foi uma das primeiras produções literárias do vampiro (*iniciada* por Byron, mas escrita e publicada por Polidori), tornando-se ponto de partidas para futuras criações e modificações do personagem, tal qual Bram Stoker com *o Drácula* (2002) e *Frankenstein* de Mary Shelley classificada, assim como a de Polidori (considerado por

muitos como autor injustiçado) como clássico, apesar de suas transformações na atualidade, permaneceu a essência da primeira publicação.

Segundo (BOSI, 2006, p. 93, grifo do autor):

A correspondência faz-se íntima na poesia dos estudantes boêmios, que se entregaram ao *spleen* de Byron e ao *mal du siècle* de Musset, vivendo na província uma existência doentia e artificial, desgarrada de qualquer projeto histórico e perdida no próprio narcisismo: Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Fagundes Varela... Como os seus ídolos europeus, os nossos românticos exibem fundos traços de sete evasão, que os leva a posições regressivas: o plano da relação com o mundo (retorno a mãe – natureza, refúgio no passado, reinvenção do bom selvagem, exótico) e nos das relações com o próprio eu (abandono a solidão, ao sonho, ao devaneio, às demasias da imaginação e dos sentidos) para eles caberia a palavra do Goethe clássico e iluminista que chamava a esse romantismo “poesia de hospital”.

Percebe-se então, pelas palavras de Bosi (2006), que os poetas dessa fase são um reflexo do período romântico universal destacado pela atuação de Lord Byron, o escritor boêmio, como visto na citação, serve para demonstrar isso. Escritores influenciados por Byron continuaram a exprimir a melancolia, desejo pela morte, interesse pelo macabro, idealização amorosa, fuga da realidade, egocentrismo e muito mais. Diante disso, como esses escritores eram, em sua grande maioria, jovens e tinham Byron com referência, alguns deles passaram a levar o mesmo ritmo de vida que o Lord, explícito através do alcoolismo e incesto. Outra parte dos escritos de Bosi (2006, p. 110):

Dizia Obermann no *senancour*: ‘Eu sinto: eis a única palavra do homem que exige verdades. Eu sinto, eu existo para me consumir em desejos indomáveis, para me embeber na sedução de um mundo fantástico, para viver aterrado com seu voluptuoso engano’. Ora, a conclusão do sujeito de si próprio é detectado por uma fenomenologia bem conhecida: o devaneio, o erotismo difuso ou obsessivo, a melancolia, o tédio, o namoro com a imagem da morte, a depressão, a auto ironia masoquista de figurações todas de um desejo de viver que não logrou sair do labirinto onde se salienta o jovem crescido em um meio do romântico – burguês em fase de estagnação.

Nesta parte, podemos notar na visão de Bosi as características do mal do século, giram em torno desse mundo sombrio e tristeza. Todavia, essa geração recebe tal denominação pela ocorrência de altos índices de morte de jovens, por causa destes se encontrarem insatisfeitos com a realidade e possuir um elevado apreço pela morte, esta vista como o fim de todas as insatisfações do indivíduo. Retornando a imagem do vampiro no romantismo (KORASI, 2014, p. 82), diz:

Foi no somatório dessas características que o morto-vivo existente até então começou a deixar as suas características rústicas e monstruosas sendo compreendido física e mentalmente nos moldes dessa sociedade romantizada, uma associação ao vilão burocrata e mitos e lendas cristãs, principalmente sobre o retorno de mortos à vida. Criou-se então um primeiro estereótipo do vampiro romântico.

Percebe-se na concepção de Korasi (2014) que é no período do movimento romântico que o vampiro deixa de ter vínculo com a prática de maldição como era empregado anteriormente pela Idade Média, para ganhar espaço na elite, ou seja, o vampiro agora será usado como o vilão da alta classe social, porque ele sempre deixará sua marca pelos lugares que ele passar, no caso, a morte. Em outras palavras, o vampiro apresentará forte relação com a morte e a vida. Com isso, o vampiro passa a ser visto como o vilão noturno, com grande obsessão pelo líquido vital, ou melhor, o sangue humano. Neste contexto, outros atributos destinados à imagem vampiresca romântica são: palidez, melancolia, sedução, glamour, castelos, beleza e outros, constituindo-se paralelamente a certos símbolos do Romantismo, nesse caso, a burguesia em ascensão, voltando-se para um contexto histórico. Outras peculiaridades vampirescas são a ocultação de sua vulnerabilidade, isto é, o que pode causar sua morte; a existência de condutas nobres, trajes adequados, status e poder são especialidades atribuídas ao vampiro romântico.

Diante de todos esses fatos e com o propósito de que haja uma compreensão adequada do Vampiro e suas influências no mundo literário, houve a necessidade de elaboração de sínteses das obras que tratam

ou mesmo possuem o vampiro no enredo e personagem protagonista, posto que foi preciso primeiro a abordagem de um conhecimento prévio a fim de estabelecer tais vínculos entre o conteúdo exposto as principais obras utilizadas e a produção dos tópicos posteriores. No que concerne às obras utilizadas foram: *O Vampiro* de John Polidori; *Drácula* de Bram Stoker e por fim *Crepúsculo* de Stephanie Meyer.

1.2 Sínteses

1.2.1 Obra *Vampiro* de William Polidori

No romance, o narrador da obra de Polidori conta a história a chegada de um estranho e sedutor nobre britânico na corte cujo nome era Lord Ruthven, sendo sua beleza fonte de muita admiração. Entre esses admiradores se encontra um jovem rapaz rico e órfão – chamado de Aubrey. O enredo possui início quando Aubrey movido por seu interesse em querer desvendar o mistério, o qual cercava Lord Ruthven, fazendo assim, uma amizade com o mesmo, ambos então decidem fazer uma viagem a fim de conhecer a Europa, de forma que o jovem Aubrey possa tentar compreender melhor o mistério que cerca o Lord. Durante sua viagem a Roma, Aubrey começa a perceber o gosto peculiar de Ruthven, por querer seduzir jovens moças, não concordando com tal atitude Aubrey decide se separar, partindo para Grécia, lugar definitivo de separação de ambos. Durante sua estadia em território grego, Aubrey conhece uma jovem chamada Lanthe, cuja beleza encanta o jovem e ainda relata histórias horríveis acerca de vampiros que seduzia jovens com o propósito de sacrificá-las em rituais macabros, após ouvir as histórias, porém sem acreditar muitos na versão de Lanthe, Aubrey sai para um passeio com objetivo de conhecer melhor as redondezas do lugar em que se encontrava hospedado. Ao retornar ele escuta gritos de uma mulher e acaba descobrindo que o alvo dos gritos era sua amada.

Após o trágico ocorrido o jovem opta juntar-se novamente com Lord Ruthven com o objetivo de aliviar a dor da perda da amada, indo ao um passeio que os dois resolvem fazer. Eles são atacados por assaltantes, onde Lord Ruthven pede para que seu amigo lhe prometa que durante certo tempo não poderá falar de sua morte, assim o faz. O jovem Aubrey decide voltar para Inglaterra, seu país de origem, a fim de cuidar e sua irmã e fortuna, ao chegar à sociedade inglesa, o mocinho é convidado para ir a corte, ao chegar ao local do convite, este muda completamente de semblante ao notar que seu suposto amigo estava vivo mais agora com outro identidade. Lord Ruthven agora chamado de Conde Marsden, após essa intrigante revelação Aubrey fica horrorizado com sua descoberta, contudo, encontra-se preso a sua promessa de guardar segredo sobre a morte Ruthven. Decorrido certo tempo, Aubrey havia se segregado da sociedade e que ao retornar ao recinto social para revelar toda a verdade é surpreendido ao saber que no mesmo dia sua irmã casaria com o Lord, Aubrey faz esforço para contar tudo, no entanto, foi mais uma vez surpreendido, já que na mesma noite de núpcias sua irmã é encontrada morta paralelamente ao desaparecimento do Lord Ruthven.

1.2.2 Obra *Drácula* de Bram Stoker

Na obra *Drácula*, escrita por Bram Stoker, no ano de 1877, por influência do escritor Lord Byron tornou-se a precursora do vampiro moderno no romance e consolidadora da imagem deste no século XX. Com isso, a respectiva obra trouxe um novo olhar para o gênero de horror além de fazer uma nova construção da imagem do vampiro denominado. Bram Stoker faz uma narrativa da história de um jovem rapaz corretor de imóveis chamado Jonathan Harker que é enviado à Europa com o intuito de negociar com um nobre, cujo interesse está em adquirir mais uma propriedade na Inglaterra, sendo sua viagem prolongada naquele lugar, durante seu percurso, o jovem Jonathan se depara com criaturas cuja origem está ligada a vampiros, os quais possuem po-

deres sobrenaturais esses seres junto com o Drácula, que após o término de seu trabalho retorna a Londres, deixando para trás o corretor prisioneiro. Depois de um tempo Jonathan consegue se libertar do cárcere de privado também retornando a Londres. Durante sua estadia na Inglaterra o conde Drácula atrai e acaba transformando a jovem Lucy Westenra em vampira, esta amiga de Mina Murray, a noiva de Jonathan. Com objetivo de descobrir a origem da doença de Lucy, o doutor Seward e o seu ex-professor Dr. Van Helsing, se unem para juntos entender qual enfermidade atormentava a amiga de Mina em que ambos acabam por descobrir que ela havia sido transformada em uma vampira e, consequentemente, adotam como medida protetora a destruição de Lucy. Após a conclusão da eliminação de Lucy, o médico e o professor decidem pela eliminação de Drácula, uma vez que o mesmo planejava seduzir Mina e transformá-la em vampira. Por fim, Drácula acaba sendo perseguido pelo grupo de amigos, forçado a voltar para Transilvânia, lugar de sua origem, em que encurralado e destruído em seu castelo.

1.2.3 Obra *Crepúsculo* de Stephanie Meyer

A obra o *Crepúsculo* escrita por Meyer, foi publicada no ano de 2005, com a história narrada pela personagem principal chamada Bella. Esta uma jovem de dezessete anos que se muda para casa de seu pai após o casamento de sua mãe, com a mudança para a cidade de Forks, em seu primeiro dia de aula, ela se encontra com Edward Cullen, um vampiro centenário com poderes sobrenaturais, cuja beleza e mistério lhe atrai no primeiro olhar. A partir desse momento, a jovem tenta manter uma aproximação com o jovem em descobrir o mistério que cerca o enigmático e misterioso Edward Cullen, sem saber onde esse mistério a levará. Na obra, há a ocorrência de descobertas de que por trás da beleza estonteante de Edward existe um segredo envolvendo seres com poderes sobrenaturais que cercam a humanidade por séculos, seres estes chamados de vampiros, com a descoberta de tal segredo Bella declara seu amor

pelo jovem vampiro, contudo Edward teme que tal aproximação possa colocar a vida de sua amada em perigo, já que seu mundo é rodeado de sombras e conflitos. No desenrolar da narrativa, Bella aceita seu destino de permanecer ao lado do vampiro mesmo sabendo o perigo que existe com essa união, provando a Edward que seu amor é verdadeiro, aceitando permanecer ao lado do vampiro.

Assim sendo, com essa breve apresentação das três obras utilizadas para identificação das características do vampiro, personagem que ganhou forma e sucesso popular adjacente ao movimento do romantismo, no que concerne a vertente da literatura. Nesse âmbito, a imagem do vampiro é construída respectivamente: na primeira obra como clássico, porque é uma das primeiras versões do personagem; na segunda o mesmo é classificado como moderno, pois este já ressurgiu reinventado em comparação com o anterior e na terceira é caracterizado como contemporâneo, em razão desse trazer novos aspectos para serem analisados, além de sua também completa transformação. Ainda no mesmo panorama de observação, pode-se afirmar antes de partir propriamente dita para as contribuições do vampiro do romantismo, que ambas as três obras possui como semelhanças a relação com a morte que na obra do vampiro clássico

a morte passa a ser encarada como parte de rituais “macabros” constituintes no folclore da época; no vampiro moderno a morte possui meio que uma ambiguidade, visto que pode ser interpretada tanto como o fim do vampiro ao haver a demonstração da vulnerabilidade a objetos sagrados; quanto o início de sua vida, pois é por meio da morte de outros indivíduos que ocorre o constante rejuvenescimento, por isso o Drácula de Stocker é imortal e para finalizar no vampiro contemporâneo não necessariamente há morte, uma vez que o personagem aparece mais humanizado, envolto por questões morais, fazendo com que ele queira proteger sua possível vítima.

2 O Vampiro do Romantismo

Por muito tempo o vampiro foi visto como um ser maligno, cujo objetivo estava em sugar o sangue de suas vítimas, “sangue é vida” (STOCKER, 2002, p. 16 *apud* SILVA, 2013, p.01) sendo sangue a essência da vida, desde os primórdios da terra segundo o mito cristão. Para Silva (2013), o mito dos bebedores de sangue e imortais apresentados em diversas culturas do mundo desde a antiguidade.

Com o objetivo de destacar a figura do vampiro, fazendo uma abordagem do vampiro da literatura gótica em seus principais momentos, é que pode ser destacado suas características em cada fase, além de revelar e atribuir ao vampiro as relações e transformações sofridas nesse processo.

É a partir da literatura gótica, a qual permite ao escritor uma fuga da vida cotidiana que se mostrou muito popular na visão de Silva (2013). De modo, que o vampiro clássico é visto como um ser imortal cuja presença está na sociedade aristocrática, e que busca suas vítimas na sociedade para se alimentar com sangue, trazendo sobre si acontecimentos sobrenaturais, tais características podem ser notadas na obra *O Vampiro* de Willian Polidori, sendo esse o primeiro romance escrito trazendo como personagem principal um vampiro.

O vampiro de Polidori foi o primeiro vampiro homem da literatura inglesa onde os ingleses eram atacados. Ruthven procura a companhia dos humanos e viaja com Aubrey, um companheiro que acaba por descobrir o que ele é. Ruthven é como um parasita, porque não larga Aubrey. Ele usa as mulheres para seu belo prazer, transformando muitas em vampiras. Aubrey, homem virtuoso e honrado, só perceber a verdadeira natureza tarde demais e acaba por arrasta a sua família na maldição do vampiro. (LAGARTO, 2008, p. 31 *apud* SILVA, 2013, p. 10).

Sendo Polidori o autor da figura do vampiro na literatura romântica, e apresentá-lo como um aristocrata na sociedade inglesa, ressaltando sua beleza e sede por sangue humano características essas presentes em

sua obra, tendo influenciado grandes escritores a escrever sobre essa temática sombria, dessa forma é que no ano de 1897, Bram Stoker escreve sua obra *Drácula* o qual se torna o responsável pela criação de um vampiro com traços diferentes – mais voltado para o medieval.

A crueldade do Drácula chamou atenção de Bram Stoker, que se inspirou livremente na sua figura para criar o seu Drácula (1897), apropriando –se também do cognome que se tornaria sinônimo do vampiro, apesar do personagem histórico ter eventualmente ganho uma dimensão e uma identidade da do vampiro.” (LAGARTO, 2008, p. 23 *apud* SILVA, 2013; p.10).

Em sua obra Stoker retrata a figura do vampiro de forma horrenda trazendo ao seu livro gênero do horror, com o objetivo de abordar os medos internos existentes no ser humano, partindo de tal abordagem é que sua obra possui características diferentes do vampiro apresentado por Polidori. O vampiro de Stoker não possui beleza ou sedução, não possui reflexo ou sombra, alimenta-se de sangue além de que objetos sagrados a Deus lhe causa temor e não pode se expor a luz do sol, pois morreria facilmente ao fazer isso.

O vampiro povoa há séculos o imaginário humano, mas que para se se tornar o vampiro de tez pálida bebedor de sangue, que teme o alho e a cruz – características reunidas pela primeira vez por Stoker - passou por um longo processo. (RODRIGUES, 2008; p. 28 *apud* SILVA, 2013, p.12).

Foi considerado o primeiro a usar o gênero horror neste formato em sua obra como cita Silva (2013) e argumenta que Drácula inaugurou o gênero de horror na literatura gótica romântica, que até os dias atuais tem influência da figura do vampiro contemporâneo onde se apresenta na obra *Crepúsculo* da escritora Stephanie Meyer, em que seu personagem principal é o vampiro Edward cujas características são diferentes dos vampiros anteriores; em sua obra Meyer retrata o vampiro de forma a qual agora ele já faz parte de um meio social e não mais nas sombras como o Drácula, além de que o vampiro pode andar a luz do dia, e possui poderes sobrenaturais, “o vampiro de Meyer vive completamente em

sociedade devido a uma característica essencial: ele não morre com a luz do sol. Quando exposto a luz sol, o vampiro de Meyer brilha. Cada vampiro possui um super poder especial.” (SILVA, 2013, p. 29).

O vampiro agora possui aparência bela, e não precisa mais temer a luz do sol assim como objetos sagrados; ressaltando ainda que o vampiro Edward não se alimenta de sangue humano como fazia o vampiro Drácula, sendo o vampiro contemporâneo agora não mais o vilão e sim o “super - herói” (SILVA, 2013, p. 30). O vampiro contemporâneo não representa mais o outro que deve ser temido. Ele é um super herói e uma figura que queremos amar e aceitar e, se possível, se transformar, já que eles oferecem a imortalidade, sendo o vampiro contemporâneo já não possui tantas características do vampiro romântico a medieval de Bram Stoker. Em suma, o vampiro de Meyer perdeu a maior parte das características do vampiro moderno e perde assim seu status de monstro e ganha o de super-herói, a ponto do ser humano desejar ser vampiro.

Partindo da análise realizada da figura do vampiro da literatura romântica e das obras que sofreram forte influência dessa temática gótica, é possível ressaltar que a forma como o vampiro foi evoluindo desde a literatura gótica onde na obra de Polidori o vampiro é representado como um aristocrata cuja aparência é muito agradável seduzindo então suas vítimas a fim de oferecê-las em rituais macabros descritos na sua obra *Vampiro*, já na obra de Bram Stoker o vampiro não tem uma aparência bela e nem chamativa a qual possa seduzir sua vítima, o Drácula é um ser temido e horrendo cuja maldade está presente em toda obra e na forma a qual ataca suas vítimas, o vampiro medieval de Bram Stoker é representado de uma forma diferente da obra de Polidori, pois agora sua figura não é vista como a de um ser sobrenatural do folclore ou uma simples lenda, ele agora é um ser que da representação das coisas sombrias e obscuras o estranho e o mal e que já não tem uma relação na sociedade. A figura do vampiro contemporâneo já não está voltada para figura horrenda de como é a do Drácula, o Edward da obra *Crepúsculo* está mais

voltado para a questão humanitária e as questões morais e a busca do reconhecimento.

2.1 O Vampiro do Romantismo ao contemporâneo

Diante das considerações que fizemos aqui até, elaboramos um quadro sintético que pudesse abranger as principais características desta personagem singular e ao mesmo tempo popular na história da Literatura, a partir das marcas oriundas dos três livros que estamos usando para análise. Dessa forma, de modo geral, classificamos três tipos de vampiros:

Vampiro medieval	Alimenta-se de sangue humano. Aspectos sombrios. Gótico. Aristocrata.
Vampiro romântico	Alimenta-se de sangue humano. Não anda a luz do dia. Não tem reflexo ou sombra. Teme objetos sagrados a Deus. Possui força física superior a de uma pessoa dita normal. Dorme em caixões. Burguês
Vampiro contemporâneo	Anda a luz do dia. Tem poderes especiais. Possui uma beleza inumana. Não se alimenta de sangue humano. Não é afetado por objetos sagrados a Deus.

Fonte: A autoria nossa (2019)

Em geral, o vampiro passou por grandes mudanças para se representado como vemos hoje, essas mudanças se deram pelo processo o qual o vampiro passou a ser visto na sociedade deixando primeiramente de ser um aristocrata que caçava suas vítimas, em que estava para se tornar temido pelas pessoas, como é visto na obra de Stocker- representado pela imagem do vampiro de aparência horrenda e que não possui sombra e nem reflexo dormindo em caixões e que não pode senti a luz do sol – essa figura do vampiro medieval – e, é que vai influenciar toda uma geração por meio do gênero horror e vai perder algumas de suas características

com a chegada do vampiro contemporâneo, retratada na figura do vampiro que não é vista como o vilão, mas como o herói.

Considerações Finais

Pelas breves pontuações acima sobre a leitura de três vampiros presentes em três leituras literárias, pontuamos algumas considerações finais para este estudo.

A personagem do vampiro, embora tenha passado por algumas modificações ao longo dos períodos literários, aqui analisados do Romantismo ao contemporâneo para fazer referência aos nossos dias, ainda continua sendo a figura do gótico medieval em muitos aspectos presentes em nosso imaginário, visto que ela carrega um conjunto de arcabouço histórico de elementos básicos de movimentos literários que se encontram nas várias releituras que se fazem do vampiro.

Essa figura é dotada de processos evolutivos, se levarmos em conta as modificações do vampiro medieval, sem menosprezar suas contribuições para o que chamamos hoje de vampiro contemporâneo, ressaltando as analogias das questões sociais e humanas mais evidentes em ambos.

Independente da época de produção das obras, a Literatura protagonizada por um vampiro continua sendo uma Literatura que nos seduz, portanto, narrativas que não só fazem parte de nosso imaginário, mas também de nossa identidade cultural, enquanto leitores dos autores citados neste trabalho, bem como outros que nos apresentam novas formas de ver e ler enredos em que há vampiros como personagens principais.

Referências

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 46^a ed. São Paulo: Cultrix, 2016.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Romantismo das trevas. **Teresa**: revista de Literatura Brasileira [12|13]; São Paulo, p. 65-78, 2013.

KORASI, Fabricio Pereira. **O vampiro Romântico, uma questão estética: Uma História das representações através do mito.** (Doutorado em História Social) – Pontifícia Católica De São Paulo (PUC – SP), 2014.

MEYER, Stephenie. **Crepúsculo.** Edição: [www. Ebooksbrasil.org/](http://www.Ebooksbrasil.org/) 2016 – Stephenie Meyer
POLIDORI, John William. O vampiro. Tradução: Virgílio Martinho, 2010.
Disponível em: <http://www.thevampyre.org>.

STOCKER, Bram. **Drácula.** Edição: www.Ebooksbrasil.org/ 2002.

SILVA, Angélica Bastos Cândido. **Um estudo sobre a figura do vampiro na cultura contemporânea:** uma entrevista com o vampiro o crepúsculo e True Blood. (Universidade Federal do Rio De Janeiro Escola de Comunicação – Centro de filosofia e Ciências Humanas Jornalismo), 2013.

SILVA, RFS. O horror na literatura Gótica é Fantasia: uma breve excursão de sua gênese a sua contemporaneidade . *In* MAGALHÃES, ACM., et al. **O demoníaco na literatura** [online]. Campina Grande: EDUEPB, p. 239-254, 2012.

Capítulo 06

Borges e sua intrínseca relação com a biblioteca: uma análise do conto *A Biblioteca de Babel*

*Jhackellyne Ferriê da Costa Carvalho*¹

*Rayla Michelle Nunes Batista*²

*Thais Sampaio de Oliveira*³

*Cristiane de Mesquita Alves*⁴

Introdução

Jorge Luis Borges, nascido em Buenos Aires em 24 de agosto de 1899, desde pequeno gostava de ler, por influência de sua família. Aos 4 anos de idade, já era bilíngue, sabia inglês fluentemente, pois sua avó paterna era de origem inglesa, por isso, aprendeu inglês antes do espanhol. Foi no idioma inglês que fez suas primeiras leituras. Aos 9 anos escreveu seu primeiro conto, inspirado em um dos capítulos da obra *Dom Quixote* cujo o nome é *Lá Viseira Fatal*.

No ano de 1914, Borges e sua família se mudaram para a Genebra, Suíça com intuito de conseguir tratamento para seu pai, onde terminou

¹ Graduanda em Letras Licenciatura Plena em Língua Portuguesa. Universidade do Estado do Pará (UEPA). Campus São Miguel do Guamá – Campus XI.

² Graduanda em Letras Licenciatura Plena em Língua Portuguesa. Universidade do Estado do Pará (UEPA). Campus São Miguel do Guamá – Campus XI.

³ Graduada em Licenciatura Plena em Filosofia. Universidade do Estado do Pará (UEPA). Campus São Miguel Do Guamá – Campus XI. Graduanda em Letras Licenciatura Plena em Língua Portuguesa. Universidade do Estado do Pará (UEPA). Campus São Miguel do Guamá – Campus XI.

⁴ Professora e pesquisadora da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC da Universidade da Amazônia (UNAMA). Bolsista PROSUP/CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa Interfaces do Texto Amazônico (GITA).

seu Ensino Médio. Após dois anos se mudou para a Espanha, lá participou do movimento altruísta, onde fez inúmeras críticas literárias e criou vários poemas que foram publicados em diversas revistas. Passando-se dois anos, ele e sua família regressaram a cidade natal, Buenos Aires na Argentina. Logo em seguida, publicou *Fevor de Buenos Aires*, livro de poemas. Já em 1935, publicou seu primeiro livro de contos *História Universal da Infâmia*. Entre os anos 1938 a 1946, Borges trabalhou de bibliotecário, porém, era contra o governo ditatorial de Juan Perón que assumia a presidência naquela época, com isso, Borges renunciou seu trabalho na biblioteca e começou a exercer o cargo de professor de literatura inglesa. Em 1955, ocorreu à queda do governo de Perón, Borges retorna a biblioteca, agora como diretor nacional.

Nesse período, Borges criou alguns de seus livros mais reconhecidos *Aleph* e *Ficções*. Desde novo, percebeu que tinha a mesma doença de seu pai. Com o passar do tempo foi agravando, ao ponto de ficar totalmente cego de um olho e parcialmente de outro por volta 1955.

Mesmo com todas as dificuldades, Borges continuou publicando livros, e demonstrando que esse era o seu propósito na terra, escrever e reinventar a realidade. Ele usou o método do ditado, enquanto falava, sua mãe escrevia, depois de seu falecimento, a escrevente de Borges foi substituída por Maria Kodama, sua secretária literária e esposa.

Borges recebeu inúmeros prêmios, o seu primeiro internacional no ano de 1961 que compartilhou com Samuel Beckett. Em 1976 ganhou o especial prêmio Edgar Allan Poe por contribuição ao gênero mistério. Logo ganhou o prêmio Badan por sua crítica literária, o prêmio Diamond Cones como um dos mais reconhecido no seu país. Passou os últimos dias de sua vida acompanhada por sua esposa, fazendo viagens pelo mundo.

No ano de 1986, com 86 anos de idade, Borges faleceu em Genebra no dia 14 de junho, faleceu com câncer no fígado, sem deixar filhos. A viúva herdeira se tornou a divulgadora nacional e internacional de suas obras. Jorge Luis Borges é ovacionado pelo mundo, considerado um dos

maiores autores do século XX, por suas ficções fantásticas, pelos seus conhecimentos, pelo conjunto de ideias e sua magnífica poesia. Oferecendo vivências e reflexões filosóficas fundamentais em misteriosos universos, que contêm labirintos, espelhos e bibliotecas.

Borges foi principalmente reconhecido por seus contos e poemas, mas criou diversos ensaios e textos teóricos. Suas obras foram levadas para televisão, cinema e foi musicalizada. Filosofia e metafísica era a base temática para suas obras.

É perceptível a influência de William Shakespeare, Rudyard Kipling, Thomas de Quincey, e da parte filosófica como Baruch Spinoza, Fritz Mauthner, todos da Europa antiga.

Borges centrou em temas ilimitados, mas construiu um corpo enorme de Literatura sobre conteúdos do folclore e da história da Argentina, como por exemplo, em *Fevor de Buenos Aires* que traduzindo fica *Paixão de Buenos Aires*, representava bem a cultura, as histórias e os símbolos mais importantes da Argentina, como no caso o poema: *História do Tango*, *As Inscrições no Cavalo Vagões*, assim como, nos seus poemas de temática folclórica, como o da *Juan Muranã*, *Noite dos Presentes*. Borges ressaltou também, em seus poemas, alguns personagens importantes para literatura, presentes no texto: *O Escritor e Tradição Argentina*, *Almafuerte*, *Evaristo Carriego*, por fim, apreensão, o medo que envolvia a população argentina, descrita perfeitamente nos poemas: *Celebração do Monstro e Depressa se apressa*.

A seguir, será tratada de forma sucinta a ligação que Borges tem com a biblioteca, e de como esse elo, foi fundamental para o seu aprimoramento enquanto escritor, e principalmente, como homem.

Borges e sua relação com a Biblioteca

O autor de contos fantásticos além de escritor, foi também professor e bibliotecário, viveu na biblioteca por muito tempo. Desde criança, Borges era amante da leitura, pois sempre teve influência, principalmente,

de seu pai e avó paterna, e desde pequeno teve contato com a biblioteca, por isso, que quando se fala de Jorge Luís Borges imediatamente nos lembramos ou associamos a sua pessoa a Biblioteca. Então, o escritor argentino começou a fazer suas obras dentro da biblioteca, uma espécie de metalinguística. Por esse motivo, chamamos de “sua intrínseca relação com a biblioteca”.

Ele ficou cego (devido à doença de degeneração genética da retina herdada de seu pai) depois de adulto, por volta de 1956, porém em momento algum desistiu de escrever, ele costumava ditar seus trabalhos para sua mãe e amigos e, após esse acontecimento, ele foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional de Buenos Aires.

Jorge Luís Borges tem a escrita labiríntica, pois para o autor a biblioteca é um labirinto, como se fosse infinita, suas obras dialogam com a sobrenaturalidade, onde há seres sobrenaturais (aquilo que costumamos ouvir no interior) e fantasmas dentro da sua literatura, foi o primeiro a evidenciar a mistura de magia e realidade que seria nomeada como mais tarde como “realismo mágico”, marca da literatura sul-americana da segunda metade do século XX. Seu estilo literário era próprio, sua escrita bastante inventiva, suas narrativas tentam esclarecer delírios da racionalidade.

Por meio de suas obras, Jorge Luís Borges fazia com que todos que as lessem refletissem sobre temas da literatura, da história, da filosofia e da religião. Tem a necessidade de desenvolver temáticas mais enigmáticas. Os autores que o influenciaram foram William Shakespeare e Joseph Conrad. Borges era fascinado pelo conhecimento em suas diversas maneiras: bibliotecas, enciclopédias, dicionários, entre outros, das quais era um leitor insaciável.

Uma das citações mais conhecidas de Borges é a seguinte: “sempre imaginei o paraíso como um tipo de biblioteca”, a frase é um dos versos do *Poemas de los dones*, no qual ele escreveu em 1955, onde se imagina que o paraíso para ele seja um lugar que haja uma encantadora coleção de livros aguardando leitores ávidos.

Na biblioteca, os pesquisadores têm várias possibilidades de se aprofundar em caminhos extraordinários, como se fosse um arquivo infundável, a biblioteca oferece diversas entradas e saídas, então a partir daí que se tem a comparação com o labirinto, no qual está tudo conectado, os caminhos se cruzam, no entanto, não são os mesmos. Para o autor, a biblioteca seria um ambiente infinito, pois quem tivesse acesso poderia alcançar todo conhecimento concentrado naquele ambiente. Dessa maneira, a biblioteca seria uma espécie de tesouro, pois nela conteria todas as respostas.

Análise do conto a Biblioteca de Babel.

Ao longo deste trabalho, pode-se perceber que Borges sempre manteve uma relação íntima com a biblioteca, seja quando se aventurava enquanto criança na biblioteca de seu pai seja quando adulto ao aceitar trabalhar na Biblioteca Nacional da Argentina. A paixão que Borges tinha pelas bibliotecas acabou virando temas de alguns de seus contos e poemas, onde é possível notar uma sutil relação da sua vida real com o universo fictício de suas obras. E pensando nisto, pretende-se analisar o conto *A Biblioteca de Babel*, presente na sua obra *Ficções*, para evidenciar melhor essa relação entre vida e obra que se estreitam na literatura borgeano.

O conto *A Biblioteca de Babel*, e de uma narração descritiva, na primeira pessoa. A história toda ocorre em uma enorme biblioteca, na qual não é possível dizer o seu tamanho exato, levando a crer, que possui uma dimensão infinita. O texto todo é narrado por um indivíduo que conhece bem o espaço que ocupa, pois a todo instante descreve com detalhes de como a biblioteca é composta. A biblioteca é formada por inúmeras galerias hexagonais, espalhadas pelos andares superiores e inferiores. Cada andar possui enormes estantes de livros, na qual não segue uma ordem aparente. Os livros estão espalhados entre diversos assuntos e línguas, alguns chegam a apresentar uma língua inteligível.

As pessoas que ocupavam essa biblioteca buscaram durante suas vidas, um significado, um motivo que justificasse a existência da biblioteca, que explicasse a lógica de seu funcionamento e os conteúdos de seus livros. Livros estes que possuem elementos parecidos, como por exemplo, palavras, pontuação, espaço e vírgulas. No entanto, os viajantes que ocupam a biblioteca reconheceram que cada livro apresenta o seu próprio significado, por isso ser um erro acreditar que todos os livros são iguais, até mesmo os mais semelhantes na escrita ou no assunto.

Frustrados por não alcançar um conceito que expressasse a essência da biblioteca, e angustiados por não conseguirem ordenar uma lógica exata de seu funcionamento, estes homens que ocupavam esse ambiente, injustificável, confuso e misterioso, acabavam tirando a sua própria vida, outros ficavam loucos, por não encontrar e nem compreender todas as possibilidades e combinações que a biblioteca apresentava. Mas uma coisa é certa, a biblioteca é um universo infinito que nunca vai acabar, e mesmo o homem mais dedicado, só poderá conhecer um pedaço do seu todo.

Borges foi um leitor incansável que dedicou parte de sua vida em busca do saber. Fascinado pelos labirintos da literatura, deixou-se envolver nos emaranhados textuais que foram se tecendo ao seu redor e consumido o seu dia. No intuito de decifrar, e porque não, dominar os segredos que a biblioteca possuía, “delirou-se” na esperança de encontrar um catálogo dos catálogos que lhe pudesse revelar esse segredo, e reconheceu que uma única vida, existência, não seria o suficiente para descobrir e saborear tudo que uma biblioteca pode oferecer, nem mesmo pela ficção, o que é facilmente notado na seguinte passagem:

Em aventuras como essa, prodigalizei e consumiu os meus anos. Não me parece inverossímil que em algum prateleira do universo haja um livro total; rogo aos deuses ignorados que um homem – um só, ainda que seja há mil anos! – o tenha examinado e lido. Se a honra e a sabedoria e a felicidade não estão para mim, que sejam para outros. Que céu exista, embora meu lugar seja o inferno. Que eu seja ultrajado e aniquilado, mas que num instante, num ser, Tua enorme biblioteca se justifique. (BORGES, 1999, p.41).

Outro ponto em que a narrativa se confunde com a história do autor, de acordo com Carpeaux (2005) é quando o principal personagem, que é um bibliotecário, assim com o próprio Borges foi, conta que durante a sua juventude viajou muito em busca de um livro, e durante a sua peregrinação foi perdendo aos poucos sua visão, passando a ter dificuldades para entender o que escreve. A cegueira também é vivida por Borges, que teve que depender de terceiros para escrever suas poesias e contos. Como bom leitor que era, Borges tinha uma enorme curiosidade e desejo de descobrir as essências das coisas, passou boa parte de sua infância até a velhice dentro daquilo que seria a sua maior morada, a Biblioteca, e a reconheceu como um universo inestimável do saber.

Como todos os homens da Biblioteca, viajei na minha juventude; peregrinei em busca de um livro, talvez o catálogo dos catálogos; agora que meus olhos quase não podem decifrar o que escrevo, preparo-me para morrer a poucas léguas do hexágono em que nasci. Morto, não faltarão mãos piedosas que me joguem pela balaustrada: minha sepultura será o ar insondável, meu corpo cairá demoradamente e se corromperá e dissolverá no vento gerado pela queda, que é infinita. Afirimo que a Biblioteca é interminável. (BORGES, 1999, p. 38).

No conto, a biblioteca é apresentado como universo que “compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais.” (BORGES, 1999, p. 38), cheias de corredores, de entradas e saídas, onde todos os caminhos estão interligados, mas nunca são os mesmos. Devido a sua grandiosidade física, acabava ocultando a “natureza informe e caótica de quase todos os livros” (BORGES, 1999, p. 39). A biblioteca narrada, é um verdadeiro labirinto sem fim, composto de inúmeros enigmas, e somente um homem possui a consciência do mistério que envolve a biblioteca, o “imperfeito bibliotecário.” (BORGES, 1999, p. 39).

Essa característica caótica, confusa que atravessa o conto *a Biblioteca de Babel*, assemelha-se com a biblioteca que Borges era responsável, assim como, as bibliotecas modernas. Não é de costume de determinadas

bibliotecas seguir uma ordem de funcionamento que possam auxiliar as pessoas a encontrar mais rápido aquilo que procura em suas galerias, estantes e livros. No entanto, o fim dessa desordem, representaria metaforicamente, a perda da importância do trabalho exercido pelos bibliotecários. Serviço esse que Borges exerceu com honra e satisfação na Biblioteca Nacional da Argentina (CARPEAUX, 2005).

Em outra parte do conto, narra-se que a Biblioteca tem inúmeros exemplares de livros, e por mais diferentes que sejam, compartilham de elementos iguais, referente à gramática usada na sua escrita. Também, reconheceu-se que por mais semelhantes que os livros podem ser já mais serão idênticos.

(...) um bibliotecário de gênio descobriu a lei fundamental da Biblioteca. Esse pensador observou que todos os livros, por diversos que sejam, constam de elementos iguais: o espaço, o ponto, a vírgula, as vinte e duas letras do alfabeto. Também alegou um fato que todos os viajantes confirmam: “Não há, na vasta Biblioteca dois livros idênticos.” (BORGES, 1999, p. 40, grifo do autor).

Esse fato pode ser relacionado com a vida de Borges, quando o escritor criticou a postura de alguns intelectuais da literatura Argentina, que defendiam o afastamento da literatura universal, em defesa de uma literatura nacionalista, em vista de uma valorização cultural e histórica do país. Para Borges, as obras estrangeiras e as nacionalistas tinham um grande valor para literatura.

O autor também reconheceu o fato de que a literatura tradicional é um caos, isto é, os textos e seus autores, por mais que pertençam a línguas e tradições diferentes, sempre estão em uma relação, seja ela direta ou indireta, pois nenhum texto é uma ilha, pois ele se constrói a partir daquilo que já foi escrito ou narrado. No entanto, cada livro se apresenta como autêntico, mesmo estando envolvido/atravessado por um emaranhado de textos. O próprio Borges se espelhou em alguns textos do cânone ocidental, como por exemplo, a obra *Dom Quixote*, que lhe serviu como fonte de inspiração para construir alguns de seus poemas e contos. E ressaltou, que por mais que existam inúmeras obras ou textos publica-

dos, o homem ainda não escreveu sobre tudo, como revela essa passagem:

A escrita metódica distrai-me da presente condição dos homens. A certeza de que tudo está escrito nos anula ou nos fantasmagoriza. Conheço distritos em que os jovens se prostram diante dos livros e beijam com barbárie as páginas, mas não sabem decifrar uma única letra. As epidemias, as discórdias heréticas, as peregrinações que inevitavelmente degeneraram em bandoleirismo, dizimaram a população. Acredito ter mencionado os suicídios, cada ano mais freqüentes. Talvez me enganem a velhice e o temor, mas suspeito que a espécie humana – a única – está por extinguir-se e que a Biblioteca perdurará: iluminada, solitária, infinita, perfeitamente imóvel, armada de volumes preciosos, inútil, incorruptível, secreta. (BORGES, 1999, p. 42).

Durante o seu período de bibliotecário, Borges percebeu que a imensidão da Biblioteca, pode causar certo desconforto, uma vez que, quando se olha para as prateleiras cheias de livros, subentende-se que tudo já foi escrito, como se a Biblioteca já tivesse encontrado todas as possibilidades de escritas e temas. Mesmo assombrando pelo fantasma de que tudo já foi dito, Borges com sua performance intelectual conseguiu se autêntico em sua escrita, reinventando a literatura com sua obra fictícia, e principalmente, a realidade em que viveu.

Considerações Finais

A partir da análise do conto *a Biblioteca de Babel*, pode-se perceber que o conto de fato se assemelha com a vida de Borges, principalmente, de sua história com a biblioteca. O autor de forma sutil consegue mesclar realidade com ficção, uma vez que, a Biblioteca foi um espaço que ele ocupou desde sua infância, e na fase adulta, teve a oportunidade de trabalhar como bibliotecário na Biblioteca Nacional da Argentina, o que ele considerou como a maior honra de sua vida. No entanto, mesmo mantendo um elo com os seus personagens, Borges sempre teve um cuidado de não reduzi-los ou encasular na dimensão do seu ser. De forma única e

imaginativa, Borges sob recriá-los, lhe dando um existência própria, mesmo que de forma fictícia .

À vista disso, concluí-se que a literatura borgeano está em um diálogo constante com a realidade do autor, principalmente aqueles momentos considerados de grande relevância na sua vida, como por exemplo, a cegueira, a biblioteca, a cidade de Buenos Aires, entre outros, por isso, ser importante compreender um pouco da biografia do autor para termos uma melhor compreensão da dimensão que é sua obra literária.

Referências

BORGES, Jorge Luis, 1899 – 1996. **Obras completas de Jorge Luis Borges_ Volume I** / Jorge Luis Borges – São Paulo: Globo, 1999, p. 38 – 43.

BORGES, Jorge Luis, Siete Noches. México, DF: Editorial Meló, 1980. In: **O Paraíso de Borges**. Bibliotecá / Sem Fronteiras. 2014. Disponível em: <https://bsf.org.br/2014/02/04/bibliotecas-paraiso-borges/>. Acesso em: 10/10/2019.

CARPEAUX, Otto Maria. Ficções de Jorge Luis Borges. In: SEIXAS, Heloisa. **Obras- primas que Poucos Leram**. Rio de Janeiro; Record, 2005, p. 285 – 291.

Capítulo 07

Do silêncio à propagação das vozes femininas na literatura

*Ana Karolina Damas da Costa*¹

Introdução

Por meio desta meditação empreenderemos um estudo sobre a produção literária de autoria feminina sob a luz da Crítica Feminista com o ensejo de apontar os caminhos traçados por essa tradição literária, desnudaremos as implicações e dificuldades para que essas mulheres-escritoras fossem inseridas no cenário da ficção, fator que nos conduzirá a refletir sobre as influências históricas da dominação masculina.

Nesse contexto, visualizaremos a maneira como as mulheres foram suprimidas a uma posição social periférica, que acarretou o pagamento feminino nos âmbitos da cultura, história e literatura. Além disso, serão ressaltadas algumas das implicações ocasionadas pelos sistemas de controle político, que resvalam na formação do cânone literário, instituição que muitas vezes realiza o julgamento dos textos literários sob a ótica de critérios excludentes. Desta fratura historiográfica, instaurada aos textos das ditas minorias sociais, se discutirá sobre o esquecimento dos escritos de autoria feminina, que durante muito tempo foram escamoteados, em vista do preconceito de gênero.

Isto posto, será abordada uma discussão teórica a respeito da Crítica Feminista, com a finalidade de observar os resquícios do patriarcado que

¹ Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: contato.karoldamas@gmail.com

culminaram na supressão literária das mulheres verificar-se-á que elas necessitam de condições básicas para escrever ficção, dentre estas a disposição de recursos financeiros e um espaço que seja seu. Desta feita, evidenciaremos a produção ficcional das autoras paraenses, elucidando as dificuldades enfrentadas para que estas mulheres-escritoras sejam reconhecidas no cenário das Letras, ao considerarmos que além da discriminação relativa ao gênero, elas também são frequentemente suprimidas por critérios que valorizam determinadas localizações regionais.

1 Um quarto próprio e quinhentas libras por ano

O silenciamento imposto para as mulheres fez com que consequentemente ficassem reprimidas no que concerne ao ofício da escrita, pois tal atividade era posta como prática exclusiva do público masculino, o que por muito tempo acarretou que elas não se arriscassem no universo da ficção. Por conseguinte, os escritos de autoria feminina foram relegados ao esquecimento, tendo em vista que, para a sociedade que tinha o patriarcalismo como sistema em vigor, aqueles que não se identificavam como pertencentes ao gênero masculino eram considerados como seres destituídos de existência própria.

Por isso, é imprescindível contar uma nova história das mulheres, na perspectiva de reconstituir a memória coletiva da humanidade, inserindo a figura feminina na história, através da recomposição de um passado no qual elas também são seres participantes. De fato, por um grande período as representantes do gênero feminino foram excluídas da história, e consequentemente esquecidas da historiografia literária, isto deve-se ao fato de terem sido preconceituosamente subjugadas ao silêncio e a inferioridade, tidas como incapazes de produzir literatura, episódio que favoreceu o surgimento de um legado histórico legitimado a partir dos valores patriarcais.

Entrelaçando os múltiplos fios do tempo, verificam-se as graves marcas ocasionadas pela difusão da invisibilidade feminina, por meio de um sistema de educação no qual elas eram instigadas à negação de si mesmas, desconsiderando, muitas vezes, sua capacidade de escrever textos literários. E aquelas que se aventuravam ao cenário da ficção por vezes se desfaziam de seus escritos não deixando rastros. Por conseguinte, essa falta de vestígios dificultou a realização das pesquisas que almejavam encontrar os textos que constituem o alicerce da produção literária dessas representantes. Por conta disso, esses incentivos propiciaram pesquisas cuja finalidade era resgatar os escritos de autoria feminina, a fim de promover a visibilidade dessas autoras e inseri-las na historiografia literária.

De acordo com Michelle Perrot (2017), a inserção da mulher no espaço público pôs a sua competência em evidência, o que funcionou como uma espécie de ponte para que a desmistificação da imagem feminina como um ser dotado de candura celestial e responsável pelos afazeres domésticos fosse transposta, para uma visão que a considerava como companheira do homem. Tal reconfiguração favoreceu para que elas, no exercício de suas profissões, fossem lentamente conquistando um espaço próprio, tendo como pré-requisito básico a competência, fator que as direcionava a transposição dos modelos ideológicos impostos pelo sistema patriarcal.

Desse modo, em um lento processo elas passaram a ler e escrever com mais intensidade por volta de 1850, concomitantemente a isso, continuaram seguindo em direção à autonomia e à liberdade. É por meio da escrita e de outras atividades que elas começaram a conquistar “um teto todo seu”, reescrevendo uma nova história e sendo inseridas na memória cultural da humanidade. No entanto, aquelas que ousavam adentrar no universo da literatura também eram criticadas por outras mulheres, as quais defendiam que a ficção deveria ser um território destinado precisamente para os homens, revelando assim, uma ótica/perspectiva distinta daquelas que desejam transpor as fronteiras sociais.

Logo, observa-se como o processo de socialização é dado de maneira diferenciada para os gêneros, à vista que, a construção da memória feminina é fruto de movimentos de luta e resistência, que buscavam a modificação dos sistemas de dominação, que reduziam as mulheres a permanecerem esquecidas da história.

Devido à desvalorização atribuída, por longo tempo parte dos escritos de autoria feminina eram desconhecidos. Dessa maneira, com a finalidade de fazer com que essas produções se tornassem visíveis, surge a necessidade de se obter uma nomenclatura específica para designar tais obras. De acordo com Lúcia Zolin (2009), por volta de 1970, impulsionada pelos ideais feministas surge uma espécie de tradição literária, que até o momento permanecia sendo desprezada pela história da literatura, no intuito de evidenciar a escrita das mulheres e que foi denominada como Crítica Feminista.

A tradição literária feminina estendeu-se por várias partes do mundo, em busca de visibilizar esses textos esquecidos durante muito tempo. Conseqüentemente, por meio de trabalhos de resgate, que tinham por anseio (re)encontrar as obras dessas mulheres-escritoras, que permaneciam ‘perdidas’ diversos arquivos foram encontrados, o que possibilitou a concepção de várias antologias que agrupavam escritos de autoria feminina que não figuravam dentro da história da literatura.

Por influência das duras críticas carregadas de estereótipos sexistas, muitas mulheres do século XIX decidiram ocultar sua identidade, utilizando um pseudônimo masculino, com o intuito de possibilitar a publicação de seus textos, o que ocorreu tanto na escrita como em outros diversos âmbitos sociais, tidos como pouco convencionais para as representantes femininas. A exemplo das escritoras George Eliot² e Currer Bell³, na Inglaterra, George Sand⁴, na França, e da cartunista brasileira Rian⁵.

² Mary Ann Evans (1819-1880).

³ Charlotte Brontë (1816-1855).

⁴ Amandine Aurore Lucile Dupin (1804-1876).

⁵ Nair de Tefé von Hoonholtz (1886-1981), o pseudônimo Rian tratava-se de seu nome Nair de trás para frente.

No emaranhado dos fios que tecem a memória cultural das mulheres, verifica-se que a utilização dos pseudônimos consistia em uma forma de evitar a exposição pública, tendo em vista que, aquelas que se arriscavam a publicar seus textos utilizando seus nomes verdadeiros, recebiam severos julgamentos. O pensamento estritamente conservador da sociedade considerava que aquelas que escreviam literatura, estavam extrapolando as regras impostas para o papel que lhes era designado.

Tão logo, o que se percebe é que a escrita se constituía como um mecanismo de poder, o qual pertencia de modo exclusivo ao público masculino, dessa forma, compreende-se que aquelas que se aventuravam a adentrar nesse universo eram frequentemente censuradas. Nesse sentido, é válido recompor os percursos trilhados por essas autoras, a fim de verificar uma história esquecida em razão do preconceito, sobre isso, Elódia Xavier (1998) afirma que:

A constatação da existência da autoria feminina configurando uma produção literária, que se estende do século passado até hoje, nos instiga a apontar os rumos desta trajetória, enfatizando, concomitantemente, as marcas do percurso. Elaine Showalter, em *A Literature of Their Own: British Women Novelists from Brontë to Lessing*, afirma que: “Many other critics are beginning to agree that when we look at women writers collectively we can see an imaginative continuum, the recurrence of certain patterns, themes, problems, and images from generation to generation.”⁶ É o que ela chama de “female literary tradition”, sem que isto implique em nenhuma forma de essencialismo; Showalter está interessada em investigar “the ways in which the selfawareness of the woman writer has translated itself into a literary form”⁷, não perdendo de vista as transformações sofridas através dos tempos. É esta perspectiva historicizante e culturalista que vai nos orientar no presente trabalho. (XAVIER, 1998, n. p).

Conforme observa Bonnici (2011), as pesquisas feministas foram realizadas em vários países, originando a publicação de diversas antologias,

⁶ “Muitos outros críticos estão começando a concordar que, quando olhamos coletivamente para mulheres escritoras, podemos ver um continuum imaginativo, a recorrência de certos padrões, temas, problemas e imagens de geração em geração”. (Tradução nossa).

⁷ “As formas pelas quais a autoconsciência da escritora se traduziu em uma forma literária”. (Tradução nossa).

sendo possível elencar uma lista, dentre as quais se destaca a *Norton anthology of literature by women*, publicada em 1985, por Sandra Gilbert e Susan Gubar; *Meridian anthology of early women writers*, publicada por Katharine Rogers, em 1987; *The Penguin book of women poets*, organizada por Carol Cosman, Joan Keefe e Kathleen Weaver, em 1989; a *Eighteenth-century women poets*, publicada em 1989, por Roger Lonsdale; *American women poets of the nineteenth century: an anthology*, organizada por Cheryl Walker, em 1992; *Victorian women poets*, publicada em 1995, por Angela Leighton e Margaret Reynolds e *Romantic women poets*, organizada por Andrew Ashfield, em 1998.

Além disso, lamentavelmente é possível verificar que as disparidades que colaboraram para a supressão de autoras negras ou pertencentes a culturas distintas, ainda são realçadas em parte dessas pesquisas, o que como ressalta Bonnici (2011) é cunhado a partir de uma concepção falocêntrica⁸ do mundo, expressa nas antologias: *Asian/Pacific islander American women: a historical anthology*, publicada por Shirley Hune e Gail Nomura, em 2003; *The Aunt Lute anthology of U.S. women writers, Volume One: 17th through 19th Centuries, Volume Two: 20th Century*, organizada por Lisa Maria Hogeland e Mary Klages, em 2004; *The black women: an anthology*, publicada em 2005, por Toni Cade Bambara e Eleanor W Traylor; *Women: images e realities, A multicultural anthology*, publicada em 2006, por Amy Kesselman, Lily D McNair e Nancy Schniedewind; *Contemporary plays by women of color*, organizada por Kathy A. Perkins e Roberta Uno, em 2007.

Logo, ao observar esse cenário estritamente desfavorável e desencorajador, verifica-se que a sobreposição de preconceitos é um fator que suprime ainda mais algumas manifestações literárias, tendo em vista

⁸ **Falocentrismo** – Na crítica feminista, o termo denota a dominação masculina, evidente no fato de o falor sempre aceite como o único ponto de referência, o único modo de validação da realidade cultural. A sociedade dominada pelo falocentrismo olha sempre a mulher com base na sua relação com o homem, deixando prevalecer os aspectos que lhe faltam por oposição à plenitude do homem. O discurso é falocêntrico porque se organiza internamente à volta de todos os sinais e marcas do masculino, quer no que respeita ao vocabulário quer em relação à sintaxe, à gramática e às próprias regras da lógica discursiva. CEIA, Carlos. “**Falocentrismo**”. In: ____ (Org.). E-Dicionário de Termos Literários. ISBN: 989-20-0088-9. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/falocentrismo>>. Acesso em 23/10/2018.

que, se o fato das mulheres enveredarem pelo universo das letras a partir da escrita de textos literários é algo duramente criticado, para aquelas que são negras, indígenas ou pertencentes a culturas tidas como ‘exóticas’ essa supressão é ainda mais realçada, pois, além do preconceito de gênero são aliados diversos outros tipos de discriminações. Em consequência disso, a marginalização das obras dessas escritoras é mais acentuada, ocasionando dificuldades muito maiores para que se possam resgatar esses escritos e inseri-los na historiografia literária.

Por conta disso, as implicações para com os textos de autoria feminina são expressas tendo como razão principal o preconceito de gênero, pois como explicar-se-ia o fato de que inúmeros escritos produzidos por mulheres, em diversas partes do mundo não fazerem parte do cânone literário. De fato, esses textos foram excluídos de tal forma impedindo suas republicações e a sua inserção nos desenhos curriculares das universidades, tudo isso, tendo como principal argumento de desvalorização dessas obras, a alegação do baixo valor estético da escrita feminina, rechaçada a permanecer à margem do cânone.

Destarte, é possível compreender o delinear da trajetória dessa tradição literária, pois, por meio da escrita as representantes femininas conseguiam expressar seus sentimentos, fossem eles de sujeição ou de protesto. De tal modo, por um período a escrita se constituía como um instrumento de internalização dos modelos impostos pelo sistema vigente, todavia, de forma progressiva operou-se uma mudança de mentalidade em que as escritoras passaram a utilizar a literatura como forma de reivindicar seus direitos e afirmar sua autonomia frente a um cenário desfavorável para elas, nesse sentido, Xavier (1998) comenta a respeito dessas fases que constituem a tradição literária feminina.

São três as etapas apontadas por Showalter no percurso literário que compreende as obras de autoria feminina entre 1840 até por volta de 1960, tendo a cultura dominante como referencial. A primeira, que ela chama de “feminine”, é uma etapa prolongada e se caracteriza pela imitação: “a prolonged phase of imitation of the prevailing modes of the dominant tradition, and in-

ternalization of its standards of art and its views on social roles.”⁹; a segunda, uma espécie de ruptura, “a phase of protest against these standards and values, and advocacy of minority rights and values, including a demand for autonomy”¹⁰, denominada “feminist”. E, por último, a fase da auto-descoberta, uma espécie de “search for identity”, a que dá o nome de “female”. Não se trata de categorias rígidas, sendo mesmo possível encontrar as três, presentes na obra de uma mesma escritora. (XAVIER, 1998, n. p).

Segundo Xavier (1998), em um primeiro momento os enredos dos textos de autoria feminina circundavam em torno das rígidas relações de gênero, enfatizando a imitação e internalização dos padrões vigentes, em que o universo feminino é representado por meio da coroação da mulher como rainha do lar. Diante disso, passa por uma fase de protesto aos valores dominantes em que as personagens femininas são instigadas a descobrir a “identidade existencial”, reprimida pelos condicionamentos impostos ao papel social destinado a elas, para assim chegar até um momento de autodescoberta, com o intuito de buscar uma identidade própria e a reafirmação de sua individualidade através da escrita. Desse modo, as narrativas não precisam ser necessariamente povoadas por personagens femininas, na realidade o que realmente importa é o dado biológico, isto é, consiste em uma literatura genuinamente produzida pelo gênero feminino.

Ponderando a respeito do poder político, o qual limita o acesso feminino ao âmbito da literatura, convém refletir acerca das condições necessárias para que uma mulher escreva ficção. Para tanto, é imprescindível compreender as dimensões políticas que implicam de maneira direta nessas relações, tendo em vista que, é um fator essencial para que se suceda a ampliação dessa reflexão, e que conseqüentemente possibilita o melhor entendimento acerca dos motivos que explicariam a participação feminina na literatura.

⁹ “Uma fase prolongada de imitação dos modos predominantes da tradição dominante e internalização de seus padrões de arte e suas visões sobre os papéis sociais.”. (Tradução nossa).

¹⁰ “Uma fase de protesto contra esses padrões e valores e defesa dos direitos e valores das minorias, incluindo uma demanda por autonomia”. (Tradução nossa).

A atividade da escrita requer condições básicas, como possuir um espaço próprio e recursos financeiros, no entanto, na história da vida das mulheres esses fatores são amplamente ausentes. Por conseguinte, cabe refletir acerca de tais questionamentos, levando em consideração as disparidades entre as assimetrias das posições sociais destinadas a cada gênero, enquanto para os homens era destinado o prestígio social dentre outros privilégios, para o sexo oposto restava a obediência e a falta de autonomia financeira.

No ensaio *Um teto todo seu* (1929), a escritora inglesa Virginia Woolf discorre sobre o tema “As mulheres e a ficção”, elegendo como enfoque principal de sua reflexão a subordinação da mulher frente à tradição patriarcal, a fim de desvendar as discrepâncias entre os gêneros, e assim salientar a importância que um espaço próprio e a detenção de recursos financeiros, exercem para que ela (a mulher) possa escrever literatura, considerando que, a falta de tais recursos configura um cenário desencorajador para que elas adentrem o universo da ficção, segundo Virginia Woolf (2014),

Tudo o que eu poderia fazer seria dar-lhes a minha opinião sob um ponto de vista mais singelo: uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio se quiser escrever ficção; e isso, como vocês verão, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção. (WOOLF, 2014, p. 12).

A ensaísta discute em que medida a subordinação ao papel que a mulher ocupa na sociedade ocasiona dificuldades para que ocorra a livre expressão do pensamento, evidenciando que a ficção deve estar atrelada a transformação das visões do mundo. Para isso, elas precisam dispor de condições básicas para o bom exercício da atividade ficcional, porém, eis aí o grande desafio, a mulher não dispunha de tais recursos, pois era desprovida de sua existência e subjugada à indiferença, e esses fatores às limitaram a permanecerem durante muito tempo em uma posição periférica.

Para Woolf, o fato das mulheres escreverem ficção incomodava ao público masculino, e por isso, os homens insistiam em provar uma suposta ‘inferioridade’ feminina em detrimento da ‘superioridade’ masculina. Essa estratégia foi executada de maneira eficaz, o que explica os motivos que por muito tempo levaram os textos de autoria feminina a serem esquecidos e marginalizados, deste modo, Woolf salienta,

As mulheres têm servido há séculos como espelhos, com poderes mágicos e deliciosos de refletir a figura do homem com o dobro do tamanho natural. Sem esse poder, provavelmente a terra seria pântano e selvas. As glórias de todas as nossas guerras seriam desconhecidas. Estaríamos ainda rabiscando o contorno de gamos em restos de ossos ovinos e trocando sílex por pele de cordeiro ou qualquer ornamento simples que despertasse nosso gosto sem sofisticação. (WOOLF, 2014, p. 54-55).

Igualmente, cabe refletir quanto ao papel social estabelecido para as representantes femininas, em vista de seu apagamento na história cultural da humanidade, que ocultou o protagonismo exercido por aquelas que lutavam pelos seus direitos, sem medo das normas e imposições a que a tradição imperativa do patriarcado as subjugava. Em verdade, durante muito tempo elas permaneceram camufladas, pois os homens necessitariam de espelhos que aumentassem suas dimensões, isto é, a mulher era considerada como um objeto cuja função seria apenas a de servir como reflexo obediente da imagem masculina, tidas como inferiores que deixando de cumprir seu papel exemplar (o que se reduzia apenas ao cargo de servir e reproduzir), causariam a ira do sujeito espe-lhado.

Logo, impedidas de expressar suas visões de mundo e subjugadas a trabalhar tendo que receber remunerações muito inferiores as conferidas aos homens, elas eram limitadas a dispor dos poucos recursos que tinham para garantir sua subsistência. Concomitantemente a falta de recursos financeiros, a ficção se constituía como um cenário bastante desencorajador para elas, que eram levadas a acreditar que escrever um

livro seria algo ridículo, em vista da posição social ocupada pelo público feminino, como afirma Woolf,

Não é preciso ter grandes habilidades em psicologia para afirmar que qualquer garota muito talentosa que tenha tentado usar seu dom para a poesia teria sido tão impedida e inibida por outras pessoas, tão torturada e feita em pedaços por seus próprios instintos contrários, que deve ter perdido a saúde e sanidade, com certeza. (WOOLF, 2014, p. 74).

A atividade ficcional era uma tarefa árdua para as mulheres, além de serem ridicularizadas elas não possuíam um espaço próprio e dinheiro, pois elas sempre foram pobres e a liberdade intelectual lhes era negada. Contudo, para alcançar essa liberdade são necessários recursos materiais, assim como a ficção também depende da liberdade intelectual, todavia, era justamente o que as representantes femininas não detinham. Mas, afinal, o que precisa uma mulher para escrever ficção?

Dê a ela mais cem anos, concluí, lendo o último capítulo – o nariz e os ombros descobertos das pessoas apareciam sob um céu estrelado, pois alguém havia puxado as cortinas da sala de estar –, dê-lhe um espaço, um teto todo seu e quinhentas libras por ano, deixe que ela diga o que lhe passa na cabeça e deixe de fora metade do que ela hoje inclui, e ela escreverá um livro melhor algum dia. (WOOLF, 2014, p. 134).

E assim, Virginia Woolf responde a indagação acerca do que é necessário para que as mulheres possam escrever ficção, nada além de quinhentas libras por ano e um teto todo seu, um espaço livre de irrupções e desatenções, onde tenha tempo suficiente para se dedicar a tal atividade, são as condições básicas para que ela escreva, assim como todo e qualquer escritor. Como afirma Woolf “As mulheres, portanto, não tiveram a mais remota chance de escrever poesia. É por isso que dei tanta ênfase ao dinheiro e ao espaço próprio.” (WOOLF, 2014, p. 151), esses recursos devem ser satisfatórios para elas, para que assim a recepção dessa escrita seja realizada com consideração, ao invés da indiferença.

Isto posto, na história da literatura brasileira isso não foi diferente, o passado colonial revela a condição de subordinação a que a mulher vivenciava, deixando marcas na trajetória da autoria feminina brasileira. A elas cabia o isolamento doméstico, quando se tratavam de mulheres brancas, e o exercício de diversos outros ofícios, se negras, considerando-se que, a educação feminina teve sua primeira legislação apenas em 1827.

Por conseguinte, os primeiros textos de autoria feminina a serem divulgados ao público datam do século XIX, uma vez que até esse período elas pouco escreviam e quando o faziam, os textos quase não apareciam, somente em apenas algumas exceções. Até então, a maior parte dos escritos era absolutamente masculina, tudo isso, em razão de que apenas os homens detinham o acesso à educação formal, de acordo com Nádya Bottella Gotlib in Brandão e Muzart (2003),

No mais aparecem nomes isolados de escritoras. É o caso de Teresa Margarida da Silva e Orta, filha de um português e uma brasileira, que viveu desde os cinco anos em Portugal. Escreveu obra de cunho moralista, intitulada *Aventuras de Diófanos*, considerada por alguns como o primeiro romance brasileiro, já que a escritora nasceu no Brasil, e, por outros, como obra portuguesa, já que a autora foi quando menina para Portugal e nunca mais voltou ao Brasil. (BRANDÃO e MUZART, 2003, p. 28).

Por outro lado, alguns teóricos consideram a autora Nísia Floresta, como precursora da narrativa feminina brasileira. Nascida no sítio da floresta, localizado no município de Papari, Rio Grande do Norte, em 10 de outubro, de 1810, e batizada como Dionísia Gonçalves Pinto Freire, iniciou sua militância política e jornalística engajada na luta pelos direitos da mulher e a liberação dos escravos. A escritora estreou no universo da literatura em 1831, no jornal pernambucano *Espelho das Brasileiras*, considerada como a primeira feminista brasileira, escreve *Direito das mulheres e injustiças dos homens*, um de seus mais importantes trabalhos publicado em 1832, e avaliado pela crítica como “o texto fundante do feminismo brasileiro” (BRANDÃO e MUZART, 2003, p. 30), que consiste em uma tradução livre do livro da inglesa Mary Wollstonecraft, e que

assina como Nísia Floresta Brasileira Augusta, dessa maneira, como menciona Gotlib in Brandão e Muzart (2003),

Pode-se afirmar que os estudos da mulher na literatura brasileira surgem, no Brasil, como consequência das questões até aqui anunciadas. Se há textos esquecidos, há necessidade de recuperá-los ressuscitando-os das páginas manuscritas, ou de primeiras edições escondidas nas estantes, ou de reedições esgotadas. Trata-se neste primeiro caso de trabalho de resgate. (BRANDÃO e MUZART, 2003, p. 59).

Na segunda metade do século XIX, de maneira um tanto tímida elas lentamente ganham espaço cultural, e um dos importantes fatores que favoreceu a circulação dos textos de autoria feminina, tanto literários quanto políticos, foi a criação de jornais e revistas femininas, que se centravam majoritariamente na problematização de questões referentes ao gênero feminino.

Na perspectiva de realizar uma arqueologia literária feminista, Zahidé Lupinacci Muzart organizou a antologia *Escritoras Brasileiras do século XIX*, volumes I e II, publicadas pela Editora Mulheres, que reúne textos de diversas pesquisadoras, sistematizados em biografias e fragmentos de escritos de autoras do passado.

As pesquisas engajadas em resgatar os escritos de autoria feminina, que por muito tempo foram sequestrados e silenciados da historiografia literária brasileira, possibilitaram que Maria Firmina dos Reis e Julia Lopes de Almeida – escritoras que incutidas pelas rígidas relações de gênero, construíram sua produção ficcional sedimentada sobre os alicerces patriarcais – fossem resgatadas do esquecimento. Sobretudo, um relevante fator que colaborou para a propagação desses estudos foi a criação de grupos de pesquisa e cursos de Pós-Graduação sobre os estudos da mulher, que assim como o Grupo de Trabalho *A mulher na literatura*, filiado à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), promoveram a realização de diversas pesquisas e eventos sobre o assunto. Sobre isso, Izabel Brandão e Zahidé Muzart (2003), salientam que:

Indiscutivelmente a criação do GT A mulher na literatura, no âmbito da Anpoll, foi o marco do desenvolvimento dessa linha de pesquisa em nosso país. Não se pode hoje falar do tema sem se reportar aos trabalhos deste importante grupo de pesquisa. Pois, não somente nos encontros patrocinados pela Anpoll se tem desenvolvido tais pesquisas mas sobretudo nos encontros dos seminários “Mulher e Literatura” organizados por pesquisadoras do grupo. (BRANDÃO e MUZART, 2003, p. 15).

Como produto desses estudos, muitas escritoras brasileiras foram visualizadas e reconhecidas nacionalmente, no entanto, o preconceito de gênero ainda persiste, e conseqüentemente grande parte dessas autoras continua à margem do cânone literário. A Crítica Feminista vem percorrendo um vasto caminho com inúmeros desafios, alcançando grandes conquistas, e insistindo no objetivo de fazer com que as vozes femininas sejam ouvidas, e que as suas produções ficcionais sejam recebidas pelos leitores com consideração e estima, ao invés da indiferença e repudia.

2 Tecendo liberdade em prosa e verso

O florescimento dos estudos em diversos âmbitos sobre as relações de gênero favoreceram para que as pesquisas acerca da autoria feminina continuassem engajadas na busca pela modificação dos discursos, que reduziam a ficção produzida pelas mulheres à margem do cânone literário. Essas pesquisas desencadearam uma ruptura aos modelos sancionados pela crítica literária, e assim, abriram uma lacuna significativa destinada para os estudos empenhados em descobrir e propagar os vestígios sobre a presença da mulher na literatura brasileira.

Sobretudo, para aquelas que não possuíam prestígio e tradição literária, essa busca incessante por legitimar as escritoras que não figuravam na história da literatura, abriu espaço para que um grande número de autoras desconhecidas até então, fosse visualizado, e possibilitaram que os textos de autoria feminina de maneira razoável viessem a ser conhecidos. Por conseguinte, a constatação acerca da existência de

uma tradição literária feminina, favoreceu para que em grande parte ocorresse a alteração dos critérios utilizados pela crítica literária, e colaborou para que a escrita de autoria feminina fosse considerada como uma genuína produção cultural.

As marcas da trajetória da autoria feminina ainda apontam resquícios do preconceito de gênero, por conta disso, faz-se imprescindível que os trabalhos engajados em estudar os escritos dessa autoria sejam realizados. A permanência de vestígios discriminatórios prova que ainda existe um grande percurso a ser trilhado pela Crítica Feminista, para que as disparidades entre os gêneros sejam erradicadas e/ou transmutadas em uma relação de equidade em meio a seus representantes.

A propagação dos estudos sobre a questão da presença feminina nos diversos campos do saber, alargou espaço para que uma expressiva quantidade de pesquisas acerca da participação da mulher na literatura brasileira, fosse divulgada. São exemplares dessas discussões as reflexões de Elódia Xavier; Izabel Brandão; Nadia Gotlib; Zahidé Muzart; Constância Lima Duarte; Heloisa Buarque de Hollanda; Rita Terezinha Schmidt; Luzilá Ferreira e Eunice Santos, produções de grande relevância científica que constituem um arcabouço teórico significativo.

É por meio desse movimento revisionista, que surgem indagações quanto aos diversos resquícios discriminatórios que circundam a história da literatura, dentre esses se verifica o ocultamento de textos produzidos por escritoras providas de localidades ditas periféricas ou sem relevância regional, sobre isso, é possível observar o número de autoras marginalizadas pelo cânone universitário, precisamente por não pertencerem aos considerados centros de dominação, fato que tem ocorrido em diversas regiões brasileiras e contribuído para o escamoteamento da produção literária feminina.

Nesse contexto, cabe refletir quanto aos relatos que constituem a produção literária das mulheres paraenses, haja vista, o quanto esses escritos têm sido discriminados e postos à margem do prestígio literário. De fato, fazem-se perceptíveis as dissimetrias relativas à produção literá-

ria de autoria feminina da Amazônia, tendo em vista que, além do preconceito de gênero, as escritoras da Amazônia, assim como de outras localidades não consideradas como centros de poder, são rechaçadas por uma discriminação de teor regionalista.

Por conseguinte, uma das principais finalidades desse movimento revisionista, que busca uma releitura acerca dos critérios de avaliação utilizados pela crítica literária, consiste no anseio de visibilizar os textos de autoria feminina e inclui-los nos desenhos curriculares de todos os níveis de ensino. Sob esse prisma, vale um questionamento referente à invisibilidade da ficção das escritoras da região Amazônica.

Da inquietação relativa ao silenciamento das escritoras paraenses, engendrou-se a necessidade de um trabalho específico destinado à realização de pesquisas sobre a autoria feminina paraense, como foi o caso do Grupo de Estudos e Pesquisas Eneida de Moraes sobre Mulher e Relações de Gênero (GEPEM), que se trata de um trabalho pioneiro na área dos estudos sobre a questão da mulher na região Amazônica.

Segundo Maria Eulina Carvalho e Mayanne Freitas (2014), os diálogos decorrentes por meio do I Encontro de Pesquisadoras/es sobre a Mulher e Relações de Gênero do Norte e Nordeste, organizado pelo NEIM/UFBA, em 1992, incentivaram a fundação da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e pesquisas sobre Mulher e Gênero (REDOR N/NE), que incitou o surgimento de grupos de pesquisa em diversas universidades no âmbito dessas duas regiões. Por conta dessa semente de inquietação, floresceram as primeiras discussões acerca das relações de gênero no estado do Pará, que culminavam para a criação de um grupo de estudos sobre a referida temática.

A partir da convergência entre os debates de pesquisadoras de algumas universidades públicas e privadas situadas no estado do Pará, os diálogos sobre a questão da mulher foram estimulados e fortalecidos. Fundado em Agosto, de 1994, no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará (UFPA), pela professora Maria Luzia Miranda Álvares, o GEPEM, desde então têm realizado um trabalho rele-

vante no que concerne aos estudos sobre as questões que envolvem a mulher e as relações de gênero, por meio de diferentes linhas de pesquisa.

As ações do GEPEM se concentram a partir de três linhas de pesquisa, as quais são: Gênero, saúde e violência; Gênero Feminismo e Interseccionalidade e Gêneros, corpos e sexualidades. Além de contar com o Grupo de Trabalho, Gênero, Arte, Literatura, Comunicação e Educação, o qual centra suas ações em torno dos estudos sobre a escrita de autoria feminina paraense, o que segundo Eunice Santos e Lilian Ribeiro (2013), justifica-se pelos apagamentos históricos que o assunto tem sofrido:

Vários estudos são unânimes em afirmar que os silêncios historiográficos a respeito do que escreveram as mulheres é uma marca evidente da discriminação a que foram submetidas pelo julgamento estético da sociedade patriarcal. Nesse contexto, conforme foi percebido, a produção literária de autoria feminina paraense – em que pesem a tradição e o espaço geográfico, isto é: ser escrita de mulher e do norte do Brasil – ainda carece, para ser incluída nas agendas de leituras, de uma legitimação vinculada aos padrões estéticos e temáticos dos cânones universitário e escolar. (SANTOS; RIBEIRO, 2013, p. 88).

Isto posto, evidencia-se a necessidade da realização de pesquisas em torno dessas discussões, de tal modo, que os trabalhos realizados no âmbito do GEPEM, consistem em um significativo avanço na área, pois a partir de uma inquietação que tencionava promover a visibilidade da ficção produzida pelas autoras paraenses, criou-se espaço para discussões e revisões do lugar ocupado pela escrita de autoria feminina em diversos contextos.

Desse modo, a fim de resgatar a memória cultural das escritoras paraenses, as pesquisas do GEPEM, tem colaborado significativamente, para que a legitimação da produção literária de autoria feminina seja concretizada, livre das sombras do esquecimento. Na perspectiva de fazer com que tal produção literária seja inserida na história e reconhecida

como uma genuína produção cultural. Acerca disso, Santos e Ribeiro (2013) ressaltam que,

Essa posição "periférica" a que o discurso universitário e escolar amparado em padrões estéticos culturalmente institucionalizados- relegou a escrita das autoras paraenses tem provocado um contradiscurso das pesquisadoras do Grupo de Estudos e Pesquisas Eneida de Moraes sobre Mulher e Relações de Gênero (GPEM), questionando os parâmetros seletivos que colocam no anonimato essa produção intelectual. A réplica à tal neutralização intenciona tornar visível a contribuição das mulheres à memória cultural do Pará. Além disso, contabiliza-se, entre os avanços práticos da pesquisa, agendas de intervenção direcionadas ao ensino em nível de graduação e pós-graduação e eventos extensivos à formação inicial e continuada de docentes que atuam na educação básica. (SANTOS; RIBEIRO, 2013, p. 89).

Logo, a partir de tais elucidações, é possível verificar as diferenças existentes entre os gêneros no que concerne ao âmbito da produção ficcional, tendo em vista que, nos compêndios de historiografia literária do Pará o número de escritoras que figuram nessas páginas é muito inferior à quantidade de escritores. Além disso, ainda existem autoras que por não possuírem uma tradição literária permanecem desconhecidas, e por tal motivo é imprescindível inseri-las no rol da literatura brasileira.

No emaranhado dos fios que constituem a tessitura ficcional da autoria feminina paraense, faz-se relevante discutir acerca dos traços fundamentais que constituíram o itinerário das escritoras paraenses, elencando alguns aspectos de suas trajetórias. Por esta pesquisa ser um estudo que almeja à promoção da visibilidade da escrita de autoria feminina – em especial no que tange as escritoras da Amazônia paraense – segue-se uma pequena síntese a respeito de um determinado grupo de escritoras, que aliadas a outras compõe a história literária da autoria feminina no Pará, tanto em prosa como em verso, e que por meio de sua escrita realizaram uma ruptura aos padrões sociais estabelecidos para elas, tecendo fios de liberdade a partir da palavra.

Ao notarmos a lacuna relativa aos escritos de autoria feminina paraense, recorreremos às antologias e outros trabalhos organizados a partir

do juízo crítico territorial, estudos nitidamente concebidos a partir do escopo historiográfico, visto que tentar reverter a situação da produção ficcional das escritoras paraenses no cenário nacional é a finalidade deste estudo. Para esta investigação, selecionamos duas coletâneas e um relatório de pesquisa cuja reflexão é favorável à literatura produzida no estado do Pará: a antologia *Introdução à literatura no Pará*, de Clóvis Meira, José Ildone e Acyr Castro; o *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*, de Nelly Novaes Coelho e o relatório da pesquisa *Autoria Feminina na História Literária do Pará: diálogos com a educação básica*, realizada no âmbito do GPEM, no período de 2008-2010.

A antologia *Introdução à literatura no Pará*, publicada em 1999, apresenta uma ampla cronologia de escritores paraenses, no entanto, o que nos chama atenção é o número reduzido de representantes femininas presentes nessa lista. O que se verifica é que a ocorrência de nomes masculinos é muito superior a quantidade de escritoras catalogadas nessa listagem, a qual não apresenta qualquer distinção/classificação entre os autores por sexo nem, tampouco, agrupa-os por categorias de gênero literário.

A partir da investigação apenas de nomes femininos, examinou-se que grande parte dessas escritoras desenvolveu sua produção ficcional, tendo como principais veículos de divulgação, os jornais e revistas paraenses que circulavam no século XX. Esse acontecimento deve-se ao fato de que conseguir a publicação de um livro era algo muito difícil, e referindo-se às mulheres esse desafio era ainda maior, pois para alcançar tal façanha faz-se necessário a disposição de recursos financeiros, fato pouco corriqueiro para elas.

Nesse sentido, os jornais e revistas eram um modo mais acessível para que diversos escritores pudessem divulgar suas produções literárias, sobre isso, verifica-se o caso de um grande número de autoras que estrearam no universo da ficção, por meio da publicação de textos nesses veículos. A partir da cartografia acerca desses periódicos paraenses, exa-

mina-se que os escritos de autoria feminina eram divulgados com maior frequência em determinados títulos em circulação.

Entre os jornais com maior índice de publicações de escritoras paraenses estão: *A Província do Pará*; *A Voz de Nazaré*; *Diário do Pará*; *Folha do Norte*; *O Estado do Pará* e *O Liberal*, nos quais é possível verificar a presença da autoria feminina tanto em prosa quanto em verso. As revistas que apresentam maior ocorrência desses escritos são: *A Semana Ilustrada*; *Belém Nova*; *Guajarina* e *Terra Imatura*, esses periódicos marcam a estreia e consolidação de diversas escritoras reveladas no cenário das letras, sobretudo, durante o período que decorria o século XX.

Sobre a modalidade literária de maior predominância entre essas autoras visualiza-se o gênero Lírico, tendo em vista que, o número de produções literárias em verso é superior ao de qualquer outro gênero. Dentre as escritoras paraenses dedicadas à poesia faz-se possível elencar: Esther Nunes Bibas; Antonia de Sousa Cruz; Dulcinéa Paraense; Adalcinda Camarão; Celeste Proença; Naide Vasconcelos; Mirian Moraes; Aldemira Assis Drago; Anamaria Rodrigues; Lília Chaves; Maria Roseli Santos; Giselle Ribeiro; Sígilia Maria de Oliveira; Aline Brandão; Celina Menezes; Diana Cristina Damasceno; Jaqueline Darwich; Nair Ericeira; Solange Padilha; Tereza Catharina Moraes; Ana Diniz; Jane Duboc; Ida Carmem Said; Léa Cabral; Maria Cristina César; Rosa Maria Noronha; Francisca Edna Cabral; Neusa Dias; Consuelo Rodrigues; Carla Mirian Almeida; Vera Lúcia Bestene; Maria da Graça Corrêa; Oneide Lopes; Andréa Meira e Léa Regina César, mulheres-escritoras, que teceram teias de liberdade através da palavra.

Na prosa literária, conseguimos vislumbrar a produção das representantes femininas a partir das publicações de escritoras como: Sultana Levy Rosenblatt; Maria Anunciada Chaves; Lindanor Celina; Heliana Barriga; Sandra Maria de Melo; Regina Cardoso; Helena Souza; Tereziinha Costa; Vânia Maria Figueiredo; Violeta Rafkalefsky Loureiro; Nelly Cecília Rocha e Heliondina Frota e Silva. Autoras que por meio de sua

escrita, sem dúvida abriram um significativo espaço no cenário das letras paraenses, para a modificação dos imperativos literários tradicionais.

É válido ressaltar que algumas dessas autoras também se dedicaram a criação literária tanto na modalidade da prosa quanto no verso, a exemplo das escritoras: Eneida de Moraes; Yara Cecim; Sílvia Helena Tocantins; Maria Lúcia Medeiros; Josette Lassance Maya; Laura Sequeira; Antônia de Castro; Mizar Bonna; Nil Martins; Sandra Mara Alencar; Thereza Nunes Bibas; Eliana Costa; Marina Ramos; Elmira Lima; Lucy Mourão; Margarida Maria Paiva; Maria Ivanilda Sousa e Olga Savary.

Considerações Finais

Com base nas discussões discorridas, notamos que o legado histórico de supressão feminina culminou no esquecimento dos textos literários produzidos por essas representantes. Em vista da modificação desse cenário desfavorável, sucedeu-se a realização de pesquisas engajadas em (re)descobrir os escritos de autoria feminina, atividades de cunho arqueológico, tendo em vista que, investigar os rastros deixados pelas representantes dessa tradição literária, consiste em um trabalho metucioso que carece de fontes documentais. Elementos pouco recorrentes, pois, aquelas que tentavam aventurar-se no universo da ficção, eram duramente reprimidas, um resquício da atuação política vigente, que resistia em reconhecê-las como escritoras, entretanto, essas mulheres não deixaram de escrever, e num movimento de resistência, suas vozes foram ouvidas.

Embalados por esses questionamentos, fomos conduzidos a meditar sobre a história da autoria feminina, e percebemos que para conseguirem conquistar um espaço próprio, elas precisaram enfrentar diversos desafios, pois, sem recursos financeiros e um lugar que fosse seu, a ficção configurava-se como uma atividade bastante desencorajadora. A emergência do Feminismo abriu precedentes para que as pesquisas interessadas em resgatar esses escritos fossem firmadas, fator que corro-

borou para o surgimento da Crítica Feminista, e, a partir dessas reflexões acerca da presença da mulher na literatura, lentamente os textos de autoria feminina passaram a ser visualizados e inseridos na historiografia literária.

Ao transitarmos pelo cenário da escrita feminina, voltamos nossa atenção aos aspectos que fundamentaram a produção ficcional das mulheres paraenses, e diante disso, conseguimos extrair que além do preconceito de gênero, os fatores regionais também desencadeiam grandes influências no processo de reconhecimento dos textos literários. Observamos a existência de diversas mulheres-escritoras, que impelidas do desejo de ultrapassar as fronteiras que às limitavam a permanecer à margem do prestígio social/acadêmico, por meio da escrita, iniciaram um movimento de reformulação dos valores que alicerçam o julgamento dos textos literários, para assim, alcançarem uma liberdade tecida em prosa, e em verso.

Referências

BONNICI, Thomas. “O cânone literário e a crítica literária”. In: _____. Et ali. (Orgs.).

Margens instáveis: tensões entre teoria, crítica e história da literatura. Maringá: Eduem, 2011.

BRANDÃO, Izabel F. O. e MUZART, Zahidé. L. (Org.). **Refazendo Nós:** ensaios sobre mulher e literatura. Florianópolis: Santa Cruz do Sul, Editora Mulheres e Edunisc, 2003.

CARVALHO, Maria Eulina P. de; FREITAS, Mayanne Júlia T. **Fundação dos núcleos e grupos de estudos de gênero articulados à Redor.** XVIII Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Núcleos de Estudo e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero. Recife, Redor, 2014, p. 161-171. Disponível em: <<http://paradoxzero.com/zero/redor/wp-content/uploads/2015/04/1994-4519-1-PB.pdf>>. Acesso em 29/10/2018.

CEIA, Carlos. “Falogocentrismo”. In: _____. (Org.). **E-Dicionário de Termos Literários.** ISBN: 989-20-0088-9. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/falogocentrismo>>. Acesso em 23/10/2018.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras: (1711-2001)**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

FARES, Josebel Akel. O não lugar das vozes literárias da Amazônia na escola. **Revista Cocar**. Belém. vol. 7, n. 13, p. 82-90/jan-jul 2013. Disponível em: <<https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/244/211>>. Acesso em 12/02/2018.

GOTLIB, Nádia Battella. “A literatura feita por mulheres no Brasil”. In: BRANDÃO, Izabel F. O. e MUZART, Zahidé. L. (Orgs.). **Refazendo Nós: ensaios sobre mulher e literatura**. Florianópolis: Santa Cruz do Sul, Editora Mulheres e Edunisc, 2003.

MEIRA, Clovis; ILDONE, José; CASTRO, Acyr (Orgs.). **Introdução à literatura no Pará** (Vol. 2-8). Belém: CEJUP, 1990.

MUZART, Zahidé Lupinacci. “Resgates e ressonâncias: uma Beauvoir tupiniquim”. In: BRANDÃO, Izabel F. O. e MUZART, Zahidé. L. (Orgs.). **Refazendo Nós: ensaios sobre mulher e literatura**. Florianópolis: Santa Cruz do Sul, Editora Mulheres e Edunisc, 2003.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Côrrea. 2ª ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

SANTOS, Eunice Ferreira dos. **Autoria feminina na história literária do Pará: Diálogos com a Educação Básica**. Belém: GEPEM, 2010.

_____, Eunice Ferreira dos. **Escritoras paraenses em prosa e verso: Rupturas e Ritos de Consagração**. Disponível em: <<http://ifch.ufpa.br/Artigo%20Autoria%20Feminina.pdf>>. Acesso em 12/02/2018.

_____, Eunice Ferreira dos; RIBEIRO, Lilian Adriane dos Santos. A escritura literária das mulheres paraenses: recepção entre leitores/as e cânone. **Revista Fórum identidades**, Itabaiana, ano 7, vol. 14, p. 85-91/jul-dez 2013. Disponível em: <<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/EUNICE%20FERREIRA%20DOS%20SANTOS.pdf>>. Acesso em 12/02/2018.

TUPIASSÚ, Amarílis; PEREIRA, João Carlos; BEDRAN, Madeleine. **Lindanor, a menina que veio de Itaiara**. Belém: SECULT, 2004.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução Bia Nunes de Sousa. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

XAVIER, Elódia. Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória. **Revista Mulher e Literatura**, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/EUNICE%20FERREIRA%20DOS%20SANTOS.pdf>>. Acesso em 12/02/2018

ZOLIN, Lúcia Osana. “Literatura de autoria feminina”. In: _____. e BONICCI, Thomas (Orgs.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3ª ed. Maringá, Eduem, 2009.

Capítulo 08

O feminino no conto Acauã: uma (re) leitura da obra de inglês de Sousa à luz dos estudos sobre gênero

*Joyce Cristina Farias de Amorim*¹

Introdução

Ao longo da história é possível observar o papel e o lugar da mulher sendo invisibilizados e/ou subalternizados nos mais diversos (não) registros, e na Literatura não foi muito diferente. Seja na condição de autora, seja condição de personagem. E a presente análise se constrói e se constitui nesses moldes tomando como objeto de estudo o conto Acauã do escritor Amazônico, Inglês de Sousa. Enfatizando que a intenção não foi explorar o contexto regional e imaginário amazônico, porém sem desconsiderá-lo, mas propondo reflexões para um patamar mais amplo de discussão, com base nos pressupostos teóricos utilizados como referência para a construção deste estudo.

As diferentes representações do feminino na literatura brasileira revelam, em termos de linhas gerais, uma face da história de opressão e subalternização das mulheres a partir do conservadorismo sócio-histórico na cultura das relações de gênero.

¹ Discente de Doutorado do PPGCLC (2019) – Unama. GEPIDI. GITA. E-mail: joyce.crisamorim@hotmail.com. Professora de Inglês (Efetiva/SEDUC) vinculada à 11ª URE. Atualmente lotada na EEEM Inácio Moura (Sto Antonio do Tauá) e EETEPA (Vigia). Licenciada em Letras Port/Ing e Espanhol. Pós-graduanda em Linguística Aplicada ao ensino/aprendizagem da língua inglesa; Pós-graduanda em Educação e novas tecnologias; Pós-graduanda em Docência em Libras. Mestra em Comunicação, linguagens e cultura.

Na literatura de autoria feminina geralmente se aproximam muito das características da literatura de testemunho. Narram, na maioria das vezes suas próprias histórias de vida, de maneira real e/ou fictícia. Narram, dão testemunho, sobre dores, sofrimentos, traumas. Muitas das vezes, exercem o papel de narradora de si, em outras dão vozes a personagens. Em relação a isso, nota-se que “os estudos acerca do testemunho na literatura têm crescido consideravelmente (SALGUEIRO, 2012, p. 291). E,

esse crescimento se liga, sem dúvida, à onda (multi)culturalista. Em princípio, alias, ‘literatura’ seria oposto de ‘testemunho’ – e vice-versa. Este é um ponto nodal do debate. Por isso mesmo, as considerações acerca da ‘literatura de testemunho’ envolvem questões de gênero, de valor, de saberes, que, mais uma vez, tensionam os limites entre estética e ética, entre verdade e ficção, entre realidade e representação. O debate em torno do testemunho na literatura requer acerrar-se não só de estudos literários (Seligmann-Silva, 2005; Ginzburg, 2011), mas de boas doses de Filosofia (Gagnebin, 2006), Psicanálise (Caruth, 2000), Direito (Agamben, 2008), Sociologia (Bauman, 1998), História (Ricoeur, 2007) etc. (SALGUEIRO, 2012, p. 291).

Mesmo partindo do princípio de que “a noção fundadora de testemunho vem da chamada ‘literatura do Holocausto’, emblemática pelos relatos de sobreviventes da Segunda Guerra Mundial” (SALGUEIRO, 2012, p. 291), sabe-se que essa concepção inicial se ampliou a outros entendimentos, pode-se dizer, inclusive que

Há, em suma, inúmeras modalidades de testemunho, seja em relação a situações, eventos, períodos (Shoah, Gulag, genocídios, guerras, ditaduras, tortura, miséria, opressão etc.), seja em relação a formas de expressão do testemunho (memória, romance, filme, depoimento, poema, quadrinhos, canções etc) (SALGUEIRO, 2012, p. 284).

E com base nisso, e também levando em consideração que o período de maior discussão sobre a literatura de testemunho se dá num momento que se distancia do tempo do conto em questão, a intenção neste se dá em especial pela observação da dor, do sofrimento de uma das persona-

gens. Dores que se traduzem na voz de um narrador que testemunha a história de vida de uma das personagens fictícia, a Aninha. Mas não só sobre ela, mas especialmente.

Seguindo, direta e/ou indiretamente por esse viés, discute-se inicialmente a figura e a condição feminina diante de uma cultura patriarcal, permeada por um discurso dominante, à luz dos pressupostos sobre o ser feminino, vias de regra, o de ser mulher. E num segundo momento, analisa-se a representação do feminino no conto Acauã de autoria masculina, pertencente à literatura brasileira de expressão amazônica.

1 A (in)sustentável leveza do ser... feminino: uma breve discussão teórica e histórica

É por meio de uma referência conotativa à obra de Milan Kundera (1985) que se intitula este tópico, e que, assim como a emblemática trama de Kundera, entranha-se pela profundidade e pela complexidade, bem como em torno de conceitos que sugerem leveza e peso, mas enquanto Kundera propõe reflexões sobre o amor e suas vicissitudes, este artigo caminha para a discussão do que é ser feminino, ser mulher.

Ao pensar e discutir sobre as questões que envolvem o que é ser mulher ao longo do tempo, e perceber pensamentos/comportamentos que se propõem como ruptura contra a dominação masculina, logo surge um dos nomes mais representativos dessa mudança de pensamento, o de Simone de Beauvoir. Ela foi considerada uma das maiores teóricas do feminismo moderno, autora de frases que marcariam o seu nome na história, e a faria necessariamente presente nas discussões sobre os estudos de gênero, em especial com a frase “ninguém nasce mulher, torna-se”. E para esta discussão, os pressupostos de Beauvoir (1970) e de Butler (2003) se fazem importantes.

No livro de Butler (2003), Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade, que se divide em três capítulos, a escritora discorre sobre uma genealogia crítica das categorias de gênero em campos discursivos.

sivos muito distintos. E inspirada nos discursos de Beauvoir (1970), Kristeva, Irigaray, Foucault e Witting, Butler (2003) fala o quão é melindrosa a questão de tentar definir uma identidade do ser mulher e/ou do ser feminino, pois depende de muitas outras questões, como o contexto histórico, político, ideológico, entre outros. Uma definição num determinado contexto, não necessariamente caberá em outros, mas é possível presumir uma identidade:

Em sua essência, a teoria feminista tem presumido que existe uma identidade definida, compreendida pela categoria de mulheres, que não só deflagra os interesses e objetivos feministas no interior de seu próprio discurso, mas constitui o sujeito mesmo em nome de quem a representação política é almejada (BUTLER, 2003, p. 17-18).

O que sugere que ser feminino e o ser mulher, não necessariamente, carregam o mesmo sentido.

Beauvoir (1970), em seu livro, *O segundo sexo: fatos e mitos*, inicia uma intensa e reflexiva indagação sobre o que é ser mulher, proporcionando as mais sugestivas e diversas compreensões e olhares, sejam do ponto de vista biológico e/ou social, os sentidos imbricam-se e se (con)fundem. A compreensão se dá pelos questionamentos e pelas possibilidades, não pela exatidão de respostas, se é que é possível, assim, defini-la.

Que é uma mulher? *‘Tota mulier in utero: é uma matriz’*, diz alguém. Entretanto, falando de certas mulheres, os conhecedores declaram: *‘Não são mulheres’*. Embora tenham um útero como as outras. [...] Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher [...] (BEAUVOIR, 1970, p.7).

Segundo a própria escritora e filósofa, ligada ao pensamento existencialista, “o próprio enunciado do problema sugere uma resposta” (Beauvoir, 1970, p.9). Pois, conforme Beauvoir (1970) um homem não teria a ideia de escrever um livro sobre a situação singular que eles ocupam na humanidade, mas se for uma mulher, sim. Se do ponto de vista

da autoria, não resta dúvida de que é isso que ocorre, e do ponto de vista em que o autor e/ou narrador de uma narrativa literária fala sobre a figura/personagem feminina, como ele a descreve? Qual a representação feminina aos moldes do olhar masculino? Embora, previsível, as respostas são as mais sugestivas possíveis, e geralmente são permeadas por um olhar misógino, e é por esse viés de discussão que se envereda esta análise.

A ideia que tem neste artigo, não é propor respostas, mas reforçar os questionamentos, as reflexões já propostas por grandes teóricos, e talvez com a força destas indagações fragilizar, dirimir, desconstruir e reconstruir o discurso hegemônico e romper com o pensamento da dominação masculina/patriarcal ainda resistente e insistentemente instituída.

Outro nome importante é o de Bourdieu (2012) que em seu livro *A Dominação Masculina*, disserta sobre a necessidade de se pensar no trabalho histórico de des-historicização

Realmente, é claro que o eterno, na história, não pode ser senão produto de um trabalho histórico de eternização. O que significa que, escapar totalmente do essencialismo, o importante não é negar as constantes e as invariáveis, que fazem parte, incontestavelmente, da realidade histórica: é preciso reconstruir a história do trabalho histórico de des-historização, ou, se assim preferirem, a história da (re)criação continuada das estruturas objetivas e subjetivas da dominação masculina, que se realiza permanentemente, desde que existem homens e mulheres, e através da qual a ordem masculina se vê continuamente reproduzida através dos tempos (BOURDIEU, 2012, p. 100-101).

O teórico que discute sobre violência simbólica, não descarta o quão emblemático é esse processo:

Ao trazer à luz as invariantes trans-históricas da relação entre os 'gêneros', a história se obriga a tomar como objeto o trabalho histórico de des-historicização que as produziu continuamente, isto é, o trabalho constante de diferenciação a que homens e mulheres não cessam de estar submetidos e

que os leva a distinguir-se masculinizando-se ou feminilizando-se. Ela deveria empenhar-se particularmente em descrever e analisar a (re) construção social, sempre recomeçada, dos princípios de visão e de divisão geradores dos 'gêneros' e, mais amplamente, das diferentes categorias de práticas sexuais (sobretudo heterossexuais e homossexuais), sendo a própria heterossexualidade construída socialmente e socialmente constituída como padrão universal de toda prática sexual 'normal', isto é, distanciada da ignomínia da 'contranatureza' (BOURDIEU, 2012, p.101-102).

Bourdieu (2012) afirma que a história deveria se empenhar e se aprofundar nos estudos de gênero sugerindo que tudo o que está ligado a ideia que se tem sobre homem e mulher, e necessariamente a heterossexualidade foram construído e instituído social e historicamente, e aceitos como padrão, como natural, como normal, e que tudo foge disso é entendido como não aceitável. O que sugere ser faz necessário se fazer uma (re)construção social, histórica, de conceitos, entre outros. Mas Bourdieu (2012) aponta uma pequena luz no fim do túnel, não como saída, mas como possibilidade para iluminar o caminho das discussões, afirmando que

Uma verdadeira compreensão das mudanças sobrevindas, não só na condição das mulheres, como também nas relações entre os sexos, não pode ser esperada, paradoxalmente, a não ser de uma análise das transformações dos mecanismos e das instituições encarregadas de garantir a ordem dos gêneros (BOURDIEU, 2012, p. 102-103).

Ainda segundo Bourdieu (2012, p.106)

A maior mudança está, sem dúvida, no fato de que a dominação masculina não se impõe mais com a evidência de algo que é indiscutível. Em razão, sobretudo, do enorme trabalho crítico do movimento feminista que, pelo menos em determinadas áreas do espaço social, conseguiu romper o círculo do esforço generalizado, esta evidência passou a ser vista, em muitas ocasiões, como algo que é preciso defender ou justificar, ou algo de que é preciso se defender ou se justificar (BOURDIEU, 2012, p. 106).

E por entender ser um tema predominantemente, porém não necessariamente exclusivo, de preocupação de teóricas e ativistas femininas/feministas, Bourdieu (2012, p. 138) se justifica ao engendrar pelo assunto

Se me aventurei, pois, depois de muita hesitação e com a maior apreensão, por um terreno extremamente difícil e quase que inteiramente monopolizado hoje pelas mulheres, é porque eu tinha o sentimento de que a relação de exterioridade na simpatia em que eu me havia colocado poderia permitir-me produzir, com o apoio do imenso trabalho estimulado pelo movimento feminista, e também dos resultados de minha própria pesquisa a respeito das causas e dos efeitos sociais da dominação simbólica, uma análise capaz de orientar de outro modo não só a pesquisa sobre a condição feminina, ou, de maneira mais relacional, sobre as relações entre gêneros, como também a ação destinada a transformá-las (BOURDIEU, 2012, p. 138).

Entende-se aqui a necessidade de se estender essa preocupação. Bourdieu (2012, p. 138) concorda que “o movimento feminista contribuiu muito para uma considerável ampliação da área política ou do politizável, fazendo entrar na esfera do politicamente discutível ou contestável, mas alerta, segundo sua própria compreensão de que

[...] o movimento feminista não deve mais deixar-se encerrar apenas em formas de luta política rotuladas de feministas, como a reivindicação de paridade entre os homens e as mulheres nas instâncias políticas [...] estas lutas correm o risco de redobrar os efeitos de uma outra forma de universalismo fictício, favorecendo prioritariamente saídas das mesmas áreas do espaço social que os homens que ocupam atualmente as posições dominantes (BOURDIEU, 2012, p. 139).

Essa é uma questão tênue dentro do movimento feminista, discutida também por Butler (2003). A questão do ser mulher/ser feminino perpassa por diversas discussões que envolvem também discussões sobre identidade, o que culmina sutilmente para o campo da indissociabilidade.

Identidade é um tema de interesse das mais diversas áreas do conhecimento, o que reforça seu caráter polissêmico. Difícil até mesmo

defini-la ou delimitá-la. Por isso, este envereda pelas concepções de Bauman (2005) e Hall (2006) que asseguram que o conceito de identidade é demasiadamente complexo, mas imprescindível para a compreensão do ser, do sujeito, do ponto de vista de suas subjetividades e coletividades.

Bauman (2012, p.44) diz que “a atenção intensa que hoje se dá ao tema da identidade é em si mesma um fato cultural de grande importância”, e isso é que também sustenta a importância desta pesquisa no campo da literatura e do social. E como o intuito é propor reflexões e observar os processos de construção do feminino, tais considerações se fazem importante. O objetivo é oferecer uma pesquisa contínua, mostrando possibilidades diferentes de reflexão.

Estamos observando, nos últimos anos, uma verdadeira explosão discursiva em torno do conceito de “identidade”. O conceito tem sido submetido, ao mesmo tempo, a uma severa crítica. Como se pode explicar esse paradoxal fenômeno? Onde nos situamos relativamente ao conceito de “identidade”? está-se efetuando uma completa desconstrução das perspectivas identitárias em uma variedade de áreas disciplinares, todas as quais, de uma forma ou outra, criticam a ideia de uma identidade integral, originária e unificada (HALL, 2006, p. 103).

Não há identidade uma, singular, e muito menos estática. Pelo contrário, é múltipla e efêmera. E isso ajuda a entender de certo modo a complexidade que gira em torno da definição do ser feminino e/ou do ser mulher.

2 Os diferentes fios representativos do ser feminino na tessitura literária Acauã

À luz da concepção da literatura de testemunho, o narrador, em Acauã, seria um tipo de testemunha testis, seria aquele que vê e registra os fatos (BRITO JUNIOR, 2013, p. 61). A personagem Aninha seria a superstes que é aquela que dá, dentre outros, o testemunho da superação

da morte e da resiliência da vida (BRITO JUNIOR, 2013, p. 63), no caso de Aninha, embora um sofrimento visível, descrito pelo narrador, ela permanece em silêncio, e o seu silêncio também fala. E a ideia que se tem sobre o testemunho da superstes é que este leva o fatural ao nível da sobrevivência (BRITO JUNIOR, 2013, p. 63). Não se trata de uma história real, mas uma narrativa tecida por fios míticos que se realizam no imaginário amazônico. E inclusive

[...] é por conta da imaginação que muitas acusações são feitas contra o testemunho. Ou seja, antes de se criticar a literatura (com seu evidente compromisso com a imaginação), a própria narrativa testemunhal, que se quer ‘primeira’, atestação, fonte original da realidade, mesmo esta narrativa é descartada por muitos historiadores, como não sendo fonte fidedigna para o historiador (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 71).

E é nesse contexto literário que se dá esta discussão. No universo amazônico, de acordo com Loureiro (1995), as pessoas encontram explicações e justificativas para tudo o que acontece, por meio do imaginário local que se construiu e se constrói da relação do homem com a natureza e com os outros. Algo explícito na narrativa de Inglês de Sousa, um espaço social motivado, explicado e vivido a partir da existência de uma mitologia que não desapareceu no decorrer da história e da evolução do pensamento humano, na verdade se transformou. E que por ventura permite a análise que se faz a seguir.

Assim, a análise da representação do feminino no conto se dá por meio de um olhar do contemporâneo sobre as personagens, sem explorar intensivamente o regional e ao mesmo tempo sem desconsiderá-lo. A intenção foi observar o processo de construção identitária das personagens femininas na narrativa inglesiana do final do século XIX, trazendo a discussão para tempos recentes em que muitas (des) (re) construções estão ocorrendo e num contexto em que a luta por uma desejada equidade tem se intensificado.

2.1 Um dedo de prosa sobre Inglês de Sousa e seus escritos amazônicos

Herculano Marcos Inglês de Sousa, conhecido como Inglês de Sousa, destacou-se tanto na literatura, na política, na docência, como na área jurídica. Nasceu em Óbidos, estado do Pará, em 28 de dezembro de 1853, mas foi embora do estado ainda na infância, faleceu aos 65 anos no Rio de Janeiro, em 6 de setembro de 1918. Inglês de Sousa realizou seus primeiros estudos ainda no Pará, porém

A vida profissional e literária de Inglês de Sousa foi ela desenvolvida no Sul do país, não sendo muito difundida no Pará, onde só era conhecida nos meios culturais, mas, é interessante assinalar, quase todos os seus romances e contos giram em torno da Amazônia, de seus costumes, de suas gentes, o que imprime um sabor todo especial à descrição envolvendo o comportamento das pessoas [...] (MEIRA, 1990, s/p).

Inglês de Sousa marcaria não só o início do Naturalismo no Brasil, mas marcaria um espaço para a literatura de expressão amazônica no contexto nacional. No âmbito da literatura, o conjunto da obra de Inglês de Sousa não prima pela quantidade, mas pela qualidade, pois publicou somente cinco obras literárias. E são elas, quatro romances, de temática realista-naturalista: *O Cacaulista* (1876), *História de um pescador* (1876), *O Coronel Sangrado* (1877) e *O Missionário* (1891). E o autor encerraria sua produção literária com um livro de contos intitulado *Contos Amazônicos* (1893), este último não apresenta características naturalistas, opõe-se. Além da prosa literária, também se dedicou a escrever diversas obras jurídicas e colaborou na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Contos Amazônicos é um dos livros mais conhecidos de Inglês de Sousa, e foi publicado pela primeira vez em 1893. E nesta obra, ele consegue reunir, documentar, registrar modos, costumes, vocabulário, superstições, lendas e alguns marcos históricos da Amazônia, em especial no que diz respeito a uma parte dessa região, o Pará do século XIX.

O discurso apresentado na obra de Inglês de Sousa é aquele formado a partir do imaginário local, na cultura do entre-lugares em que os sujeitos estão inseridos para moldarem sua identidade, já que é preciso está inserido no espaço para se compreender o mesmo (BHABHA, 2013). Isso se constata na própria formação de vida do próprio escritor Inglês de Sousa. Que nasceu no Pará, e escreveu sobre a Amazônia, mesmo não residindo grande parte de sua vida neste lugar.

2.2 O feminino em Acauã: um olhar sobre as personagens para além das fronteiras literárias de expressão amazônica

Hegemonicamente, ao longo da história a mulher foi/é considerada como sendo inferior ao homem, seja do ponto de vista do social, político e até mesmo estético. Em termos gerais, foi subjugada, silenciada, excluída, estereotipada. Mas, atualmente, observa-se que em diversos campos, a mulher tem conseguido se firmar, adentrando em espaços em que durante muito tempo lhe fora negado.

Na literatura é notório que muitas obras de autoria feminina vêm ganhando mais e novos espaços e conceitos, e as que foram excluídas no passado, passaram a ganhar (maior) visibilidade e reconhecimento, mesmo que tardiamente. O presente estudo procura mostrar aqui a figura feminina, necessariamente a representação do feminino, não enquanto autoria, mas enquanto personagens, e sob a visão masculina, levando a discussão a partir de um determinado contexto literário, atravessando as experiências das vozes, dos olhares e da vida de quem produz este trabalho, levando para um nível de reflexão nos/dos dias atuais.

Este artigo toma como objeto de análise a narrativa Acauã do livro *Contos Amazônicos* (1893), cuja narrativa se dá no entrelace de dois campos distintos, o do real e o do imaginário cotidiano da vida amazônica, ou seja, trata-se da vida de ribeirinhos amazônidas movida/permeada de lendas e mitos que movem o seu cotidiano, suas crenças, seus valores

e, também suas relações sociais. A Amazônia que não é singular, mas pluri merece um foco maior e mais significativo, tanto quanto a sua importância nas/das mais diferentes áreas de estudos. Até porque há outras formas de conceber, de ver, de definir a Amazônia, e por isso a lógica de entender não só uma Amazônia, mas várias. Segundo Loureiro (2002)

A margem do rio, entre o rio e a floresta, é o lugar privilegiado dos enigmas da Amazônia transfigurados em enigmas do mundo. Oferece interrogações sobre origens e destinos. É quando o rio deságua no imaginário. Onde se pode ler a multiplicidade dos ritmos da vida e do tempo, observar as indecisões da fronteira entre o real e o imaginário, o espontâneo maravilhamento diante dos acasos. O sentido privilegiado da contemplação conduz ao jogo estético, pela quimera de olhar as coisas ante o mistério que delas emana e pelo que nelas se exprime, nesse vago e gratuito prazer da imaginação que não busca um porto, embora numa viagem de vagos destinos. Uma viagem que não precisa levar a nenhuma parte. A margem do rio não existe lógica para ser coerente. Nela estão os mais preciosos arquivos culturais do mundo amazônico, os manguezais simbólicos de nossa cultura, as raízes submersas da alma cabocla (LOUREIRO, 2002, p.165).

Fugindo deste desafio de desbravar a enigmática Amazônia, descrita por Loureiro. Este estudo segue por outra margem. O foco é dado às personagens, um olhar dado à narrativa como o de quem busca informações outras, sentidos outros, sem mexer nos detalhes da obra, mas de quem observa à paisana, metaforicamente sentado(a) à margem de um rio, o movimento, as vozes, as descrições, as características presentes e insinuadas, e porque não, insinuantes.

Butler (2003) ao longo dos seus escritos vai fazendo diversas indagações que de certa forma confirma e identifica problemas/falhas dentro da concepção do pensamento e da prática do movimento feminista, em especial na própria definição de seus sujeitos, considerando a distinção entre sexo e gênero, e embora levante todos esses questionamentos, Butler (2003), concomitantemente, reconhece a importância e a necessidade do feminismo, mas enfatiza que um dos maiores problemas está em torno dos sujeitos.

A filósofa francesa, Simone de Beauvoir sugere que “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Para Beauvoir, o gênero é simplesmente um processo de construção (BUTLER, 2003, p. 26). Em relação ao conto Acauã, a trama gira em torno de um homem viúvo, Jerônimo, que mora com sua filha legítima, Aninha, e que encontra um bebê, Vitória, num certo dia e num contexto enigmático, e que adota como filha. A história se desenrola num contexto típico do imaginário amazônico, numa comunidade ribeirinha, permeada por mistérios surpreendentes. Mas a análise se ancora, principalmente, nas entrelinhas dos comportamentos e das atitudes das personagens Aninha e Vitória, e na relação com o pai, Jerônimo. Havia entre elas uma relação enigmática/misteriosa que causa estranhamento e sugere as mais diferentes impressões e entendimentos. Conforme pode ser notado na fala do narrador

As duas companheiras afetavam a maior intimidade e ternura recíproca, mas o observador atento notaria que Aninha evitava a companhia da outra ao passo que esta a não deixava. A filha do Jerônimo era meiga para com a companheira, mas havia nessa meiguice um certo acanhamento, uma espécie de sofrimento, uma repulsão, alguma coisa como um terror vago, quando a outra cravava-lhe nos olhos dúbios e amortecidos os seus grandes olhos negros (SOUSA, 2005, p. 67).

As personagens Aninha e Vitória que foram criadas como irmãs, ao longo da narrativa, pela voz do narrador, aparentam ter uma relação algumas vezes conflituosa, outras vezes amistosa. Em algumas situações se observa características de subalternidade, de Aninha em relação à Vitória. Há de certa forma, também, uma implícita e sugestiva possibilidade de uma relação amorosa entre elas. E considerando o contexto histórico da obra, é possível sugerir explicitamente que tal relação pudessem suscitar polêmica à época, possivelmente, seria mais aceitável entender a relação somente pelo sentido mítico, explicável e justificável pela lenda do pássaro Acauã. Algo semelhante a uma situação de gravidez indesejada, cuja responsabilidade seja atribuída ao boto, outro símbolo mítico, e tal aceitação seja visto como natural pelo imaginário amazônico.

No caso, da homossexualidade, esta seria menos aceitável (ou de forma alguma) que a gravidez de um amante e/ou na adolescência, por exemplo. Considerando o pensamento patriarcal que se instaurou social e historicamente.

Trazer esta discussão para o atual contexto se faz necessário dizer que, é ainda lidar com fortes preconceitos. O que Bourdieu (2012) alerta para se pensar a (re)construção do pensamento, do ponto de vista social e histórico, em torno da questão de gênero e de suas práticas/orientações sexuais. Conforme Borrillo (2010, p. 30), “a homofobia é inconcebível sem que seja levada em consideração a ordem sexual a partir da qual são organizadas as relações sociais entre os sexos e as sexualidades”. Pois, “à origem da justificativa social dos papéis atribuídos ao homem e à mulher, esta se encontra na naturalização da diferença entre dois sexos” (BORRILLO, 2010, p.30), ou seja, a dita ordem natural dos sexos é o que determina uma ordem social em que o feminino deve ser complementar a do masculino, inclusive pela lógica da subordinação, tanto psicológica, quanto cultural. E ainda segundo, Borrillo (2010, p.30) “ [...] a dominação masculina identifica-se com essa forma específica de violência simbólica que se exerce, de maneira sutil e invisível”, até porque tal violência é apresentada pelo dominador e natural, inevitável e necessariamente aceita pelo dominado. De acordo com o escritor, sobre a definição de sexismo, este caracteriza-se, precisamente, por uma constante objetificação da mulher, bem como acrescenta P. Bourdieu (1998, p.73 apud BORRILLO, 2010, p.30):

[As mulheres] existem, em primeiro lugar, pelo e para o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos acolhedores, atraentes e disponíveis. Espera-se que elas sejam “femininas”, ou seja, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, reservadas e, até mesmo, invisíveis. E a pretensa “feminilidade” não passa, na maior parte das vezes, de uma forma de complacência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, particularmente em matéria de ampliação do ego. Por conseguinte, a relação de dependência para com os outros (e não só dos homens) tende a tornar-se constitutivo de seu ser (BORRILLO, 2010, p. 30).

Já a condição subalterna de Aninha, percebida pelo comportamento de medo e de subserviência em relação à Vitória e, também em algumas situações, em relação ao pai, é bastante clara inclusive na fala do narrador que diz que “nas relações de todos os dias, a voz da filha da casa era mal segura e trêmula; a de Vitória, áspera e dura. Aninha, ao pé de Vitória, parecia uma escrava junto da senhora” (SOUSA, 2005).

Em seu livro *Pode o subalterno falar?*, Spivak (2010) tem como uma de suas preocupações centrais a de desafiar os discursos hegemônicos e também as crenças dos (seus) próprios leitores e produtores de saber e conhecimento (pesquisadores, como os que vos fala). E ao concluir a sua interrogativa inicial, a teórica se refere ao fato de a fala do subalterno e do colonizado ser sempre intermediada pela voz do outro. Como ocorria na narrativa *Acauã*, Vitória era ‘dona’ das vontades de Aninha. Decidia por ela.

A obra de Spivak (2010) é uma referência não apenas para os estudos pós-coloniais, mas também para os estudos culturais e para a crítica feminista, principalmente ao indagar as formas de repressão dos sujeitos subalternos, interrogando, até mesmo, a própria cumplicidade dos intelectuais contemporâneos, nessa questão. É comum encontrar cumplicidade de condições subalternas de personagens femininas em diferentes narrativas literárias. Spivak (2010, p.85-86) confirma que ‘a questão da ‘mulher’ parece ser a mais problemática nesse contexto e que se faz necessário “acolher também toda recuperação de informação em áreas silenciadas”.

Nos seus escritos, Spivak (2010) discorre no seu último tópico sob a égide da crítica feminista, propondo questionamentos de cunho reflexivo em torno do discurso dos suicídios sancionados e a natureza dos rituais para os mortos. Seus estudos giram em torno desses e de outros diversos questionamentos, e deixa claro que não trás respostas objetivas

Evidentemente, meu tratado não é exaustivo. Minhas leituras são, mais propriamente, um exame interessado e imperito, de uma mulher pós-colonial,

sobre a fabricação da repressão – uma contranarrativa construída da consciência da mulher e, portanto, do ser da mulher, da mulher com um ser bom, do desejo da mulher boa e, assim, do desejo da mulher. Paradoxalmente, ao mesmo tempo, testemunhamos o lugar móvel da mulher como um significante na inscrição do indivíduo social (SPIVAK, 2010, p. 98).

Embora sob uma égide diferente à discutida e exemplificada nos escritos de Spivak (2010), no conto Acauã, a personagem Aninha no dia do seu casamento passa por uma espécie de ritual de transformação. Não fora uma escolha de Aninha. Sugere sacrifício. E ao ver Vitória

Aninha soltou um grito de agonia e caiu com estrondo sobre os degraus do altar. [...] A pobre noiva, toda vestida de branco, deitada sobre os degraus do altar-mor, estava hirta e pálida. Dois grandes fios de lágrimas, como contas de um colar desfeito, corriam-lhe pela face. [...]

Então convulsões terríveis se apoderaram do corpo de Aninha. Retorcia-se como se fora de borracha. O seio agitava-se dolorosamente. Os dentes rangiam em fúria. Arrancava com as mãos o lindo cabelo. Os pés batiam no soalho. Os olhos reviravam-se nas órbitas, escondendo a pupila. Toda ela se maltratava, rolando como uma frenética, uivando dolorosamente.

De repente, a moça pareceu sossegar um pouco, mas não foi senão o princípio de uma nova crise.

Inteirou-se. Ficou imóvel. Encolheu depois os braços, dobrou-os a modo de asas de pássaro, bateu-o por vezes nas ilhargas, e, entreabrindo a boca, deixou sair um longo grito que nada tinha de humano, um grito que ecoou lugubrememente pela igreja:

– Acauã! (SOUSA, 2005, p. 79).

Embora seja uma referência clara sobre a lenda do acauã, uma cuidadosa (re)leitura pode (re)abrir outras discussões, além das que aqui se fazem. E também perceber, de certa forma, nas duas personagens, exemplos de duas representações distintas do ser mulher. Se por um lado Aninha representa a imagem frágil, vulnerável, suscetível, submissa, entre outros estereótipos já instituídos historicamente à imagem da mulher, por outro lado Vitória é a representação da própria luta feminista, a força, o vigor, a independência, e embora a personagem pareça representar uma mudança do comportamento e do pensamento feminino e

reforçar a ideia de ressignificação nas relações de gênero, percebe-se que o preconceito e os estereótipos também se ressignificaram, no sentido de que ao passo que Vitória representa um ser feminino, porém o seu vigor e a sua força é comparada a atributos que, hipoteticamente, apenas homens podem ter, e isso faz dela uma aberração, a serem observadas no trecho a seguir

Vitória era alta e magra, de compleição forte, com músculos de aço. A tez era morena, quase escura, as sobrancelhas negras e arqueadas; o queixo fino e pontudo, as narinas dilatadas, os olhos negros, rasgados, de um brilho estranho. Apesar da incontestável formosura, tinha alguma coisa de masculino nas feições e nos modos. A boca, ornada de magníficos dentes, tinha um sorriso de gelo. Fitava com arrogância os homens até obrigá-los a baixar os olhos (SOUSA, 2005, p. 60).

Tais características propõem/sugerem uma ideia de demonização da mulher. Aquela que foge dos princípios da mulher submissa, instituída pelo patriarcado, é considerada a própria representação da bruxa dos tempos da idade média, que era contrária à igreja. Inclusive as características, atribuídas à Vitória, fazem uma sugestiva comparação à figura mítica Medusa.

Em suma, Vitória e Aninha representam duas formas diferentes do ser feminino, do ser mulher. Embora a distinção se mantenha numa linha tênue, é aqui usado de certo modo como sinônimo. Aninha representa a imagem do ideal do que se espera sobre a mulher numa visão e discurso instituídos social e historicamente pela dominação masculina, conforme discutido em Spivak (2010) e Bourdieu (2012), em contrapartida Vitória trás uma representação do que contraria o pensamento/discurso misógino e a partir dele é vista como uma aberração, um monstro, metaforicamente sugerido na narrativa, inclusive tais atribuições podem ser feitas à crítica e à luta feminista.

Percebe-se ainda muito forte e presente, que a visão que se tem sobre o ser feminino ao longo do tempo tem obtido novas concepções, visões, percepções, enfim, tem ganhado força e voz, percorrendo contra a

correnteza dos estereótipos arraigados, mas percorrendo. E não se pode negar a importância que os estudos sobre gênero e o movimento feminista têm alcançado nos mais diferentes espaços, e o que outrora se estagnava no campo do silêncio e da invisibilidade, hoje se fazem ouvir e, cada vez mais, se fazem presente.

Considerações Finais

Como fora dito, explícita e/ou implicitamente ao longo deste trabalho, a intenção não foi apresentar respostas exatas ou verdades absolutas sobre ser feminino e/ou ser mulher, mas suscitar novos questionamentos, outras reflexões.

Butler e Beauvoir revelam a complexidade que gira em torno da definição do gênero feminino, que não necessariamente possa ser ou ter o mesmo sentido que ser mulher, embora um não anule o outro, mas se entende que há situações e situações a serem revistas, analisadas, e que podem ou não serem substitutos entre si. Aqui foram usados como sinônimos, de certa forma, mas é bom lembrar de que não se trata de uma regra. Embora preferencialmente optar-se-á na maioria das vezes pelo termo feminino.

Há uma série de discussões feitas à questão do feminino subversivo e feitas à crítica feminista em torno da tentativa de compreender melhor as questões de gêneros, em especial o feminino, embora as análises e as (re) leituras de narrativas literárias, como esta, não possibilitem respostas de caráter definitivo, elas possibilitam algo muito maior, que todos os teóricos que embasam este artigo, (in) diretamente alertam, de que é preciso entender o que acontece(u) para que a caminhada/luta continue e se ressignifique no presente, ainda que não se saiba exatamente onde se vai chegar. As lutas feministas, segundo o próprio Bourdieu, trouxeram essas questões para o campo do politicamente discutível, e isso por si só representa um significativo avanço. Acrescenta-se ainda que muitas vozes passaram a ser ouvidas, mas reconhece-se que há muito a se fazer.

Mas de certa forma olhar e discutir o processo de mudanças que tem ocorrido proporciona hoje muitos outros questionamentos importantes e necessários, trazem novas experiências e reflexões, o que mostra que questionar move, sugere continuidade, e repostas indicam que acabou. Por isso a relevância deste estudo.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Ensaios sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo I: fatos e mitos**. 1970.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kuhner. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- BRITO JUNIOR, Antonio Barros de. **A literatura e o local da diferença: entre testemunho e arquivo**. Revista Landa, UFRGS, v. 2, n. 1, 2013.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CORRÊA, Paulo Maués. **Inglês de Sousa em Todas as Letras**. Belém, Paka-tatu, 2004.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006.
- KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1985.

- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.
- MEIRA, Clóvis. **Relembrações de Inglês de Sousa**. Artigo do jornal *O Liberal*. Belém, domingo, 23 de setembro de 1990.
- NUNES, Paulo. **Inglês de Sousa: Dois dedos de prosa sobre a recepção da obra**. Professor da Universidade da Amazônia. Programa de Pós-graduação em Comunicação, linguagens e cultura, e da graduação de Letras. Artigo Científico. Belém – PA.
- SALGUEIRO, Wilbert. **O que é literatura de testemunho** (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André Du Rap). *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 19, n.31, jul./dez. 2012. Disponível: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/22610>. Acesso: 01 jul 2019.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Narrar o trauma** – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psic. Clínica*, Rio de Janeiro. v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.
- SOUSA, Inglês de. **Contos Amazônicos**. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Capítulo 09

Experiência de vida sobre *A redução da maioridade penal*, narrada por discentes do 3º ano do ensino médio na formação do repertório produtivo destinado ao Enem ¹

Klícia Eluany de Oliveira Silva ²

Maria Keli da Silva Leite ³

Cristiane de Mesquita Alves ⁴

Introdução

A dissertação é um dos tipos textuais mais importantes da língua portuguesa, Granatic (1995) define a dissertação como o “tipo de composição na qual expomos ideias gerais, seguidas da apresentação de argumentos que as comprovem. [...] analisa certos assuntos que são abordados de modo impessoal” (GRANATIC, 1995, p. 13 e 14), isto é, trabalhar uma temática, na qual o emissor abordará de modo impessoal seu ponto de vista por meio de um embasamento teórico que oferecerá suporte ao seu posicionamento. No entanto, esse modelo tradicional de texto dissertativo não é cobrado no ENEM (exame nacional do ensino médio).

¹ Este trabalho é um recorte de uma pesquisa publicada integralmente no livro *Atividades Práticas de Docência: da formação universitária à sala de aula na educação básica*, organizado por Cristiane de Mesquita Alves, pela Editora Bordô-Grená.

² Graduanda em Letras Licenciatura Plena em Língua Portuguesa. Universidade do Estado do Pará (UEPA). Campus São Miguel do Guamá- Campus XI.

³ Graduanda em Letras Licenciatura Plena em Língua Portuguesa. Universidade do Estado do Pará (UEPA). Campus São Miguel do Guamá- Campus XI.

⁴ Professora e pesquisadora da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC da Universidade da Amazônia (UNAMA). Bolsista PROSUP/CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa Interface do Texto Amazônico (GITA).

Striquer (2019) define a diferenciação entre a dissertação proposta pelo Enem e a dissertação tradicional, uma vez que, a primeira apresenta introdução, desenvolvimento e “uma proposta de intervenção social para o problema apresentado no desenvolvimento do texto que respeite os direitos humanos” (BRASIL, 2016, p. 8), enquanto que a segunda, apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão, sem que haja a proposta de intervenção. Dessa forma, a estrutura do gênero redação Enem apresenta caráter próprio que a distingue da tipologia textual que se encontra estruturada na redação tradicional.

Embora, a dissertação do Enem seja formada por cinco competências, este artigo, de modo particular, trabalhará apenas a competência 2 “compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa” (BRASIL, 2016), especificamente no que tange ao repertório. Este, que por sua vez, caracteriza-se como a tese defendida pelo indivíduo dentro da dissertação-argumentativa.

Desta forma, este trabalho objetiva-se analisar o desenvolvimento do repertório dos discentes no turno matutino no ensino médio na escola *Frei Miguel de Bulhões* por meio de um tema proposto, com o intuito de observar os conhecimentos prévios que os mesmos possuíam sobre o tema “Redução da maioria penal”, oferecendo argumentos concisos que os auxiliem na construção do gênero redação Enem. Para isso, este estudo será dividido, além da introdução em duas partes: formação do repertório por meio do discurso realizado em sala de aula, e resultados, seguido das considerações finais.

1. Metodologia aplicada

Essa atividade surgiu a partir de questionamentos levantados no âmbito acadêmico na disciplina de *Atividades Práticas de Docência III (APD III)*, relacionado ao repertório dos discentes do ensino médio em relação ao tema “Redução da Maioridade Penal”, a qual acreditava-se ser

um possível tema da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). A partir do que foi vivenciado em sala, sentiu-se a necessidade de contribuir com os alunos do 3º ano do ensino médio, dispondo de subsídios concisos, a fim de que os mesmos obtivessem um proveitoso resultado na dissertação do Enem. Para isso, buscou-se analisar os posicionamentos acerca do tema.

A aplicação do projeto deu-se por meio de um júri simulado composto por quatro integrantes, dentre os quais, a primeira assumia o papel de mediadora; a segunda representava o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), argumentando contra a redução da maioridade penal; a terceira, desempenhava o papel de advogada criminal e, conseqüentemente, defendia a redução da maioridade penal; a quarta, por sua vez, encenava o senso comum. Dessa forma, a partir do debate por meio de argumentos contra e a favor, o senso comum seria guiado a qual lado ficar a partir dos posicionamentos dos alunos frente a temática, podendo mudar de posição de acordo com andamento da discussão.

A atividade foi realizada na escola de ensino médio *Frei Miguel de Bulhões* em uma turma do terceiro ano nos dias 23 de agosto de 2019, no turno da manhã. A estrutura escolar é composta por treze salas de aula, uma biblioteca, um refeitório, dois banheiros (masculino e feminino), uma quadra de esporte coberta, uma sala dos professores, uma diretoria, uma sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), laboratório de informática e ciência; atendendo aos três turnos (manhã, tarde e noite).

No dia 23, o projeto foi aplicado no turno matutino para 43 alunos, sendo em sua maioria da zona urbana. Ao início da aplicação do projeto, foi questionado o que os alunos sabiam a respeito do tema e qual a sua opinião, em seguida, foi apresentada o júri simulado, após isto, distribuímos um texto base sobre o tema que apresentava argumentos. Percebeu-se que no decorrer do júri simulado os alunos se posicionavam entre dois lados (contra ou a favor), ocorrendo assim, uma aula interativa com os mesmos; além disso, foi notório um maior índice de

participação dos alunos, os quais demonstraram maior domínio sobre o tema, haja vista que, se utilizavam de embasamentos teóricos e filosóficos para confirmarem suas ideias a respeito de seus posicionamentos, além disso, utilizavam suas vivências para discutir ou demonstrar exemplos sobre o tema. A discussão perdurou em torno de 3 hora/ aula de 40 min. Cada. O referido texto base (abaixo) distribuído, apresentava argumentos prós e contras a redução da maioria penal, com o intuito de dá-lhes suportes teóricos, auxiliando-os na formação discursiva.

Texto⁵:

Argumentos favoráveis à redução da maioria penal

Uma vez constatada a maturidade intelectual e emocional do agente, ele deve ser penalmente responsabilizado por suas ações e/ou omissões. Esse é o principal argumento favorável à redução da maioria penal (Cunha, Ropelato e Alves, 2006). Para o senador Almir Lando, os menores são plenamente conscientes de suas ações e a atual legislação ignora suas características, protegendo-os das consequências de seus atos (Agência Senado, 2003). Em relação ao caso de Champinha – que assassinou Liana Friedenbach e Felipe Caffé em 2003 –, o deputado federal Jair Bolsonaro afirmou que "não se pode dizer que ele [o acusado] não sabia o que estava fazendo. Ele a estuprou cinco vezes".

Saraiva (2002) faz analogia entre maioria política e penal para justificar o tratamento isonômico entre adultos e adolescentes. Como um adolescente de 16 anos pode votar, ele também poderia responder criminalmente como adulto. Tem-se ainda o argumento de que a redução da maioria penal pode dissuadir o comportamento criminoso e diminuir os níveis de violência. Essa ideia é utilizada pelo fato de que muitos adultos recrutam menores para praticar atividades ilegais, uma vez que os adolescentes recebem proteção especial.

No Brasil, alguns defensores da redução da maioria penal apostam em um argumento histórico-cultural. Quando o patamar de 18 anos foi criado, a realidade do país era diferente, com limitado acesso à informação e práticas sociais distintas (Sankievicz, 2007). Defende-se que, atualmente, o amadurecimento ocorre mais rápido em função da facilidade de acesso e do aumento no volume de informações. Por fim, diferentes pesquisas de opinião apontam que a maior parte da população brasileira é a favor da redução da maioria penal.

⁵ LINS, Rodrigo. Et al. A **redução da maioria Penal diminui a violência? Evidências de um estudo comparado**. Revista Opinião Pública, Campinas, vol.22, n°01, p.118-139, abril 2016.

Argumentos contrários à redução da maioridade penal

A literatura identifica duas tendências contra a redução da maioridade penal. Em primeiro lugar, os dados sobre vitimização apontam que os jovens são o grupo etário que mais morre por causas externas, especificamente homicídios e acidentes de trânsito. Por exemplo, Waiselfisz (2013) mostra que a participação relativa das causas de mortalidade por homicídios entre jovens (39,3%) é bem maior do que entre não jovens (3%). Ao se considerar as mortes por causas violentas de forma geral, observa-se uma proporção de 63,4% entre jovens versus 6,8% entre não jovens. Para Souza e Campos (2007), "apesar da relevância que há na questão do jovem que comete violência, no Brasil, a posição do jovem como vítima é muito mais grave do que como sujeito que comete ato infracional" (Souza e Campos, 2007, p. 8). Em segundo lugar, existe uma forte disparidade entre a incidência de práticas infracionais cometidas por adolescentes e a cobertura dada pelos meios de comunicação.

Os delitos realizados por pessoas com mais de 18 anos representam mais de 90% do total. Os dados de Adorno, Bordini e Lima (1999) indicam que os homicídios cometidos por adolescentes correspondem a 1,3%. Para Sankiewicz (2007), "a preocupação com a violência juvenil nas sociedades modernas é desproporcional à gravidade e à incidência dos atos infracionais praticados pelos adolescentes" (Sankiewicz, 2007, p. 7).

Especificamente contra a analogia entre maioridade política e penal, os defensores do patamar de 18 anos destacam que o sufrágio aos 16 anos é facultativo, enquanto a imputabilidade é compulsória. Contra o argumento cultural-histórico com ênfase nos meios de comunicação, os defensores do sistema atual afirmam que o aumento da oferta de informação não é sinônimo de qualidade, nem tampouco de capacidade de absorção. O que ocorre na verdade é que "o adolescente pode até se prejudicar em razão do excessivo número de mensagens com valores contraditórios" (Sankiewicz, 2007, p. 9).

Por fim, outro argumento recorrente contra a redução da maioridade penal é a incapacidade do sistema prisional brasileiro de cumprir efetivamente com os seus propósitos. Diversos estudos apontam a existência de um déficit generalizado de vagas¹⁰. Dessa forma, a redução da maioridade penal tenderia a agravar a situação.

1.1 A Formação do repertório discente.

Antes de relatarmos a respeito do repertório sociocultural do discente, temos que ressaltar sobre o texto dissertativo-argumentativo, no qual se fundamenta por meio de argumentos, em prol de induzir/convencer ao leitor sobre um determinado assunto. Para isso, o mesmo deve estar com os argumentos organizados e coerentes, pois, por meio disso, será realizada a análise (referida ao tema da redação), com intuito de observar se as informações foram relevantes e convincentes para o leitor. Neste caso, determina-se por texto dissertativo-argumentativo:

O texto dissertativo-argumentativo se organiza na defesa de um ponto de vista sobre um determinado assunto. É fundamentado com argumentos, para influenciar a opinião do leitor, tentando convencê-lo de que a ideia defendida está correta. É preciso, portanto, expor e explicar ideias. Daí a sua dupla natureza: é argumentativo porque defende uma tese, uma opinião, e é dissertativo porque se utiliza de explicações para justificá-la. O objeto desse texto é, em última análise, convencer o leitor de que o ponto de vista em relação à tese apresentada é acertado e relevante. Para tanto, mobiliza informações, fatos e opiniões, à luz de um raciocínio coerente e consistente. (BRASIL, 2018, p.15-16).

Dessa forma, o repertório sociocultural é um elemento muito importante para a produção do texto dissertativo do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), visto que é um dos requisitos para que o discente atinja uma nota alta, principalmente na avaliação da competência II (somado a tipologia textual: texto dissertativo argumentativo e compreensão do tema). Neste aspecto, o repertório sociocultural configura-se por meio de toda informação, fato, citação, pesquisas e entre outras estratégias argumentativas que, de certo modo irá contribuir para com a redação do aluno, ou seja, a discussão proposta pelo mesmo. Assim, as estratégias argumentativas são de suma relevância para com essa conjuntura:

ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS – São recursos utilizados para desenvolver os argumentos, de modo a convencer o leitor: exemplos; dados estatísticos; pesquisas; fatos comprováveis; citações ou depoimentos de pessoas especializadas no assunto, pequenas narrativas ilustrativas, alusões históricas; e comparações entre fatos, situações, épocas ou lugares distintos. (BRASIL, 2018, p.16)

Esses argumentos podem ser vistos na aula que ocorreu no turno matutino, visto que, com o decorrer do debate, os discentes mostraram-se interessados pelo assunto e participativos; em suas argumentações defendiam o seu ponto de vista, relatando a casos pessoais sobre família, conhecidos, vizinhos e entre outros. Foi de grande valia o posicionamento de cada um, haja vista que em seus discursos, apresentaram suas realidades e principalmente, voltada não somente ao ciclo no qual convivem, e sim sobre a atual conjuntura política a qual o país está. Nesse sentido, percebe-se que a argumentação é essencial na construção do senso crítico de cada indivíduo, por isso deve ser instigada, em especial, nos jovens para a colaboração no processo de formação de opiniões.

Neste sentido, os discentes apresentaram-se bem críticos sobre o tema, fazendo várias comparações sociais, contudo, vale ressaltar que no momento dos posicionamentos de cada aluno, as opiniões eram respeitadas, por mais que não concordassem. Cunha (1997) ressalva que uma determinada causa não pode ser caracterizada pela imposição, ou maneira autoritária, e sim de modo espontâneo, democrático, ofertando espaço a todos de se posicionarem.

É sempre preciso uma situação de democracia, de reconhecimento da igualdade de situação dos interlocutores e, sobretudo, de reconhecimento do outro como capaz de receber os meus argumentos e ser convencidos por ele. Só assim se pode ter um discurso retórico. Só uma situação democrática o permite. Por isso, é que não é por acaso que, historicamente, o termo retórica aparece pela primeira vez nos gregos, na democracia ateniense.

Com base no que foi exposto em sala em relação tema proposto, é válido constar a importância da escolha do mesmo para ser discutido,

visto que, na atual conjuntura política foi o único projeto aprovado pelo governo atual, sendo, assim, muito debatida no âmbito social. Dessa forma, a redução da maioridade penal tem como o intuito de reduzir a idade de 18 anos para 16 anos em crimes hediondos. Para isso, deve-se atentar para a diferença entre Maioridade penal e Responsabilidade criminal, uma vez que quando se trata de maioridade penal resulta quando o acusado responde como adulto para fins processuais. Já a responsabilidade criminal, é quando qualquer pessoa seja adulta ou adolescente a partir dos 12 anos de idade, poderá responder criminalmente de acordo com o art. 26 do código penal. (BRASIL, 1940.)

2. Análise dos Resultados

O projeto foi aplicado em uma escola de rede pública, na qual presenciou-se uma turma do 3º ano do ensino médio no turno da manhã, essa, composta por 43 alunos. Nessa turma, foi encenado um júri simulado a respeito das vertentes da Redução da Maioridade Penal, no qual teve quatro personagens (uma mediadora, uma advogada criminal, uma coordenadora do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e uma pessoa representando o senso comum) na presença da professora avaliadora e pela professora regular da turma. Dentre os personagens, o senso comum sendo a posição da maioria do público, no caso os alunos; para fins de construir opiniões e com objetivo de promover a argumentação do aluno, como já fora ressaltado, a competência 2 da redação do Exame Nacional do Ensino Médio, a qual, se exige um texto dissertativo-argumentativo.

A partir desse projeto, foi possível observar um bom desempenho argumentativo entre os alunos em relação ao tema proposto e como essa participação fora de suma importância para o objetivo do repertório produtivo.

A maioria da turma com jovens de 16 a 20 anos de idade, se posicionaram com segurança a respeito do tema que foi exposto, 12 alunos

(aproximadamente 22%), debateram de acordo com seus ideais e mostraram domínio sobre o assunto, explicaram de forma coerente e com embasamentos teóricos e filosóficos para colocarem seus pontos de vista, cerca de 78% não colocaram seus posicionamentos diante da problemática.

A turma teve muitas contribuições válidas para a aula aplicada, de acordo com o gráfico mostrou-se ainda um índice baixo no quesito participação, porém, as pessoas que participaram mostraram um domínio convivente e demonstraram conhecimentos tantos informacionais como filosóficos para defenderem suas argumentações, acredita-se que os alunos que não se posicionaram, não apresentavam os mesmos conhecimentos em comparação aos demais alunos que opinaram, seja por fatores culturais e/ou por falta de informação destes alunos, pois alguns desses alunos são advindos do interior e, isto acaba afetando na sua vida escolar a prática da argumentação, além das informações não comparecer com tanta facilidade como na zona urbana.

No momento do júri simulado sobre “a redução da maioria penal” os alunos se comoveram com o discurso, quando foi tocado no fator cultural, racial, desigualdade social, que existe sobre o tema escolhido, porque a maioria da turma, trazem características negras e com toda repercussão, finalizamos com o nosso objetivo atingido de alcançá-los até sua realidade atual, nisto, houve intervenção em meio a todo este cenário. Essa ideia pode ser confirmada por Santos (2014):

Quando se argumenta, não se parte de evidências indiscutíveis, incontestáveis, pelo contrário, é o possível, o verossímil que permite o exercício dessa prática. Por isto, muitas vezes, quem argumenta é levado a mudar suas estratégias argumentativas para melhorar a relação que estabelece com o seu público. São as reações do auditório ao discurso proferido que determinam a continuidade da linha argumentativa escolhida ou a sua substituição por outra que se julgue mais eficaz. (SANTOS, 2014, p. 39).

Ao final da aula, foi realizado uma breve votação para quem era contra, a favor e os que não opinavam a respeito. A turma teve 27 pesso-

as contra, 12 a favor e 4 não opinaram, observa-se no gráfico abaixo que, apenas 9% dos alunos não tinham opinião formada sobre o tema, aproximadamente 28% são a favor que reduzam a maioria penal para 16 anos, e mais da metade da turma, representado por 63% são contra a redução, muitos colocaram a educação como pilar para o problema exposto.

Diante de tudo isso, pode-se afirmar que a escola assume o papel principal de levar a estes alunos o conhecimento por meio da leitura e debates; para os alunos, a escola é o lugar do conhecimento, a leitura é cultura, e a instituição deve atuar ativamente nesse processo, para que alcancem objetivos, como o repertório produtivo eficaz, Aguiar (2007, p. 27) afirma “leitura não é um comportamento natural do ser humano, como comer ou dormir; ela é cultural e precisa ser adquirida. Normalmente, à escola cabe a nossa introdução no mundo das letras. Ali desenhamos as primeiras palavras e lemos os textos iniciais”.

Nesse sentido, observou-se que a instituição contribuiu positivamente para formar os repertórios produtivos destes alunos, uma vez que, com a aplicação do projeto percebemos argumentos consistentes frente à temática; e no que tange aos alunos que não argumentaram, com a aplicação do projeto conseguimos mostrar as informações que os mesmos não tinham conhecimento, estando, assim, aptos a realização do exame ENEM. Aos alunos que se posicionaram, como já fora dito, mostraram exemplos de suas vivências para discutir o tema e de acordo com Santos 2014 a realidade do aluno, história e cultura refletirá no ambiente, seja ela benéfica ou maléfica, para o processo de ensino- aprendizagem do discente.

Todo discurso é produzido dentro de um contexto histórico e sociocultural. Dessa forma, uma argumentação empregada para defender certo ponto de vista em determinado momento e em determinado meio pode não ser indicada para um episódio que acontece num outro meio e num momento histórico diferente, ainda que a temática em discussão seja a mesma. (SANTOS, 2014, p. 39).

Nesse ínterim, é possível afirmar que o momento exposto em sala, foi de suma importância para o processo de ensino-aprendizagem sobre a temática trabalhada, uma vez que, o público alvo, eram jovens que prestariam o ENEM, dessa forma, demonstraram com mais facilidade domínio sobre o tema, defendendo seus pontos de vista com argumentações consistentes e convincentes, formando, assim seu repertório produtivo.

Considerações finais

Reiteramos que o domínio do repertório no gênero redação Enem, configura-se como um dos principais requisitos para a construção do gênero, a fim de que o discente consiga alcançar êxito na competência 2, visto que, essa competência exige do aluno o conhecimento para se posicionar criticamente, isto é, argumentar de forma concisa, citando autores, leis ou textos informativos para respaldar sua dissertação acerca dos mais variados temas.

Partindo do pressuposto de que muitos estudantes, ao se deparar com a redação do Enem, sentem dificuldades no momento de argumentar sobre determinados temas. Foi por esse motivo, que se aplicou o presente projeto, preferencialmente, no 3 ano do ensino médio, por meio de um júri simulado, no qual foram apresentados vários pontos de vistas acerca do tema “redução da maioria penal”, a fim de que os alunos pudessem desenvolver suas próprias opiniões a partir das discussões e, assim, decidir qual posição defender, proporcionando, dessa forma, que o aluno alcançasse um bom desenvolvimento na competência 2.

Percebeu-se que a prática do júri simulado sobre o tema proposto, alcançou bons resultados, pois obteve significativa participação dos estudantes, de acordo com o gráfico a turma teve a participação de 22%. Dessa forma, é perceptível que, provavelmente, pelo fato de maioria da turma ser da zona urbana e, conseqüentemente, possuírem um maior acesso as informações referentes as notícias que circulam no meio social

e digital, os mesmos encontram-se sujeitos a desempenharem um pensamento crítico e formar argumentos consistente para a dissertação. Enquanto que aqueles que moram na zona rural (alguns que não se posicionaram), por possuírem um acesso limitado aos mesmos meios que os moradores da zona urbana, torna-se dificultoso para que construam argumentos fundamentados no discussão do tema proposto.

Referências

ABREU. A. S. **A arte de argumentar**. 13 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

AGUIAR. Vera. **Leitura e Conhecimento**. Signo. Santa Cruz do Sul, vol. 32, n° 53, p. 27, dez. 2007.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

_____. Decreto-Lei n° 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Rio de Janeiro, RJ, 7 dez. 1940.

BRASIL. Ministério da Educação. **Redação no Enem 2018**: cartilha do participante. Ministério da Educação. Brasília, outubro, 2018.

CUNHA. T. C. **Retórica: a técnica da persuasão**. In **Notícias Magazines**, Lisboa: 22, 1997.

GALBARDI. Tania. **Construção da argumentação e desenvolvimento de estratégias de leitura no artigo de opinião**. Cadernos PDE, vol. 01. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uel_port_artigo_tania_reggiani_galbardi.pdf>. Acesso em: 24 de agosto de 2019.

GRANATIC, B. **Técnicas Básicas de Redação**. São Paulo: Scipione, 1995.

LINS, Rodrigo. Et al. **A redução da maioria Penal diminui a violência? Evidências de um estudo comparado**. Revista Opinião Pública, Campinas, vol.22, n°01, p.118-139, abril 2016.

SANTOS, Nelson dos. **O significado do trabalho com o texto dissertativo-argumentativo escrito em sala de aula**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/121828>>. Acesso em: 24 de agosto de 2019.

SOARES, Nathalia. **A constituição do gênero dissertativo-argumentativa: uma análise de enunciados da proposta de redação sobre internet ENEM e FUVEST**. Diálogo das Letras, Pau dos Ferros, v. 04, n° 02, p. 68, jul./dez. 2015.

Disponível em:<https://www.institutoliberal.org.br/blog/maioridade-penal-utilitarismo-e-justica/>. Acesso em 22 de agosto de 2019.

Disponível em: <https://pvpitanga.jusbrasil.com.br/artigos/240742385/a-reducao-da-maioridade-penal-no-brasil-uma-inconsequente-insensata-e-incorreta-tese>.

Capítulo 10

Oficina de redação Enem no curso comunitário Eneida de Moraes em São Miguel do Guamá: relato de uma prática docente de professoras em formação ¹

Maria Jaqueline Santos da Silva ²

Thyanne Akemi Miyazaki Feitosa ³

Introdução

Este trabalho trata-se de um relato de uma prática docente de professoras de Letras em formação, da Universidade do Estado do Pará, durante a disciplina Atividades Práticas de Docência III, a partir da aplicação de uma oficina de redação do Enem na perspectiva de ensinar e/ou colaborar com os alunos do curso comunitário em que o projeto foi desenvolvido. O assunto abordado foi prioritariamente o estudo da tipologia textual “A dissertação argumentativa”, hoje já conhecida como o gênero de redação do Enem, devido às muitas particularidades exigidas pela redação do Exame Nacional do Ensino Médio.

De acordo com Batista e Striquer (2016), o gênero redação do ENEM é um gênero que pertence ao âmbito escolar, pois é por meio dele que muitos alunos, ao saírem do Ensino Médio, ingressam em Institui-

¹ Este trabalho é um recorte de uma pesquisa publicada integralmente no livro *Atividades Práticas de Docência: da formação universitária à sala de aula na educação básica*, organizado por Cristiane de Mesquita Alves, pela Editora Bordô-Grená.

² Graduanda em Letras Licenciatura Plena em Língua Portuguesa. Universidade do Estado do Pará (UEPA). Campus São Miguel do Guamá – Campus XI.

³ Graduanda em Letras Licenciatura Plena em Língua Portuguesa. Universidade do Estado do Pará (UEPA). Campus São Miguel do Guamá – Campus XI.

ções de Ensino Superior, sejam públicas ou privadas. Esse gênero é caracterizado por solicitar que o aluno apresente uma tese (ponto de vista a respeito do tema), argumentos consistentes que sustentem sua tese e uma proposta de intervenção para o problema social, isso se deve ao fato de que “Em relação ao tema da redação, ele está diretamente relacionado aos problemas sociais e às questões filosóficas que regem a vida da sociedade.” (STRIQUER, 2016, p. 237). Por este motivo, ao escolhermos o tema abordado na oficina e as discussões em que iam promover e estimular os alunos a desenvolverem e a participarem, foram assuntos de cunho social, próximos a realidade em que eles estavam inseridos.

Logo, para obter uma boa nota na redação ENEM é necessário que o participante construa o texto a partir dos conteúdos que compõem a grade curricular do Ensino Médio, principalmente os assuntos de Língua Portuguesa. Esses conteúdos estão sintetizados nas 05 competências utilizadas para avaliação da redação, disponibilizadas na Cartilha do participante: redação do ENEM 2018 (BRASIL, 2018, p. 8):

Competência 1 Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa. Competência 2 Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa. Competência 3 Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista. Competência 4 Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação. Competência 5 Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.

A partir dessas competências, analisamos um conjunto de redações do ENEM produzido pelos alunos do Cursinho Popular Eneida de Moraes do Campus XI da UEPA de São Miguel do Guamá.

Portanto, o objetivo deste artigo é identificar as técnicas e características específicas do gênero textual dissertativo argumentativo destinado ao Enem, utilizadas pelos alunos, a fim de que os resultados

possam ser tomados como objeto de ensino e aprendizagem nas sequências didáticas produzidas e implementadas pelo cursinho.

Oficina de redação: elaboração e Aplicação

A proposta de aplicação da oficina de redação com o tema “A dissertação argumentativa” surgiu a partir da comunicação oral resultante da leitura do texto “O que os alunos do Ensino Médio (não) sabem sobre o gênero textual Redação do ENEM” da autora Marilúcia dos Santos Domingos Striquer, durante a disciplina Atividades Práticas de Docência III.

Partindo do pressuposto de que a produção da redação do Enem é uma atividade complexa e que exige dos alunos domínio de competências compostas por várias habilidades, surgiu o questionamento: será que os alunos do Cursinho Popular Eneida de Moraes, do Campus de São Miguel do Guamá, estão conseguindo utilizar a técnica do texto dissertativo para fazer uma boa redação?

Sendo assim, a oficina foi aplicada por três professoras em formação, no dia 24 de agosto de 2019, de 8h as 10h30, no Campus XI da UEPA de São Miguel do Guamá-PA, na turma composta por 30 alunos, do Cursinho Popular Eneida de Moraes.

A oficina se deu por meio de uma aula oral-expositiva e foi dividida em dois momentos: primeiro revisamos a estrutura do texto dissertativo argumentativo, em seguida trabalhamos as competências e sua importância para o gênero Redação do ENEM. No segundo momento, apresentamos a proposta de redação com o tema “A necessidade do diálogo e do respeito em uma sociedade democrática”. Após esse momento, destinamos um tempo de 60 minutos para que os alunos produzissem as redações. Ao término do tempo, dos 30 alunos, 14 entregaram as produções, essas foram utilizadas para as análises do corpus.

Análise de uma das produções das redações dos participantes

Importante ressaltar que, das 14 redações, selecionamos duas para analisarmos de acordo com cada uma das competências. Em relação às demais redações, as análises foram feitas a partir de critérios quantitativos em relação aos erros observados referentes ao gênero Redação do ENEM.

Em primeira análise, constatamos que todos obedeceram à quantidade mínima de linhas; 8 textos não apresentaram uma tese; 6 fugiram parcialmente ao tema proposto; 13 apresentaram ideias desconexas; 11 não apresentaram argumentos consistentes; 12 apresentaram proposta de intervenção deficitária e 1 não apresentou proposta de intervenção.

Com a finalidade de exemplificar as análises feitas de acordo com as cinco competências, seguem abaixo as duas redações selecionadas e as respectivas observações feitas.

CURSINHO POPULAR ENEIDA DE MORAES

Folha de Redação

Nome: _____

1	
2	Na sociedade democrática que visamos a muita
3	necessidade de diálogo e respeito para poder conviver
4	com uma sociedade melhor tudo começa pelo res-
5	peito com o próximo e sabendo que o diálogo
6	de uma maneira clara e honesta dessa forma a
7	vida de cada um de nós em sociedade é tempo
8	útil de ser vivida sem diálogo a democracia
9	não sobrevive sem debate.
10	Como taler discursos entre amigos e parentes?
11	Diálogo é o caminho da permanente construção da
12	vida social familiar e industrial.
13	O respeito e a promoção do bem comum são direitos
14	de todos, por isso, é preciso investir todas as
15	forças no diálogo para negociações, respeito e igual-
16	dade e respeito das indispensáveis, boas e legíti-
17	mas de disputas que comprometam a cidadania
18	a ordem e a justiça.
19	Acima de tudo, os requisitos discursos da sociedade
20	para superar necessidades, participamos, modica-
21	mento de todo tipo, buscando para cultura
22	precisam estar em diálogo pelo bem comum.
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Produção de um dos participantes da oficina

Pela leitura da Redação 02, podemos observar que o participante apresenta uma compreensão parcial da estrutura dissertativa de modo geral, uma vez que os parágrafos do texto são embrionários (pois não há o desenvolvimento e fechamento de muitas ideias apresentadas). Há a presença da tese, opinião do autor sobre o tema, exemplificada nas linhas 01 e 02, quando o participante defende a necessidade de diálogo como critério fundamental para o exercício da democracia.

O desenvolvimento da redação é deficitário e mediano em algumas partes do texto como nas linhas 12 e 13, nas quais ele consegue expor e apresentar minimamente a defesa de um ponto de vista, quando aborda a valorização dos deveres. Não há apresentação de um repertório sociocultural caracterizado como um elemento muito importante para a produção da redação do Enem e requisito para que o discente atinja as notas mais altas na avaliação da Competência II (somado a tipologia textual: texto dissertativo argumentativo e compreensão do tema), o repertório sociocultural configura-se como toda e qualquer informação, fato, citação, pesquisas, e outras estratégias argumentativas que, de alguma forma, contribui como argumento para a discussão proposta pelo aluno.

A ausência deste repertório no texto, também chamado de área do conhecimento se deve a falta das estratégias argumentativas no mesmo. Elas são caracterizadas como comprovações de argumentos. As

ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS – São recursos utilizados para desenvolver os argumentos, de modo a convencer o leitor: exemplos; dados estatísticos; pesquisas; fatos comprováveis; citações ou depoimentos de pessoas especializadas no assunto; pequenas narrativas ilustrativas; alusões históricas; e comparações entre fatos, situações, épocas ou lugares distintos. (BRASIL, 2018, p. 16).

Quanto à competência III “Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.” (BRASIL, 2018), observamos que o participante ainda apresenta uma organização textual mediana, embora se esforce para estruturar os parágrafos. Essa desorganização ou semiorganização acaba por preju-

dicar a avaliação da competência 04: uso dos mecanismos linguísticos, uma vez que os parágrafos não foram predominantemente interligados por conjunções, preposições, pronomes, advérbios ou locuções e etc., que pudessem conectar ideias dos períodos com a argumentação embrionária levantada no texto. Podemos então avaliar este texto como mediano, ainda que os períodos não sejam todos conectados e bem construídos sintaticamente. Dessa forma, em relação à competência IV, há algumas marcas coesivas nas linhas: 01 “na”; 04: “e”; 09: “como”; 13: “por isso”; 14: “para”; 18: “acima de tudo”; alguns recursos coesivos que de um modo geral, contribuem para a leitura fluída do texto.

Outro aspecto observado no texto do participante, por mais que a leitura do texto seja fluída, concerne à competência I. Esta competência fica comprometida seriamente do ponto de vista padrão do português, devido à presença de muitos desvios de convenção de escrita, aspectos gramaticais, períodos truncados e sintaticamente incompletos.

Em relação à competência V, não há atores sociais apontados como agentes que solucionaram a problemática discutida na redação. O que temos são apenas passagens que indiciam propostas de intervenção como nas linhas 10 e 11: “Dialogar e o caminho da permanente construção da vida social familiar e industrial”; 21: “precisam estar em diálogo pelo bem comum.”

Diante da leitura e análise geral da redação do participante, percebemos que o processo de ensino da produção textual foi realizado com êxito, apesar das muitas deficiências argumentativas, estruturais e sintáticas presentes no mesmo. Só o fato de o participante manifestar sua tese por meio de sua escrita já foi um ganho para nós pesquisadoras que nos propomos a ensinar e encontramos alguém disposto a aprender.

Considerações Finais

Em busca de identificar as técnicas e características específicas do gênero textual dissertativo argumentativo nas redações do ENEM, dos

alunos do último ano do ensino médio, atendidos pelo Cursinho Popular Eneida de Moraes, localizado no Campus XI da UEPA de São Miguel do Guamá - PA, analisamos um conjunto de 14 produções dos referidos discentes. Os resultados demonstraram que muitas das operações de linguagem que formam o gênero deverão compor o programa de ensino do Cursinho, uma vez que os textos revelaram problemas com habilidades estabelecidas nas cinco competências a serem avaliadas pelos corretores da redação do ENEM.

A partir das análises foi possível constatar que as redações dos alunos apresentam erros que se enquadram em todas as cinco competências avaliativas. Em vista disso, Geraldi (2006) explica que existem diversas opiniões com relação às causas da incapacidade de produções de bons textos pelos estudantes, e estas vão desde a falta de leitura que interfere na escrita, até a condenação dos estudantes que simplesmente não conseguem redigir bons textos.

Dessa forma, alguns dos assuntos que precisam ser tomados como objeto de ensino e aprendizagem são: as características da situação comunicativa; o papel social do autor e do destinatário; a estrutura formal do gênero redação do ENEM: apresentação de tese, de argumentos consistentes e de proposta de intervenção; modalização do discurso; estratégias argumentativas; recursos linguísticos como o uso da vírgula, concordância nominal e verbal, organização da sintaxe, ortografia das palavras; emprego do modo impessoal ou da terceira pessoa do discurso e coisas mais simples como o emprego de letras maiúsculas e minúsculas.

No que concerne à aplicação da oficina, concordamos que foi muito produtiva, pois os alunos participaram ativamente, fizeram perguntas e anotaram todas as informações que lhes foram apresentadas. Como ponto negativo dessa experiência, destacamos o fato de que ao apresentarmos a proposta de redação e determinarmos que teriam uma hora para produção, grande parte dos alunos nem tentaram fazê-la, pois

estavam acostumados a levar as propostas para casa e entregar na semana seguinte.

Com este trabalho, esperamos poder contribuir de forma significativa com outros professores, em formação ou formados, interessados em abordar em suas aulas, técnicas e características do gênero redação do ENEM. Ademais, tivemos a intenção de mostrar que para o aluno construir um bom texto, é necessário que o professor trabalhe muito além da estrutura dos textos dissertativos argumentativos, pois os conhecimentos “micro” – como pontuação, acentuação e ortografia, por exemplo – reflitam no “macro” – organização das ideias do texto de forma coerente e coesa.

Referências

- BATISTA, P. C.; STRIQUER, M. S. D. **A redação do ENEM**: um modelo didático do gênero textual. In: REIS, S.; EGIDO, A. A. Anais [do] I Congresso Internacional da Linguística Aplicada Crítica [livro eletrônico]: linguagem, ação e transformação. Londrina: UEL, 2016, pp. 985-1000.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Redação no ENEM 2018**: cartilha do participante. Ministério da Educação. Brasília, outubro, 2018.
- GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. Edição 4^a. São Paulo: Ática, 2006.

Capítulo 11

O uso das ferramentas tecnológicas nos meios de comunicação dos jovens guamaenses¹

*Aleandra Oliveira Bastos*²

*Haliandra Ferreira de Oliveira*³

*Cristiane de Mesquita Alves*⁴

Introdução

Este capítulo pretende discutir a utilização das redes sociais no âmbito escolar, visto que essas passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas, em especial, aos alunos. Tendo como ponto de partida tais aspectos mencionados, a proposta dessa pesquisa é analisar como e para que as redes sociais são utilizadas pelos estudantes, visando principalmente, caracterizar se as mesmas servem para fins educacionais e se contribuem para o aprendizado. Nesta perspectiva, foram criados tópicos para a conceituação do quanto que as tecnologias, em especial, a internet e suas ferramentas, as redes sociais, contribuem para o processo de mudanças da sociedade e o quanto que suas influências são recorrentes em

¹ Este trabalho é um recorte de uma pesquisa publicada integralmente no livro *Atividades Práticas de Docência: da formação universitária à sala de aula na educação básica*, organizado por Cristiane de Mesquita Alves, pela Editora Bordô-Grená.

² Graduanda em Letras Licenciatura Plena em Língua Portuguesa. Universidade do Estado do Pará (UEPA). Campus São Miguel do Guamá – Campus XI.

³ Graduanda em Letras Licenciatura Plena em Língua Portuguesa. Universidade do Estado do Pará (UEPA). Campus São Miguel do Guamá – Campus XI.

⁴ Professora e pesquisadora da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC da Universidade da Amazônia (UNAMA). Bolsista PROSUP/CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa Interfaces do Texto Amazônico (GITA).

usuários enquanto alunos/leitores. Para tanto, as respostas obtidas para a análise se deu por meio de um questionário de cunho quantitativo, contendo perguntas objetivas e subjetivas, aplicado na Escola Estadual de Ensino Médio Frei Miguel de Bulhões, na turma do segundo ano, pela manhã, contendo 32 alunos.

A partir das análises feitas, por meio de questionários, das respostas dos contribuintes da pesquisa, pode-se afirmar que as redes sociais tornaram-se indissociáveis da vida dos jovens do século XXI, e que suas influências auxiliam no processo de ensino-aprendizagem, e cabe aos facilitadores de conhecimento prepararem-se para a utilização dessas novas plataformas de ensino.

As sociedades no transcorrer dos séculos perpassam por um cenário de transformações socioculturais e amplos processos de mudanças, contribuições e evoluções dos conhecimentos e as tecnologias são uma das responsáveis por tais feitos, como esclarece CASTELLS (2005): elas se beneficiam dos conhecimentos científicos adquiridos ao longo das gerações utilizando-as como meios de especificar e reproduzir as maneiras de efetuar as coisas que fazem parte do cotidiano das pessoas.

Segundo SANTOS (2002, p. 11), “a revolução científica tecnológica vem provocando grandes transformações que causam perplexidade na sociedade contemporânea diante da multiplicidade de conhecimentos que apresentam.”

Devido a tais transformações, as tecnologias da informação e comunicação tomaram o espaço na vida das pessoas por apresentarem novas formas de aprender e de ensinar sobre assuntos diversos, incorporando conhecimento e contribuindo de forma positiva e significativamente para o processo de ensino-aprendizagem.

Observa-se que as tecnologias da informação e comunicação transformam a sociedade atendendo as necessidades do homem e sua

evolução por reproduzir e documentar suas experiências e o relacionar-se com o mundo, em razão de o conhecimento científico e tecnológico ocuparem um lugar de destaque no processo “de manutenção ou de transformações das relações sociais, nos âmbitos econômicos, políticos, culturais, educacionais, e etc., fazendo com que os indivíduos sejam inclusos em uma sociedade contemporânea.” (SANTOS, 2002, p. 13).

Por meio dessa evolução tão precisa que as tecnologias apresentam, as informações são impulsionadas e o desenvolvimento dos cidadãos, empresas e poderes públicos em todos os cantos do mundo, são crescentes, desencadeando mudanças nos comportamentos, atitudes, valores, costumes e na cultura da sociedade. Neste caso, podemos considerar as tecnologias como elemento facilitador da ampliação e transformação social. Porém, vale ressaltar que apesar dessa evolução tecnológica ser tão difundida, nem todo mundo tem acesso ou é adepto a ela.

Como afirma CASTELLS (2005, p. 43), “a tecnologia não determina a sociedade, nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica [...]”. Nessa perspectiva não se deve relativizar quem não as utiliza, tendo em vista que vários fatores como: modificações no contexto social e econômico e adaptações ao processo, levam a essa situação, além de outras circunstâncias que condizem ao desvio da utilização desses meios que favorecem às transformações sociais e mudanças no comportamento de cada indivíduo.

Com tantas inovações tecnológicas indispensáveis para a construção e formação dos indivíduos, como computadores, câmeras, TVs, rádios, celulares, internet, etc., que proporcionam um novo modo de comunicação e informação para a sociedade, e pensando nas habilidades que muitos alunos possuem com esses meios receptíveis e interacionais, buscou-se investigar de que forma os alunos do 2º ano do Ensino Médio da escola Frei Miguel de Bulhões, localizada no município de São Miguel do Guamá, utilizam e inserem uma das tecnologias mais usuais hoje em dia, a internet, mais precisamente as redes sociais, no processo de ensino-aprendizagem.

À vista do contexto analisado na referida turma, nossa hipótese vai ao encontro de responder de quais formas as tecnologias informacionais oferecidas pela internet, as redes sociais, contribuem para o processo de ensino-aprendizagem desses jovens. Posto isto, nossos objetivos são explicar sobre redes sociais; promover a discussão em relação ao uso dessas redes e compreender se os alunos introduzem as mesmas como um recurso para buscar melhorar suas competências educativas de leitura e conseqüentemente a qualidade do ensino e aprendizagem.

Baseando-se nesses aspectos objetivos, serão construídas algumas explicações e explicações a respeito dos dados coletados dos alunos. Porém, não se deseja descrever um modelo didático pedagógico de como utilizar as redes sociais no âmbito escolar, mas disponibilizar informações quanto ao que eles buscam nas redes sociais e se tais buscas contribuem quantitativamente para a competência de desenvolvimento da leitura.

A influência das redes sociais em alunos enquanto usuários/leitores

É perceptível que os avanços da tecnologia e, principalmente, das redes sociais contemplam e constituem de maneira imensurável a sociedade e, em especial, a comunidade escolar, pelo fato de as tecnologias e as redes sociais terem se tornado favoráveis para a obtenção de conhecimentos e compartilhamentos de ideias de forma positiva.

Frente à utilização desses avanços tecnológicos, é concebível que as redes sociais capacitam e completam tanto a vida dos alunos que delas se utilizam quanto as atividades escolares, por ocorrer a apropriação dos seus atributos oferecidos cotidianamente, influenciando assim, no desempenho comunicativo, investigativo, sociocultural e educacional pela possibilidade de apreender instantâneas informações que ajudam a compreender melhor os conteúdos educacionais e os processos da vida pelo uso prático de escritas em algum aplicativo ou até mesmo por uma simples leitura em uma publicação vivenciada nesse novo espaço de informações.

A inserção dessas interfaces tecnológicas nos processos educacionais envolvem diversas atividades cotidianas nas escolas “completando” o aprendizado, este que não se insere tão somente a conteúdos escolares, mas que se relacionam com o processo comunicativo dos sujeitos tanto fora, quanto dentro desses espaços participativos de professores e alunos.

A organização da vida escolar passou a ser sistematizada diante de tecnologias, e o processo de ensino-aprendizagem repensado e completado com o auxílio das redes sociais. Os ambientes virtuais passaram a potencializar as práticas educativas, pois muitas construções de saberes migraram nesses espaços, mas, ressalta-se que não são só benefícios que tais avanços proporcionam, há também malefícios, pois nesse território existem paralelos conteúdos que abstraem a interatividade com coisas boas.

De forma geral, os alunos dessa nova sociedade tecnicista utilizam os ambientes de comunicação como ferramenta de ensino-aprendizagem, explorando meios que auxiliam na escrita, nos diálogos, nas trocas de ideias e na leitura, esta que é um dos principais acesso ao conhecimento, pois, como afirma ANTUNES (2003, p. 70),

A atividade da leitura favorece, num primeiro plano, a *ampliação dos repertórios de informação* do leitor. Na verdade, por ela, o leitor pode incorporar novas ideias, novos conceitos, novos dados, novas e diferentes informações acerca das coisas, das pessoas, dos conhecimentos, do mundo em geral.

Caracterizando assim que o uso das tecnologias e suas aplicações são de extrema relevância na construção de saberes coletivos, pois na medida em que o aluno se comunica, utiliza a linguagem escrita e assume várias circunstâncias comunicativas de leitura por meio de propagandas, bula de remédios, receitas, publicações textuais, imagens verbais e não-verbais, etc., ele consegue interpretar e construir sentidos, uma vez que nós, enquanto indivíduos, adaptamos-nos melhor a aprendizados de assuntos que atendem as nossas necessidades e interesses.

Sabendo que a tecnologia e suas interfaces oferecem ferramentas de interação e compartilhamentos com amplas gamas de funcionalidades foi

que se objetivou partilhar informações sobre a recepção dos alunos do 2º ano do ensino médio e seus acessos à leitura pelas redes sociais, pois “as redes sociais na internet possuem elementos característicos que servem de base para que a rede seja percebida e as informações sejam apreendidas” (RECUERO, 2009, p. 25). Assim, é necessário conhecer os elementos que compõem esse processo comunicacional.

Desenvolvimento metodológico

As análises dessa pesquisa foram feitas a partir do compartilhamento de informações de alunos frente aos seus acessos às redes sociais, coletadas por meio de um método quantitativo em formato de questionário.

O público-alvo da pesquisa foram estudantes que cursam, no turno da manhã, o 2º ano do Ensino Médio denominado M2MR02, no ano corrente de 2019, na Escola Estadual de Ensino Médio Frei Miguel de Bulhões, situada na Travessa Antonio Carlos Lima, 118 – Vila Nova, no município de São Miguel do Guamá. A referida escola atende estudantes do município nos três turnos, e conta com uma estrutura de gestão e funcionários engajados para o bom funcionamento da escola. O espaço é muito bem organizado, e é composto por 13 salas de aula, sala de diretoria, sala de secretaria, sala de professores, sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), laboratório de informática, laboratório de ciências, biblioteca, quadra de esportes coberta, cozinha, banheiro dentro do prédio, dispensa e um pátio coberto onde são servidas as refeições dos estudantes.

O campo para estudo foi escolhido por ser um ambiente que comporta um público com acesso interacional, mais precisamente, com as redes sociais. O acesso às informações foi bem sucedido, uma vez que os funcionários da escola não negaram a permissão para a realização da pesquisa, assim como os alunos, que também se disponibilizaram a contribuir para essa construção de conhecimentos. Ressalta-se ainda, que a

idealidade da professora e orientadora dessa pesquisa Cristiane Mesquita foi necessária para que esse artigo fosse construído, intensificando ainda mais nossos conhecimentos e aprendizado.

O questionário apresentado e distribuído aos alunos foi composto por um conjunto de perguntas que não tem pretensão de testar as habilidades que os respondentes possuem com as redes sociais, mas sim verificar os seus interesses e para que finalidades eles as utilizem. O mesmo foi elaborado com embasamentos em questionários presentes nas plataformas digitais aplicados por outros pesquisadores para fins educacionais. Este contém 14 perguntas objetivas e subjetivas, considerando um questionário misto por apresentar informações sobre idade, sexo, gênero e questões a respeito de o que eles acessavam e para quê acessavam as redes sociais.

As perguntas realizadas, por meio de um questionário aplicado em sala de aula, abordam questões sobre o acesso às redes sociais e, respectivamente, o levantamento informacional sobre a forma com a qual esses alunos estão utilizando-as para fins educacionais. Frisa-se que as identidades dos alunos não foram reveladas, e que, a análise será feita mediante as informações notificadas de 32 respondentes, sendo 12 do sexo masculino e 20 do sexo feminino, que se apresentavam na sala de aula no dia da aplicação do questionário.

Destacamos o questionário empregado na pesquisa:

1 Qual a sua idade?

() Abaixo de 13 anos () De 13 a 15 anos () De 16 a 18 anos () Acima de 19 anos

2 Qual o seu sexo/gênero?

() Masc. () Fem.

3 Você utiliza alguma(s) rede(s) social(is) com frequência?

() Sim () Não Se sim, quais?

4 Quantos dias por semana você acessa redes sociais?

() 1 ou 2 dias () 3 ou 4 dias () 5 ou mais dias () não utilizo

5 Em média, quanto tempo por dia você gasta acessando redes sociais?

() Até 1 hora () Até 3 horas () Até 6 horas () Acima de 8 horas

6 De quantas redes sociais você faz parte?

() Facebook () WhatsApp () Instagram () Twitter () Outras

7 Qual a sua rede social preferida? Por quê? _____

8 De onde você acessa as redes sociais? (Mais de uma alternativa)

() Casa () Lan house () Aparelhos móveis () Trabalho () Outros

9 Você acredita que as redes sociais influenciam nas opiniões das pessoas?

() Sim () Não () Em partes

10 Para qual finalidade você utiliza as redes sociais? (Mais de uma alternativa)

() Lazer e entretenimento () Comunicação () Trabalho () outros

11 Em que você acha que as redes sociais influenciam na sua vida?

12 você acha interessante o uso das redes sociais para fins educacionais?

() Sim () Não Por quê? _____

13 Você já utilizou redes sociais com fins educacionais?

() Sim () Não

14 Com relação ao aprendizado, você acredita que as redes sociais poderiam contribuir para o mesmo?

() Sim () Não Por quê? _____

Com base nessas perguntas é que esta investigação se fundamentou e foram responsáveis pela análise interpretativa que fizemos sobre o uso desses recursos tecnológicos dentro da sala de aula que deixam o espaço escolar muito mais interativo, “essa característica interativa fundante da própria concepção da mídia digital permitiu que, cada vez mais, a usássemos mais do que para a mera interação, para a produção colaborativa.” (ROJO, 2019, p. 24), foi isso que nos impulsionou a pesquisar sobre este assunto numa turma formada em sua maioria por adolescentes.

Análise e discussão de alguns resultados

Esta etapa da pesquisa foi construída mediante as informações obtidas na turma do 2 ano do Ensino Médio, na Escola Estadual de Ensino

Médio Frei Miguel de Bulhões, como mencionado anteriormente, por meio do questionário apresentado na seção anterior.

Tomou-se como corpus dessa análise, as respostas das questões, as quais configuram que as redes sociais estão cada vez mais presentes no espaço escolar, facilitando a aprendizagem e compartilhamento de práticas educacionais cotidianas. Nesse sentido, os dados de investigação foram acrescidos de informações notificando que, dos 32 alunos respondentes, a maioria possui a faixa etária entre 16 a 18 anos e somente 3 desses não se encaixam em tal faixa etária (ver figura 1), e que 20 deles são do sexo/gênero feminino e 12 do sexo/gênero masculino (ver figura 2), viabilizando que, independentemente de idade e sexo/gênero o acesso às redes sociais é comum entre todos.

Com a aplicação do questionário, observou-se que todos utilizam alguma rede social com frequência, explorando recursos e ferramentas de relacionamentos e sociabilidades por meio da navegação em canais de comunicação online como: Facebook, WhatsApp, Instagram e Twitter, apontando que a diversão e o lazer são um dos objetivos prioritários dos estudantes quando se trata de redes sociais e outras ferramentas disponibilizadas pela internet.

A atividade dos alunos na internet se tornou tão rotineira que, ao perguntar quantos dias por semana eles acessam as redes sociais, observou-se que num total de 32 alunos, 29 deles responderam que acessam 5 ou mais dias por semana, o qual equivale a 91% dos respondentes e os outros 3 (9%) responderam de 3 a 4 dias por semana (ver figura 3). Na pergunta, quanto tempo por dia eles gastam acessando as redes sociais, 17 (53%) dos questionados marcaram a opção “acima de 8 horas”, 7 (22%) a opção “até 6 horas”, 6 (19%) “até 3 horas” e 2 (6%) “até 1 hora”

Desse modo, notou-se que o uso das redes sociais está presente no dia a dia dos alunos de modo muito constante, visto que ao que parece os estudantes já as adotaram como um meio de busca de informações.

Tentando aprofundar ainda mais esta referida análise, os pesquisadores foram questionados sobre quantas redes sociais eles fazem parte.

Constatou-se que a maioria utiliza mais de uma comunidade, pois os dados obtidos apontam que, dos 32 respondentes, todos têm acesso à rede social WhatsApp, 28 deles acessam, também, o Facebook, 24 acessam, também, o Instagram, 6 acessam, também, o Twitter e 6 ainda acessam outras redes.

Assim, destaca-se que a rede social preferida dos alunos é o WhatsApp por, segundo a maioria deles, ser a rede que oferece uma maior facilidade e rapidez na comunicação e obtenção de conteúdos, auxiliando e ajudando-os a construir socialmente os conhecimentos. Esses dados são bastante significativos e nos levam a refletir o quanto as redes sociais estão tomando espaço nas vivências dos estudantes. Isso acontece devido as mesmas viabilizarem fácil conexão, ou seja, pelo fato de proporcionarem acesso de qualquer lugar, desde que haja disponibilidade de internet.

Ao perguntar, de onde você acessa as redes sociais?, notou-se que alguns alunos acessam em mais de um local, sendo que 18 deles marcaram somente a opção “casa”; 5 marcaram apenas a opção “aparelhos móveis”; 9 marcaram tanto a opção “casa” quanto a opção “aparelhos móveis”; e apenas 2 marcaram que além de acessarem “em casa” acessam, também, do “trabalho”.

Além dessas questões levantadas, o questionário indagava se eles acreditam que as redes sociais influenciam na vida das pessoas; e para que finalidade eles utilizam as redes sociais? Para tanto, colheu-se as respostas de que 9 (28%) deles acreditam que sim, 1 (3%) acredita que não e 22 deles (69%) acreditam que elas influenciam em partes (ver figura 7). Quanto a outra pergunta, eles responderam que utilizam as redes sociais para diversas finalidades, pois dos 32 questionados, a maioria marcou mais de uma alternativa, sendo que 26 marcaram “lazer e entretenimento”, 10 marcaram “trabalho”, 2 marcaram “outros” e 30 que representa uma maior parte dos questionados, marcaram a opção “comunicação”.

Vale ressaltar que para os PCN (1998, p. 89), “a presença crescente dos meios de comunicação na vida cotidiana, coloca para a sociedade em

geral e para a escola em particular, a tarefa de educar crianças e jovens para a recepção dos meios”. Portanto, não se pode excluir as redes sociais do ambiente escolar, mas sim incluí-las na prática educativa, pois proporciona aos alunos uma maior comunicabilidade e diferentes aprendizagens.

Frente ao questionamento, em que você acha que as redes sociais influenciam na sua vida? Os alunos colocaram diversas respostas nas quais se encaixaram em três campos como: 1) Obtenção de conhecimentos, resposta dada por 9 (28%) respondentes; 2) Facilidade de comunicação, resposta de 4 (13%) respondentes; 3) Contribuição nos trabalhos escolares, resposta de 11 (34%) respondentes; e os demais (25%) responderam, irrelevantemente, como “não sei” ou “em nada” (ver figura 9). Constando assim, que apesar da minoria não ter dado repostas que completassem a informação de que elas são contribuintes, elas ainda são representadas como importantes meios de comunicação que proporcionam trocas de informações e experiências que contribuem para o processo de ensino aprendizagem.

Outro ponto observado é que todos os alunos questionados acham interessante o uso das redes sociais e já as utilizaram para fins educacionais, pois, por meio dos dados colhidos, fez-se um encadeamento de ideias, as quais relatam que as redes sociais ajudam a executar trabalhos com mais facilidade e rapidez porque, em sites, eles acabam descobrindo muitos assuntos relevantes que contribuem para a obtenção de diversos conhecimentos e melhoram a comunicação por oferecerem um maior suporte de alternativas que facilitam o esclarecimento de dúvidas e o entendimento de assuntos que eles não aprenderam em sala de aula, entendimentos esses que também podem ser compartilhados com os colegas de turma por meio de grupos que possuem nessas plataformas digitais.

Por fim, foram questionados se eles acreditam que as redes sociais poderiam contribuir para o aprendizado? Todos responderam que sim, justificando que por meio delas é possível ter um melhor desenvolvimento em relação a busca de novos conhecimentos. Portanto, perante as

respostas recolhidas na aplicação do questionário, é notável que as redes sociais são de suma importância para fortalecer e propiciar uma autonomia significativa aos alunos frente ao cenário educativo, pelo fato de eles já terem o contato periodicamente com elas em outros ambientes, e por oferecerem instâncias que representam a vida de cada um.

Considerações finais

Depreende-se como consequência dessa pesquisa que as tecnologias, em especial, as redes sociais, tornaram-se indissociáveis na vida dos jovens do século XXI, principalmente dos alunos questionados, pois diante dos dados coletados por meio do questionário quantitativo, comportou-se informações de que as redes sociais passaram a ser utilizadas não só para o lazer, mas também para aprendizagens, trocas de informações e outros fins educativos.

Diante desse cenário, a pesquisa nos proporcionou oportunidades contemplativas para reflexão de como os alunos possuem proximidades com os modos de utilização e prática com as redes sociais, simbolizando que, nós, enquanto professores em formação, deveremos ampliar nossas dimensões pedagógicas por meio do uso das mesmas, para que assim, consigamos selecionar conteúdos que facilitem a compreensão, melhorando a interação e o processo educativo dos alunos.

Compreendemos, então, que o cotidiano escolar transformado por ferramentas que contribuem para a reconfiguração desse processo educativo dá a flexibilidade aos seus componentes de canalizar potencializações de aprendizagens, desempenhando questões que melhorariam o interesse e abrandariam o índice de reprovação, atingindo diversos públicos, sobretudo, os que passam uma boa parcela de tempo conectados à internet, especificamente, nas redes sociais.

Para isto, torna-se importante que todos os estabelecimentos de ensino acolham o uso das novas tecnologias - redes sociais - para a construção de conhecimentos e, sobretudo, alunos leitores.

Referências

- ANTUNES, Irlandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CASTEELS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução: Roneide Venancio Majer com a colaboração de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e terra, 2005.
- RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina (coleção cibercultura), 2009.
- ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs). **Multiletramentos na escola**. 1ª ed. 3ª reimp. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.
- SANTOS, Vânia Maria Nunes dos. **Escola, cidadania e novas tecnologias: o sensoria-mento remoto no ensino**. – São Paulo: Paulinas, 2002. – (coleção comunicação).

Capítulo 12

Uma análise das práticas de ensino: aprendizagem atreladas ao uso de softwares livres na disciplina de fonética e fonologia: um relato de experiência

*Daiane dos Santos Cordeiro de Holanda*¹

*Sâmyla Oliveira de Sousa Silva*²

*Fabiola Baraúna*³

Introdução

Este capítulo trata-se de um relato de experiência de uma ação de monitoria realizada no curso de Letras, durante a disciplina “Fonética e Fonologia” ministrada na Universidade do Estado do Pará (UEPA). Diante disso, o tema abordado é uma reflexão sobre as análises das práticas de ensino-aprendizagem na disciplina trabalhada em sala, visto que essa é absorvida mais satisfatoriamente na prática do que apenas em teorias. Em vista disso, de acordo com Jakobson (1972) citado por Carvalho (2012), “a fonética tem como tarefa a investigação da fala, de um ponto de vista puramente fisiológico, físico e psico- acústico”. Sendo assim, o método utilizado pelo docente é de fundamental importância para o acadêmico, pois implica diretamente no conhecimento do mesmo ao

¹ Graduanda do 6º semestre do Curso de Licenciatura Plena em Letras - Língua Portuguesa, pela Universidade do Estado do Pará- UEPA (danny.dsc1@gmail.com)

² Graduanda do 6º semestre do Curso de Licenciatura Plena em Letras - Língua Portuguesa, pela Universidade do Estado do Pará- UEPA (samylaoliveirao8@gmail.com)

³ Professora Mestre da Universidade Federal do Pará. Orientadora deste trabalho.

compreender os sons dos segmentos fônicos emitidos no ato da fala e todo o conjunto constituinte do processo de realização do som.

A partir disso, o objetivo das análises dos métodos aplicados em sala é elucidar quais as ferramentas que mais contribuíram para melhor fixação da disciplina “Fonética e Fonologia” na academia: os meios digitais, por exemplo, através de softwares que são responsáveis por análise e síntese da fala auxiliaram gradativamente a maioria dos acadêmicos na compreensão da disciplina.

1- Procedimentos Metodológicos

A análise desenvolveu-se durante a monitoria na área da linguística, na disciplina de “Fonética e Fonologia”, no curso de Letras ofertado pela Universidade do Estado do Pará, campus XI – São Miguel do Guamá. Essa matéria possuiu uma carga horária de 80 horas sendo dividida em aulas teóricas e práticas. Desse modo, primeiramente, foram apresentados os conceitos de fonética e fonologia e como elas se relacionam e, posteriormente, os discentes tiveram conhecimentos dessa ciência na prática.

No *Campus XI*, recentemente foi construída uma sala de linguagem, então, os discentes puderam usufruir do espaço para estudar a fonética acústica de maneira mais nítida através de softwares livres. Além disso, foi notório o interesse dos alunos em relação à disciplina, pois estavam fora da sua “zona de conforto” – aulas predominantemente teóricas dentro de uma sala de aula.

Ao iniciar a disciplina fonética e fonologia, a docente utilizou o método teórico de apresentar a matéria com o livro “fonologia, fonologias” de Demerval da Hora e Carmen Lúcia (2017) e “Fonética e Fonologia do Português” da Thais Cristófaros (2010). Visto que, primordialmente, necessita-se delimitar o objeto de estudo de cada área para haja a compreensão do que ambas estudam, evidenciando assim, a importância

da sua aprendizagem para a formação dos acadêmicos de língua materna.

A partir deste momento, será exposto os conceitos que circundam a fonética e fonologia, para que seja compreendido claramente de forma teórica e, posteriormente, na prática através de softwares livres. Sendo assim, segue abaixo as concepções da disciplina na perspectiva da autora trabalhada e discutida em sala.

1.1 Fonética

Segundo a Cristófaru (2010) “A fonética é a ciência que apresenta os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles sons utilizados na linguagem humana”. Diante disso, esta parte da disciplina é aplicada à produção da fala partindo de um ponto de vista fisiológico e articulatório. No entanto, as principais áreas da fonética são:

Fonética articulatória – *compreende o estudo da produção da fala do ponto de vista fisiológico e articulatório.*

Fonética auditiva – *compreende o estudo da percepção da fala.*

Fonética acústica – *compreende o estudo das propriedades físicas dos sons da fala a partir de sua transmissão do falante ao ouvinte.*

Fonética instrumental – *compreende o estudo das propriedades físicas da fala, levando em consideração o apoio de instrumentos laboratoriais.*

1.2 Fonologia

A fonologia delimita como objeto de estudo os fonemas. Segundo Cristófaru (2010) “O fonema constitui uma unidade mínima de análise que tem como um papel contrastivo e concreto na investigação linguística. Do ponto de vista metodológico, o status de unidade teórica do fonema permite a segmentação do contínuo da fala”.

Com base nas concepções acima, é notório que é extremamente difícil estudar somente uma área da disciplina, já que ambas tratam dos

sons, só que em perspectivas diferentes. Sendo assim, a fonologia tem como unidade de estudo o fonema- realização mental do fone- e a fonética – realização fisiológica e psicoacústica. Nota-se então, que uma estuda a parte teórica e a outra a parte prática.

2 Fundamentação Teórica

No atual contexto acadêmico, as práticas do ensino – aprendizagem está cada vez mais dinâmico, tornando-se um desafio para os docentes ao introduzir, discutir e debater o conteúdo de forma diferenciada aos discentes, tendo em vista que essa ação é de suma importância para a ascensão do corpo universitário como ambiente crítico voltado para a formação de cidadãos competentes.

Macedo (1994) *apud* Respeito e Deixa (2017), considera quatro pontos fundamentais para o professor do Ensino Superior:

- *Tomar a consciência do que faz ou pensa a respeito de sua prática pedagógica;*
- *Ter uma visão crítica das 225 atividades e procedimentos na sala de aula e dos valores culturais de sua função docente;*
- *Adoptar uma postura de pesquisador e não apenas de transmissor e,*
- *Ter um melhor conhecimento dos conteúdos escolares e das características de aprendizagem de seus alunos.*

2.1 Metodologias de ensino- aprendizagem: o uso da tecnologia

O auxílio tecnológico está cada vez mais ganhando espaço na sociedade, visto que esse recurso traz consigo uma serie de transformações sociais, tornando-se perceptível em várias esferas pertencente ao meio sociocultural. Diante disso, não é diferente quando tratamos do espaço educacional, seja no ensino básico ou no ensino superior, a tecnologia está presente. No entanto, cabe-nos fazer uma reflexão acerca das necessidades e limites que são postos para que essa ferramenta contribua gradativamente às práticas de ensino-aprendizado no meio educacional.

Ainda no contexto educacional, vale ressaltar que a tecnologia, mesmo que existente no espaço universitário, ainda há uma grande parcela de docentes pouco capacitados que não sabem aplicar esse método educacional de forma contributiva, e, com isso, ocasiona-se a formulação de outros métodos de ensino.

Segundo o coordenador de comunicação e informação no Brasil da UNESCO, Guilherme Gondói (2010) menciona que “ainda não conseguimos desenvolver de forma massiva as metodologias para que os professores possam fazer uso dessa ampla gama de tecnologias da informação e comunicação, que poderiam ser úteis no ambiente educacional.” (GONDOI *Apud* SEGANTINI, 2010, p.1).

Entretanto, esses métodos solucionados por esses professores não perdem o seu valor pedagógico de forma alguma, pois podem ser técnicas próprias do próprio professor, já que esse conhece o comportamento e as maneiras úteis que caracterizam a forma de aprendizagem da sua turma.

Contudo, é imprescindível a inclusão da tecnologia no espaço educacional, mas para isso, tem-se que aproximar o docente às técnicas tecnológicas e assim, se utilizar dessa ferramenta ao seu favor e incrementando ao seu método de ensino.

O domínio do professor deve se concentrar no campo crítico e pedagógico, pois assim ele evita ser vítima de imposição tecnológica na sala de aula, e pode ter a opção de integrar ou não a tecnologia em seu currículo, de acordo com os objetivos e competências a serem desenvolvidos, e ainda escolher o momento apropriado para fazê-lo. O professor não pode perder a dimensão pedagógica (LEITE *Apud* ALVES, 2010, p. 16).

É errôneo pensarmos que essas transformações causadas pela tecnologia servem apenas para fazer substituições de pessoas por máquinas, ou que o uso dessa ferramenta seja considerado um empecilho na compreensão do aluno, quando estão em sala de aula. Segundo Moraes (1997) citado por Pereira (2012?), “o simples acesso à tecnologia, em si, não é o aspecto mais importante, mas sim, a criação de novos ambientes

de aprendizagem e de novas dinâmicas sociais a partir do uso dessas novas ferramentas”.

Além disso, o uso da tecnologia é imprescindível para inovação do método de exposição de conteúdo para o aluno. Segundo Alves (2012?), a qual fez uma pesquisa que esclarece sobre as “possibilidades do uso das novas tecnologias em sala de aula”, afirma que os conteúdos que normalmente são expostos de maneira tradicional podem ser modernizados a partir da utilização da tecnologia em sala de aula, pois o professor capacitado pode encontrar várias formas de utilizar os diferentes programas disponíveis.

Com base nessa perspectiva, nota-se o quanto se deve usufruir da tecnologia para ensinar, comunicar e interagir com a turma. No entanto, esta ferramenta é capaz de ajudar o aluno a ir “do concreto ao abstrato, do vivencial para o intelectual”.

Ensinar não é só falar, mas se comunicar, com credibilidade, falando de algo que conhecemos e vivenciamos e que contribua para que todos avancemos no grau de compreensão do que existe. As principais reações que o bom professor/ educador desperta no aluno são: confiança, credibilidade e entusiasmo.

Necessitamos de pessoas livres nas empresas e nas escolas que modifiquem as estruturas arcaicas e autoritárias existentes. Se somos pessoas abertas iremos utilizar as tecnologias para comunicar e interagir mais e melhor. (MORAN, 2000, p.8)

Na obra “Novas tecnologias e mediação pedagógica” de MORAN (2000) , há inúmeras informações que evidenciam a relação do uso da tecnologia em prol de um método mais eficiente de ensino. Segue abaixo o que alguns dos autores da obra, explicitam no tópico “*tecnologia da informação e o avanço dos procedimentos.*”

Baseada na proposta de Chikering e Ehrmanm (1999) a tecnologia da informação pode contribuir para:

- 1- Encorajar contato entre estudantes e universidades.
- 2- Encorajar cooperação entre estudantes.

- 3- Encorajar aprendizagem colaborativa.
- 4- Dar retorno e respostas imediatas.
- 5- Enfatizar tempo para as tarefas.
- 6- Comunicar altas expectativas.
- 7- Respeitar talentos e modos de aprender diferente. (MORAN, 2000, p.14)

2.2 Software livre: praat

O software livre é aquele que respeita a liberdade e senso de comunidade dos usuários. Segundo o Sistema Operacional GNU (2018), “isso significa que os usuários possuem a liberdade de executar, copiar, distribuir, estudar, mudar e melhorar o software. ”

Além disso, é um programa de computador que permite escrever textos, planilhas, navegar e se comunicar pela Internet, entre tantas outras funções. No entanto, o que torna essa ferramenta “livre” é o fato além de usá-lo, você também pode copiá-lo, distribuí-lo e alterá-lo (CARTILHA DO SOFTWARE LIVRE, 2004).

Segundo a Free Software Foundation (1986), um programa é software livre se os usuários possuem as quatro liberdades essenciais:

- A liberdade de executar o programa, para qualquer propósito (liberdade 0).
- A liberdade de estudar como o programa funciona, e adaptá-lo às suas necessidades (liberdade 1).
- Para tanto, acesso ao código-fonte é um pré requisito. A liberdade de redistribuir cópias de modo que você possa ajudar ao próximo (liberdade 2).
- A liberdade de distribuir cópias de suas versões modificadas a outros (liberdade 3).

Dentre inúmeros softwares disponíveis no Brasil, tem-se um bastante conhecido no meio acadêmico, principalmente pelos docentes e discentes do curso de Letras: o PRAAT. No entanto, esse programa possui bastante utilidade pelos foneticistas e fonólogos, em seus trabalhos de análise acústica.

O Praat foi desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink no Instituto de Ciências Fonéticas da Universidade de Amsterdam, em 1992, e,

desde então, passou por inúmeras revisões e atualizações e é um dos programas de análise acústica mais utilizados por pesquisadores em todo o mundo. O programa também faz parte dos softwares livres acessível na internet em <www.praat.org>, e com versões para vários sistemas operacionais desde Windows até MacOS, ou Linux.

Segundo Fonseca (2009), “com esse programa é possível analisar, sintetizar, e manipular desde os segmentos até a melodia dos sons da fala e ainda é possível criar figuras de alta qualidade como espectrogramas, oscilogramas, curvas de *pitch*, intensidade e muito mais”. Além disso, o que difere esse programa de outros de análises acústicas é o fato da vasta possibilidade que se pode programar as ações repetitivas.

O Programa, além de fazer análise acústica, síntese, manipulação e transformação da onda, aquisição de som (via gravação), ainda possui ferramentas específicas para, por exemplo, análises com a teoria da otimalidade e trabalhos com redes neurais (FONSECA, 2009).

Apesar de inúmeras vantagens exibidas pelo programa em questão, ainda é preciso solucionar melhorias para abranger um maior número de usuários, visto que o PRAAT apresenta uma linguagem bastante científica e com certas especificidades, as quais dificultam gradativamente o uso de um iniciante, mesmo que haja vários tutoriais de como usar o programa.

Uma vantagem é a função “Paste History”, que “cria” automaticamente um script, demonstrando o histórico das ações realizadas, na linguagem do programa. Entretanto, ações e programações mais complexas exigem um conhecimento mais aprofundado, disponível no tutorial “Scripting”. O pesquisador iniciante tem ainda a possibilidade de utilizar scripts já existentes e manipulá-los conforme sua necessidade (LEITE, 2010).

Nessa perspectiva, é válido apresentar que esse software, além de “Scripts”, apresenta também registros de comentários e formulários documentados por outros usuários do programa, sendo assim, esse é mais um passo de ajuda ao iniciante a respeito da utilização do PRAAT.

Aos iniciantes, quando for necessário recorrer ao tutorial (para manipulação de scripts ou criação de novos), é aconselhável conhecimento prévio das funções do programa e de funções de programação em geral; isso porque o tutorial do programa é mais direcionado àqueles que querem criar um novo script do que àqueles que querem trabalhar com scripts já existentes (LEITE, 2010).

Portanto, apesar dessas opções surgirem em prol de facilitar o trabalho de busca do iniciante, ressalta-se que esses “scripts” não garante um bom trabalho, porém, segundo Leite (2010) “um bom procedimento metodológico e conhecimentos de fonética são indispensáveis”, e por isso, Arantes (2007) *Apud* Leite (2010), “em seu script “duration.praat”, indica a necessidade de se buscar um conhecimento mais aprofundado sobre a técnica utilizada pelo script:”

Comments:

See Barbosa's 2006 book for technical details on the normalization

procedure.

3 Discussões e resultados

Com base no que foi abordado nos procedimentos metodológicos, pode-se relacionar com as ideias apresentadas pelos autores utilizados no embasamento teórico acerca do uso da tecnologia e a disponibilização de softwares livres, os quais contribuem de maneira inovadora às práticas de ensino – aprendizagem, seja no ensino básico ou no superior. Além disso, pode-se inferir que o docente busca subsídios práticos para estabelecer o confronto entre a teoria e a prática, de acordo com a disciplina ministrada.

A partir dos acontecimentos relatados durante a análise do método de ensino utilizado pela professora, a qual permite, além da parte teórica – utilização somente de livros -, que a tecnologia seja a principal ferramenta de desenvolver atividades criativas, com o respectivo uso consciente, a fim de transformar pedagogicamente a aprendizagem uni-

versitária visando a mídia como um grande fator poderoso nesse aspecto, pois ela trabalha com imagem e induz a dinamização no ensino.

Na aula ministrada pela docente, observa-se que houve primeiramente o uso teórico, a fim de conceituar o objeto de estudo da fonética e fonologia e como essas elas se relacionam. Diante disso, é notório nos discursos de Moran (2000) já citados, que há a importância de se implementar ao conhecimento do aluno uma transposição, primeiramente, do nível intelectual ao vivencial e/ou abstrato ao concreto.

A partir disso, notou-se que diante de todas essas técnicas de ensino apresentadas pela docente, observou-se o interesse da maioria dos universitários que estavam presentes na aula ao se depararem com a exibição do software livre “PRAAT”, disponível para ser utilizado em todas as aulas de fonética e fonologia para a resolução de atividades.

Vale ressaltar que, além dos “scripts” expostos no próprio site do programa, a docente, competentemente, ensinou como usar adequadamente tal ferramenta, visto que, como já foi dito esse software além das vantagens apresentadas, ele possui um alto nível de complexidade na linguagem, dificultando assim o seu uso.

Diante a esse cenário, pode-se relacionar com os discursos de Leite (2010) já exibido, a qual trata da importância de aproximar o docente às técnicas dos recursos tecnológicos disponíveis, utilizando esse ao seu favor e efetuando novos procedimentos metodológicos que auxiliam no ensino.

No entanto, diante a todos os acontecimentos supracitados, nota-se que a presença da tecnologia é necessária, mas não indispensável, pois o intuito é auxiliar o docente na ministração de uma aula rentável e atraente frente a uma disciplina de grande relevância para o ensino de língua.

Sendo assim, muita informação necessária da disciplina “fonética e fonologia” se encontrava no PRAAT, ou seja, é evidente a importância da tecnologia, a qual disponibiliza os softwares livres, a partir do momento em que o seu uso seja consciente e colabore na construção do conhecimento e a execução desse no meio acadêmico.

Nesse interim, os alunos diariamente frequentavam as aulas com a presença de um notebook, com o programa em download, já os discentes que não tinham notebook, a docente dirigia-os ao laboratório de linguagem do *campus* XI para que todos acompanhassem a aula e as análises de fonética acústica. Ao final da disciplina, observou-se a satisfação dos alunos para com a disciplina e a forma como ela foi ministrada, absorvendo assim, os devidos conhecimentos apresentados em métodos diferenciados.

Considerações finais

Foi possível verificar, através dos resultados obtidos, que as práticas de ensino- aprendizagem ligadas ao uso da tecnologia e suas peculiaridades, como é o caso dos softwares livres, necessita da intensificação de investimentos na capacitação do docente frente ao uso da tecnologia, para que haja a inclusão de uma proposta de ensino segura e inovadora nas universidades.

Segundo Alves (2012?)” é certo afirmar que o professor jamais será substituído pelos recursos tecnológicos, é a atitude dele (dentre outros fatores) que poderá aperfeiçoar o ensino e melhorar a educação.” Dessa maneira, os recursos computacionais implementam a experiência do aprendizado e traz grande facilidade na assimilação dos conteúdos e atividades.

Portanto, é incontestável que o uso da tecnologia amplia de forma significativa as práticas de ensino aprendizagem e, quando utilizada de forma segura, é um grande fator colaborativo educacional. Ressalta-se que na disciplina de Fonética e Fonologia, o PRAAT foi uma das principais ferramentas mais uteis que ascendeu a compreensão da turma analisada nesse artigo.

Referências

ALVES, Priscilla Cabral. **As possibilidades do uso dos novos tecnologias em sala de aula.** [São Paulo]: [s.n], [2012?].

CARTILHA DO SOFTWARE LIVRE. **Projeto Software Livre Bahia**, 2004. disponível em < http://www.igc.usp.br/pessoais/guano/downloads/cartilha_v.1.1.pdf>. Acesso em 13 de março, 2019.

CARVALHO, Lucirene da Silva. **O ensino de fonética e fonologia no curso de letras/Português**: uma experiência com alunos da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. V.2, Nº 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

CRISTÓFARO, Thaís Silva. **Fonética e Fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2010.

FONSECA, Aline Alves. **Análise do tutorial do programa de análises acústicas Praat**. Revista Texto Livre: linguagem e tecnologia, V.1, Nº 2, 2009.

FREE SOFTWARE FOUNDATION. **A Definição de Software Livre**. 1986, disponível em < <http://www.gnu.org/licenses.pt-br.html> > Acesso em 14 de março. 2019.

GNU Operating System. **Licenças de Software Livre**. Disponível em < <http://www.gnu.org/licenses/licenses.pt-br.html> > Acesso em 13 de março, 2019.

LEITE, Délia Ribeiro. **O uso de scripts do Praat na análise acústica da fala e as explicações sobre essa ferramenta no tutorial do programa**. V.3, Nº 2. Minas Gerais: Revista Texto Livre: linguagem e tecnologia, 2010.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas : Papirus, 2000.

PEREIRA, Bernadete Terezinha. **Uso das tecnologias da informação e comunicação na prática pedagógica da escola**. Paraná: [s.n], [2012?].

SEGANTINI, Jesus Henrique. **O uso das tecnologias na sala de aula, como ferramenta pedagógica e seus reflexos no campo**. Foz do Iguaçu: [s.n] , 2014.

A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de pesquisa acadêmica/científica das humanidades, sob acesso aberto, produzida em parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil. Conheça nosso catálogo e siga as páginas oficiais nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org
contato@editorafi.org